

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

ÊXODO
A MULHER NO PROCESSO DE PARTIR

Orientando

ANAPAUULA DE MIRANDA BENINI

Orientador:

Prof^a. Dr^a. LORIZA LACERDA DE ALMEIDA

Prof. Dr. Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. ELIANA MARQUES ZANATA

Prof^a. Ms^a. LILIAN JULIANA MARTINS

Bauru – SP
2 0 1 4

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

ÊXODO
A MULHER NO PROCESSO DE PARTIR

Ana Paula de Miranda Benini
933503

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Radialismo, ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", atendendo à resolução de número 02/84 do Conselho Federal de Educação.

Bauru – SP
2014

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância”

Simone Beauvoir

Agradecimentos

À professora Loriza, por fazer parte deste processo e me permitir a loucura de gerar dois produtos simultaneamente.

Aos meus pais e irmãos que sempre me fizeram ver a beleza do diferente.

Aos meus ex-namorados que de diferentes formas me fizeram pensar sobre quem eu seria para o resto de minha vida ou gostaria de ser.

À república Quiquipira, à Guiga e ao Guilherme que me trouxeram transformações radicais em meus pontos de vista.

À república Narcisa que sempre me agregou e posteriormente me habitou naquelas paredes decoradas à mão.

Às mulheres fortes que se abriram em depoimentos seja em vídeos ou na escrita, trazendo com elas suas vidas e suas emoções, suas dores e superações, são estas, super mulheres.

Ao Marckos Paulo, Rosário Pinheiro, Cecília Paredes, Amanda Mol, Roberta Nunes, Chico Shiko, Paulo Amaro, Pedro Leite e Negahamburguer que disponibilizaram seus trabalhos para a ilustração do livro.

À Lilian, Aline, Alicia, Naila e Poliana que em fotografia aparecem como exemplos de vidas ilustrativas.

À Ana Brito, à Juliana, Bruna e todos que cederam algum material de sua criação para este trabalho, e até aqueles que tinham a intenção de ajudar e por algum contra tempo não conseguiram.

Às bandas Winteryard que disponibilizou suas músicas para a trilha sonora do documentário.

À minha irmã Ângela e sua família (isto inclui Christian, Gords e Edy, além dos demais) que me acolheram em sua casa enquanto escrevia esse trabalho e me livrava de vícios químicos e psicológicos.

Ao centro espírita Irmão Rodolfo que foi primordial em minha cura.

Aos meus sobrinhos por me trazem alegria na vida.

A todos que fizeram parte desse processo comentando, opinando ou simplesmente me inspirando de alguma forma.

À MB Propaganda que assim que terminei meu TCC me chamou de volta para trabalhar fazendo roteiros.

E às dificuldades da vida que quando as aceitamos nos fazem crescer.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

As ilustrações são todas das personagens descritas.

Imagem 1: Maria Helena.

Imagem 2: A louca de mim.

Imagem 3: Cristiane.

Imagem 4: Tatiana

Imagem 5: Marjory

Imagem 6: Ângela

Imagem 7: Ana carolina

Imagem 8: Camila

Imagem 9: Beatriz

Imagem 10: Grupo 1: A nudez (Gabriela e Marina)

Imagem 11: Grupo 2: A conversa com as Wiccas (Zuma, Simone e Kátia)

Imagem 12: Haeicha

Imagem 13: Diário de uma volátil de Agustina Ferrero.

SUMÁRIO

Introdução	
Parte 01	
1. Documentário, um modo de representar o mundo	
1.1 Documentário quanto gênero fílmico.....	6
1.2 Documentário quanto mídia impressa.....	8
1.3 O produto Multimídia.....	9
1.4 O conceito e o conceitual.....	10
Parte 02	Erro! Indicador não definido.
2. Escolhas	Erro! Indicador não definido.
2.1 Personagens.....	13
Parte 03 - Fases da produção	Erro! Indicador não definido.
3. Pré- produção	Erro! Indicador não definido.
3.1 Cronograma.....	23.
3.1 Roteiro.....	23
3.1 Organização da produção.....	24
3.1 Equipamentos utilizados.....	25
4. Produção.....	25
4.1 Dificuldades de Produção.....	26
5. Pós - produção.....	Erro! Indicador não definido.
Considerações finais	Erro! Indicador não definido.
Referências Bibliográficas	Erro! Indicador não definido.
ANEXOS.....	Erro! Indicador não definido.

RESUMO

Este relatório tem como função mostrar e descrever as fases de produção do trabalho de conclusão de curso de Rádio e Televisão denominado “Êxodo, a mulher no processo de partir” que aborda o mundo feminino focando na imagem da mulher vinculada pela religião católica e pelos meios de comunicação, e visando mostrar a imagem real de como elas são, o que sentem, suas dores e superações. Fazendo, desse modo, um contrapeso entre o real e o imaginário. Os produtos deste trabalho são um vídeo documentário e um livro dos quais em sua linguagem de narrativa trazem a mulher não como a problemática, mas sim a sociedade paternalista em que ela se encontra dificultando sua verdadeira manifestação, sua natureza e limitando suas perspectivas que acabam por torná-las generalizadas, marginalizadas e inferiorizadas em uma cultura machista e sexista que reflete na mídia atingindo a mulher diretamente e causando a ela sucessivas dificuldades, alardes e submissão, tal como o desgaste emocional no dia a dia que nem sempre tem explicação.

Palavras-chave: documentário; livro, mulher, feminino, sociedade paternalista, mídia.

Introdução

A problemática do trabalho foi não o universo feminino, mas a presente sociedade em que ele se encontra que há alguns milhares de anos coloca em exercício o machismo, dando e estabelecendo o patriarcal como o modelo vigente de dominação de um gênero sobre o outro e influenciando o modo como somos educadas e até mesmo destinadas a sermos seres mais passíveis, com sonhos e anseios mais românticos e destinados ao mundo privado, isto é, a vida familiar; trazendo uma carga emocional mais pesada ou mais limitada, assim como um fardo amoroso e social que faz com que a mulher se reprima ou muitas vezes se anule, quando não, é encarada como um exagero emocional ou adjetivos que as tornem algo tido como diferente, não com a conotação de ser especial. Assim como ainda há uma predominância da visão medieval de que para se tornar mais honrada e casta, a mulher tem q visar à maternidade antes de tudo e manter a virgindade o máximo de tempo possível para ser vista como pura e digna, com uma sexualidade enrustida e oprimida, mas que a aproxima da imagem mais santificada da igreja católica, da Maria, mãe de Jesus.

Fazer menção a mentalidade medieval, é retornar a uma época em que a igreja começa a dominar a vida das pessoas e determinar condutas sociais e comportamentais que estão em prática até o presente momento, impondo moralidades e pré-conceitos que no mundo de hoje parecem e deveriam aparentar estar já em discrepância, não coidizando com as novas tecnologias, com o avançar de informações, de sabedoria e de desejos que se alternaram com a globalização e o sistema capitalista que se propagou e trouxe com si uma maior liberdade individual e econômica, tanto para o homem como para a mulher.

Então, podemos afirmar que neste trabalhão há a problemática do gênero feminino com a sociedade e dessa mesma sociedade com este gênero. O lugar que nos encontramos e que buscamos encontrar, ser; nossas vidas, o relato delas, que ao longo de nossas vivências são do reflexo de conceitos e normas sociais a nós impostos, imposição esta que lutamos há muitos e muitos anos para mudar.

Movimentos feministas, lutas silenciosas, lutas radicais, passeatas, peitos à mostra, leis e Marias da Penha tendo que existir para fazer o outro sentir, cargos para ambos os sexos, mas com diferença de salários, não de competência; o constante assédio ao simplesmente ver o corpo criar formas e ao andar na rua, em qualquer lugar, como se a mulher extisse sempre nua.

É uma problemática de assédio e opressão, de inferiorização e desmotivação. O que somos se não um corpo e um útero? A imagem da mulher nesta sociedade parece mais um receptáculo do que uma composição de cromossomos e tecidos e órgãos de verdade, cadê o ser humano? Desde a revolução francesa, de Simone de Beauvoir e outras feministas ao longo da nossa história, Nísia Floresta, as sufragettes, Camille Plagia... E nomes que nem ousaria copilar em sua totalidade, pois quem conhecemos e que histórias sabemos? Os casos, os estupros e a pura maldade de fazer da mulher o sexo frágil e abusado. São imagens que lutamos para mudar.

E embora hoje vejamos reflexos dessas mudanças, ainda há um longo percurso a se trilhar. Percurso este que denominei de Êxodo, pois saímos do nosso lugar que aparentemente parece ser o natural (já que a sociedade assim já nos ensina) para uma consciência mais humana do que pode vir a ser mulher, agora definida além de seu corpo ou de seu órgão genital.

O mundo padroniza a mulher e o homem por gênero. Estamos constantemente sendo generalizados e as mulheres principalmente, idealizadas ou idealizando um corpo ou uma imagem de perfeição inatingível. Desse modo, trago em análise também a mass communication Research como uma geradora de estereótipos que em diversas plataformas de comunicação, manipulam uma problemática tão fútil e tão banal como o corpo perfeito, voltando mais uma vez para o receptáculo que a mulher parece ser em sua sociedade, cultivando uma imagem a favor do homem, do que ele deseja e das curvas em demasia que erotizado e almejado, só é bem quisto quando sua sexualidade ou nudez favorece o desejo do outro, nunca dela mesma. Tendo seu corpo direcionado a isto e aos filhos, somente.

O problema está em quem somos e em como somos vistas e tidas com uma distinção de fragilidade e até mesmo inferioridade que traz dores e maiores barreiras a serem vencidas por nós, como uma luta diária para conseguirmos respeito. Ser mulher não é apenas ou se limita ao nosso órgão genital, está intrínseco ao nosso universo social e cultural que muitas vezes, quase sempre, temos que quebrar paradigmas para conseguir sermos de fato quem somos; outro trajeto este que além de solitário é doloroso, porém necessário. Visto que a mulher não é a única a ser vítima dessa imposição de valores e morais. – Vivemos em uma sociedade extremamente machista, sexista, preconceituosa, que marginaliza e traz em seus moldes de conceituar e desconceituar o que é válido ou não, rejeitos em forma de pessoas, classes e cores. – Este é o produto social: mulheres, pobres, negros, homossexuais...

As relações humanas se limitam por esses conceitos (ou produtos) que em pleno século XXI ainda está em prática. A minoria ou o diferente do modelo padrão de força de uma sociedade paternal é excluído ou marginalizado.

Ao entender e analisar tais assuntos se compreende que é preciso reformular essa problemática, deixar de ver o machismo como um ato comum e natural para uma discriminação ofensiva e criminal de nossa sociedade, gerando vitimas e traumas psíquicos que como cicatrizes da alma, são somatizados e estão constantemente dificultando as relações humanas e gerando desafetos, crimes, suicídios, vingança, bullying, doenças, entre tantas outras consequências que são de origem do estado descomunal da sociedade paternal.

Dar outro foco ao problema aqui apresentado é de certa forma querer que o ser humano seja apenas e devidamente respeitado. Retirando o gênero masculino e feminino de seus devidos órgãos genitais para colocá-los em corpos fiscos: homem e mulher, ambos, com as duas naturezas e não significa que isto o faça homossexual, mas como um Ying e yang, de opostos que se complementam, é mostrar que ambas as forças são necessárias para se viver bem, equilibrando o emocional e a razão, o corpo e a mente, o animus e a animas, o feminino e o masculino.

É a falta de conscientização de que todas as forças e todos os conceitos caminham juntos que traz as díades que fazendo oposições e demarcações territoriais de bens e dominações de um sexo pelo outro, de uma classe pela outra, de uma raça pela outra, nações, religiões, organizações, sexualidade, comportamento, vaidade... Tudo está em ruínas!

Enquanto não houver uma conscientização a nível mundial e inclusa em nossa formação e educação, estaremos passíveis de tratamentos e abusos contra não só nossa capacidade intelectual, mas de desapropriação de nosso corpo que ainda é visto e tido a favor do masculino, do mais forte, do mais rico. Sendo ele, o corpo, principalmente o feminino, completamente erotizado. Aqui, podemos falar sobre a coisificação do corpo feminino, que tal como o cachimbo de René Magritte, não é apenas uma representação e não pode ser objetivado a um substantivo concreto de definição. Mas que constantemente é!

Esta relação com o corpo nu também traz problemas que resultam em sua maioria a abusos e estupros. A mulher, a adolescente, a criança, todas precisam ser respeitadas, a sexualidade de todos os seres. O sexo e a liberdade, o desejo e a fantasia. O corpo esteriopitizado ou não, é transformado em objeto de ação, mas não de movimento como deveria ser, mas de apropriação. Esta relação acaba por trazer as piores dores na alma feminina, embora a agressão à mulher não seja apenas física. São acontecimentos horrendos ligados à sexualidade que geralmente gera misandrias (aversão ao homem, ao masculino) e

misoginia (aversão à mulher, ao feminino) e que conseqüentemente traz também uma problemática ao próprio ser que o desenvolve por ter tais características dentro de si, o que não é nos ensinado a enxerhar, controlar e desenvolver de maneira saudável, já que somos todos segmentados em partes e não seres inteiros perante a nossa sociedade.

O homem só é complementado com a mulher, com os filhos. A mulher só se sente realizada no momento em que se torna mãe, em que encontra o homem dos seus sonhos. Temos que viver para realizar este sonho familiar, principalmente nós mulheres, podendo os homens relaxar mais, serem profissionais de primeira, ter amantes, ter filhos fora do casamento, não tê-los, falar besteira, andar semi nu, mexer com o outro (no caso, com a outra) em palavras grotescas, engolir o choro e ser forte, não demonstrar que é frágil e que pode se apaixonar como uma mulher. Seguimos padrões comportamentais, temos que seguir, temos que nos sentir assim, nos sentimos, fomos condicionados a isso, mesmo percebendo que há algo de errado. Mas sentimos.

A problemática é vasta, suas conseqüências maiores ainda. Está em quase tudo que vejo, que percebo, que respiro. E pela riqueza do assunto, dos relatos que possivelmente poderia conseguir através não só da mídia audiovisual (que seria o produto que deveria gerar como meu trabalho de conclusão de curso), mas desabafos impressos, escritos e não falados para uma câmera com maior inflexão. Resolvi me desdobrar em muitas e realizar em cinco meses um documentário que agregasse o poético e o participativo, já que a questão estava tão intrínseca a mim, com um livro que englobasse toda essa problemática.

Em cinco meses foi o que eu fiz, virei noites com Fridas Kahlos, com Camille Claude, com os desenhos de Guido Cretax, fotos de nus, reflexões e leituras que nem sei resumir. Foram cinco meses de leitura e análise e apenas isso, mas nada, nada menos para que o Êxodo nascesse e como um trabalho acadêmico pudesse mostrar um mundo inteiro. – Esta foi minha gestação mais lúcida, eu me perdi em mim, no meu feminino e no meu masculino: renasci!

PARTE 01
CONCEITO E GÊNERO

Capítulo 1 – Conceito e gênero

1.1 Documentário, uma forma de representar o mundo.

Antes de tudo preciso dizer que fazer um documentário, embora seja menos trabalhoso em matéria de figurino, cenário, elenco; é um modo mais delicado de se contar história, pois não estamos falando de se criar o fictício e sim passar a realidade. E não é porque a fala vem de outras pessoas que não há um roteiro mental a ser seguido ou desejado. E não é porque essas pessoas que irão participar do documentário em questão possuem já suas histórias a serem narradas, ou melhor, documentadas, que você como cinegrafista tirará dessas pessoas a empatia de se soltar ou gravar, expondo a você suas emoções como são, em um ar de subjetividade que nem sempre conseguimos captar com as lentes da câmera.

Há a técnica da captação de imagem, de se observar a fotografia em que a ação ocorre, suas cores, delimitar espaços. Mas captar além do espaço e tempo, é necessário captar o sentimento e a sensação de vivência, principalmente no documentário, pois não estamos falando de atrizes que estão ali para nos convencer de suas falas, estão de fato falando de fatos reais que talvez sejam narrados com mais medo, de maneira introspectiva, pois é o agente da ação que fala e ele é real, sente de novo tudo que já viveu ao falar sobre, é um remexer em feridas, e nós sabemos, tirar cascas de machucados dói.

Fica desse modo também ao decidir fazer um documentário, um aprendizado sobre todo trabalho da mídia audiovisual em minha experiência acadêmica, sendo que, na graduação o gênero documentário fica ausente em nossas mais variáveis disciplinas, pelo menos na minha turma de 2009, como prática de atuação e elaboração, focando-se mais em curtas metragens ficcionais.

Além de o tema escolhido ser apropriado para o gênero documentário (embora possa ser trabalhado na ficção, mas não obteria o resultado que eu buscava e a veracidade de vidas reais), a escolha do mesmo se faz uma curiosidade sobre sua construção e conclusão. Que, apesar de toda teoria descrita abaixo e corretamente pesquisada em livros, artigos e teses. Fica minha experiência na prática, afirmando que o gênero documentário engloba em si e se apropria de olhos humanos em suas mais vertentes linhas de pensamento e sentimentos. Buscando passar o real de forma como vemos e sentimos, ou seja, além de todos os elementos técnicos e das figuras de linguagem audiovisuais necessárias para sua criação, o documentário é uma forma de representar o mundo, o cotidiano e o corriqueiro, centrando determinados assuntos e mostrando-os de forma mais profunda passando ao telespectador uma experiência vivida em conjunto e com uma mensagem distinta, tal como pretendia.

A realidade humana é, por mais simples que seja, complexa. O documentário tem como objetivo passar essa complexidade por meios audiovisuais que carregam emoções, seja qual for a atividade humana narrada; pois o ser humano está o tempo todo e a todo momento cercado de sensações e sentimentos, sejam eles ruins ou bons, são suas sombras e personas como diz Jung segundo Spitzner et al. (2011)

“Para Jung, a persona é a máscara, o "eu social" consequência da educação, da moral, e das regras sociais em que o indivíduo está inserido. Ele oculta os traços de caráter, as emoções e atitudes que são tidas como inaceitáveis pelo grupo em que ele está inserido.”

Pela natureza do tema que envolve toda essa subjetividade humana e a fragilidade de relacionar-se com si mesmo e com o outro ou outros em sua pluralidade, com características de nós mesmos divididos em dualidade e oposições que dificultam até nosso autoconhecimento.

O gênero documentário foi propício para mostrar uma interlocução plausível entre o assunto e a realidade, tal como sentir esta dualidade, o conflito social e individual, pois, visto que documentar é colocar o real em discurso fílmico, independente da sua abordagem, mas afim de que fique compreensiva a sua decodificação pelos olhos e pela audição, a história do outro, no caso, da outra, outras, que carregam em si suas vidas e seus conflitos, seres sociais e seres individuais, tentar ser, conciliar.

No caso do Êxodo, em que temos um produto multimídia, ou seja, livro e vídeo, duas formas distintas de documentar o mesmo tema, porém com suas linguagens específicas de mídias, mas que ambas documentam fatos e histórias reais. Tomou-se os cuidados com a maneira de transpassar as emoções e as naturezas desses sentimentos duos relatados ao projeto Êxodo, entrando no universo feminino e do conceito de feminilidade que nos é dado em nossa sociedade e que são exemplificados por essas histórias.

Muito se fala em documentário na forma de vídeo, como um gênero da narração audiovisual, mas é minha obrigação, já que me propus a construir dois produtos a este trabalho, explicar esta abordagem e a linha que segui para que ambos conversassem entre si e se relacionassem de forma coerente, um relatando pela escrita, outro pela imagem e voz, mas que a meu ver, se completam de uma maneira peculiar, uma simbiose de produtos de diferentes mídias que compartilham a mesma idéia e a mesma afeição de documentar, cada qual a seu modo e com seus relatos distintos que foram separados.

O livro possibilitou uma construção da história das mulheres que vergonhosamente não quiseram se colocar em frente a uma câmera e falar diante dela, qual como da história da mulher, desde seus primórdios e as diferentes concepções ou imagens criadas para defini-la.

O vídeo poderia ser um filho único, mas ganhou extensão de um corpo fora do seu formato, dando a ele uma visão mais ampla do tema e de sua análise. E se documentar é uma forma de representar o mundo, encerro este pensamento com uma conclusão de que esta representação se dá da forma mais abrangente e em uma tentativa de mídias de colocar o mundo em letras e o mundo de indivíduos em imagens e sons, construindo assim um Êxodo maior, que antecipe a crítica de ser um processo de mudança, de transformação. Só podemos entender este processo se analisarmos todo um trajeto que não nos cabe em mão, mas sim em conceitos que cada vez mais entram em discussão. Visto que o produto multimídia, ou seja, que possui mais de uma mídia para seu conteúdo, é um produto em ascensão no mercado, cada vez mais produzido e tido como uma alternativa de se ganhar diferentes públicos em diferentes formatos.

1.2 O Documentário quanto gênero fílmico.

“Se a realidade pulsa no interior do filme documentário, assim o faz, fundamentalmente, por elementos estéticos tomados como marcas tradicionais de tal gênero, pois historicamente assim foram utilizados e trazem em si a memória dessa história de usos e sentidos. É uma reunião de formulações, discursivas e históricas, que imputa às obras o valor documentário e atesta sua aparente unidade enquanto realidade.”

Flávia Lima Rodrigues

O Gênero documentário vem cada vez mais ganhando espaço no mercado audiovisual brasileiro. É o gênero que busca o real e o cotidiano de várias áreas e torna-o visível ao mundo, a quem quer e almeja se aprofundar no que se sabe (ou não, quer vir a conhecer) e vê sorrateiramente, vagamente, como se tornasse o palpável o que só se tem na mente, transformando assunto em informação e informação em conhecimento em uma linguagem única e sua.

Documentar um fato, um movimento social ou até mesmo uma personalidade requer antes de sua realização uma sensibilidade de saber o que se deseja e para que isto ocorra de fato a pesquisa e a investigação do tema se tornam indispensáveis. Esta visão e esta sensibilidade variam de diretor para diretor, já que o documentário não se faz indiferente ou impessoalmente ao assunto abordado como no jornalismo que é preciso manter um

distanciamento dos fatos para que a notícia chegue sem um julgamento já pronto. No documentário isto é diferente, á uma visão formulada do que se quer passar ou não e esta concepção estará presente em sua edição final, no produto terminado e que ao ser assistido será assimilado de determinada maneira, aguçando as emoções que se pretendia em encontro a personalidade de quem o assiste.

O documentário embora narre um fato que existe ou existiu, não pertence ao gênero jornalístico como vimos, mesmo que se aproprie de alguns elementos que podem confundir o espectador, mas se difere de qualquer gênero e não somente deste por possuir uma linguagem única, que em uma edição linear ou não, traz recursos de enquadramento, de estética e sequencia com uma liberdade que não se vê em nenhum outro gênero.

O documentário, mesmo que possua um roteiro já (pre)estabelecido, vai sendo construído ao longo de sua produção, pois, ele é um simulacro de fatos e captações de imagens e sons que não dependem somente do diretor, mas sim de toda equipe e principalmente dos agentes terceiros que irão se manifestar, de modo também, mais livre que em qualquer outro gênero, por ser real, pessoas reais dotadas de personalidade e características próprias que as definem como seres únicos em um mundo já existente que irão transpor suas verdades ou mentiras, mas irão transpor algo em que acreditam ou quer que os outros venham a acreditar (esperando-se que no documentário haja uma credibilidade do que se vê ou se narra), o que há de real para cada uma delas dentro do assunto abordado. Isto é, no caso de entrevistas e depoimentos, pois se sabe hoje que o documental pode até mesmo dotar do silêncio para construir uma linguagem narrativa, não verbal, mas que documenta e traz às telas fatos e retratos, ou seja, o gênero documentário possui uma liberdade de expressão audiovisual que pouco se vê em outro gênero e que o diferencia de todos os outros.

“O documentário resulta de um olhar pessoal sobre determinado fato, acontecimento, assunto ou tema, baseado no ponto de vista do documentarista. É uma obra de autor, com premissas e estética particulares. A reportagem, por sua vez, busca a formulação de um “retrato completo” sobre determinado fato, valendo-se de procedimentos como a apresentação de diferentes pontos de vista e a utilização criteriosa das citações para criar o status de imparcialidade.” (LIBERO, 2002)

Outra característica do Documentário é que este não precisa ter o registro *In Loco*, ou seja, no local e no momento da ação narrada, pode se basear em documentos, em vídeos, reportagens, entrevistas, fotos, naquilo que o torne mais próximo ao real, mas pode fazer uso de diversas linguagens para assim narrar esse assunto em um locutor Off ou ON, ou até mesmo criar personagens para dar maior dramaticidade à narrativa, como é o caso de *Ilha das Flores* de Jorge Furtado, mas que tem seu início bem explicativo de que não se trata de um

produto ficcional logo de cara, mas que com as personagens criadas dão maior impacto de como o sistema capitalista, no caso, acaba por criar uma cadeia em que pessoas tornam-se menos importantes que porcos, fazendo com que o público absorve de um modo mais profundo os fatos ali narrados.

Se formos analisar, o início do cinema começa de um modo documental, a saída dos operários de uma fábrica pelos irmãos Lumière, o trem avançando nos trilhos, são imagens documentando fatos e que trouxeram grande espanto e até mesmo inquietude ao público que o assistiu na época.

“O filme documentário nasceu juntamente com os primórdios do cinema, no final do século passado, quando as imagens fotográficas em movimento registravam as atualidades em produções de cine-jornais e filmes institucionais, em registros de expedições, de acontecimentos históricos, atos oficiais, cerimônias públicas e privadas da elite, funcionamento de fazendas e fábricas, entre outras documentações.” (RODRIGUEZ, 2010, p.64)

E embora no cinema haja suas vertentes, o gênero documentário é ainda muito utilizado e dependendo de quem o analisa pode até mesmo ser subdividido; como Bill Nichols em *“Introdução ao documentário”* (2005), subdivide o gênero em documentário poético, de observação, de reflexão, performático, participativo, e expositivo; subdivisões que, segundo ele, servem para entender seus métodos e para não rotulá-lo. Para Nichols, analisar um documentário é preciso analisar a linguagem do filme utilizada e não apenas seu conteúdo, quais foram as formas que fizeram o diretor chegar ao tema, se há ou não narrador, se há entrevistas ou não, se as entrevistas, se houver, mudam ou não a narrativa da história, se há valorização de enquadramento, entre tantos outros aspectos que irá fazer do documentário pertencente a um segmento específico.

E ao mencionar a estética e subgêneros do documental, observamos que além do caráter informativo em que muitos se prendem, temos que nos desprender desse preconceito e saber que ele (o filme documentário) vai além, introduz novas linguagens e apresenta várias formas de mostrar ao espectador, podendo desmistificar o que muitos assemelham ao jornalístico, mas que é documental.

“O Filme documentário é aquele que pelo registro do que é e acontece, constitui uma fonte de informação para o historiador e para todos que pretendem saber como foi e como aconteceu” (PENAFRIA, 1999, p.20)

1.3 O Documentário quanto mídia Impressa

A documentação é um modo de armazenar informações quanto aos indivíduos reais e suas características ou identificação perante uma sociedade. Ela se dá principalmente por meio da escrita, primeiramente pelas mãos, máquinas de escrever e posteriormente pela digitalização tal como temos hoje, mas percebe-se que nossos documentos pessoais intranferíveis, tais como R.G, CPF, carteira de motorista, certidão de nascimento, de casamento, óbito, entre outros, são realizados pela escrita. Estes documentos também contam uma história se formos analisar, pois cada um conta uma personalidade e individualidade totalmente única sobre alguém.

Documentar é preservar de certa forma uma memória, é colocar no plano real aquele indivíduo ou aquele instante. Assim como também vemos biografias, autobiografias, livros históricos que resgatam algum momento do passado e traz até nós os fatos ocorridos.

“A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.” (MOREIRA, 2010-1013)

Escrever uma história real, baseada nela ou simplesmente documentar os dados de uma pessoa ou de uma sociedade é preservar uma memória do momento seja para qual for o seu fim, mas que ressalta elementos que se julgam de elevada importância para aquele fim e para alguém.

“seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, as rupturas são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”. (ROUSSO, 1998, pp.94-95 apud MOREIRA, 2010 – 2013).

A mídia impressa é antes da mídia cinematográfica um modo de se documentar a realidade humana, de preservar além da oratória a história do homem, do seu mundo e da sua interação com ele.

Em Rádio e Televisão há a disciplina de roteirização que nos ensina a roteirizar um produto audiovisual, isto é, colocar no papel as falas e as idéias centrais do produto seja ele qual for. Ela se dá através da escrita, pois bem, para se produzir um vídeo com qualidade e com maior organização a escrita também está envolvida em seu processo de elaboração e é fundamental a essa criação.

O roteiro não deixa de ser um modo documental do filme que guarda sua elaboração e projeto. Roteirizar é minha profissão e como amante da escrita, de certo modo da documentação, trouxe essa extensão ao meu trabalho de conclusão de curso aliando à pesquisa sobre meu tema, a aplicação do meu projeto e a extensão dos relatos de vida já pensando na intimidação que a câmera muitas vezes traz a pessoa entrevistada que prefere escrever a ser gravada.

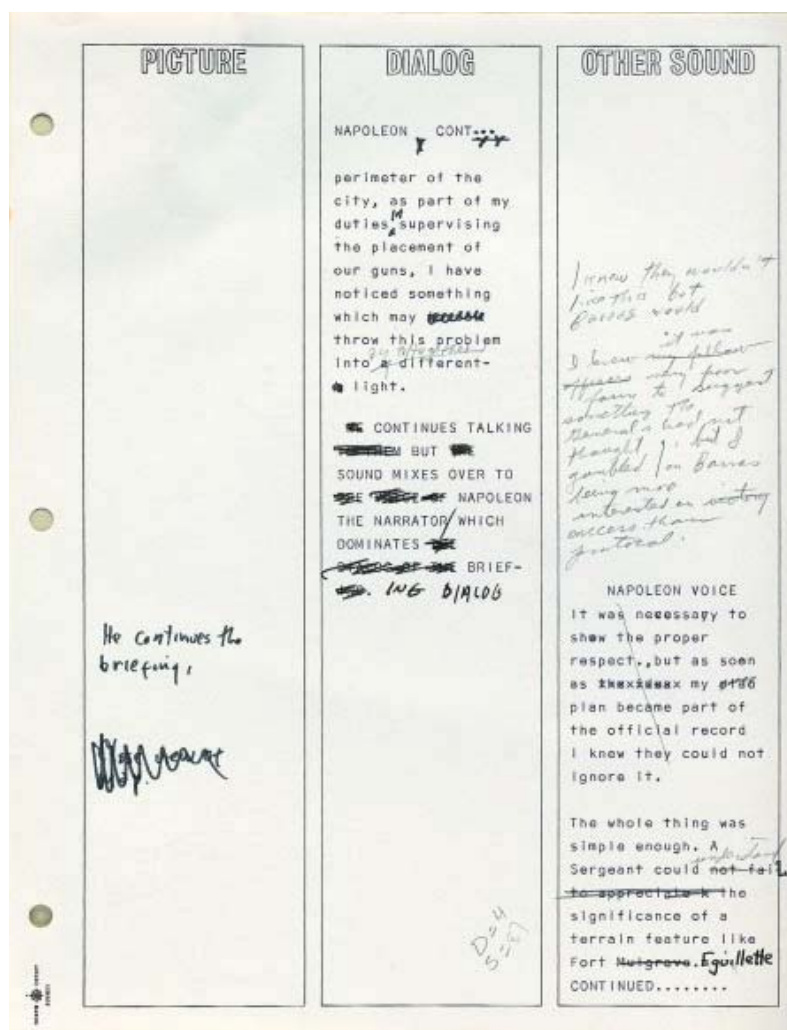


Figura 1- Exemplo de um roteiro fílmico - Roteiro de Stanley Kubrick - arquivo disponível na exposição do diretor no MUS em São Paulo de Outubro de 2013 à Janeiro de 2014

Pensei assim na riqueza que poderia vir a ser um projeto maior, envolvendo não apenas o audiovisual e trazendo novos relatos que por ser escrito e não falado, abordou de temas mais complexos e profundos, tais como: abuso infantil, o relato de um transexual, assim como de homossexualidade e bissexualidade, adoção, gravidez precoce e até no meu caso em que descrevo minha doença chamada alcoolismo.

1.4 O produto multimídia

Multi significa múltiplos, ou seja, mais de um. Mídia é meio de comunicação que estabelece uma relação de mensagem destinada a um destinatário por um determinado canal seja ele o rádio, a televisão, a internet, o cinema, o jornal, a literatura, entre outros meios que informa a quem o lê e/ou vê e/ou escuta.

Um produto multimídia possui mais de uma mídia para se comunicar, para chegar a seus destinatários, ao seu público. E possibilita que atinja um público maior que atingiria por uma única mídia de comunicação. Ampliando assim seu poder de visão e atuação. Pois intensifica seu acesso e sua compreensão.

Embora seja mais comum os produtos multimídias estarem na interface da internet e fazer proveito da tecnologia para chegar ao seu destinatário. Visto que a internet é hoje um dos grandes meios de comunicação. A escolha de fazer um produto vídeo/livro documental não se limitaria a uma divulgação sem usar tal interface, podendo ser mais multi ainda do que se imagina.

Hoje é comum ver uma transição de livros impressos para os ebooks, ou seja, livros disponíveis para leitura pela interface da internet. Assim como podemos assistir vídeos no conforto de nossa casa não apenas pela televisão.

A internet e a tecnologia possibilitam um alcance ilimitado e prolonga a vida e a percepção de seus produtos lançados em uma sociedade informatizada e globalizada. Desse modo, seria mais uma mídia utilizada pelos produtos já prontos.

1.5 O conceito e o conceitual

A estética do documentário procurou além de mostrar um cenário verídico, fazer com que os elementos reais desses mesmo cenário conversassem com a realidade da pessoa que está depondo seus relatos de vida. Tentando criar uma esfera de construção social e de identidade da pessoa. A psicóloga, por exemplo, está em seu consultório. A empregada está trabalhando. A Grávida está do lado do berço. A grávida se olha no espelho acariciando a barriga e assim por diante.

As cores variam de ambiente para ambiente, sendo mais quente no ensaio nu e mais fria em declarações mais voltadas para a interiorização humana. E tentando sair do convencional que são os pequenos cliques que se intercalam com os depoimentos, na tentativa de evitar a fadiga geralmente de se assistir um documentário.

A luz artificial se fez em poucos momentos, tentando manter também a luz ambiente quando possível.

O documentário tenta se apoiar em bases tanto poética, participativa e experimental, não seguindo uma forma linear e nem uma estética somente. E nessa fusão de subdivisões que o documentário apresenta, pretende-se criar uma linguagem própria para que haja não somente uma estética visual, mas uma sensação sensorial em seu público que entenda essa construção do feminino que tal como a edição, não se limitando a uma só concepção ou uma regra padrão a ser seguida, mas que tem a pretensão de sensibilizar.

É um contar história de modo que elas se interliguem, é colocar o sentimento carregado na fala pelas risadas ou pelo engolir em seco. Todo detalhe é merecido de um olhar atento e rico em sua linguagem.

O conceito do vídeo é o feminino tal como o conceitual é bem vindo e aqui ele se aplica a fugir da regra, do básico e do superficial.

O livro apesar de seguir um padrão lógico de escrita e de raciocínio, tenta fugir das pretensões de um rebuscamento intelectual que somente acadêmicos e prestigiados em uma educação mais elitizada compreenderão o que está sendo dito. Visto que tem como objetivo contar e narrar a mulher para a mulher independente de suas classes sociais e grau de instrução. Tentando assim ser objetivo e usar de uma escrita simples. Com ilustrações sérias e divertidas que descrevem situações do cotidiano

O livro está impresso em seu estado cru, pois o tempo de escrita e pesquisa foi curto para sua elaboração, não tendo tempo de revisão e nem de mandar para análise da editora “Estações de Letras e cores” de uma ex-professora minha da USP leste, Káthia Castilho que me autorizou mandar o manuscrito para devidos fins de análise para ver se é viável sua comercialização ou não.

E embora fique o “se”, a possibilidade do “sim” já dá uma alegria de ter escrito. Porém, se não aceito, não pretendo deixar esta obra, não somente minha, mas de muitas autoras que se mostram e se colocam em um desnudar de alma, morrer aqui, como um trabalho de conclusão de curso que se empoeira na estante. Tentando e disponibilizando sua leitura em PDF na internet, mesmo que não tenha um fim lucrativo.

PARTE 02

ÊXODO, A MULHER NO PROCESSO DE PARTIR!

Capítulo 2 – Êxodo, a mulher no processo de partir!

2.1 Escolhas

Ao mesmo tempo em que parece ser fácil falar sobre a questão do feminino e da mulher, muitos são os produtos destinados a isso. Falar e abordar de uma maneira inovadora foi uma escolha que tentei fazer, trazendo não a opressão a uma minoria de sexualidade que foge aos padrões, mas sim mulheres independentes de suas raças, sexualidade, de sua classe econômica e formação acadêmica. Tentando na verdade englobar todas elas, para mostrar que a condição do feminino atinge a todas. Isto foi primordial nas minhas escolhas para as filmagens mais do que para o livro em que me baseiei mais nas representações e no cotidiano.

Deste modo os cenários em que ocorrem os depoimentos são também do dia a dia dessas mulheres, não saindo para um lugar fantasia ou que seja de seus estranhamentos, mas sim no local a qual estão diariamente, usando a roupa que estão sem trocá-las ou se maquiar para a ocasião. É tudo baseado no real, desde o modo como falam, seus trijeitos, suas histórias tal como o todo que as representam. Ficando no espaço fílmico a subjetividade desses elementos que se forem analisados semioticamente falaram por si só conversando com quem o vê de modo não verbal, mas abstratamente.

Aproveitei de minha gama variada de conhecidos e amigos de diversas classes sociais e a empatia que percebo em muitas mulheres para se abrir a mim para recolher os materiais para o vídeo. As mulheres que não possuía já uma relação de amizade; procurei estabelecer um laço de confiança com a seriedade do meu trabalho, encontrando isto em mulheres mais livres e dispostas a falar desde suas dores à nudez propriamente dita. Sendo que há neste trabalho, tanto no livro quanto no vídeo, ensaios fotográficos de nu artísticos.

Falar sobre o feminino pode parecer fácil, mas garanto como mulher que não, não é, não sendo nem mesmo fácil ser mulher.

2.2 Personagens reais e humanos

“Corpo incompreensível, penetrável e opaco, aberto e fechado: corpo utópico. Absolutamente visível --porque sei o que é ser visto e ver os outros. Mas esse corpo é também tomado por uma certa invisibilidade: minha nuca, por exemplo. Minhas costas: conheço seus movimentos, sua posição, mas não as vejo. Corpo que é um fantasma, que só posso ver pelo truque, pela miragem de um espelho.”

Michel Foucault

Todas as personagens selecionadas e digo que não fui eu somente que as selecionei, mas elas também escolheram a mim para se comunicar e falar de algo que como eu, precisava de escape e um bom motivo para ser falado. Nós nos selecionamos. E digo isso com certo orgulho, pois vejo em todas elas uma força e uma capacidade feminina tão forte e tão natural que mesmo conflitante com seu espaço físico ou social, faz delas mulheres admiráveis. Aliás, seres humanos admiráveis, tanto as mulheres do vídeo como as do livro.

Foi como uma seleção natural, muitas disseram que iriam participar, poucas conseguiram de fato. Acho que falar de si mesma e colocar suas fraquezas na mesa exige na verdade muita força e muita coragem.

Vamos então a estas corajosas mulheres que o fizeram:

2.2.1 Maria Helena – A dedicatória do livro e a historia central do vídeo são a dessa mulher da qual tenho a honra de chamar de mãe. E pode parecer uma conveniência colocar minha mãe em centro neste trabalho, mas tenho que admitir que muito dos meus problemas e da minha raiva que eu não sabia controlar, acho que como a maioria das pessoas, vinha de não entender muitos atos e atitudes da minha mãe. Questionava-me até mesmo o numero de filhos que ela optou ter (ela queria 10, mas teve 7), o casamento dela com meu pai, chegava a ter raiva dela em não reagir muitas agressões verbais do meu pai. De ter feito faculdade e largado sua clinica. Eu tinha pontos de interrogação em relação a ela e ao mesmo tempo um amor incondicional que entravam em conflito constantemente. E a abertura que me dei selecionando este tema, me permitindo ler, estudar, compreender, me ver, permitiu também a ela de se mostrar.

Óbvio que todas estas questões envolvem também a maturidade. É mentira que só entendemos nossos pais quando viramos pais, mas passamos a entendê-los quando temos maturidade necessária para isto, para compreender ao invés de julgar.



Figura 2- Maria Helena e dois netos, ela se define como uma pessoa com o dom de cuidar de crianças

2.2.2 Eu mesma (a qual nomeio no filme de a louca de mim) – Pensei muito antes de me colocar aqui em segundo lugar, pensando se não seria um ato de extremo egocentrismo da minha parte em fazê-lo. Mas como participo ativamente do livro e do filme, me desnudando também em corpo como em caratceriticas negativas onde exponho meus mais terríveis problemas e que só aprendi de fato enxergá-los durante o processo deste trabalho. Permiti fazê-lo.

Assim como no vídeo há uma série de questões que envolvem a sombra da mãe e da maternidade. Vir depois de minha mãe pode simbolizar também o seguir os passos, o se ver no outra, na ancestralidade.

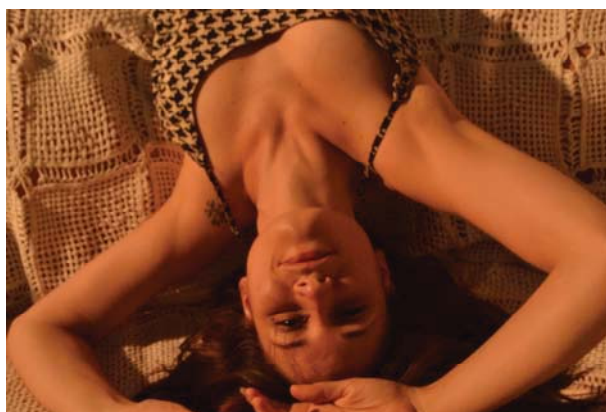


Figura 3 - Eu, de ponta cabeça para simbolizar os conceitos caídos, bagunçados.

2.2.3 Cristiane – A gravidez de Cristiane já era delicada pelo seu tipo de Diabetes e para complicar seu quadro há o agravante emocional. Vinda de uma família desestruturada em que a mãe faleceu dormindo ao lado dos filhos, o pai alcoólatra e o irmão preso duas vezes por furto. Cristiane ainda perdeu o primeiro filho nove minutos depois do parto. Seus medos a acompanharam em todos os nove meses assim como eu tentei registrar o antes e depois desse parto. A vinda de Laura no dia 26 de Dezembro de 2013 veio com a dor de ter que ver sua filha recém-nascida em uma UTI. A vida de Cristiane está pra lá de ser fácil, mas semanas depois a tão sonhada família que Cristiane sempre sonhou se firma com a saída de Laura da UTI e hoje está forte e saudável em casa.



Figura 4 - Cristiane ainda grávida de Laura em seu chá de bebê, o documentário registra também mãe e filha no hospital

2.2.4 Tatiana – Formada na USP, terminando seu mestrado também pela Universidade de São Paulo e concursada da FOB (o centro de fonoaudiologia da USP Bauru), Tatiana resolveu ser mãe aos 31 anos. Casada há dois anos com João Flávio e com medo de ser a mãe que sua mãe foi para ela, visto que as duas não matém mais relação. Ela tenta superar seus medos e se focar no lado bom da gravidez, porém ao relatar as sensações de estar grávida, ela coloca a diáde da atenção e do amor, ao sentimento de desapropriação do corpo e da vaidade.



Figura 5- Tatiana a espera de Isabela

2.2.5 Marjory – Filha mais velha de um decendente puro de japonês e uma brasileira loira de olhos claros. Marjory fala sua criação, a rigidez do pai e os dramas da mãe que apesar da boa convivência entre elas, marjory tenta se afastar do modelo dramático, mas ela tenta ver o lado positivo de tudo isso, vendo seu conhecimento de seus defeitos como um meio de controlá-los. Na entrevista ela fala sobre uma surra grave que recebeu do pai ainda na época de engatinhar e a sensação de culpa do pai pela possibilidade dela ter problemas de aprendizado devido à surra. Porém, após um tempo de conversa, ela me pede para que não acrescente isto no vídeo. O que é totalmente compreensível.



Figura 6 - Marjory, desde os 19 anos já possuía ideologias feministas

2.2.6 Ângela – Minha irmã mais velha, psicóloga da vara da justiça de Jacarei e também de uma clinica particular. Ângela fala sobre a separação de nossos pais que ela faz questão de dizer que não são os mesmos pais, pois cada filho desperta sensações diferentes nos pais e recebem tipos de tratamentos diferenciados. Ela discorre sobre as marcas dessa separação e suas tentativas de superação tanto da infância como da sexualidade mais explícita de seus pais. Ela diz que tenta fazer diferente, que nunca nenhum de seus filhos a pegou em uma situação embaraçosa em sentido sexual com seu marido, com quem se relaciona há 30 anos. (O que não acrescentei no documentário, tentando me focar na narrativa menos intimista).

E me faz pensar que todos nós, ou melhor, todo ser humano quando se torna pais tenta corrigir os erros de seus pais, porém cometando noivos erros. É um ciclo inefechável.



Figura 7 - Ângela na piscina. A água segundo a psicologia simboliza o mundo sexual.

2.2.7 Ana Carolina – Formada em arquitetura pela UNESP com mérito, Ana Carolina optou por uma vida alternativa. Casou-se e teve uma filha com um hippie por opção e ambos tentam levar uma vida mais livre de um sistema de trabalho mais desumano e escravista que é o modelo capitalista. Ela relata sobre sua tentativa de sempre retornar a sua ancestralidade que visivelmente é perceptível em sua relação com sua avó materna. Faz também relato sobre seu parto que em uma tentativa de se aproximar da natureza e desse processo de retomar suas raízes ancestrais optou por uma doula e fazê-lo em sua casa. Porém, em uma hemorragia ela foi levada ao hospital que impediu seu falecimento junto com a criança.



Figura 8 - Ana Carolina em posição de relaxamento em meio à mata, um simbolismo ao natural

2.2.8 Camila – tem 4 anos de idade, nascida na Bahia e vem passar as férias na casa da avó em Bauru, interior de São Paulo. Camila é vaidosa, gosta de se pintar e fala sobre ser mãe, sobre seus desenhos favoritos e não gostar de saber que terá peitos um dia, pois não gosta de usar sutiã. É inteligente e simboliza a inocência da infância da menina.



Figura 9 - Camila, a doçura dos gestos e dos olhares.

2.2.9 Beatriz- tem 6 anos de idade e uma personalidade forte. Diferente de Camila, Beatriz é mais brava e menos vaidosa. Começa o vídeo falando que me ama (é minha sobrinha, assim como Camila) e que quer ser como eu. Faço perguntas a ela sobre como é ser criada pela avó (minha mãe) e como é ter um irmão. Carinhosa, mas mais distante de demonstrações de afeto. Beatriz já mostra desde sua infância a uma tendência de resistência a subordinação.



Figura 10 - Beatriz, a doçura dela é mais reservada, mais limitada a quem ela realmente ama.

2.2.10 Grupo 1: A Nudez – Gabriela, Marina juntamente com Marjory fazem um ensaio de nu artístico e relatam sua experiência associando ao machismo da nossa sociedade e a suas criações. O nu além de mostrar o lado feminino em sua delicadeza e nas formas, mostra como o corpo é erotizado, uma propriedade cheia de teores sensuais que na tentativa do belo e do natural se controe e reconstroe infinitamente. No livro também há um ensaio nu, trabalho cedido pelo fotógrafo e autorizado pelas modelos (anexo 2 e 3)

“O corpo está no centro do mundo, nódulo utópico a partir do qual penso, sonho, me comunico. O corpo, como a Cidade de Deus, não tem lugar, e é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis”.

Michael Foucault



Figura 11 - Marina (flor no cabelo), Gabriela (no meio) e Marjory em seu ensaio de nu artístico: a nova geração tem uma relação diferente com o corpo e com a sexualidade.

2.2.11 Grupo 2: conversa entre wiccas: Simone, Kátia e Zuma discutem sobre a vida e alguns pontos de maturação. São mulheres mais velhas, com visões mais maduras e experiências de vidas mais cheias de lutos e superações. Porém nos vídeos captados as conversas se exprimem a falar de separação, o corpo envelhecendo, ser filha única, padrões de beleza. O meu objetivo era tornar Zuma uma personagem principal (a de óculos na foto), mas devido a contratempos, viagens e desencontros, não foi possível.



Figura 12- Simone (de laranja), Zuma (de óculos) eu e Kátia. Aulas de culinária natural e voltada para o macrobiótico.

2.2.12 Haeicha – Criada pelos avôs devido à dependência química dos pais que a tiveram muito jovens. Ela relata como foi esse processo e ainda sem se abrir totalmente só diz que coisas muito ruins aconteceram a ela enquanto era criada pela mãe e que não consegue perdoar a mãe por isso, pessoa que ela mostra certo desinteresse até em buscar notícias e manter contato. Porém Haeicha possui uma leveza e uma felicidade facilmente transmissível, de risada expansiva fala sobre ter uma família e ao falar de sua infância mostra a gratidão pelos avôs.



Figura 13 - Haeicha com o namorado, ela é feliz.

Essas personagens mostram por si só o que significam individualidade e personalidade. Mostram corpos dotados de essência, de histórias de vida diferentes assim como diferentes concepções e valores.

Ouvir, editar histórias, colocá-las em uma ordem que ao ser assistida mexa com as pessoas de forma a ver que cada um é um mundo particular. As diferenças não são apenas físicas, não se resumem a cor dos olhos, estatura, cor da pele, tipo de cabelo. É muito mais complexo e abrangente em sua concepção de ser humano. É como uma carga genética, cada uma dessas mulheres possuem as marcas da alma só delas, desde sua estrutura familiar, seus traumas e suas superações.

A ilustração abaixo simboliza, apesar de mais fofa do que séria, o meu ato de pegar cada uma dessas personagens, seus pensamentos mais confusos, ou seja, relacionados aos conceitos familiares e de vivência que muitas vezes são os que nos confunde e conseguir passá-los em um produto audiovisual.

Tira retirada da página do Facebook em que acompanhei durante o TCC, denominada "Mulheres nos quadrinhos". Esta tira em si é intitulada "diário de uma volátil" de Agustina Guerrero. Na página em si são compartilhadas várias tiras de diferentes ilustradoras que com bom humor colocam a si mesmas e situações da vida em desenhos de traços diferenciados.

Nesta mesma página fiz parceria com Roberta Nunes, uma carioca que aos 30 anos, pensa na imagem da mulher como uma não generalização de corpos e em um bate papo falou sobre isso. Esta conversa e tira de Roberta se encontram no Livro. (anexo 5)



No livro não há personagem central personificada. É um conjunto de relatos em meio a teorias e citações que confirmam minha linha de raciocínio. Assim como não houve autores pré-estabelecidos antes do início de começar escrever, pois as citações surgiram conforme os assuntos que foram aparecendo e o caminho que os relatos me levaram.

Começo na introdução (anexo 6) falando que não pretendo escrever o livro sozinha e nunca foi minha intenção, assim como o vídeo. Vejo os dois produtos como uma parceria entre mulheres que tinham o mesmo propósito: Mostrar as dificuldades e superações da vida, sair do comum de não falar sobre e de se expor com um fim, o de mostrar que somos humanas acima de tudo.

A complexidade do projeto a meu ver foi justamente essas relações humanas, lidar com a história do outro, entendê-lo. Encaixá-lo em algum momento ou na linha do tempo da edição ou nas teorias do livro. Não visando uma exemplificação apenas, mas uma leitura que confira a quem lê ou/e assiste uma experimentação do outro, saindo de sua própria vivência.

PARTE 03
FASES DA PRODUÇÃO

Capítulo 3 – Fases da Produção

3.1 Pré-produção

O tema abordado não foi minha primeira opção de tema para meu trabalho de conclusão de curso. O primeiro tema, também um documentário, seria sobre a cena independente musical de Bauru e estava definido desde 2011. Nominado “Rock Doc” este já possuía materiais gravados para sua edição e uma vasta pesquisa de materiais para a elaboração deste relatório escrito. Porém, em Junho de 2013 percebi que algo estava errado com este tema ao qual eu não conseguia mais avançar. Era um cansaço psicológico que me barrava e me dava preguiça em continuar, mas eu ainda não sabia o porquê.

Então só vim a perceber um mês após essa constatação de que não conseguiria terminar este trabalho pois ele estava intimamente ligado ao meu passado e minhas mudanças psicológicas, de valores e conceitos sobre a vida, a moralidade e ao comportamento humano já não me capacitava de retornar a quem eu fui e não quem eu estava me tornando. Era como se eu precisasse abandonar tudo aquilo que documentaria pelo fato de ter participado em minha adolescência e início da fase adulta vivenciando a cena musical alternativa de perto.

Mas por que de fato teria de abandonar a isto tudo? Primeiramente relatei isto ao fato de não superar meus términos de namoro, o que me trouxe sérios problemas. Então, em uma madrugada assisti o filme “The Help” e ali fez todo o sentido para mim que eu deveria escrever, falar sobre minha dor e comigo trazer mais mulheres que como eu sofreram e não conseguiam lidar com sua dor.

Assim comecei a elaborar um novo tema que se centrava no amor romântico, na idealização de uma pessoa em que depositamos nossas expectativas e que desse modo acaba por gerar frustrações. Mas, ao começar a ler e pesquisar sobre isto, percebi que o amor romântico nada mais era do que um dos pontos relacionados ao domínio da mulher, sobre seu corpo, sua sexualidade, seu comportamento e sua motivação de vida.

Decidi me aprofundar e conforme eu mais lia, mais sentia a necessidade de ler e saber sobre a mulher no mundo. Queria gritar sua história, suas dores, seus engasgos e seus sussuros. Assim o Êxodo se transformou em uma mudança de visão, assim como seria o deslocamento de um relacionamento para fora dele; ele se alimentou de conteúdos mais

enraizados na questão das dores femininas e passou a ser uma transmutação de diversas dores e não somente a romantizada ou na alegoria da concepção amorosa.

Um site foi criado para que outras mulheres tivessem acesso às minhas idéias e um perfil no facebook para me comunicar com elas, pois agora meu tema não seria uma dor narcísica do fim de namoros, mas sim do porque deu depositar minhas tristezas e alegrias no outro e não em mim. E acredite, este é um problema de muitas mulheres.

Assim que definido meu tema passei a tentar simultaneamente elaborar a construção dos dois produtos: vídeo e livro, firmando parcerias e mulheres dispostas a escrever ou filmar.

3.1.1 Cronograma

O fato de ter mudado o tema, mudado minha orientação, tudo em cima do prazo, limitou meu tempo para construir meus produtos que insamente propús não apenas fazer um produto, mas sim dois e isto fazendo individualmente este projeto.

A tabela que havia planejado como cronograma do meu trabalho, foi de certo modo apenas ilustrativa em meu pré-projeto, pois a dedicação ao estudo e leitura sobre o tema ocuparam até o fim de sua construção o meu tempo, tendo assim de aliar toda a pesquisa e escrita com as gravações dos relatos que variaram de cidades não se limitando a uma apenas.

Então, de Agosto de 2013 à Janeiro de 2014, isto é, 5 meses apenas, vivi e me alimentei de escrever, editar e passar a riqueza do meu trabalho para ambos os formatos escolhidos. Visto que, se pudesse passaria a vida fazendo isto.

3.1.2 Roteiro

Embora no formato documental não siga um roteiro pré-definido pelo fato de se basear na vida real e estar à mercê dos contratempos da natureza humana e até mesmo do mundo, assim como das pessoas que serão entrevistadas e da maneira como se relacionam ou se abrem. É preciso ter em mente o que se deseja passar e de que forma, para que o produto final passe uma veracidade e coerência em suas narrativas, seja essa narrativa audiovisual ou escrita.

Fazer a intercolucação do livro com o vídeo foi o maior desafio deste projeto. Como falar da mulher em sua singularidade sem parecer superficial ou banal? Este foi o roteiro que

tive que criar para conseguir escrever e editar de forma que a mulher fosse de fato ouvida, em conjunto e não separadamente. Pois somos muitas e minha dor não era só minha, assim como a dor da outra não era somente dela.

A ponte que achei para traçar esta interlocução entre ambos os produtos sem que a mulher fosse a única ligação entre eles. Foi o fato de que conforme fui lendo e posso dizer que me transformando conforme meus paradigmas foram sendo quebrados e reestruturados, foi de criar um roteiro em que uma imagem forte de mulher fosse construída e falar dessa relação de vida com o fato de ser uma mulher.

3.1.3 Organização da produção

Como a elaboração desde o outro tema seria um trabalho individual e até porque era mesmo mais íntimo a mim do que outra pessoa da minha turma de radialismo, eu sabia desde o início que enfrentaria maiores dificuldades quanto aos elementos fílmicos, pois uma boa equipe garante melhores resultados de produção, não só otimizando o tempo e as funções que fazendo sozinha me responsabilizei por todas elas.

O gênero documentário me possibilitou esta produção e para sua elaboração eu já havia comprado uma câmera que filmasse em alta resolução (full HD) e me permitisse me locomover além dos equipamentos fornecidos pela Universidade.

Os custos da produção, embora não tenha gasto com figurino, cenário, contratação de atores ou outros elementos pertencente ao ficcional, ficou ao que diz respeito a equipamento, porém, equipamentos que com certeza utilizarei ao longo de minha vida.

A Câmera em questão comprada foi uma Nikon 3100 que por ser usada custou mil reais a vista. Foi adquirido também um computador para que a edição fosse mais rápida pelo meu curto tempo para realizá-la, seu valor foi de dois mil reais. Porém o programa de edição utilizado por mim, o Premiere Pro CC apresentou um erro de audição, não reconhecendo os áudios dos vídeos, o que resultou em um custo de 70 reais para instalar um software no computador capaz de solucionar o problema. Somados aqui, a produção chegou a 3.070 reais, não adicionando a gasolina consumida para me deslocar ou me alimentar que se pudesse chutar, pelo tempo que fiquei “parada” pesquisando e escrevendo, filmando e editando, colocaria no mínimo 1.500 reais. Ou seja, esta produção teve por baixo um custo de 4.570 reais.

3.1.4 Equipamentos utilizados

Fora a câmera mencionada acima e o computador, foram utilizados para a produção deste projeto uma câmera Sony automática para a captação de poucas imagens, equipamentos fornecidos pela Universidade como Tripé de suporte para a câmera, Spot de luz e ficou faltando um equipamento para a captação de som, já que o laboratório de Rádio e Televisão possui apenas cinco booms a disposição para seus alunos e todos já estavam emprestados. Desse modo a captação de som ficou acoplada a câmera apenas.

3.2 Produção

Como o tema do trabalho está intrinsecamente ligado às emoções e até mesmo ao mundo particular das participantes, as personagens escolhidas já possuíam um laço afetivo comigo em sua maioria o que facilitou uma maior abertura de seus sentimentos e depoimentos.

Poucas delas conheci antes de gravar e mesmo assim procurei estabelecer um vínculo antes de realizar as filmagens, como foi o caso de Simone, Zuma e Kátia, todas residentes de São José dos Campos, cidade do Vale Paraíba, interior de São Paulo onde eu me encontrava até Janeiro desse ano.

Procurei também deixá-las à vontade para falar entre si e dialogar sobre o assunto, não forçando um depoimento e sim deixando que a espontaneidade fizesse parte da narrativa fílmica.

Já no livro há depoimentos de pessoas que conheço como de pessoas que nunca vi na vida, conversando apenas para este fim e pela plataforma da internet, seja pelo facebook, o que ocorreu com a maioria ou pelo email que ocorreu com outros poucos (Anexos dos email e conversas para autorização).

Dos conhecidos poucos se abriram realmente pela escrita, preferiram a filmagem quando queriam de fato participar. Já os desconhecidos dialogaram mais e exposiram mais suas dores do que os outros, como se houvesse de fato uma necessidade de falar sobre e esta fosse a plataforma perfeita para isto.

3.2.1 Dificuldades de Produção

A maior dificuldade encontrada foi o tempo, assim como o focar-se também ficou debilitado pelo fato de eu estar me tratando contra a depressão e aceitando de fato meu alcoolismo. Porém, nenhuma dessas duas coisas me impediram de realizar o projeto que, aliás, só vejo como acréscimo em minha vida. Hoje me entendo melhor como humana, aceito minhas falhas e sei me controlar melhor e isto devido a tudo ao que li, ao que ouvi e o sentimento que este tema gerou em mim, só posso dizer que foi a força feminina que me guiou para uma vitória tanto do fato de conseguir me centrar e finalmente concluir uma faculdade (visto que a UNESP é minha terceira faculdade pública iniciada, porém a única que levo até a conclusão) como de estar mais madura para enfrentar meus problemas e minha doença, ou doenças no caso.

Outra dificuldade foi à compreensão das pessoas que quando me viam lendo e escrevendo a maior parte do tempo me perguntavam ou insinuavam que eu não fazia nada da vida, como se aquilo não tivesse importância ou fosse até mesmo uma desculpa para estar parada no momento. Como se eu estivesse de fato parada.

Lembrei-me de Clarice Lispector: "Escrevo por ter nada a fazer no mundo: sobre e não há lugar para mim na terra dos homens."

Deparei-me também o machismo e os paradigmas que enfrentamos ao falar de algo do gênero ou de se despir. Ao avisar meu pai, por exemplo, que no início do filme eu tirava a roupa simbolizando o desnudar e ir de encontro à natureza, eu, adulta, 30 anos de idade, ouvi meu pai dizer que não iria ver minha apresentação de TCC por causa dessa cena. Assim como no meio do trabalho ouvir comentários do tipo "mas você se veste muito estranho para atrair homens".

Tecnicamente falando, a maior dificuldade ao realizar o projeto foram os custos e a falta de um equipamento para a captação do som somente.

3.3 Pós – produção

A pós-produção do vídeo documentário baseou-se em uma personagem central que interligasse em cortes, em sua maioria cortes secos, com os demais depoimentos. Como o livro foi dedicado à minha mãe, coloco a como esta personagem central de edição, pois além de ter como dedicatória de toda uma pesquisa sobre o feminino, foi escrevendo que consegui

compreendê-la de fato e vi em sua maturidade de uma mulher forte de 67 anos de idade que já casou, separou e voltou com a mesma pessoa, com ela teve sete filhos, formou-se em psicologia e hoje dedica-se a cuidar dos netos e viajar com o marido pelo mundo, a poesia da vida e do significado de ser mulher. Pois dificilmente vi minha mãe chorar ou lamentar por algo, ela vive, ela ousa, ela tem sua sexualidade e sua vaidade, mas nada que seja padronizado. Minha mãe é de fato a quem eu dedico todo meu trabalho.

Coloco-me também como personagem do meu trabalho, tanto em livro como em vídeo. Sendo este Êxodo um componente de mim aonde me extendo aos outros de forma tão visceral. Minha condição de me aceitar me levou a tudo isso e não quis retirar isto de ambos produtos, alias, gostaria de que ao ser lida ou ouvida, fizesse pessoas pensar.

A edição tal como os relatos no livro tentam mesclar assuntos de mesma natureza, não ficando jogados ou sem sentido. Tento fazer isso até com os mais poéticos, cortes que do nada se direcionam a uma cena com uma música de fundo. Tento simbolizar assim a natureza do feminino e me dispo literalmente a isto.

Considerações Finais

Além de ser uma experiência profissional, embora não envolva lucro ou remuneração, e experimental em um gênero ainda não executado durante os anos letivos academicamente, fazer este documentário tal com o livro me enriqueceram não só de conhecimento e cultura, mas sobre minha própria natureza.

Enriquecimento este que gostaria de poder transmitir aos outros, transmitir a fim de gerar sensações e modificações de pensamentos. Deixando e abandonando valores que não mais nos cabe, porém, este é apenas um desejo, pois ao ver uma realidade de tanto opressão e marginalização perante e com a mulher; fica o sonho de uma mudança não que inferiorize o homem, mas que ambos os sexos, independente de suas opções sexuais, sejam tidos como humanos e não digo iguais, pois homem e mulher são diferentes, mas em uma cultura que menospreza o diferente ao invés de admirá-lo, fica uma sensação de desconforto em tal desejo, como se a expectativa nunca fosse de fato alcançada. Mas, quem sabe não estamos caminhando para isto?

Em um texto que li na internet há um tempo que infelizmente não vou me recordar à fonte, dizia que a desatualização do livro de Simone Beauvoir, *O segundo sexo*, escrito em 1949 e considerado o primeiro livro feminista, era na verdade seu maior presente, pois significava em sua desatualização uma conquista das mulheres perante sua sociedade e desse modo um caminho a qual já estamos trilhando.

Outra grande satisfação foi ler que pessoas ao escreverem seus depoimentos se emocionaram com si mesmas, aceitando melhor o fato depois de colocarem no papel ou de conseguirem digerir melhor aquela emoção que mesmo trazendo lágrimas na escrita, mas que puderam se confrontar com algo que estava guardado.

Embora o tempo que tive foi curto e o tema longo demais para se trabalhar em cinco meses. Espero ter realizado um trabalho decente dentro do que me foi permitido e de fato merecer um diploma de radialista por mérito próprio e conseguir colocar a paixão que desenvolvi neste percurso diante das linguagens que utilizei para construir meus presentes trabalhos.

Referência Bibliográficas para elaboração desse relatório

BAKHTIN, Mikail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LABAKI, Amir. *É tudo verdade – Reflexões sobre a cultura do documentário*, São Paulo: Francis, 2005.

LINS, Consuello e Cláudia Mesquita. *Filmar o Real*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LINS, Consuello. *Do real à verdade da filmagem: o cinema de Jean Rouch*. O Globo - Caderno Prosa e Verso, Rio de Janeiro, p. 3 - 3, 11 jul. 2009.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós produção*. São Paulo: Papirus, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal...o que é mesmo documentário?*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2008.

REIUX, Bernardo. Michael Foucault. O corpo, lugar de utopias. 2009
<http://www.oestrangeiro.net/michel-foucault/140-michel-foucault-o-corpo-lugar-de-utopias> >
Acessado em 27 de janeiro de 2014.

Referência bibliográfica para a elaboração do livro

ABRANTES, Adriana Aparecida. Um conto de fadas contemporâneo: a comédia romântica. UFJF, 2004 > Acesso em 20 de janeiro de 2014.

ANDRADE, Maria Isabel de matos. A monstruosidade de Lilith. Mestrado. 2010 > Acessado em 6 de Outubro de 2013.

BARROCAS, Ricardo L. L. Investigação epistemológica da homossexualidade feminina na obra de Freud: Uma perspectiva lewino-bruniana. Universidade de Paris. > Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

BOFF, Leonardo e MURARO, Rose Marie. Feminino e Masculino, uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BORGES, Naranda Costa. O corpo feminino na contemporaneidade: Entre ausências e Afetos, lapso ou refúgio?. Artigo. III Encontro de estudo em cultura baiano. 2012> Acessado em 20 de janeiro de 2014.

BUENO, Eric Allen. O nu e o sensual feminino registrado nas fotorreportagens da revista “o cruzeiro” (1966-1970). > Acessado em 20 de janeiro de 2014.

BULEGON, Bruna Marins e at. A contribuição do MASS Communication Reserach para as teorias das relações públicas. XXXII Congresso Brasileiro de ciências da Comunicação – Curitiba, 2009. > Acessado em 5 de Dezembro de 2013.

CAMPBELL, Joseph. O Voo dos pássaros selvagens. Ensaio sobre a universalidade dos mitos. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos. 1997

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, Cristianismo e poder. Artigo de doutorado. <http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a05.pdf> > 17 de Outubro de 2013.

DANTAS, Paulo Sanos. Amor e pider: aws relações afetivas entre homens e mulheres ativistas negros/as. 2012 > Acessado em 14 de Novembro de 2013.

DE BEAUVOIR, Simone. O segundo Sexo. V 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. Trajetória da Vênus: leituras do corpo feminino na arte, do classicismo à biopaisagem, de Ladjane bandeira. 2009 > Acessado em 18 de Novembro de 2013.

FOUCAULT, Michael. Isto não é um cachimbo. Tradução Jorge Coli. 5ª Edição. Rio de janeiro. Paz e Terra, 1988.

GENESEIS. <http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3> > Acessado em 17 de Outubro de 2013
HADDAD, Gisela. Amor e fidelidade. Belo Horizonte. Casa dos psicologo. 2009

GOMES, Antonio Maspoli de Araujo e ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff. O Mito Lilith e a integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. Âncora, revista digital de estudo em religião. 2007 > Acesso em 20 de Setembo de 2013.

GOMES, Manoel William Ferreira. Gênero: machismo e submissão. Ciências Humanas em Revista, v.6, n.1, São Luis/MA, 2008. > acessado em 5 de Outubro de 2013.

GOZZO, Thais de oliveira e at. Sexualidade Feminina: Compreendendo seu significado. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 84-90, julho 2000.> Acesso 15 de Outubro de 2013.

HELLERN, Victor e at. O Livro das Religiões. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo. Cia das Letras, 2000.

JUSTO, José Sterza. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 17 - nº 1, p. 61-77, Jan./Jun. 2005 > acesso 26 de Outubro de 2013.

KOCHAMAN, Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. Revistas de estudo da religião. http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf > Acessado em 3 de Outubro de 2013.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. As várias faces da mulher no Medievo. Artigo. 2013 > Acessado em 12 de Dezembro de 2013.

LIMA, Cecília A.R. A Comédia romântica em Hollywood: o gosto da “água com açúcar”. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. 2012 > Acessado em 20 de Janeiro de 2014.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa; TEIXEIRA, Igor Salomão. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.113-126, jun. 2008 > Acesso 12 de janeiro de 2014.

MACEDO, Goiacira Nascimento Segurado. A Construção de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional. Tese de mestrado em psicologia social. Goias. 2003 > Acessado em 20 de Outubro de 2013.

MARINHO, Jorge. Agressão psicológica através dos Mass Média – Crime público. Faculdade de Letras Da Universidade do Porto. > Acesso em 4 de Novembro de 2014.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. O corpo feminino em debate. São Paulo: ED da UNESP, 2003. 222p

MELO, Rita. Intimidade e desgostos no amor. 2004 > acesso 30 de Agosto de 2013.

MOTTA, Alda Britto da, SARDENBERG, Cecília e GOMES, Márcia. (orgs.) Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador, NEIM, 2000.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no cristianismo. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade . 2004 > Acessado em 30 de agosto de 2013.

OLIVEIRA, Paula Barbosa. A Mulher atual e a representação da maternidade. Mestrado. Universidade Católica de Pernambuco, 2007. > Acessado em 23 de Dezembro de 2013.

PAGLIA, Camille. Sexo, arte e cultura americana. Tradução Marcos santarrita – São Paulo: Companhia das letras, 1993.

RAMOS, Maria Bernadette. O Mito de Adão e Eva revisitado: acerca do masculino e do feminino na cultura da nação. Artigo foi publicado inicialmente em Faces de Eva. Estudos sobre a mulher. Lisboa. 202 > Acessado em 20 de setembro de 2013

ROBLES, Martha. Mulheres Mitos e Deusas. São Paulo, 2006.

<http://www.passeidireto.com/arquivo/981121/robles--martha-mulheres--mitos-e-deusas-sao-paulo-alef--20/8> > Acesso em 6 de Outubro de 2013.

RODRIGUEZ, Cátia Cilene Lima. Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo. Tese de doutorado em Psicologia Social da Religião. PUC/SP. 2006
http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST/Revistas_EST/III_Congresso_Et_Cid/Comunicacao/Gt06/Catia_Cilene.pdf > Acessado em 3 de Outubro de 2013.

SANTOS, Elder C e at. Gravidez na adolescência: Análise contextual de risco e proteção. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 1, p. 73-85, jan./mar. 2010 > Acessado em 13 de janeiro de 2014.

SANTOS, Georgia M. de Castro. A Roupas, a moda e a mulher na Europa Ocidental Medieval. Reflexo da opressão sofrida pela mulher na Idade Média (século XI-XV). Mestrado. Brasília. 2006 > Acessado em 4 de janeiro de 2014.

SANTOS, Josey F. dois; VELOSO, Maria do Socorro F. Espelho, espelho meu: uma leitura do feminino midiático através do corpo Drag. XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010 > acessado em 20 de dezembro de 2013.

SANTOS, Tania Coelho dos; SARTORI, Ana Paula. Loucas de amor! Neuroses Narcísicas, melancolia e Eroomania Feminina. Tempo psicanalítico, Rio de janeiro, v.39, p.13-33, 2007. > Acessado em 7 de Setembro de 2013.

SOUZA-FILHO, Alípio de. Mito e Ideologia. Artigo acadêmico. 2006. > Acessado em 6 de Outubro de 2013.

SCHMIDT, Joessane de Freitas. As mulheres na Revolução Francesa. Revista Thema. 2012 > Acessado em 20 de Outubro de 2013.

SICUTERI, Roberto. Lilith: A Lua Negra. São Paulo; Paz e Terra, 1998.

SIMIONATO, Mariene A. Wischral; OLIVEIRA, Raquel Gusmão. Funções e transformações da família ao longo da história. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia – ABPppr – nov./2003. > Acessado em 15 de janeiro de 2014.

THOMAZ, Ana Claire Pimenteira e at. Relações afeivas entre mães e recém-nascidos a termo e pré-termo variáveis sociais e perinatais. *Estudos de Psicologia* 2005, 10(1), 139-146 > Acessado em 30 de Novembro de 2013.

TORRES, Anália Cardoso. Aumento do divórcio, Mudanças na Família e Transformações sociais. Câmara Municipal de cascais, 1999, Vol. 4, PP. 71 a 94.

WHITMONT, Edward C. A Busca do Símbolo - Conceitos Básicos de Psicologia Analítica. São Paulo; Cultrix, 1969.

ANEXOS

ANEXO 1– Termo de Autorização por uso de imagem.

EU, MARCOS PAULO LUIZ (nome completo), nascida (o) em 4.05.91
DE R.G de nº 10.464.543-7. Declaro que autorizo minha participação no TCC
(trabalho de Conclusão de Curso) de3nominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir" de
Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a
janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com
vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e
fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei estSa
participação.



Assinatura do declarante

25.02.14

Data da declaração

EU, Cássia O Carducci Fray (nome completo), nascida (o) em 28/01/1991

DE R.G de nº 47.327.078-X. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) de3nominado "ÊXODO, a mulher no processo de partiri" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei est5a

participação.

Cássia O Carducci Fray.

Assinatura do declarante

25/02/2014

Data da declaração

EU, Juliana Bestaro Garcia, nascida (o) em 19/10/88. DE R.G de nº

45.958.384 - 2. Declaro que autorizo minha participação no TCC (trabalho de

Conclusão de Curso) denominado "EXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula de

Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de

2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com vontade própria

seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda

materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta participação.



Assinatura do declarante

35 / 02 / 2014

Data da declaração

Autorização

EU, PAULA INFANTE CARDOSO, nascida em 16 /05 /1969, de R.G de nº 17.966.571-6,

declaro que autorizo minha participação no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

denominado “ÊXODO, a mulher no processo de partir!” de Ana Paula de Miranda Benini,

portadora do R.G 29.613.940-3, elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014 e defendido

no dia 21/02/2014. Declaro também que participei por vontade própria, seja relatando minha

história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza,

declarando assim que participei e autorizei esta participação.

A handwritten signature in cursive script, reading "Paula Infante Cardoso", is written over a horizontal line.

Assinatura do declarante

13 / 03 / 2014

Data da declaração

Eu, Poliana Maria Sachertt Mendes, nascida em 02/08/86. De R.G de nº 8.906.765.0. Declaro que autorizo minha participação no TCC (trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta participação.

Poliana M Sachertt Mendes

Assinatura do declarante

26 / 02 / 2014

Data da declaração

Eu, Amanda de Oliveira Mel (nome completo), nascida (o) em 27/07/1990
DE R.G de nº 15 328 597. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de
Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a
janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com
vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e
fotos, ou ainda materiais de outra natureza ou permiti ser citado com meu nome real.

Declarando assim que participei e autorizei esta participação.



Assinatura do declarante

13/03/14

Data da declaração

Eu, Roberta dos Santos Nunes, nascida (o) em 16/04/1983. DE R.G de nº 20077073-3.

Declaro que autorizo minha participação no TCC (trabalho de Conclusão de Curso)

denominado “ÊXODO, a mulher no processo de partir!” de Ana Paula de Miranda Benini.

Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido

no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com vontade própria seja relatando

minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra

natureza ou permiti ser citado com meu nome real. Declarando assim que participei e

autorizei esta participação.



Assinatura do declarante

11 / 03 / 2014

Data da declaração

Eu, Maria do Rosário Castanheira Alexandre Pinheiro da Silva, nascida (o) em 07/10/1988. DE R.G de nº 13373974. Declaro que autorizo minha participação no TCC (trabalho de Conclusão de Curso) denominado “ÊXODO, a mulher no processo de partir!” de Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza ou permiti ser citado com meu nome real. Declarando assim que participei e autorizei esta participação.



Assinatura do declarante

11 / 03 / 2014

Data da declaração

EU, Tatiana Manfrini Garcia, nascida (o) em 16/02/1982. DE R.G de nº 34.532.716-0. Declaro que autorizo minha participação no TCC (trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014.

Assim como declaro que participei com vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza.

Declarando assim que participei e autorizei esta participação.

Tatiana Manfrini Garcia

Assinatura do declarante

16/03/14

Data da declaração

EU, Cordelia AM Benini (nome completo), nascida (o) em 05/10/79

DE R.G de nº 29.613.941-5. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.



Assinatura do declarante

___/___/___

Data da declaração

EU, Cristina MM Benini (nome completo), nascida (o) em 05/10/79

DE R.G de nº 29.613.941-5. Declaro que autorizo a participação no TCC (trabalho

de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula

de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3, em que aparece minha filha -

Breton Benini Moscardini e meu filho
Bruno Benini Moscardini (nomes completos).

Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como

declaro que participei com vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais

tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que

participei e autorizei esta participação.



Assinatura do declarante ____/____/____ Data da declaração

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Bruna Roncari, nascida em 07/07/1987, portadora do R.G de nº 44219775-5, declaro que autorizo minha participação, permitindo ser citada com meu nome real ou com meu pseudônimo, Guiga Maria, e elaborando texto para integrar o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Declaro ainda que participei por vontade própria e que autorizo a veiculação destes materiais no trabalho citado.

Bauru 16 de março de 2014



Bruna Roncari

Eu, GUILLERME AUGUSTO NUÑEZ (nome completo), nascida (o) em 09/05/92

DE R.G de nº 43140594-X. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza ou permiti ser citado com meu nome real.

Declarando assim que participei e autorizei esta participação.



Assinatura do declarante

27/02/14

Data da declaração

EU, Ana Carolina da Costa Moraes (nome completo), nascida (o) em 28/06/1985

DE R.G de nº 43.577.331-8. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.



Assinatura do declarante

08/03/14

Data da declaração

Eu, Ana Gizelia Vieira Brito, nascida a 20/10/1963, RG nº 654 337 SSP/DF, declaro que autorizo a minha participação no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula de Miranda Benini, portadora do RG 29.613.940-3, elaborado de agosto de 2013 a janeiro de 2014 e defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com vontade própria, seja relatando a minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta participação.



Portugal, 25/02/2014

EU, Maria Helena Miranda Benini (nome completo), nascida (o) em 5/6/46

DE R.G de nº 4155957-5. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.

Maria Helena Benini

Assinatura do declarante

4 / 3 / 2014

Data da declaração

eu, ALCIA Beatrice Gomes de Medeiros nascida em 02/05/1988. De R.G de nº 43143422-0.

Declaro que autorizo minha participação no TCC (trabalho de Conclusão de Curso)

denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula de Miranda Benini.

Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no

dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com vontade própria seja relatando minha

história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza.

Declarando assim que participei e autorizei esta participação.

Alcia Beatrice Gomes de Medeiros

Assinatura do declarante

12 / 03 / 2014

Data da declaração

EU, Gláucia da Silva Moura (nome completo), nascida (o) em 04/07/95.

DE R.G de nº 46.126.134-0. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

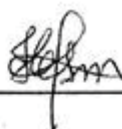
Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.



Assinatura do declarante

04/03/14.

Data da declaração

EU, Ângela Darcil de Miranda Benini (nome completo), nascida (o) em 25/06/69.

DE R.G de nº 20.279.784. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.

Ângela Benini

Assinatura do declarante

04/03/2014

Data da declaração

AUTORIZAÇÃO

Eu, Pedro Grehs Leite, nascido em 07/05/1983. DE R.G de nº 2040810257. Declaro que autorizo minha participação no TCC (trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza ou permiti ser citado com meu nome real. Declarando assim que participei e autorizei esta participação.

A handwritten signature in black ink, reading "Pedro Grehs Leite", is written over a horizontal line.

Assinatura do declarante

17/03/2014

Eu, Priscila de Castro Faria, nascida (o)

em 14/09/87 DE R.G de nº 43.550.753-9. Declaro que autorizo minha

participação no TCC (trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no

processo de partir!" de Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3.

Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como

declaro autorizei a utilização das músicas da banda Winteryard como trilha sonora do

documentário produto desse Trabalho de conclusão de curso. Banda esta que sou vocalista.

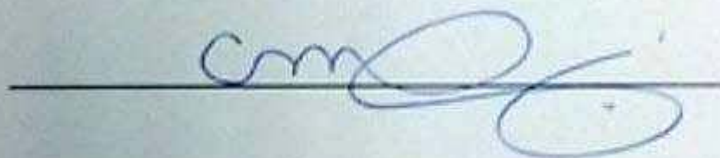


Assinatura do declarante

11 / 03 / 2014

Data da declaração

Eu, CRISTINA MARIA ROLIM DÉVAI (nome completo), nascida (o) em 16/05/1965, R.G de nº 17.859.429-5. Declaro que autorizo minha participação no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) de3nominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei est5a participação.

A handwritten signature in blue ink, consisting of stylized cursive letters, is written over a horizontal line.

Assinatura do declarante

20/03/2014

Data da declaração

pEU, MARJORY KUMABE (nome completo), nascida (o) em 30/03/72.

DE R.G de nº 39264657-6. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) de3nominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei est5a

participação.



Assinatura do declarante

25 / 03 / 2014

Data da declaração

EU, Katia R. B. Azean (nome completo), nascida (o) em 02/07/63

DE R.G de nº 11934957-7. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.



Assinatura do declarante

21 / 03 / 2014

Data da declaração

EU, SIMONE DREHER (nome completo), nascida (o) em 11/02/63

DE R.G de nº 37752771-3. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.



Assinatura do declarante

21 / 03 / 2014

Data da declaração

EU, ZUMA OSÓRIO (nome completo), nascida (o) em 02/09/51.

DE R.G de nº 5.504895. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

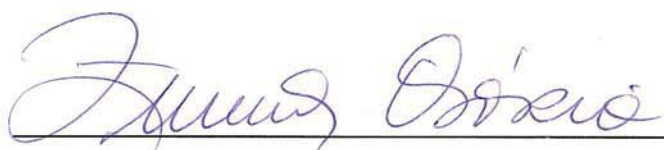
Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.



Assinatura do declarante

21 / 03 / 2014

Data da declaração

EU, Aline Massom Koçaka (nome completo), nascida (o) em 11/04/86

DE R.G de nº 34.530.853-0. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

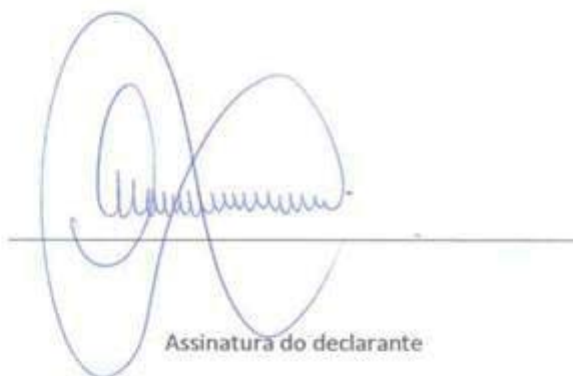
Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.



Assinatura do declarante

21/03/14

Data da declaração

EU, Juliana Marlene Kofaka (nome completo), nascida (o) em 28/05/88.

DE R.G de nº 39.530.852-9. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.



Assinatura do declarante

21/03/14

Data da declaração

EU, Maíra Henriques Dos Santos (nome completo), nascida (o) em 20/09/1991

DE R.G de nº 35.949.072-4. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) de3nominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei est5a

participação.

Maíra Henriques Dos Santos

Assinatura do declarante

03/04/14

Data da declaração

EU, Gabriela Moreira Miranda (nome completo), nascida (o) em 05/11/85

DE R.G de nº 41.603.864-5. Declaro que autorizo minha participação no TCC

(trabalho de Conclusão de Curso) denominado "ÊXODO, a mulher no processo de partir!" de

Ana Paula de Miranda Benini. Portadora do R.G 29.613.940-3. Elaborado de Agosto de 2013 a

janeiro de 2014. Defendido no dia 21/02/2014. Assim como declaro que participei com

vontade própria seja relatando minha história, cedendo materiais tais como ilustrações e

fotos, ou ainda materiais de outra natureza. Declarando assim que participei e autorizei esta

participação.

Gabriela M. Miranda

Assinatura do declarante

04 / 04 / 14

Data da declaração

Conversa com Cecília Paredes:

• Conversa iniciada - 21 de outubro de 2013

Ana Paula Benini

Olá, Cecilia Paredes Me chamo Ana Paula Benini, sou brasileira e estou escrevendo um livro sobre as mulheres, tentando acoplar informações sobre nosso universo e sentimentos, analisando teorias e tudo que estiver ao meu alcance. Há alguns dias me deparei com seu trabalho na internet e fiquei encantada com tamanha sensibilidade e acho que essa sensibilidade é algo da mulher de se fundir ao lugar, se misturar. Gostaria de citá-la em meu trabalho, você, suas obras e fazer essa análise de sensibilidade feminina com o lugar em que vive. Mas para isso preciso de sua permissão, permissão essa que me deixaria muito feliz, até mesmo porque quero citar mulheres do mundo todo e não só do Brasil. Espero respostas, Grata Ana Paula Benini

Ana Paula Benini

Hola, Cecilia Paredes Mi nombre es Ana Paula Benini, soy brasileña y estoy escribiendo un libro acerca de las mujeres, tratando de reunir información acerca de nuestro universo y sentimientos, analizando las teorías y todo lo que está a mi alcance. Hace unos días me encontré con su trabajo en el Internet y me quedé impresionado con tanta sensibilidad y sensibilidad supongo que esto es algo que una mujer diera el lugar para reunirse. Me gustaría citar en mi trabajo, usted, su trabajo y hacer que el análisis de sensibilidad femenina en el lugar donde vive. Pero para eso necesito su permiso, este permiso me haría muy feliz, ya que incluso las mujeres quieren citar a todo el mundo y no sólo en Brasil. Espero respuestas Grata Ana Paula Benini

Cecilia Paredes

Porsupuesto Paula, encantada de colaborar con usted, a quien tamb veo como una persona sensible.

Ana Paula Benini

Gracias, Cecilia, estoy aún emocionado por su permiso. le enviaremos una copia tan lista

Cecilia Paredes

Copia de q, de su libro? Va a ser virtual o fisico?

Ana Paula Benini

Voy a ofrecer el lugar de mi proyecto, que por desgracia está en portugués, pero quiero ver el cambio en la física.

Cecilia Paredes

Ana Paula, no te entendi si gustas me lo dices en portugues

Ana Paula Benini

Estoy poniendo en el traductor de google para entender

este es el sitio de mi proyecto

<http://exodoemtcc.wix.com/exodo>

es en portugués

Cecilia Paredes

No hay problema

Ana Paula Benini

Puedo poner su nombre en el sitio web de mi proyecto? y una imagen de su trabajo?

Cecilia Paredes

Aun no lo veo solo hay una pagina en su web?

Ana Paula Benini

hay varias páginas que hablan de lo que es y mi propuesta. Y hay una página que se está haciendo, los empleados que ayudan a los dibujos.

Pensé en poner su nombre y decir que me permitió usar una foto de su trabajo y tener un enlace a una página de ella.

Conversa com Paulo Amaro:**Ana Paula Benini**

Olá Paulo, estou escrevendo um livro sobre o universo feminino e em um dos capítulos é sobre a representação do corpo. Vi seus desenhos na internet e adorei como você representa o corpo feminino, sem muita ilusão de padrões de beleza e gostaria, se você me permitisse de citá-lo em meu livro. O que acha?

Ana Paula Benini

meu livro é um produto do meu tcc, faço rádio e tv na unesp de bauru, interior de sp

Ana Paula Benini

este é o site do meu projeto: <http://exodoemtcc.wix.com/exodo>

exodo

exodoemtcc.wix.com

• 22 de outubro de 2013

Paulo Amaro

Oi Ana! Isso seria uma honra! Vou dar uma olhadinha no site sim. E se você quiser saber mais sobre minhas ilustrações, fique a vontade,!

• 22 de outubro de 2013

Ana Paula Benini

Obrigada, vou sim, vou pesquisar aqui e definir e já falo com vc. E Obrigada

Conversa com Chico Shiko:

• Conversa iniciada - 26 de novembro de 2013

Ana Paula Benini

Chico, estou completamente apaixonada pelo seu trabalho e queria lhe pedir autorização de uma de suas ilustrações em meu projeto de conclusão de curso, que tenho a intenção de transformar em um livro. Queria falar sobre isso, vc acha q é possível? abraços

• 26 de novembro de 2013

Chico Shiko

Tranquilíssimo.

Autorizações que não foram possíveis serem assinadas e feitas por declaração da própria pessoa:

Eu, Lilian Fernanda Larranhaga, nascida em 05/04/1984, na cidade de Maringá, Paraná, portadora do RG: 89525390 e do CPF: 048659909-41, declaro que autorizei Ana Paula Benini, portadora do RG: 29613940-3 e CPF: 315724978-90, o uso de minha imagem para o subcapítulo "Doce Vintage" do livro "Êxodo, a mulher no processo de partir", em 03 de Abril de 2014.

Eu Cristiane Carvalho de Oliveira, portadora do RG: 43.672.572-1 e CPF: 339.319.668-52, residente na Rua: Guadalajara nº 61, Jardim Guanabara, Jundiaí -SP, eu autorizo Ana paula de Miranda Benini rg 29.613.940-3, cpf 315.724.978-90, residente na Rua Claudio sebastião ferreira 2-58, bauru-sp a utilizar minha imagem e declaração sobre minha gravidez no documentário Êxodo, a mulher no processo de partir 04/04/2014.

Eu, Naila Porcina de Souza Freitas, nascida em 24/04/1994, na cidade de Nova Andradina, Mato Grosso do Sul, portadora do RG:12.873.803-7 e do CPF: 089.000.749-70, declaro que autorizei Ana Paula Benini, portadora do RG: 29613940-3 e CPF: 315724978-90, o uso de minha imagem para o subcapítulo "---" do livro "Êxodo, a mulher no processo de partir", em 03 de Abril de 2014.

ANEXO 2 – Perguntas feitas às modelos fotográficas que pousaram nuas:

- Como é fazer um nu artístico?
- O que você considera o nu e os conceitos que há nele da mulher em uma sociedade machista?
- Qual sua relação com seu corpo? E mudou essa relação após o nu?
- Sua idade e profissão:
- Autoriza a publicação desse relato para o livro ÊXODO, a mulher no processo de partir?
- Quer sua identidade em anonimato ou não?

*Acrescimo de uma pergunta para Poliana:

- Gostaria de saber se depois do nu você tem outra percepção de beleza a não ser a padronizada de mídia e como vc ve essa padronização?

ANEXO 3 – Questionário feito ao fotografo Marckos Paulo.

Questionário Marckos

- Com quantos anos começou a fotografar? E profissionalmente?
- Como é tirar o nu artístico, no processo fotográfico e o trabalho com a modelo?
- Quais fatores de composição de luz e corpo que são importantes para sua fotografia?
- Quais conceitos você acha que estão embutidos no nu artístico e que recado você gostaria de passar?

ANEXO 4 – Pergunta sobre amor

- Foram perguntados para seis homens e seis mulheres de diferentes idades qual era sua concepção de amor entre duas pessoas e não o amor fraterno e se aceitaria ou perdoaria uma traição.

ANEXO 5 – Tira de Roberta Nunes

Culto ao "Não Objeto".



"Isto não é um cachimbo"
Assim escreveu René Magritte
em sua mais famosa obra;
A traição das Imagens -
delimitando o que é arte
e o que é REPRESENTAÇÃO.
Mandou bem.



Em 1917, Marcel Duchamp, com certo
humor crítico, "revolucionou" a
arte; A Fonte, o seu mais notório
Ready Made demonstrou o valor e
beleza artísticos em objetos
cotidianos, prenunciando assim o
que viria a ser chamada de Arte
Conceitual. Genial né.

(Embora muitos ainda hoje,
considerem puro arbitrarismo.
Pseudos Colunistas da Veja,
por exemplo).



Quanto Duchamps e Magrittes são
ainda necessários para que, em
pleno século XXI, não haja
coisificação da beleza, tanto
em esfera artística quanto
sociais (resquício de um
machismo endêmico aliado a um
pensamento estritamente mercantil;
aquele lance de livre mercado, e tal)

Ainda não sacaram que é não é só um
corpo que representa a mulher - e nem
é só um tipo de corpo que também a
representa.

Valorizados ou valorados, tanto faz:
não se trata de objetos.

ANEXO 6 – Introdução do livro

INTRODUÇÃO

Escrever sobre a mulher não é uma tarefa fácil, mas fazê-lo seria uma ação complementar e essencial a tudo que estava disposta a pesquisar e englobar como tema de um trabalho acadêmico. O objeto de estudo a qual me coloquei a investigar não se definia mais e apenas em “decepção amorosa” ou “amor romântico” como me propus a priori, mas sim nas sensações e vivências desse ser psíquico-social que recebe o Gênero feminino e tem tratamento distinto como tal por se ver culturalmente encaixado em ser sim uma mulher, pois falar de “decepção amorosa” ou “amor romântico” me fez ver que estes fatos não ocorrem isolados e nem podem ser separados do universo ao qual agora me proponho analisar, por isso saio da investigação inicial para abordar “as mulheres” como meu tema central.

Mas o que é ser uma mulher? Ou melhor, o que ser mulher pode ser e significar? O peso psíquico social e moral de um termo provindo de um vocabulário, o peso social e seus ramos de significação e atuação? Há uma resposta pronta para essa questão milenar? Para mim, esta resposta vai muito além de uma definição Aureliana como “pessoa do sexo feminino”. Pois, eu, como indivíduo social, com atributos e características que me fazem ser uma mulher, desde meu órgão genital até minhas características físicas e psicológicas, sei como uma delas que ser mulher engloba sensações, sentimentos, angústias, felicidades, frustrações, entre tantas coisas que definir e descrever o que é ser de fato uma mulher, não cabe somente a mim e não tenho a pretensão de fazê-lo sozinha.

Para escrever este livro, convidei várias mulheres que contribuirão para um maior esclarecimento dessa questão e que de certa forma ilustrarão o que vem a ser mulher, não com a prepotência de ser maior ou superior a qualquer pessoa ou gênero, mas a fim de esclarecer que ser mulher é muito além de uma frase tentando especificá-la como um objeto plausível e concreto que se pode tocar ou mensurar. Não, ser mulher é muito além, não cabe em uma palavra ou em uma imagem, é complexo e mutável, é uma fonte de combustão ainda quente a qual a gente não vê, mas apenas sente. E sentir como mulher é ser mulher.

Essa busca da significação feminina em seu tempo - e tempos no plural, pois são muitos os já analisados e de certa forma pesquisados ao decorrer da história - é uma tática de não apenas abordar um tema com qual tenho familiaridade por ser uma mulher. Na verdade é o buscar e o analisar junto com outros pesquisadores e escritores uma busca por mim mesma, da minha natureza não somente sexual, mas buscar a condição em que as mulheres (e isto me

inclui) têm sido colocadas em suas sociedades e culturas (mas especificamente no mundo ocidental). O modo como fomos “paridas” e recebidas, os braços apertados e fechados de quem nos recebem. Questionar e me achar, não idolatrando a cicatriz do umbigo, mas sim o investigando, afinal, aonde ela vai acabar? É preciso desatar esse nó central e ao tentar fazer isso, percebi que cada nó desfeito causava um efeito dominó a nível intelectual, ao qual se não desatado, continuaria a ser um fado pesado, talvez nunca questionado, mas sentido e vivenciado no dia a dia e na rotina de “se usar um salto alto”. Coragem! Lixei as unhas e me propus a desfazer esse laço apertado e acomodado no espartilho de uma francesa do século XVIII. Receio! Mesmo com medo da fogueira que se acende às mulheres pagãs e intuitivas, peguei aquele livro sagrado e o questionei. Conhecimento! O questionamento e a busca de respostas é tal como a chave de um cadeado enferrujado, cadeado este que nos prende em uma cela mental, pois, ousa afirmar que as próprias mulheres castram a si mesmas ignorando sua complexa natureza!

Muito já foi dito e escrito sobre o tema, talvez nada de novo lhes apresente, ou talvez lhes surpreenda como eu me surpreendi, pois no auge dos meus 30 anos me considerava alguém sábia, de grande carga cultural, artística, acadêmica e cheia de aprendizagens que só aprendemos com a vida. Assim como a gente sempre se autodenomina sábio sem ser de fato. Sim, eu achava que sabia muito, mas ao começar a ler e me entreter em cada tese, artigo, mestrado, livro, poesia... Levei um susto e vi que nada sabia (ou reconheci apenas), nem mesmo sobre minha condição feminina. Não que não me enxergasse como mulher, mas é algo tão além de nós que parece ter sido escondido para que não víssemos a força do que isso realmente representa: ser mulher ou o que uma mulher realmente possa a vir ser. Então, ademais do cotidiano e da saia que visto, do sexo que pratico, está incorporado a nós este fado, um legado feminil e amargo que tem sim se modificado, não nego que paramos de estar estacionados; mas são os engatinhar de uma criança que ainda se prepara para aprender a andar e considero toda essa pesquisa e meu tempo dedicado a escrever e ler os preparos do meu próprio aprendizado e por que não compartilhá-lo? Pensei!

Vide que o assunto tem várias abordagens, trago aqui a mim mesma como novidade, minha história, minhas tragédias amorosas e tão interligadas ao meu não saber quase nada sobre mim mesma e meu desespero por inconseqüentemente sair correndo como um touro furioso, cabeceando as paredes, as muralhas e os outros. Porém cansada da trajetória, parei e resolvi descansar, respirar, estudar, mergulhar de cabeça em mim e não em outra pessoa, em mais um relacionamento que não daria certo e iniciei uma relação que viria a ser amorosa comigo ao iniciar um aprofundamento a tudo que se refere ao mundo feminino, desde formas,

desenhos, análises e conversas curtas e longas, com homens de saia e/ou mulheres de toucas. Conversas, escutas, admiração e sustos. Iniciei uma trajetória intelectual e emocional ao qual dada à partida não se pode mais voltar ao estado inicial. É como em física, um corpo que é modificado jamais será o mesmo e o mesmo ocorre com a mente. Visto isso mergulhei sim, tapei a boca e o nariz e mergulhei na relação mais promissora de minha vida, a do autoconhecimento.

Conhecer a si mesmo não é um ato egocêntrico, aliás, eu diria que é preciso abandonar o lago de Narciso e caminhar por uma mata muito mais ampla que vem a ser os outros. Somos seres sociais, sempre se confundindo e se esbarrando com corpos e sentimentos. Conhecer-se por excelência é conhecer o seu mundo além da aparência. Assim sendo, minha história não é só minha e jamais seria. É história de muitas, são dores e alegrias de perdas e reconhecimentos feitos e associados com o tempo, cruel ou não, não somos “nem vítima e nem culpado, como todo mundo”¹.

Li, pesquisei, questionei, me informei, revive, imaginei, senti. Apaixonei-me pela história, pelas garras de Simone de Beauvoir, pelas linhas de quem experimentou ousar, sexy e trancafiada pelo mundo sado masoquista em que a mulher era o objeto de ostentação (era?), História de “O”. Guido Crepax e sua Valentina. Nísia Floresta na America Latina, ou melhor, no Brasil, “traduzindo” e reescrevendo as linhas de pensamento da inglesa Mary Wollstonecraft com seu ponto de vista em meio a Floresta Amazônica...

Tantos personagens e personalidades, tecendo e cosendo aqui um novo parágrafo já escrito e já comentado, em uma compilação feita por mim, juntando fatos como quem costura uma grande colcha de retalhos ao mesclar narrativas de outras mulheres, seus desejos, sonhos, momentos e acima de tudo seus sentimentos. O hoje, o antes, o agora e o passado, para escrever de fato o futuro, juntas e não isoladas meramente bordando panos de pratos e medindo cinturas, mas questionando fatos e acúmulo de sobrecarga e não de gordura.

Ouso e me atrevo tentar escrever sobre o que já foi escrito, sobre o que já foi dito, os ruídos de sons tão abafados de mordanças tão apertadas, elas estão se soltando, uma a uma naquela longa fileira de queima às bruxas. Quero sim desfazer aquele nó e em um resumo único, breve, atencioso e ambicioso de dar voz não à mulher, mas às mulheres e seu direito de querer ou não ser tal como a sociedade pede, mas, primeiramente, temos que saber: o que ela pede e como? Você sabe? O que você quer ser e é? Este resumo, uma compilação cheia de

¹ Sartre.

hormônios e progesterona, tenta dar essa resposta, não especifica a cada mulher, mas de uma forma subliminar que a faça pensar.

Convido, junto com muitos teóricos em citações enfáticas, a descobrir, a pensar e em um ato de adquirir o conhecimento, morder uma maçã que está ali no galho perto da escultura feita por Camille Claudel, antes de ela enlouquecer claro, mas aquela maçã que talvez nos expulse de um paraíso calmo, mas que nos dê olhos para enxergar e compreender que estamos sempre nus fingindo estar vestidos, camuflando nossos instintos ou supervalorizando um apenas, aquele que deixa a cicatriz do umbigo.

Êxodo

A mulher no processo de partir!



ÍNDICE

Introdução	4
Capítulo 1: A Invenção da Mulher	10
1.1 De Eva à Maria	19
1.2 A sombria imagem de Lilith	38
Primeiro Relato: O abuso infantil deve ser exterminado!	48
Relatos Seguintes: A mulher e suas sexualidades!	57
De Evas e Marias – Uma tentativa da compreensão da presença da mulher na literatura brasileira.	77
Capítulo 2: O Silêncio do Corpo Feminino	79
2.1 A representação do corpo feminino na arte	82
Roupa de Menina	89
No guarda roupa de Alicia	92
O sutiã de cone da Madonna	104
Doce Vintage	110
2.2 O estereótipo da beleza e do corpo	115
2.3 A representação do corpo feminino na publicidade	120
As gardênias de Paulo Amaro	128
A nudez feminina – Um ensaio de Marckos Paulo	133
Capítulo 3: O Grito da Mente Feminina	150
3.1 Maria, a mãe de todos os filhos – relatos sobre a maternidade	157
3.2 O Desejo e a fantasia.	173
O comprido mágico	175
Série de fantasias – pequenas ilustrações	190

Capítulo 4: O Amor Romântico e a Espera por Ele	196
4.1 O que é esse tal de amor romântico?	197
4.2 A Mass Communication gerando estereótipos	213
4.3 O Gênero ficcional chamado comédia romântica	219
As ilustrações de Amanda Mol e os contos de fada	229
Não és tu, sou eu – de Rosário Pinheiro	240
4.4 Três filmes e uma só alegoria: o feminino	267
 Capítulo 5: O ÊXODO!	 278
O meu êxodo	283
Por de trás de todos aqueles copos	285
Por de trás de toda aquela sede	292
A conversa com Guiga	299
Considerações finais, Guiga fala	300

INTRODUÇÃO

Escrever sobre a mulher não é uma tarefa fácil, mas fazê-lo seria uma ação complementar e essencial a tudo que estava disposta a pesquisar e englobar como tema de um trabalho acadêmico. O objeto de estudo a qual me coloquei a investigar não se definia mais e apenas em “decepção amorosa” ou “amor romântico” como me propus a priori, mas sim nas sensações e vivências desse ser psíquico-social que recebe o Gênero feminino e tem tratamento distinto como tal por se ver culturalmente encaixado em ser sim uma mulher, pois falar de “decepção amorosa” ou “amor romântico” me fez ver que estes fatos não ocorrem isolados e nem podem ser separados do universo ao qual agora me proponho analisar, por isso saio da investigação inicial para abordar “as mulheres” como meu tema central.

Mas o que é ser uma mulher? Ou melhor, o que ser mulher pode ser e significar? O peso psíquico social e moral de um termo provindo de um vocabulário, o peso social e seus ramos de significação e atuação? Há uma resposta pronta para essa questão milenar? Para mim, esta resposta vai muito além de uma definição Aureliana como “pessoa do sexo feminino”. Pois, eu, como indivíduo social, com atributos e características que me fazem ser uma mulher, desde meu órgão genital até minhas características físicas e psicológicas, sei como uma delas que ser mulher engloba sensações, sentimentos, angústias, felicidades, frustrações, entre tantas coisas que definir e descrever o que é ser de fato uma mulher, não cabe somente a mim e não tenho a pretensão de fazê-lo sozinha.

Para escrever este livro, convidei várias mulheres que contribuirão para um maior esclarecimento dessa questão e que de certa forma ilustrarão o que vem a ser mulher, não com a prepotência de ser maior ou superior a qualquer pessoa ou gênero, mas a fim de esclarecer que ser mulher é muito além de uma frase tentando especificá-la como um objeto plausível e concreto que se pode tocar ou mensurar. Não, ser mulher é muito além, não cabe em uma palavra ou em uma imagem, é complexo e mutável, é uma fonte de combustão ainda

quente a qual a gente não vê, mas apenas sente. E sentir como mulher é ser mulher.

Essa busca da significação feminina em seu tempo - e tempos no plural, pois são muitos os já analisados e de certa forma pesquisados ao decorrer da história - é uma tática de não apenas abordar um tema com qual tenho familiaridade por ser uma mulher. Na verdade é o buscar e o analisar junto com outros pesquisadores e escritores uma busca por mim mesma, da minha natureza não somente sexual, mas buscar a condição em que as mulheres (e isto me inclui) têm sido colocadas em suas sociedades e culturas (mas especificamente no mundo ocidental). O modo como fomos “paridas” e recebidas, os braços apertados e fechados de quem nos recebem. Questionar e me achar, não idolatrando a cicatriz do umbigo, mas sim o investigando, afinal, aonde ela vai acabar? É preciso desatar esse nó central e ao tentar fazer isso, percebi que cada nó desfeito causava um efeito dominó a nível intelectual, ao qual se não desatado, continuaria a ser um fado pesado, talvez nunca questionado, mas sentido e vivenciado no dia a dia e na rotina de “se usar um salto alto”. Coragem! Lixei as unhas e me propus a desfazer esse laço apertado e acomodado no espartilho de uma francesa do século XVIII. Receio! Mesmo com medo da fogueira que se acende às mulheres pagãs e intuitivas, peguei aquele livro sagrado e o questionei. Conhecimento! O questionamento e a busca de respostas é tal como a chave de um cadeado enferrujado, cadeado este que nos prende em uma cela mental, pois, ousou afirmar que as próprias mulheres castram a si mesmas ignorando sua complexa natureza!

Muito já foi dito e escrito sobre o tema, talvez nada de novo lhes apresente, ou talvez lhes surpreenda como eu me surpreendi, pois no auge dos meus 30 anos me considerava alguém sábia, de grande carga cultural, artística, acadêmica e cheia de aprendizagens que só aprendemos com a vida. Assim como a gente sempre se autodenomina sábio sem ser de fato. Sim, eu achava que sabia muito, mas ao começar a ler e me entreter em cada tese, artigo, mestrado, livro, poesia... Levei um susto e vi que nada sabia (ou reconheci apenas), nem mesmo sobre minha condição feminina. Não que não me enxergasse como mulher, mas é algo tão além de nós que parece ter sido

escondido para que não víssemos a força do que isso realmente representa: ser mulher ou o que uma mulher realmente possa a vir ser. Então, ademais do cotidiano e da saia que visto, do sexo que pratico, está incorporado a nós este fado, um legado feminil e amargo que tem sim se modificado, não nego que paramos de estar estacionados; mas são os engatinhar de uma criança que ainda se prepara para aprender a andar e considero toda essa pesquisa e meu tempo dedicado a escrever e ler os preparos do meu próprio aprendizado e por que não compartilhá-lo? Pensei!

Vide que o assunto tem várias abordagens, trago aqui a mim mesma como novidade, minha história, minhas tragédias amorosas e tão interligadas ao meu não saber quase nada sobre mim mesma e meu desespero por inconseqüentemente sair correndo como um touro furioso, cabeceando as paredes, as muralhas e os outros. Porém cansada da trajetória, parei e resolvi descansar, respirar, estudar, mergulhar de cabeça em mim e não em outra pessoa, em mais um relacionamento que não daria certo e iniciei uma relação que viria a ser amorosa comigo ao iniciar um aprofundamento a tudo que se refere ao mundo feminino, desde formas, desenhos, análises e conversas curtas e longas, com homens de saia e/ou mulheres de toucas. Conversas, escutas, admiração e sustos. Iniciei uma trajetória intelectual e emocional ao qual dada à partida não se pode mais voltar ao estado inicial. É como em física, um corpo que é modificado jamais será o mesmo e o mesmo ocorre com a mente. Visto isso mergulhei sim, tapei a boca e o nariz e mergulhei na relação mais promissora de minha vida, a do autoconhecimento.

Conhecer a si mesmo não é um ato egocêntrico, aliás, eu diria que é preciso abandonar o lago de Narciso e caminhar por uma mata muito mais ampla que vem a ser os outros. Somos seres sociais, sempre se confundindo e se esbarrando com corpos e sentimentos. Conhecer-se por excelência é conhecer o seu mundo além da aparência. Assim sendo, minha história não é só minha e jamais seria. É história de muitas, são dores e alegrias de perdas e

reconhecimentos feitos e associados com o tempo, cruel ou não, não somos “nem vítima e nem culpado, como todo mundo”¹.

Li, pesquisei, questionei, me informei, revive, imaginei, senti. Apaixonei-me pela história, pelas garras de Simone de Beauvoir, pelas linhas de quem experimentou ousar, sexy e trancafiada pelo mundo sado masoquista em que a mulher era o objeto de ostentação (era?), História de “O”. Guido Crepax e sua Valentina. Nísia Floresta na America Latina, ou melhor, no Brasil, “traduzindo” e reescrevendo as linhas de pensamento da inglesa Mary Wollstonecraft com seu ponto de vista em meio a Floresta Amazônica...

Tantos personagens e personalidades, tecendo e cosendo aqui um novo parágrafo já escrito e já comentado, em uma compilação feita por mim, juntando fatos como quem costura uma grande colcha de retalhos ao mesclar narrativas de outras mulheres, seus desejos, sonhos, momentos e acima de tudo seus sentimentos. O hoje, o antes, o agora e o passado, para escrever de fato o futuro, juntas e não isoladas meramente bordando panos de pratos e medindo cinturas, mas questionando fatos e acúmulo de sobrecarga e não de gordura.

Ouso e me atrevo tentar escrever sobre o que já foi escrito, sobre o que já foi dito, os ruídos de sons tão abafados de mordanças tão apertadas, elas estão se soltando, uma a uma naquela longa fileira de queima às bruxas. Quero sim desfazer aquele nó e em um resumo único, breve, atencioso e ambicioso de dar voz não à mulher, mas às mulheres e seu direito de querer ou não ser tal como a sociedade pede, mas, primeiramente, temos que saber: o que ela pede e como? Você sabe? O que você quer ser e é? Este resumo, uma compilação cheia de hormônios e progesterona, tenta dar essa resposta, não especifica a cada mulher, mas de uma forma subliminar que a faça pensar.

Convido, junto com muitos teóricos em citações enfáticas, a descobrir, a pensar e em um ato de adquirir o conhecimento, morder uma maçã que está ali no galho perto da escultura feita por Camille Claudel, antes de ela enlouquecer claro, mas aquela maçã que talvez nos expulse de um paraíso

¹ Sartre.

calmo, mas que nos dê olhos para enxergar e compreender que estamos sempre nus fingindo estar vestidos, camuflando nossos instintos ou supervalorizando um apenas, aquele que deixa a cicatriz do umbigo.

*Dedico esse livro a minha mãe
que demorei 30 anos para enxergar
ser a mulher mais completa e autêntica
que conheço.
Quem me dera ser 1/3 como ela.*

Capítulo 1: A Invenção da Mulher.

Isabel, 04 anos de idade, respondeu da seguinte forma quando perguntaram a ela o que é ser mulher, “tudo!”, pois gosta de brincar de casinha, de usar vestido e passar batom e ainda se auto definiu como “menina grande” dizendo que não é mais um bebê. Há sem dúvida um estereótipo ao qual estamos à mercê, um comportamento adquirido e vinculado à mulher, como suas vestimentas, as brincadeiras na infância, a vaidade e até a percepção do corpo e das formas que diferencia uma criança de uma mulher adulta e o caminho que há para percorrer até essa maturidade física. Percepção esta que Isabel consegue enxergar, ela gosta de ser mulher, embora ainda seja uma menina.

Começo analisando a imagem da mulher dentro das religiões. E intitulo este primeiro capítulo como “A invenção da mulher” com a intenção de mostrar que esta imagem não foi algo acidentalmente formulado, mas sim uma construção de conceitos dentro de mitos e simbologias feitas dentro das próprias religiões, porém, acompanhando as transformações do mundo e toda organização social a qual estamos dispostos, não isolando a religião do resto das manifestações do Homem. E sim as interligando com suas demais atividades.

A religião é um manifesto de fé e da procura por respostas do Homem com sua própria existência. Alias o Homem sempre procurou entender o mundo a sua volta e a si mesmo, até antes de desenvolver a fala, as pinturas

rupestres ²são exemplos disso, dessa tentativa de compreensão e de símbolos criados para justificar fenômenos naturais que agiam involuntariamente sobre eles. Com o desenvolvimento da fala e do modo de organização, o Homem transformou seus símbolos em crenças e essas crenças deram origem às religiões.

"A religião é em toda parte a expressão, sob uma forma ou outra, de um sentimento de dependência em face de um poder exterior a nós mesmos, poder cuja natureza é lícito qualificar de espiritual ou moral."

(BURNS, ano, p.36)

Temos diferentes religiões no mundo, de diversas origens e até mesmo ramificações entre elas. Mas vamos nos apegar aqui mais diretamente sobre o mundo ocidental capitalista, para não abrir muito nosso leque de pesquisa e não poder oferecer assim uma análise mais profunda ou cair na superficialidade (ou impulsividade entusiasta) de tentar abraçar o mundo com as mãos, sendo que nem os braços têm a circunferência capaz de fazê-lo, imagina as mãos ao tentar escrevê-lo com tamanha exatidão. E a partir disso fazer uma reflexão da imagem da Mulher dentro desse universo sociocultural.

Dentro dessas crenças e como somos tidas e recebidas pelos livros sagrados e até mesmo nas práticas dessas religiões, os mitos, a simbologia, o ler entre linhas. Buscando vestígios dessa invenção quanto ao que somos, ao nosso ser, sexo, comportamento, um significado psicológico ao que traz consigo mais que um corpo, muito mais que um útero, um receptáculo que traz personalidades de gêneros³, tão femininos que o homem se viu diferente e não igual, tendo-o que defini-lo.

² Pinturas ou gravuras rupestres é a arte mais antiga conhecida, sendo ela desenhos feitos pelos povos mais antigos na Era Paleolítica em cavernas e Rochas.

³ Apesar da palavra "gênero" poder ser utilizada em várias áreas, aqui seu significado aborda a diferenciação sexual dos indivíduos, separando os em homens e mulheres.

“O termo gênero é uma representação da relação de pertencimento a um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação social dicotômica condicionada pela cultura.” (ALMEIDA e FIGUEIREDO, 2012)

No tempo primata, em que a força era um fator determinante para a separação de trabalho, a mulher ainda possuía seu valor e a garantia de uma igualdade social pela sua função biológica de dar vida e de cuidar de sua prole. Isso se estendeu por um longo período e temos registros de sociedades matriarcais ou que faziam cultos às deusas femininas, mostrando a importância da mulher. Um exemplo disso é a sociedade Cretense, que acreditasse que a mulher era a base da família, compondo uma sociedade matriarcal, que além de dar uma posição especial às mulheres, cultivasse a Grande mãe, deusa essa que não oprimia os homens e sim valorizava a natureza em seu âmbito maior.

Data-se que a partir do ano 3.000 a.c começa a alterar-se a sociedade matriarcal para a patriarcal, em diferentes momentos a partir de então em diversas culturas e regiões, o que vem a causar uma mudança radical do Homem com o mundo em que vive. Alterando sua interação com ele, com sua própria raça e com a natureza em si, saindo do afetivo e se tornando mais agressivo.

Para CAMPBELL⁴ (1990) essa situação começa a sofrer alteração com as invasões de um povo sobre outro, o que começou a ocorrer mais ou menos há quatro mil anos antes de Cristo. Alterando a Deusa mãe para o Deus pai o que “certamente ocasionou uma diferença psicológica no caráter da nossa cultura”.

“Leia no Gênesis a história do papel desempenhado pela tribo de Jacó na queda da cidade de Siquém. Do

⁴O poder do mito / Joseph Campbell, com Bill Moyers ; org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

dia para a noite, a cidade foi varrida do mapa por esses povos pastores, que surgiram repentinamente. Os invasores semitas eram pastores de cabras e ovelhas, os indo europeus eram pastores de gado. Uns e outros, primitivamente, eram caçadores, de modo que as suas culturas eram essencialmente orientadas para os animais. Onde há caçadores, há assassinos. E onde há pastores também há assassinos, porque estão sempre em movimento, são nômades entrando em conflito com outros povos e conquistando as áreas para onde se movem. E essas invasões traziam deuses guerreiros, lançadores de raios, como Zeus ou Jeová.”

(IDEM, 1990, p. 186)

A alteração da visão de Deusa mãe para Deus criador modifica um comportamento social em que a mulher passa a ser então subordinada ao homem. Mas isso faz dela um ser inferior ou que deveria ser colocada em segundo plano em sua sociedade? O analisar a imagem ou como os mitos e crenças abordam a mulher é entrar em um plano mais analítico e profundo de uma organização social ao qual estamos não exclusas, mas há uma marginalização pelo nosso gênero, como se força física fosse à base social e a mulher, fisicamente mais frágil (o que estou generalizando) parece não ter uma capacidade por isso de ser colocada lado a lado daquele que deveria ser seu companheiro.

“Aparentemente, ao longo do período descrito no Livro dos Reis, por exemplo, houve um movimento de ida e vinda entre os dois cultos. Muitos dos reis hebreus são condenados, no Velho Testamento, por terem cometido o pecado da idolatria, no topo das montanhas. Essas montanhas eram símbolos da Deusa. E, entre os hebreus, havia uma forte discriminação contra a Deusa, sem similares nas mitologias indo européias. Ali, Zeus se casa com a Deusa e depois os dois atuam juntos. Portanto, o que

temos na Bíblia é um caso extremo; a subjugação da mulher, entre nós, ocidentais, é uma decorrência do pensamento bíblico.”
(CAMPBELL, 1990, p.189)

A sociedade humana é caracterizada em seus gêneros, na sexualidade e nas características físicas de seus participantes: Homens e mulheres, excluindo suas ramificações e seus significados mais abrangentes. Limita o entendimento de si mesma, de sua tolerância e castra a criatividade de ser diferente, caindo em generalizações que maternalmente ou paternalmente se amplia ou deveria se ampliar, não é apenas o ser mulher ou ser homem, criar em sexo o desenvolver de novos genes ou competir forças desiguais e estruturalmente antagônicas entre si. A estrutura dessa sociedade dividida entre feminino e masculino apenas, entre Adões e Evas, é o que acaba por destruir sua própria estrutura: a humanidade no Homem. Pois não somos humanos, somos antes de tudo ou mulher ou homem, não há meio termo ou termo e meio. Não nascemos interagindo com o meio e sim ele com a gente, com os mitos e as mistificações que alimentam o ser já no seio.

Não bastando isso, o Homem compete com os outros animais, machos ou fêmeas, filhotes ou idosos. Há quem coloque tal competição e senso de conflito na característica da mesma sociedade paternalista da qual examinamos e tiramos os mitos aqui descritos.

A generalização de homem e mulher, força física e relacionamentos é um traço a qual tenho que fazer para ser fria e distante na análise desses mitos e crenças (aqui de Caráter religioso e bíblico), não podendo esquecer que foram criados em outros tempos, em sociedade em que a família e a vida privada eram diferentes das de nossa atualidade, que cada vez mais vem se modificando e alterando padrões não só de comportamento, mas de todo um reflexo de valores (o que veremos mais adiante), então, não se apegue ao seu padrão de criação ou de seus atuais valores para ler os textos apresentados abaixo para poder junto com eles fazer uma abordagem que é apenas a raiz do que quero aqui apresentar: A mulher! – Já que estamos divididos em dois.

“... As deidades que eram femininas e que garantiam à mulher papel ativo dentro da sociedade, serão revestidas de conceitos masculinos, fazendo com que poderes, valores e direitos adquiridos pelas mulheres fossem perdidos e revertidos em benefício dos homens. Tudo isso fará com que a mulher, em todo trajeto de sua vida (nascimento, na sociedade, no casamento, na partilha dos bens até a sua morte), seja tratada com inferioridade.”
(CABRAL, 2008)

A mulher que conhecemos ou que buscamos conhecer, assim como os outros seres de nossa sociedade, tem uma longa história percorrida e essa história não é nada romântica ou cheia de flores pelo caminho, a mulher é um ser que muitas vezes assombra, que não foi compreendida e que ao nascer mulher já estava fadada a subordinação imposta e requerida por sua própria sociedade e família.

Já na mitologia Grega temos um exemplo clássico de como a mulher era vista. O mito de Pandora, a primeira mulher esculpida por Hefesto⁵ segundo a mitologia grega, mostra-nos claramente isto. Vale ressaltar antes de falar de Pandora que Zeus, enraivecido com a apropriação do fogo pelo Homem (visto que o fogo havia sido tirado dos humanos por Zeus em uma punição a Prometeu⁶, mas que Epitemeu⁷ lhes deu uma faísca em vingança ao

⁵ Hefesto é na mitologia grega deus do fogo, filho de Zeus e Hera, abandonado por sua mãe Heras por apresentar um defeito nas pernas, foi criado pela deusa Tétis, quem o ensinou a mexer com metais e fazer joias.

⁶ Prometeu havia dividido um touro entre os deuses e os homens, mas deu aos homens as melhores partes do animal. Zeus muito zangado com a atitude de Prometeu decidiu tirar dos homens o elemento fogo e o trigo, e a Prometeu concedeu o castigo de ser acorrentado no Monte Cáucaso em que de dia era atormentado por uma águia que lhe ferisse o seu fígado e durante a noite o mesmo órgão sofresse regeneração para que no dia seguinte houvesse novamente a degeneração pela águia, aumentando sua agonia e sua suplica por perdão.

castigo que Zeus deu a seu irmão) quis vingar-se tanto de Epitemeu como dos Homens, lançando lhes uma maldição e Pandora foi um instrumento de sua vingança.

“E assim Zeus ordenou a seu filho, Hefesto, que modelasse a belíssima Pandora, mulher ideal e semelhante às deusas. No mito, a irresistível Pandora, castigo dos céus, é a primeira mulher modelada em argila e animada por Hefesto, o qual, para torná-la fascinante, recebeu a colaboração magnífica de todos os deuses. Atena lhe deu o dom da tecelagem e uma vestimenta majestosa; Afrodite lhe proporcionou o dom da beleza e da arte da conquista; Hermes, o mensageiro dos deuses, encheu-lhe o coração de artimanhas; as Graças adornaram-lhe com belíssimos colares de ouro e as Horas a coroaram com flores. Por fim, Hermes lhe ofereceu o dom da palavra, chamando-a de Pandora, que significa a detentora de todos os dons, um presente de todos os deuses. O dom divino que veio dos céus para punir à humanidade com a desgraça.”

(PRADO DOS SANTOS. O mito de prometeu e pandora – a criação do homem e da mulher, 2009)

Depois de pronta e aprovada por Zeus, ela foi dada à Epitemeu que maravilhado pela tamanha beleza física de Pandora, aceitou o presente e assim se casou com a primeira mulher da mitologia grega. Porém, de presente de casamento aos dois, o Olímpio lhes enviou um jarro fechado que Pandora em sua curiosidade feminina, mesmo recebendo ordem para não abri-lo, o abre. Ao abrir este jarro as desgraças do nosso mundo atual saem dele, todos os

⁷Epitemeu é irmão de Prometeu, filhos de Jápeto (um dos 12 titãs).

males, visto que antes disso os Homens viviam em paz com os deuses sem mesmo precisar trabalhar. Para PRADO DOS SANTOS (ano) em “*O mito de prometeu e pandora - a criação do homem e da mulher*” Pandora é, ao mesmo tempo, o bem, pois ao espalhar os males de nosso mundo, espalha com eles a Esperança, que até então não era necessária para os homens, e ao mesmo tempo Pandora é “a causa da desgraça para os homens, pois ela representa o início da degradação da humanidade.”. Ainda para CHEVALIER; GHEERBRANT (2009) Pandora, é símbolo do “fogo dos desejos que causam a desgraça dos homens”. (p. 681).

A imagem de Pandora, a construção de sua personalidade e do perigo que ela representa à Humanidade não é característica apenas dela, a seguir, no subcapítulo intitulado por mim como “De Eva à Maria” veremos uma análise da imagem da mulher no cristianismo e como Eva também possui as características de Pandora, mas, em contraponto, a doutrina cristã também nos oferece a imagem de uma mulher santa, casta e intocável, ou seja, Maria. Mas o que elas nos dizem sobre as mulheres? O que elas têm a ver com nós? Não são apenas alegorias de uma mitologia social?

Mitologias, simbolismos, abstratos e subjetivos. A mulher tem uma representação e mesmo sem ter buscado por ela, está descrita em linhas de pregações que a faz um jaz, ali em sua cova rasa de barro e sangue, a costela é o que sobressai, uma incisão daquele que com o falo é quem tem a fala e que nos cala sem ao menos argumentar. O mal do homem não é o homem, mas o tipo de sociedade que ele permitiu existir em que os dois sexos são extremamente importantes uma para a sobrevivência do outro, não havendo o menos ou o mais importante, mas são de significância e posições iguais para a existência de sua própria espécie, assim como todos os animais. Mas essa sociedade nada igualitária, tão cheia de denominações e julgamentos, em que de igualdade só temos uma única coisa: o ser humano, mas, o que é ser humano se de fato vemos um homem endeusado e uma mulher pronta para servi-lo? O que é ser humano no substrato da palavra e da frase de efeito ou até mesmo de ação? Estamos sendo humanos? Quando foi que recebemos essa denominação?

1.1 De Eva à Maria

Quando pensamos na criação da mulher logo nos vem à cabeça a imagem de Eva, saindo das costelas de Adão, seres criados no sétimo dia, antes do descanso de Deus de seu árduo trabalho de criar tudo e todos em 7 dias segundo o Gênesis⁸ “à imagem de Deus o criou: macho e fêmea os criou.” (Gênesis, 1,27). Mas, quem é Eva? Quem é essa mulher? O que ela significa? Eva é a única imagem feminina dentro do Cristianismo e do judaísmo⁹ que simboliza a mulher com tal força? E Maria? O que elas significam? Para responder essas questões e chegarmos até a imagem criada por Isabel em que ser mulher é “TUDO!”, pegarei como apoio as mais diversas teses, artigos, análises e críticas feitas por estudiosos sobre o assunto, criando uma rede de pensamentos a fim de nos conscientizar e como mulheres, nos conhecer, além dos dizeres de outrem.

É importante destacar que os estudos e os dizeres são análises semióticas de como o mito pode ser interpretado e como atinge a nós com suas palavras e simbologias, mesmo que em nível inconsciente, mas molda comportamentos e até angústias que muitas vezes parecem não ter explicações para nós, pois fica uma obrigação subjetiva de como ser mulher e essas obrigações não partem do nosso íntimo ou de uma elaboração carregada de lucidez ou de plena consciência; mas sim de uma sociedade e de uma moralidade religiosa que nos impõem um desejo maternal, um comportamento casto e santificado que gera conflito com muitos sentimentos e características tão diferenciadas de personalidades e vivências tão distintas de cada mulher.

Ser mulher é ser gente, é ter desejo, é sentir o corpo frio e quente e não apenas um vaso do Olímpio que Pandora abre inconseqüentemente a fim de

⁸ É o primeiro livro tanto da bíblia cristã como hebraica, trazendo a história da origem, do nascimento do Homem e sua fixação no antigo Egito.

⁹ Eva nasce da mitologia judaica de onde o cristianismo se origina.

ser um reservatório ao sêmem masculino e em outrora será receptáculo da vida somente. Dar vida, gerar vida, nutri-la, colocá-la ao mundo, tudo isso faz parte do sistema reprodutivo feminino, mas não define e limita seu papel a mãe simplesmente. Ser mãe, alias, é mais que isso, não é do ventre gerar uma semente, é criá-la, é alimentá-la e educá-la para o mundo. A definição de ser mulher no mito católico cristão se precipita ao não relevar que somos distintas e que o corpo não é este barco que carrega passageiros em um lago parado em que homens comandam o destino. Ser mulher não é ser mãe, como tão pouco ser mãe é ser mulher. “A sexualidade, realmente, está desligada da reprodução” (MARDONES, 1996; 111).

A sexualidade é uma parte indispensável nesta discussão, pois estaremos a todo o momento analisando em meandros ao mito (e fora dele posteriormente), palavras subjugadas e que incorporaram outros valores a si sem ser a do dicionário e ganharam uma conotação que dará ao próprio mito uma evocação de lição a ser passada e não uma fabula inocente que foi criada e/ou escrita para simplesmente narrar uma história com a qual sua leitura e passamento de conhecimento seriam de conotação amoral ou sem uma moral distinta já pré-determinada. Não, o mito é transgressor e vive além do seu tempo, está intrínseco em nós e sem que soubéssemos (até o presente momento pelo menos), nós os obedecemos mais que a nós mesmos, estando a eles condicionados.

“Um mito é uma máscara de Deus, também - uma metáfora daquilo que repousa por trás do mundo visível”, Campbell (1990) faz uma análise minuciosa do mito em “O poder do mito”, um livro recheado de interpretações sobre como a sociedade se altera com o mito, embora Campbell aborde mitos de vários conteúdos e sociedades em diferentes tempos, mas temos que nos certificar de uma vez por todas que sim, o mito tem poder e ignorar isso é ignorar uma compreensão nítida de quem somos ou do porque somos tais como nos concebemos como parte integrante de uma sociedade, se comportando e se moldando o tempo todo a ela. E quando Campbell foi questionado pela importância do mito, ele respondeu “(...) têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os

profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta”, e é a isto que quero aqui chegar, entender o mito é nós entender, por isso a importância desta análise que não visa ter cunho agressivo ou desmoralizar crenças e religiões, mas sim entender por uma reflexão mais profunda e a nível crítico que os elementos míticos podem se transformar em elementos ilustrativos trazendo uma compreensão mais construtiva de nós mulheres para entendermos o nosso posicionamento no mundo e como fomos colocadas em segundo plano e até mesmo o porquê.

Eva nos diz muito sobre tudo isso, ela é figura de destaque para entendermos a mulher ocidental, a tentativa desesperada por espaço e respeito em âmbito maior, querendo ser dona não só de seu destino, mas de seu corpo e de sua sexualidade que permaneceram por séculos trancados dentro de um cinto de castidade mental, sendo vistos como errados e fermentados como algo maléfico. Para isso é necessário fazer um paralelo entre Eva e Maria, para que possamos entender de fato como esse controle da sexualidade e do papel feminino em nossa sociedade ocorreu, não apenas nos reprimindo, mas nos inferiorizando.

Primeiramente vou lhes apresentar Eva, criada a partir de uma costela de Adão, o primeiro homem criado por Deus a partir de sua imagem e semelhança.

“E o Senhor Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só. Vou-lhe fazer uma auxiliar que lhe corresponda’. Então o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem para ver como os chamaria; cada ser vivo teria o nome que o homem lhe desse. E o homem deu nome a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Mas entre todos eles não havia para o homem uma auxiliar que lhe correspondesse. Então o Senhor Deus fez cair um sono profundo sobre o homem e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou

o lugar com carne. Depois, da costela tirada do homem, o Senhor Deus formou a mulher e apresentou ao homem. E o homem exclamou: 'Desta vez sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Chamar-se-á mulher porque foi tirada do homem'. Por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher e se tornarão uma só carne. Ambos estavam nus, o homem e a mulher, mas não se envergonhavam."
(Gênesis 2:18-25)

Eva e Adão recebem uma ordem de Deus, enquanto estão em estado de imortalidade no paraíso em que vivem (Jardim do Éden),¹⁰ a de não comer do fruto proibido simbolizado no mito pela maçã, "E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás" (Gênesis 2:16-17). Porém Eva, depois de ser seduzida e convencida por uma serpente (veremos mais adiante o que pode vir a ser esta serpente), come de tal fruto e ainda reparte este fruto com Adão. Posteriormente a comerem do fruto proibido, ambos se enxergam nus e correm para cobrir seus corpos com galhos e folhas, agora com vergonha de seus estados, como se o pudor passasse a existir.

"Viu, pois, a mulher que (o fruto) da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram; e tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas" (Gênesis 3, 6-7).

¹⁰ No Gênesis o local em que viviam Adão e Eva antes de serem expulsos era o Jardim do Éden, lugar esse muito abordado na arte européia, mas assim como Adão e Eva, fazer parte do mito da criação do Homem e do nosso mundo.

Deus, muito descontente com a atitude do casal os expulsa do paraíso e os tornam seres mortais, com necessidades e desejos, impuros, destinados a viver na Terra pagando por seus pecados e tirando sua subsistência de seu próprio esforço.

Ernst Bloch ¹¹(1996), filósofo alemão, foi um precursor na análise do mito do surgimento do povo cristão e para ele Adão e Eva estavam cansados de se sentirem em condição de animais por isso comem do fruto proibido justamente para adquirirem conhecimento. Bloch vai além e afirma que o pecado original não foi pecado, foi apenas e tão comum, a tentativa do Homem se aproximar da imagem de Deus. , “porque não existe nada mais humano do que o desejo de se transformar em Deus” (Bloch, 1996: p. 52), mas também uma utopia, o fruto não os transforma em deuses, mas saem do estado de cegueira e se enxergam nus, agora não são mais animais e sim Humanos e a humanidade, para Bloch, é baseada no sonho de uma vida melhor, na esperança, sendo assim, Adão e Eva na sua percepção estavam conscientes de uma eventual mudança ao desobedecer a Deus, mas almejavam por ela, já que não se sentiam meros animais irracionais.

A visão de Bloch é otimista perto das demais que se centralizam em Eva especificamente e não é uma visão de justificativa do ato de Eva e Adão, como Bloch, mas sim do que a própria igreja quis passar aos seus fieis sobre ser mulher. Como se a condição de ser do “segundo sexo” ¹²a fizesse como diz a expressão, o segundo sexo, um sexo que derivou do masculino, a partir dele, não a primeira ou junto com o primeiro sexo que seria então o homem, mas vem em segundo lugar, pois assim foi criada, em função do homem e para ele.

Campbell (1990) também dá sua interpretação do mito de Adão e Eva, voltando-se à imagem de Eva e já estabelecendo o link de pecaminosa como a

¹¹Um dos principais filósofos marxistas do século XX, sua maior obra é a trilogia “O Princípio Esperança”, escrita entre 1938 a 1947.

¹² BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Difusão europeia do livro. 4ª edição. 1970.

maioria das teorias sobre o mito, analisando a mulher concebida e ainda tida pela sua sociedade; é ela a mãe, mas que mãe?

“A serpente é aquele ser que trouxe o pecado ao mundo. E a mulher é quem ofereceu a maçã ao homem. Essa identificação da mulher com o pecado, da serpente com o pecado, e portanto da vida com o pecado, é um desvio imposto à história da criação, no mito e na doutrina da Queda, segundo a Bíblia (...) A idéia, na tradição bíblica da Queda, é que a natureza, como a conhecemos, é corrupta, o sexo em si é corrupto, e a fêmea, como epítome do sexo, é um ser corruptor.”

(CAMPBELL, 1990, p. 57)

Eva é tida como pecaminosa, é ela que desobedece à ordem de seu criador e ainda faz com que Adão peque com ela, ou seja, é uma figura perigosa, sedutora, duvidosa a quem não se pode confiar, tal como Pandora, visto que “Essa atitude irrefletida gera graves consequências e assim como a Pandora dos gregos, Eva é acusada de disseminar o mal no mundo” (MARTINS, ano, p.4). A imagem de Eva como pecaminosa não é apenas a visão de Campbell, mas de muitos teóricos e estudiosos sobre o assunto.

“Não há dúvidas que estas directivas da Igreja relativamente à aparência visual feminina e ao seu corpo derivam, em grande parte, da transformação que ocorre por consequência da desobediência de Eva e que reside na passagem de um estado paradisíaco de nudez sem vergonha para um de nudez consciente e pecaminosa.”

(MOTA-RIBEIRO, 2004, p. 13)

Mota-Ribeiro (2004) diz “A natureza essencialmente pecaminosa de Eva é, pois, transposta para as mulheres. Verifica-se, assim, uma transferência

de conceitos de ordem teológica para o social.”Pois bem, somos, nós mulheres, tidas como filhas de Eva e tal como Eva trazemos acoplados em nossas imagens esses valores; o mito diz sobre Eva, mas também acaba dizendo sobre todas as mulheres, suas descendentes e assim herdeiras de sua figura tal como é descrita pelo mito.

Eva e Pandora se parecem em suas trajetórias e carregam em si, transferindo para nós posteriormente, a imagem de uma mulher não confiável, um mal, agente do ato impensado, o ser dotado de sensualidade capaz de fazer o outro também pecar (apesar de ambas também poder gerar coisas boas, no caso de Pandora é a esperança, até então desconhecida para os Homens; e de Eva, seus descendentes). Mas é importante questionar o papel do mito em sua sociedade como Campbell diz anteriormente, o que ele causa e o que quer mostrar aos Homens, saber ler suas intenções e lição que por ele é passada já que “mito e vida coletiva são inseparáveis”, SOUSA FILHO (2006).

“Mas o que funda o mito? Se quisermos compreender a estrutura e função dos mitos, devemos começar por apreendê-los como expressão da entrega de homens e mulheres a crenças e práticas que ignoram sua origem e destino, para o que necessitam elaborar representações simbólicas para si que sirvam de explicação para o que fazem nas sociedades nas quais se encontram”.

(SOUSA FILHO. Mitologia e ideologia, 2006, p. 3)

SOUSA FILHO em Mitologia e ideologia ainda ressalta que o mito traz como priori o mundo natural para que o mundo social encontre sua razão de ser, para que a ordem se estabeleça e o caos social não venha a reinar entre seus cidadãos. É de se entender que haja uma preocupação quanto ao caos, quanto à desordem e o medo de que seres sociais não se comportem dentro de padrões, e desse modo somos condicionados a nos comportar, pensar, desejar, almejar, tantos outros verbos, como agente social e se encaixando em um gênero ao qual pertencemos. Por exemplo, eu, Ana Paula Benini sou uma mulher de 30 anos logo deveria estar profissionalmente já estável, assim como

amorosamente já estabelecida e se possível já ter tido filhos ou se não, deveria estar seriamente preocupada com tudo isso, pois é da cultura ocidental que a mulher se foque para as três coisas: profissão, relacionamento e maternidade. Isto é, a mulher que tem um padrão de vida melhor, pois as de classe baixa eliminam desses três itens a profissão, se focando apenas para o lar, para o marido e para os filhos, ou seja, para a vida familiar.

“... a sua função específica: a analogia entre mundo natural e mundo social torna possível ao mito sancionar simbolicamente a ordem social como “ordem natural”, preenchendo uma lacuna na explicação da “origem” das instituições sociais que de outra maneira não encontrariam justificativa simbólica para seu caráter humano (demasiadamente humano) de construções de natureza arbitrário-convencional.”.

(IDEM, p.3)

A expressão “arbitrário-convencional” é justamente a expressão a qual usaria para explicar o exemplo que citei de mim mesma acima, visto que arbitrário é algo que depende de nossa vontade, como por exemplo, eu tenho o livre arbítrio para decidir minha vida, ou seja, faço o que quero, o que tenho vontade. Já o convencional é aquilo que está dentro dos padrões, o que é comum, normal. Então, unindo os dois termos, temos um arbítrio convencional, eu quero o que a maioria quer, o que é comum e normal na sociedade em que vivo, às mulheres da minha idade, da minha classe social. E o que tem o mito haver com isso? Pois bem, é o mito que emprega em nós essas normas padrões, o que devemos ser, o papel de cada um e o mito de Eva não foge a isso, ele também nos dita regras de comportamentos.

“A narrativa do Gênesis é o relato fundador da cultura judaico-cristã; É um mito e enquanto tal cumpre o papel de estabelecer as normas de convivência entre os homens, fornecendo modelos

de comportamentos e atuando na construção de uma identidade individual e coletiva.”

(MARTINS, 2008, p.1)

O Gênesis nos traz a imagem da mulher segundo Eva, mas Eva não é o único e forte exemplo do cristianismo e do judaísmo (como já dissemos acima) para exemplificar o gênero feminino. Alias, ele traz outra mulher a fim de guiar suas devotas para atos contrários aos de Eva, convidando-as a se portar de outra maneira, embora trazem em si características de Eva, mas devem lutar e vencer sua negatividade exalada em ser mulher dotada de desejos e um comportamento envolvente, para ser de fato pura e isto explicará o exemplo que dei sobre meu “arbitrário-convencional” e o porque deu dever estar preocupada em ser mãe, já que estou na maturidade fisiológica de minhas trompas e ovários correndo contra meu relógio biológico que desperta freneticamente me avisando que tenho que correr, tenho que ser mãe, achar alguém e ser digna do meu sexo, tenho que ser Maria e não Eva. E será Mota-Ribeiro que fará esse paralelo entre Eva e Maria em “Ser Eva e dever ser Maria”¹³ que veremos adiante, mas para isso tenho que agora lhes apresentar Maria, suas características tão contrárias à Eva fundamentando uma mulher totalmente santificada e casta, isenta de pecado e até mesmo de sexualidade.

"No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria". (Lucas 1:26-27)

¹³Mota-Ribeiro, S. (2000) 'Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo', comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 de Abril.

Na citação acima é a primeira aparição de Maria na Bíblia, visitada por um anjo¹⁴ que vem lhe dizer que ela gerará o filho de Deus e este chamará Jesus. O anjo e Maria conversam entre si e nesta conversa é revelado a ela que seu filho, oriundo do espírito santo será grande e importante na Terra, Maria aceita seu destino como boa e fiel serva de Deus e diz "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu porque contemplou na humildade da sua serva." (Lucas 1:28-38). Maria é pura, é devota e confia seu destino sem temer e com graça por ser abençoada, ela será mãe e a maternidade a ela foi dada com honra, pois ainda virgem e por ser virgem Jesus a ela foi cedido (e não concebido) em seu útero, ela era digna dele e ele, um ser especial, dela.

O termo entre parênteses – e não concebido – refere-se que segundo a bíblia Jesus não foi fruto de uma relação sexual entre Maria e seu marido José, não houve ato sexual consumado e muito menos sua castidade estava corrompida pelo desejo carnal (como se ele fosse algo ruim e impuro). Maria é intocável, é a imagem da mulher perfeita segundo a crença, nela não há vestígios de Eva, sua antecessora. "Maria acreditou na Anunciação do Anjo Gabriel, obedeceu e, principalmente, se fez escrava dos desígnios divinos. Ela seria a nova Eva, a anti-Eva: a Ave" Raquel Lima e Igor Teixeira (2008, p. 114).

Maria faz um paradoxo entre seus papéis e suas características, virgindade e maternidade são elementos que não andam na mesma direção, mas a que a ela foi possível, pois Maria, ao contrario de Eva, se aproxima do divino, um ser sem defeitos, ilustrando assim uma mulher irreal. Ao Difundir a imagem de Maria fez com que houvesse, por mais inconsciente que tenha sido ou não, uma intensificação na imagem de como a mulher deveria ser, pura e casta, negando sua própria sexualidade e mantendo-se na vida privada com o papel exclusivo da maternidade a desempenhar como sua função principal, sem questionamento e sim uma benção a qual lhe foi dada devida sua função biológica e a capacidade de gestar a vida.

¹⁴ Anjo Gabriel é quem faz aparição à Maria na Bíblia.

Na Idade Medieval observamos uma influência majoritária da igreja católica na Europa, o feudalismo mesmo vivia em função da igreja e do Clero, as normas e as regras normativas da moral e do comportamento social eram ditadas por ela e havia uma obediência quase que incrédula a tudo que a igreja representava; a imagem da mulher não fugia à regra e ser mulher era uma tarefa árdua de perpetuar sua espécie, ser Maria e não ser Eva sempre foi uma missão difícil ao qual a mulher tentava desempenhar e na Era Medieval este exercício era crucial em seu gênero e grau.

“O sexo feminino durante todos os tempos teve suas limitações, porém foi durante a Idade Média, período de intensa misoginia, que ela teve seu ápice de limitações, principalmente comportamentais. Elas tiveram que ver suas histórias e vivências serem relatadas por homens, que na maioria das vezes eram religiosos. A Igreja foi de fundamental importância para que a mulher fosse cada vez mais contida e silenciada. Com uma visão distorcida deste sexo, durante muito tempo, a igreja precisava encontrar um exemplo a ser seguido e foi em Maria que enxergaram esse ideal feminino comportamental, sendo ela um exemplo de filha, esposa, mulher e mãe.”(Leal, 2012, p.1)

No artigo “As várias faces da mulher no medievo” Leal (2012) aborda exatamente essa temática da igreja em interferência à imagem feminina e como isso afetou diretamente a mulher não só em sua vivência, mas consigo mesma. Tendo a mulher sua história contada pelos homens, seja de forma positiva ou negativa (o que predomina) a torná-la uma misoginia, ou seja, uma história repleta de assimilações e descrições aversivas a elas, mantendo a definição da essência feminina perdida ou sufocada por vozes masculinas que na verdade as temiam.

Mota-Ribeiro, apesar de fazer esse paralelo entre Eva e Maria ressalta que não adianta colocarmos na igreja ou nas crenças religiosas a inferioridade

com que as mulheres são tidas em sua sociedade, pois a religião nada mais é que uma manifestação do homem dentro de sua cultura.

“Assim, a imagem da mulher veiculada pela Igreja Católica será encarada como fator determinante dos modelos de auto-representação da mulher e da identidade feminina que são por si construções sociais a um nível mais vasto, onde a religião assume um papel particularmente importante. Ademais, será artificial procurar “erguer muros” e “enclavizar” aquilo que, nos nossos dias, é fruto de condicionalismos socioculturais e aquilo que é resultado de influências teológico-religiosas, uma vez que separar cultura/sociedade, por um lado, e religião, por outro, não tem qualquer sentido numa cultura ocidental desde sempre fortemente balizada por valores e princípios cristãos.”.

(Mota-Ribeiro, 2004, p.4)

A igreja somatiza em seus crédulos e passa a seus devotos critérios (criados pelo Homem) de sua própria eventualidade social, pois houve um caminho percorrido até ali para que tudo tenha ocorrido como de fato ocorreu; a imagem da mulher sufocada com um embrião posto a modo a arranca-lhe a voz e germinando se não o legado de um ser masculino e superior a ela dentro de seu meio, na vida privada, e fora dele, na vida política e econômica, não se fez do nada e no nada ficou; há nessa loucura de inferiorizar um sexo uma justificativa instintiva do próprio Homem em sua longa jornada de sobrevivência e adaptação, visto que muda-se os fatos e as Eras, mas há sempre esse esforço empreendido pelo Homem no mundo, como se houve um desencontro entre eles e a mulher, nesse processo todo, sofreu com uma ilustração apática desenhada pelas mãos daqueles que criam também a imagem de Deus em sua doutrina religiosa.

Eva e Maria desempenham a ilustração citada acima, não é casualmente que são antagônicas e contraria uma a outra, uma levando a raça humana à perdição e outra a salvando.

“... Maria será um espelho da manifestação de Deus, uma vez que a sua obediência permite a salvação do mundo (marcado pela condição pecaminosa do ser humano inaugurada por Adão e Eva) através da procriação de Cristo.”
(Mota-Ribeiro, 2004, p.6)

Esse oposto de imagem criada entre as duas mulheres não é feito de modo que nada venha nos mostrar ou ensinar, visto que o ser humano precisa muitas vezes para assimilar sensações e sentimentos por oposição, comparação, um exemplo clássico dessa ação humana é a eterna busca por felicidade enquanto o que parece permanecer é a tristeza, como diz o poeta “Tristeza não tem fim, felicidade sim”. Saindo da poesia de Vinicius de Moraes e voltando à teoria, felicidade e tristeza são sentimentos opostos, um não existe sem o outro, assim como Eva e Maria. Elas são complementar uma a outra para que entendamos a imagem da mulher, o que ela não deve ser e sua busca por uma perfeição inatingível (Maria), tal como a eterna felicidade.

A mensagem da igreja católica com todo esse simbolismo foi para que a mulher buscasse manter sua castidade e se não conseguisse teria de mate-la até o casamento, sendo assim eram duas opções dadas a ela: castidade ou casamento (maternidade), mas por quê? Que lógica infundada encontramos nesse ato irracional de tratar a mulher como um animal tentador que o homem controla, amarrando-lhe com roupas de difícil acesso ao sexo ou que até mesmo o sexo não podia lhe ser permitido (não de forma prazerosa), já que possuía vagina e não pinto?⁹(Desculpe o termo mais chulo para me referir em um livro ao órgão genital masculino, mas pênis não seria apropriado, pênis será empregado adiante, quando falarmos da construção de gêneros de forma mais digna e respeitosa com a classe feminina, sim, foi um ato meu de revolta).

Respondendo a pergunta retórica que fiz no parágrafo anterior e me exaltei ao fazê-la, busco como muitas mulheres entender o porquê de fato fomos caladas e colocadas ao longo da história da humanidade a uma marginalização patriarcal em que o patriarcado nos limitou e ainda limita de certa forma, a sermos vistas como mais. Salve as exceções, as sociedades em sua maioria, vem delegando a mulher esse papel ainda de pecaminosa como Eva e longe de ser Maria.

Entender a meu ver é melhor do que julgar e há uma diferença muito grande entre os dois verbos. Entender é compreender, compreender é assimilar com indulgência e não julgar, que é se fazer passar por juiz em um processo, ser superior ao analisar tais fatos; se eu me fizer superior e julgar aos homens ao invés de tentar compreendê-los, estaria eu aqui fazendo o mesmo erro dos mesmos conosco ao longo da história, sendo prepotente a tudo que leio e não conseguir perceber o óbvio: A mulher foi este tempo todo vista como um perigo, sua sexualidade, seu corpo cheio de formas e não reto e oblíquo, sua natureza própria ligada ao divino que é dar vida, sua voz mais macia e o corpo mais suave com menos pelos, sua afetividade, entre tantas características que a compõem, até mesmo as mais masculinas; a mulher foi controlada pelo homem e subjugada por ele para que não saísse do seu domínio sua própria sobrevivência em seu mundo tão desconhecido.

Adão também comeu do fruto proibido, Adão errou (analisando a postura do casal como um erro) tanto como Eva, mas ele acusa a mulher de ter lhe convencido e o erro ser só dela. Se analisarmos Adão, ele se isenta de sua responsabilidade e não assume seu ato, pois ora, ser convencido de algo não torna o outro também responsável pelas consequências do mesmo?

Mota-Ribeiro faz uma citação mais que interessante em seu texto em que ao citar Tribble in Magonet (1992) coloca a relação de igualdade entre homem e mulher em plena desigualdade, ou seja, inexistente já na punição recebida pelo casal em pleno jardim do Éden.

“A hierarquia homem / mulher e a grande diferença entre os dois concretizam-se quando Adão “atira” a

culpa de ter comido do fruto proibido para a sua mulher. De facto, a origem de uma visão distorcida da relação entre os dois é evidenciada a partir do castigo da mulher que passará a ser dependente do seu marido a quem deve obedecer.”.

(Tribble in Magonet, 1992, p.94)

Como podemos viver em um mundo igualitário se nem mesmo o Deus dessa civilização parece não ter sido? O mito de Adão e Eva já mostra uma dominação de um gênero a outro, a inferiorização da mulher, um estigma da sociedade patriarcal que deixa uma cicatriz no feminino, cicatriz essa que deve ser estudada e quem sabe retirada com uma nova visão sobre esta mesma sociedade em que Deus aparece como impiedoso e a favor do masculino, mas há de se pensar que este mesmo Deus está agindo a favor do homem, pois ele assim o fez, não Deus ao homem, mas sim o homem à Deus. “E o homem, em seu orgulho, criou Deus, a sua imagem e semelhança”, como disse Friedrich Nietzsche. Então como imagem e semelhança desse homem, Deus também é machista e dominador, e quem sabe até pertencente ao gênero masculino? Personificando-o e o tornando humano? Afinal, quem está endeusado em nossa sociedade?

“Há nesse contexto toda a urgência de revisão dessas simbologias para que essas práticas machistas e agressivas tenham um fim, um cessar de pensamento superiorizado e de elitização de um sexo, o masculino. E assim iniciarmos a construção de uma mentalidade que caiba no nosso tempo, saindo dos preceitos e preconceitos do antigamente, do não conhecido e exilado de entendimento, para uma mentalidade mais evoluída e menos crítica e autoritária, o que inclui a imagem da mulher. “As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora...” BEAUVOIR (1970, p.16).

Não vivemos mais em uma época em que a gravidez não pode ser controlada, em que o homem não sabia se o filho era seu ou de outro, em que a racionalidade precisava ser separada da emoção, não vivemos mais nem na Era de Eva com seu Adão, assim como não vivemos mais na Era de Maria e do sacrifício isolado de seu filho para salvar o mundo, deixar um recado que já devíamos ter aprendido: ninguém é perfeito, ninguém é incapaz de perdão, ninguém é mocinho ou vilão, o amor é a única salvação!

Se Jesus existiu ou não, se sua crença é baseada nele ou não, se é católico, judeu, mulçumano, budista, espírita, agnóstico ou qualquer outra religião ou até mesmo ateu, não me importa, não importa o que sou também, no que acredito ou qual é meu ponto de vista sobre religião, mas se estamos aqui examinando Eva e Maria para entender a nós mesmas, ou (caso leitor for um homem) as mulheres quanto sua natureza, neste caso, artificial posso dizer por passagem, pois não vejo nada de natural nesta natureza até o presente momento; temos que saber separar o nosso ponto de vista para criar e até conseguir assimilar além de nós mesmos, saindo do nosso universo e mergulhando em outros meandros, tecendo peças parte a parte, tal como em uma fiação caseira em que trama e urdume são postos um a um em peças de madeira, com cuidado, capricho e só assim um tecido vem a existir podendo cobrir por fim o corpo nu. Estamos nascendo nus do útero de Eva e vestindo o manto de Maria para enfim vestir nossa própria roupa.

“A cisão e a delimitação do público e privado, construídos e potencializados pelas histórias e mitos, no que tange aos papéis sociais da mulher e do homem, vão se cristalizando, tornando verdades absolutas inquestionáveis e santificadas. Tece-se, assim, a naturalidade da aceitação cultural do lugar da mulher e do homem na sociedade, legitimando a relação de hierarquia do poder entre os gêneros.” (SILVA, 2010)

Nua ou vestida, com minissaia ou burca, de sandália de palha ou com uma túnica, há algo que nos interliga em um discurso modal e global, é como um cordão umbilical que não cortamos na mesa de parto, ligando a imagem da mulher e sua representação em uma esfera que vai além de uma separação entre ocidental e oriental, embora haja diferenças notórias e que não podemos fingir que não vemos ou não as percebemos, diferenças essas que fazem parte da cultura de cada lugar e de cada povo, sim, percebemos, vemos, estranhamos e comentamos, afinal, quem é aquela mulher por de trás do véu que cobre seu rosto ou que cultiva pinturas no corpo? Ela pode sentir o mesmo que eu?

Saindo de Maria e indo às Marias universais de nosso mesmo umbigo e corpo voluminoso, mas de outras regiões e multidões que não se localizam na mesma longitude e latitude do globo. Encontro entre outras vestes e outros panos as mesmas falas e entonações nada mecanizadas do que é ser mulher em uma sociedade machista. De burcas pretas e escondendo não só o corpo e as tetas, mas o rosto e o gozo, “Bordados” de Marjane Satrapi traz exatamente isso. Mulheres em ilustrações que dialogam com si mesmas, entre elas e se abrindo às interrogações e as afirmativas de um povo que cruelmente lhe rouba não só a sexualidade, mas a humanidade e a igualdade perante o outro.

O machismo, o sexismo, a desigualdade, a submissão não estão em vestir uma burca ou não, a roupa é um mero detalhe de ilustração feminina ao mundo, aos olhos do outro, controladas por um homem abusivo ou pelas campanhas de moda que apoiam a anorexia. A mulher encontra dificuldades em ser mulher pelas imposições que sua própria sociedade cria: o corpo perfeito, a mãe perfeita, a profissional perfeita, a mulher, a esposa, a santa e nunca a louca!



As ilustrações são do livro *Bordados*, de Marjane Satrapi, mencionado acima. O terceiro livro da iraniana que nos almoços de domingo participava com outras mulheres de sua família de conversas enquanto lavavam louça. Ilustradas com um humor sagaz, direto e perspicaz, Marjane mostra a mulher no Oriente Médio, esse enigma que ele é para nós, mas traz respostas a perguntas de quem somos? Mulheres em qualquer parte do mundo, somos iguais.

Embora examinamos a cultura ocidental cristã, a mulher dessa sociedade ou sociedades, não podemos deixar de negar que ser mulher é uma dificuldade em qualquer lugar.

No tempo em que nos encontramos, no presente momento digo, muitos diriam que a mulher não sofre mais tanto preconceito, que está de igual para igual em suas relações sociais com os homens na atual sociedade capitalista ocidental. Mas é de notar que ainda há uma diferença no âmbito não só público, mas como dentro da própria constituição de família que parece camuflar uma legítima discrepância nas inter-relações entre seus componentes.

Há uma tentativa empírica e homérica de se traçar uma jornada da heroína, a mulher! – proações e dificuldades, há uma verdade e uma mentira por trás de cada uma de nós e há uma figura mitológica que beira a linha tênue de santa e bruxa, mulher e demônio, visceral e um ato de macumba. Queremos ser Lilith e pouco conseguimos ou sabemos sobre ela. Afinal, quem é esta mulher?

1.2 A sombria imagem de Lilith

Dando continuidade à análise de personagens mitológicos femininos, emerge em texto uma mulher diferente de todas as outras. De salto alto, cinta liga e curvas em volúpia. Ingressa aqui como quem entra em um cabaré pronta para seduzir, dona de seu corpo, sorriso eloqüente, ela atrai e surpreende. Ela é Lilith, rainha das trevas, sedutora e de alma efervescente. Vestindo a roupa da sedução e na mão um chicote para controlar a situação, pois não é vítima, não é submissa ou santa, ela é a autoconfiança. Meticulosa e dominadora, Lilith quer sexo, mas sexo com tesão.

Embora desponte como personagem terciária, isso deve somente à ordem de sua apresentação. Se fossemos usar o critério cronológico, seria ela a primeira a aparecer, já que, embora menos conhecida que Eva e Maria – e, ainda mais, bastante incompreendida – ela foi a primeira mulher criada por Deus.

Seria Lilith o sujeito feminino da frase “Deus criou o homem à sua imagem. À imagem de Deus ele o criou, Homem e mulher os criou.” (Gênesis, 1:27), frase essa que antecede a criação de Eva e que para muitos estudiosos significa a presença de uma criatura feminina criada do mesmo material de Adão, ao mesmo tempo e não feita de sua costela posteriormente.

“Lilith é conhecida como a primeira mulher a ter sido criada em textos da tradição judaica, como o Zohar, o Talmud e o Alfabeto de ben Sira. Ela se faz presente, também, em algumas traduções da Bíblia, no Livro de Isaías, quando é descrito o seu exílio no deserto acompanhada de animais selvagens. Nesses registros, o mito de Lilith aparece como uma tentativa de sanar o que se considera uma lacuna na narrativa do Gênesis, já que se afirmam, em vários estudos, dois momentos diversos da criação da mulher, em seus capítulos 2. O primeiro, em paridade e igualdade com o homem e, o segundo, como é narrado oficialmente, quando retirada da costela de Adão, após o Criador ter se compadecido diante da suposta solidão do primeiro homem.”
(ANDRADE, 2010)

Eva é o pecado e a tentação, Maria a santidade em maternidade e Lilith? O que seria Lilith em seus signos e em ser contendo seios e úteros? Ela que foi feita de pó, de sopro, de sangue e que em óvulos caindo em colo não fecundado, há menstruação e no meio dela, Lilith sente tesão!

A primeira mulher de Adão foi tão contrária a segunda que deixa em nós uma dúvida. Lilith teria abandonado seu destino e optado por ser alguém de laços rompidos com Deus? Mas por que, Lilith? – para entender e poder assim analisar a imagem dessa decidida mulher, que em escama se transforma em uma serpente, que em noite ganha asas e voa; sua representação e sua significação. É preciso conhecê-la melhor, mergulhar em sua mente e vasculhar vestígios que dão a ela mais que atos de rebeldia e abandono de seu

companheiro. Há em Lilith uma perigosa característica feminina, a de se conhecer e da auto-estima. Lilith é tão perigosa e monstruosa, no sentido de ser sim um monstro mitológico e diabólico, que traz em si o negativismo da sociedade paternalista, quase como um perigo social e comportamental. É difícil um homem que a ame e que não a deseje, é raro a mulher que tem em si essas características “lilithiana” e que não a inveje. Aliás, Lilith é o objetivo da mulher moderna, seu objeto de desejo, porém ainda, como um leve lampejo, Lilith dorme dentro de nós, sonâmbula às vezes nos guia, nos faz sentir algo que não compreendemos, mas que instintivamente queremos e queremos muito, o deixar de buscar respeito alheio e tê-lo porque de fato merecemos. Lilith sabe disso, sabe seu valor e não se contenta com menos.

RODRIGUES (2012) em seu texto “Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo” aponta sinais de sua existência na crença judaica e como a intensa energia sexual e impositiva de Lilith a Adão trouxe em seu parceiro não só medo, mas receio de se perder em um relacionamento em que divide a voz, divide o prazer e a o controle da situação, mostrando desse modo que Lilith não se encaixa no padrão de sociedade na qual vivemos. Louca e insana, ela busca um único comportamento de seu companheiro, o de igualdade, porém rejeitada em sua eloquência, ela se afasta, não permitindo o domínio do homem autoritário sobre si, sendo preciso à criação de outra em seu lugar, tal como uma substituição, mas agora não feita do mesmo material e sim da costela de Adão, uma mulher submissa a quem Adão possa acasalar sem medo da imposição de igualdade.

“Lilith, como primeira companheira de Adão, feita do mesmo material que ele, cheia de sangue e saliva, possui sensualidade e força demoníacas, que perturbam Adão; mas também é aquela que lhe apresenta o prazer orgástico. O relacionamento é perturbado pela imposição do homem em permanecer por cima da mulher, ao que ela não aceita e por isto dele se afasta. Este mito simboliza, entre outros aspectos, a instintividade feminina

manifestada em sua sensualidade, bem como a reivindicação por igualdade sexual e social contra o machismo. Desta forma, observa-se que o mito traça um panorama de controle, submissão, repressão sexual e luta por igualdade sexual e social femininas. A feminilidade é um todo, porém este mito enfatiza um pólo de uma cisão: o lado da mulher sensual, a prostituta, porém com a força da autonomia e dignidade, presentes na busca feminina contemporânea por equilíbrio nas relações afetivo-eróticas.” (ANDRADE, 2012.)

Uma das pistas da existência de Lilith é em uma passagem do Gênesis II, 18-23, em que Adão ficaria extremamente contente com a criação de Eva após o abandono da primeira mulher, a primeira, sem nome citado, mas que deixa vestígios em “Esta agora é...” “esta agora será chamada...”. Não seria necessário o emprego do “agora” em ambas as frases se anteriormente a isto não houvesse outra mulher, uma situação anterior a esta e a esta mulher criada AGORA.

“E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta

será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada.” (Gênesis II, 18-23)

Se Eva significa a “submissão, dependência, culpa, curiosidade, fraqueza, inferioridade, emotividade e maternidade.” (PIRES, 2008) Lilith é anônimo de Eva, mas também está longe de beirar a santificação de Maria. Então, o Lilith representa para o modelo feminino já que contradiz Eva e Maria?

Para responder essa pergunta preciso lhes contar o que Lilith fez em sua rebeldia a ser criada e ao perceber a natureza de sua relação com Adão. A reação de Lilith é primordial para analisarmos essa mulher, a primeira, a que não foi feita de costela e sim de barro e cheia de sangue como o homem a sua frente querendo relacionar-se de modo dominante ao deitar-se com ela. Pois tudo começa, segundo o mito, quando Adão e Lilith vão se relacionar sexualmente pela primeira vez. Adão quer ficar em cima da mulher para copular e ela não aceita isso, Lilith quer ficar em posições de igualdade e não abaixo dele. Questiona o porquê de ter de ficar naquela posição e já transforma o sexo em algo relutante, não tão simples, mas um fator de questionamento e de não aceitação. Ela mostra já uma personalidade forte e de difícil dominação.

“Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; é igualmente a mais remota concepção feminina, que transmigrou para o judaísmo pós-bíblico a partir da mitologia antiga Suméria como a primeira mulher de Adão, como ele criada do pó e insuflada com o sopro do divino para fundar nossa espécie sem que soubesse aparente superioridade do homem sobre a mulher, até enfrentar no leito o desafio de sua submissão, o que provocou uma retificação mitológica por meio da suposta debilidade de Eva.”

(ROBLES, 2006, p.35)

Lilith recusa-se a ficar abaixo de Adão e quer que ele lhe deixe ficar de modo que sinta mais prazer, Lilith quer sentir controle de si mesma no ato sexual, ficando em uma posição de igualdade e de locomoção do corpo tal como Adão teria ao ficar por cima. Mas Adão, nega isto a ela que ofendida convoca Deus e diz que está partindo, abandonando assim seu parceiro e para nunca mais voltar.

“Ao criar Adão, Deus também extraiu a mulher do barro para que o homem não ficasse solitário sobre a Terra; e a chamou Lilith, que, na língua suméria, corresponde a "alento" [o sopro divino]. Porém, assim que os dois se juntaram, começaram a discutir, pois ela se opunha a permanecer por baixo do homem durante o ato da cópula. Aferrada à sua convicção de igualdade, Lilith exigiu de Adão que modificasse sua postura para que ela também desfrutasse do prazer do amor. Indignado, Adão se negou, alegando que era próprio do homem deitar-se sobre a mulher e afirmando que não acederia a seus desejos. Ferida em seu orgulho, Lilith pronunciou o infame nome de Deus e, enfurecida pela atitude do marido, abandonou-o para sempre.”

(ROBLES, 2006, p. 36-37)

Lilith assim partiu. Percebendo que não havia uma igualdade entre ela e seu par, preferiu abandonar a condição que lhe foi posta em sua criação e vagar como desertora do que viver ao lado de um homem que não a desse nem se quer uma chance de ser igual. Falasse no mito da cópula, mas podemos mostrar a amplitude desse ato de negar à Lilith uma posição sexual que também lhe permitisse um sentimento de dominar e saciar seu desejo e seus instintos no encaixe de corpos, para a vida conjugal. Mostra-se aí a soberania masculina perante a feminina, mais uma vez, negando a mulher uma sexualidade tão prazerosa e sensual que ao homem é permitido.

Do ponto de vista analítico e da semiótica, vemos que já no primeiro casal criado por Deus houve uma abnegação do direito da mulher e a punição que esta merece ao ser independente e se desvincular do homem, aquele ao qual ela deveria obedecer e saciar não só prazer, mas suas diversas vontades. Porque sim, Lilith sofre consequências de sua decisão de separar-se de Adão e ele, bom, ele recebe outra companheira feita de suas costelas, simbolizando a obediência e a submissão, tão contrária à Lilith.

“Adão queixou-se a Deus e, para satisfazer as demandas de seu servo, a divindade enviou três anjos à Terra, para trazer Lilith de volta ao lar, com a ameaça de que, caso não concordasse, mandaria matar cem de seus filhos a cada dia. Os mensageiros Sennoi, Sansanui e Samangaluf saíram em sua busca pelas planícies, montanhas e rios até que acabaram por encontrá-la no Mar Vermelho. Ali imploraram a Lilith que concordasse em regressar, que se submetesse aos caprichos de Adão e, com sua obediência, evitasse a cólera de Seu Criador. Como ela persistisse em se opor, os anjos advertiram-na de que recairia de forma inevitável o castigo supremo sobre ela e sobre seus filhos. Humilhada no mais profundo de seu ser, Lilith, ou a primeira Eva - como a chamariam indistintamente os intérpretes da Bíblia -, jurou vingança fazendo o mesmo a todos os recém-nascidos que encontrasse em sua passagem.”
(ROBLES, 2006, p. 36-37)

“Lilith afirma-se um demônio, pois profana o nome do Pai. Torna-se a serpente-demônio, veículo do pecado e da transgressão, numa busca instintual pela igualdade sexual.” (RODRIGUES, ano, p.7). Tida hoje como um demônio, sensual que atrai e que machuca. Lilith é uma imagem a ser evitada, da qual podemos ser seduzidos. É como uma vampira disposta a sugar nosso sangue, nossa racionalidade embasada no pudor e no moralismo. Culpada por

mortes infantis e de crianças recém-nascidas. Ela é vil, ela é puro instinto, boa e ruim, amarga e doce, desinibida e atrevida, mas nunca, nunca mesmo, submissa.

Devido a estas características da primeira mulher de Adão foi o que me fez colocá-la em um bordel vestida com espartilho e um chicote na mão para aqui apresentá-la. Para fazer sua primeira aparição. Lilith traz em si não só um mito de desobediência ao homem e ao criador, mas embutido a ele uma incoerência de se querer igualdade entre os sexos, um companheirismo e um tratamento que ela imaginava ser seu por direito.

A negação de Adão para com seu pedido não agride apenas um ego, um orgulho tolo que beira à vaidade feminina, mas sim agride o gênero que Lilith representa. Como primeira mulher criada e criada do mesmo modo que aquele que nega uma simples posição sexual a ela, Lilith se vê sozinha, não quer e não se deixará dominar por um macho que julga ser seu dono, superior e que não a vê como igual. “‘Nós dois somos iguais’ - disse-lhe Lilith antes de iniciar sua carreira endemoninhada” (ROBLES, 2006).

O mito de Lilith não se conclui, não há um fim para esta história, pois ela se encontra neste estado de serpente-demônio até os tempos de hoje. Ele ainda vive e ocorre no dia a dia, está na mulher que se rebela ao homem, nos finais de casamentos e no instinto sexual exacerbado e não compreendido, no julgamento e falso moralismo.

Há quem diga que Lilith é a serpente que convence Eva a morder do fruto proibido. Não satisfeita em abandonar Adão, ela se vinga ao fazer de sua outra mulher pecadora, levando ele com ela em seu triste desfecho. Mas voltando ao destino que Lilith tem: o de vagar sozinha, banida por Deus; talvez nos faça ver como Deus, esse Deus que a igreja católica propaga como verdade absoluta; foi injusto com as mulheres, ora banindo uma por querer simplesmente igualdade com seu companheiro, outra por morder uma fruta tida como a fruta da sabedoria, tal como a sabedoria era então negada ao jovem casal Adão e Eva pelo mesmo Deus, que pune o casal, mas que somente Eva condena.

O olhar sobre essas três mulheres distintas: Eva, Maria e Lilith, nos faz pensar em como a igreja assumiu o controle sobre a mulher, sobre sua

sexualidade e seu papel na sociedade. O problema desses mitos não se encontra nas figuras ilustrativas, mas sim na ação do próprio Deus e do homem de colocar a mulher em papel de submissão ou quando não, fazê-la alcançar uma purificação somente e unicamente através da maternidade.

Percebendo esta manipulação de sentidos e de sentimentos que a mulher tem dentro de si e que vem de fora para sua psique, tal como está intrínseca a quem ela é e deve ser: não podendo sair de uma padronização moral e sexual que se estendeu por milhares de anos (e ainda se estende), condenando-a ser uma boa esposa e geradora de um rebanho. Pois assim lhes pergunto: o que se assemelha mais a Deus do que a própria mulher que é capaz de gerar a vida? Bom, sem criar a expectativa feminista, eu respondo que sim, o homem, mulher e homem juntos, copulando e criando uma nova vida tais como outros animais que da relação sexual gera novos seres e novas almas. Assim sendo, não vejo ninguém melhor que ninguém, nem homem e nem mulher. Talvez e espero profundamente que nem Deus (caso este exista) tenha tal visão. Que esta simbologia macabra que causa agonia e tanta injustiça no nosso dia a dia seja apenas uma invenção do próprio homem que a se ver dominando sua sociedade e não resistindo o poder de afeição feminina, decidiu friamente afastar-se dela, tanto fisicamente e mentalmente rebaixando a mulher em uma esfera grotesca de acontecimentos ordinários que a história do nosso mundo guarda de maneira tão triste e tão desolada.

Posso passar minha vida aqui digitando tais acontecimentos, como por exemplo, a caça às bruxas, a violência e o estupro de todas as mulheres colonizadas em que com indiferença, foram tratadas como bichos e desejadas por seus seios e bucetas, sofrendo inúmeras vezes o tal do estupro, seguido ou não de morte. Não só assediadas fisicamente, mas o psicologicamente; o atentado ao pudor, o sexo sem autorização. A marginalização de seu trabalho quase que escravo em fabricação com jornadas desumanas e que em cortiços morriam ainda jovens tossindo na cama. Febris, loucas, histéricas, putas, vadias, a outra, a que apanha... Essas mulheres ainda existem, são nossas avós, nossas mães, madrastas, chefes e empregadas. Nossas filhas, sobrinhas e amigas, talvez

até nós mesmas, Maria da Penha ¹⁵ e seu marido obsessivo, a cadeira de roda e a paralisia devido a um tiro.

Andam na rua com medo do que possa lhes acontecer caso dê bobeira e atice aquele que se dá o direito de invadi-la, como se seu membro pudesse tudo e que a ela, fosse um ato astuto de um entretenimento que a ele não causa um mal, apenas um gozo, um prazer, um ato simplesmente carnal.

Essas mulheres estão no reflexo do espelho, passando batom e tentando ter vaidade, ficar bonita e se sentir bonita. Essas mulheres somos nós mesmas que ao ficar bela e se sentir tal como descrita aos olhos do outro pode ser um perigo, um aviso, um abismo eminente ao choque de uma cultura e de uma sociedade que nos coloca como inferiores; seres credores que com sangue e lágrima paga ao homem por seu pecado, unicamente e meramente de ser mulher e ter no peito seios e entre as cochas, a vagina. Vagina essa, uma parte de todo um sistema reprodutivo destinado ao sexo e a reprodução de sua espécie, que cabe apenas a mulher escolher a quem oferecer e ceder, não ao outro que a toma como um objeto simples e horrendo, mesmo vendo nos olhos dessa, o medo. Tal como o homem, todos têm o direito de escolher seus parceiros sexuais e não um monstro a nos impor.

“Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade.” (BEAUVOIR, 1970)

¹⁵ Maria da Penha é o nome de uma mulher brasileira, nordestina, letrada, formada e casada com um marido que após lhe bater tanto e tentar contra sua vida, acabou por deixá-la paralisada da cintura para baixo após tentar mata-la com um tiro enquanto ela dormia. Maria da Penha após anos e anos de luta consegue uma liminar que o afasta dela e consegue para todas as outras mulheres brasileiras esse mesmo direito em uma lei que recebe seu nome.

Primeiro Relato: O abuso Infantil deve ser exterminado!

“Eu não sei bem como consegui abrir os olhos e respirar depois que me afoguei naquela piscina, eu tinha 4 anos... Nunca esqueço, minha Mãe me colocou numa escolinha mesmo com a minha avó que cuidava de mim de dia pra ela trabalhar, e assim dizia que seria melhor para não sobrecarregá-la. Eu gostava de ficar na fila, cantar músicas educativas, desenhar... Mas eu nunca conseguia ficar nas brincadeiras coletivas e na hora do lanche, eu pegava meu danone e ficava no canto do banco da mesa do refeitório. Sempre fui introspectiva, mas dentro da minha cabeça era um turbilhão de ideias, sonhos e alegria. Só me aproximava de quem eu percebia uma fresta de afinidade ou me via refletida, assim e só assim conseguia identificar algo para me juntar a pessoa, aliás, o que acontecia até pouco tempo atrás.

Quando eu entrei na escolinha e teve o acidente do afogamento da piscina, foi bem traumático, mas o que veio depois me fez querer me afogar propositalmente várias e várias vezes, não importava aonde, poderia ser na piscina, no mar ou em minhas lágrimas e em meu sentimento de ser inferior.

Meu Tio tinha 16 anos e eu 5, o irmão mais novo dos 3 filhos da minha Avó materna, o irmão mais novo e querido da minha mãe, o que ela brigou por ele em várias situações, o que ela buscava na escola, o que ela deu a primeira bicicleta, o seu amado e querido irmão mais novo... Assim como ela, eu também confiava muito nele, era meu amigo de ver desenho, o Tio novo (11 anos mais velho que eu apenas...) que me levava pra passear de carro, que me ensinou a andar de patins no quintal de casa e o que me ensinou a me odiar e odiar meu corpo.

Algumas noites, enquanto minha Mãe estudava terminando o ensino médio, ela pedia pra ele ficar de olho em mim, pois meus avós deitavam cedo e nessas vezes eu ficava no sofá brincando, pois a minha hiperatividade mental me fazia ou viajar desenhando roupinhas de bonecas ou brincar com casinhas de madeira, mas sempre sozinha em casa a noite, o que ela não podia acompanhar e assim cuidar de mim.

Eu dormia no sofá, ele me levava pro quarto da minha Mãe onde eu e ela dormíamos, e o meu sono, e os meus sonhos se tornavam um pesadelo confuso e infinito. E quando eu acordava e pensava que tinha terminado, sempre tinha a mão tapando minha boca e falando aos meus ouvidos "xiiiiii fica quietinha fica, o titio ta cuidando de você" e isso me dá um nojo, mas um nojo e uma fúria que toda vez que eu lembro da voz dele, é algo nítido como se tivesse em repeat non stop na minha mente, sempre continuando e continuando com ecos batendo nas cadeiras e no tapete e voltando pra minha mente.

“Os indivíduos que abusam de crianças e adolescentes, na sua maioria, são familiares, amigos íntimos da família, ou pessoas em que as crianças confiam. Esta posição de confiança na qual os agressores se encontram, assim como a posição indefesa da criança na família, torna mais fácil encobrir o crime e persuadir ou assustar a criança para que esta se mantenha calada.”

Um garoto de 16 anos molestar de uma menina de 5, sua sobrinha não é abuso? Porque ele era menor? Porque eu também era?

Mas por anos, eu não conseguia lembrar, foi tão forte, tão aterrorizante aquela escuridão e o aperto das mãos em meus pequenos lábios que eu tive um bloqueio de choque. Só vim a lembrar disso fazendo terapia uns 15 anos depois.

O que ele fazia era me colocar na cama, deitar do meu lado, passar a mão no meu corpo e como eu era muito pequena e estava dormindo não tinha como me defender, nem sabia se era errado, afinal ele era meu Tio, o mais querido por mim e por todos e eu confiava nele como se fosse meu protetor, meu amigo. Ele usou essa confiança e abusou do meu corpo, furtou a minha racionalidade e matou boa parte da minha infância e algumas doces lembranças que foram apagadas pelo trauma que ficou.

Eu demorei anos pra conseguir me relacionar com meninos, tinha dúvidas em mim mesma se gostaria de meninas, e não gostei, tive experiências

na adolescência sim, me sentia mais tranquila com elas...mas sexualmente algo ainda não era complementar. Me apaixonei aos 16 e então ele era muito carinhoso e amigo, pude confiar novamente, aos 17 tive minha primeira vez e ainda me sentia estranha, deslocada.

“Abuso sexual é uma situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, baseado em uma relação de poder que pode incluir desde carícias, manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, “voyeurismo”, pornografia e exibicionismo”.

Anos depois no processo terapêutico, que fui por tantos momentos oscilantes de depressão, apatia e até uma anorexia nervosa, pude perceber que eu tinha sofrido um abuso, que ele era real e que eu nunca fui culpada como me sentia. A culpa era por não lembrar com detalhes para poder delatar com propriedade dos fatos.

Não sentia abertura da minha Mãe, e nem do meu Pai que sempre estava fora e ocupado demais, da minha Mãe apesar de mais próxima eu não sentia abertura porque ela era irmã dele, e o adorava e tinha ótimo relacionamento. Como dizer? Como vomitar algo que me enjoava? Impossível, até uma gastrite eu tive.

Aos poucos na terapia, fui me soltando, aliviando as dores, cicatrizando marcas. Acabei por montar a quebra cabeças daquelas sete noites alternadas em que fui furtada de minha inocência.

Finalmente podia denunciar tudo! Mas minha avó estava ficando doente demais, meu Avô sempre nervoso as voltas desses momentos delicados, minha Mãe em separação com meu pai, meu pai com uma amante, e eu? Sozinha, perdida, com ódio...

Prometi a mim mesma então que só abriria o passado quando meus avós maternos partissem, e assim eu segurei, e me defendi de encontros familiares que eu precisasse estar presente e perto dele o máximo!

Havia chego o grande dia e o dia mais triste da minha vida, primeiro porque minha Avó amada que me criou e me protegeu e me ensinou a me proteger até onde ela tinha olhos, tinha partido e segundo, porque eu iria ter que dar voz a minha dor na frente dos parentes e talvez até de desconhecidos.

Cheguei perto dele e da esposa que estavam chorando próximo do caixão de minha avó, meus olhos eram água e fogo. Um suspiro e uma angústia. Lembro que o cheiro dos crisântemos me fizeram nausear. Desisti, recuei. Recuar? Não, cessar o pranto e recomeçar.

Recomeçar e terminar! E é isso que eu consegui, consegui me acalmar naquele momento, renovar minha alma, me alimentar de carinho de quem pode me confortar naqueles meses em um dia. Minha Mãe tão tranquila e ao mesmo tempo um pouco desconfiada e decepcionada com algumas atitudes daquele Tio, por questões de espólio, enfim, resolvi aproveitar e abrir meu coração.

Ela me ouviu e me questionou porque eu me calei e demorei todos aqueles anos. A resposta foi: você não iria acreditar em mim.

E ela se calou e derramou em lágrimas, parecia que ia se esvair ali mesmo, nunca vi minha Mãe tão sem chão e olha que ela já tinha passado por coisas bem difíceis. Ficou um silêncio, ela negava o tempo todo, dizia que talvez eu tivesse tido um pesadelo na infância e que crianças de tão tenra idade não tem memória tão detalhada, só alguns flashes. Pois eu nem me esforcei muito para convencê-la de que eu tinha levado 22 anos pra ter certeza e não ferir ninguém.

“De um lado o ‘muro do silêncio’ erguido e mantido pelas pessoas que convivem com a situação de abuso, de outro, a negação completa do abusador, de outro ainda a culpa da criança ou adolescente por estar sabendo e sentindo o abuso, fazendo com que o sentimento profissional deslize do ódio e do nojo, para o distanciamento e a negação”.

O que me levou ter certeza? Uma parente distante, comentou com um outro Tio meu que ele tomava banho com o filho até os dias atuais (na época

em que ouvi isso, digo) e o filho já tinha 11 anos e quem ouviu essa história ficou perplexo do porque disso, já que com 11 anos a criança pode muito bem tomar um banho sem ajuda do Pai.

Ele não se curou, eu me curei. Mas a cicatriz é ainda profunda.

Toda vez que eu sem querer ouço alguma história de abuso, mesmo em noticiário, ou de alguém um pouco próximo, eu fico num estado catártico, eu fico terrivelmente abalada a ponto de não conseguir me alimentar ou dormir por dias.

Pensamos em fazer uma denúncia ao Ministério Público, mas era tarde, com 20 anos um crime é prescrito, infelizmente são as leis da nossa legislação Penal.

Ódio? Mágoa? Sensação de impotência, de injustiça, de nojo dele e da marca que deixou em minha alma é pouco para todos os momentos de crise que eu senti, e que até meu relacionamento afetivo com meus Pais foi alterado graças ao abuso, todos os meus relacionamentos com os meus ex-namorados também, porque eu nunca acreditei totalmente que eu poderia ser amada, cuidada, bem tratada. Sempre tinha crises ou de perceber homens incríveis se aproximando de mim e trata-los mal e com desdém, ou de me entregar e me sentir culpada e tentar a todo custo sair de um relacionamento, que se eu pudesse ter me permitido, seria muito amada e feliz. Me afastei de amigos nas fases de depressão e apatia profunda, tive visão distorcida, me olhava no espelho e me sentia feia, suja, errada.

Nunca tinha conseguido fazer sexo sem tomar banho quase fervente e me esfregar da cabeça aos pés por menos de 1 hora, nunca tinha conseguido ficar nua no escuro ou com luz, era sempre com roupa, e sempre demorava pra me entregar, muita gente desistiu antes do sexo por me sentir tão fechada e alterada.

“Crianças ou adolescentes que foram sexualmente abusados por seu pai, tio, irmão, avô ou algum amigo ou conhecido de confiança da família poderão ter uma visão muito diferentes do mundo e dos relacionamentos interpessoais em relação àqueles que

cresceram em um ambiente familiar amoroso, protetor e com fronteiras familiares bem definidas (...). À medida que estas crianças crescem, percebem que sua confiança e seu amor foram traídos. Conseqüentemente, pode ser difícil para elas voltar a confiar em alguém, e isso pode gerar problemas graves em seus relacionamentos sociais e sexuais na vida adulta”.

Hoje quando eu acordo, eu posso ver o céu pela janela e enxergar o brilho do azul, posso sentir uma brisa de novas esperança, tenho expectativas e projetos que me fazem renovar tudo a cada hora do meu dia e assim, sem espaços vazios.

A dor passou, a cicatriz não, como disse antes, ela é profunda e ficou. Mas hoje o que eu não consigo me abrir pro resto dos meus familiares, pros estranhos, pro mundo... Ela tá aqui! E não vou parar, não vou me calar, nunca soube gritar, me abafaram, mas agora eu aprendi e gostei tanto de ouvir minha voz, forte e convicta do que posso alcançar, que eu vou gritar sempre, e com isso vou ajudar a impedir que outras meninas e meninos sofram calados.

Esse é o fim do pesadelo do inverno de 87.

A noite fria, escura e úmida teve seu fim com o início de uma manhã de primavera na cidade de São Paulo.

“O abuso sexual ocorre em todos os países, independente da situação social e econômica, da religião ou credo dos abusadores ou das suas vítimas. A desinformação, a promiscuidade, o abuso de álcool e drogas e afetiva do abusador sobre sua vítima, são condições que favorecem ou determinam o abuso sexual. (...) O Agressor é uma pessoa comum da sociedade – contrariando a crença de se tratar de um indivíduo psicopata – de inteligência média, ou acima da média, o que facilita o encobrimento do abuso, podendo ter sido, às vezes, ele próprio vítima de abuso na sua infância. (...) Ele é um perversor e faz

parte de sua perversão enganar a todos sobre sua parte doente. Para ele, enganar é tão excitante quanto à prática do abuso. Pode esconder-se vestindo uma pele de cordeiro, ou uma pele de autoritário, ou uma pele de moralista, mas isto não passa de artifício a serviço da sua perversão. Este é o ponto central da sua personalidade, a perversão.”

Êxodo de Anna Karina!

*Todas as citações citadas nesse depoimento foram tiradas do livro “Abuso sexual, mitos e verdades” da ABRAPIA (Associação multifuncional brasileira de proteção à infância e a adolescência), disponível online na internet.

A copula, este ato de prazer e sexualidade que existe em todos os animais, e que falo aqui em especial nos seres humanos que podem se dar rosto a rosto, olhando nos olhos daquele que juntamente a si se doa e recebe, em suor e deleite, enquanto do corpo se faz receptáculo de movimentos repetitivos e engajado voluntariamente ao instinto. Deveria ser um símbolo de empatia e de profundidade dos laços, não de submissão e interiorização daquele que fica por baixo, do adulto à criança.

O homem pode revesar, pode inverter, pode inventar, tal como compasso, o Kama-sutra me parece ser um verdadeiro manual de encaixe. É um ousar de sentidos e instintos que cabe tanto ao homem quanto à mulher. Unidos ou em outros tipos de sexualidade que só ao indivíduo cabe. A vida sexual é um ponto da personalidade que só a quem pertence é crucial, tal como raça, idade e gênero, o preconceito ainda é o nosso maior defeito.

A mulher, vista como inferior ao homem, tem seu corpo também inferior, que a ele pertence muitas vezes, tal como visto acima e para justificar essa inferioridade o homem se apoiou em diversas áreas, mas o que não sabe o homem é que ele inferioriza a si mesmo em tudo que ele não acha cabível em sua “normalidade”. É frio, é ambíguo, é manipulador e antiético. A autora de

“O segundo sexo”, Simone de Beauvoir faz uma analogia na situação da mulher e a do negro, mostrando a inferioridade de ambos pela sociedade.

“A fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc. Quando muito, consentia-se em conceder ao *outro* sexo ‘a igualdade dentro da diferença’. Essa fórmula, que fêz fortuna, é muito significativa: é exatamente a que utilizam em relação aos negros dos E.U.A. as leis Jim Crow; ora, essa segregação, pretensamente igualitária, só serviu para introduzir as mais extremas discriminações. Esse encontro nada tem de ocasional: quer se trate de uma raça, de uma casta, de uma classe, de um sexo reduzidos a uma condição inferior, o processo de justificação é o mesmo. O ‘eterno feminino’ é o homólogo da ‘alma negra’ e do ‘caráter judeu’. O problema judaico é, de resto, em conjunto, muito diferente dos dois outros: o judeu para o anti-semita é menos um inferior do que um inimigo e não se lhe reconhece neste mundo nenhum lugar próprio: o que se deseja é aniquilá-lo. Mas há profundas analogias entre a situação das mulheres e a dos negros: umas e outros emancipam-se hoje de um mesmo paternalismo e a casta anteriormente dominadora quer mantê-los ‘em seu lugar’, isto é, no lugar que escolheu para eles; em ambos os casos, ela se expande em elogios mais ou menos sinceros às virtudes do ‘bom negro’, de alma inconsciente, infantil e alegre, do negro resignado, da mulher ‘realmente mulher’, isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem.”

(IDEM, 1970)

Analisado o ato de rebaixar um sexo ou uma raça, adentremos se não na superioridade branca, masculina, capitalista e ocidental que transforma seu mundo em desavenças que aqui estamos analisando e buscando sentido na discrepância de sermos marginalizadas. Tal como os negros, as mulheres foram e muitas vezes ainda são, objetos de injustiça e violência por parte desses que as marginalizam. E mesmo em uma sociedade que há mais de 2 mil anos vem se auto analisando, reconhecendo seus erros, tentando corrigi-los, estamos em um grau evolutivo inda muito abaixo do que podemos alcançar.

Outra área que sofre de mesmo preconceito, de falta de respeito e de entendimento, são os homossexuais, os transexuais e até mesmo os bissexuais. O mundo parece não gostar daquilo que o confunde, das características que não podem compreender me parece e tal anseio do desconhecido gera um ataque frívolo, não apenas inato ao moralismo, mas de uma guerra moral entre sua própria espécie.

A sexualidade é algo particular, é um estado de intimidade que pertence unicamente ao seu sujeito de interação e com quem divide a ação, mas que fragilmente ganha esfera social e a sociedade pertence sem que tenhamos chance de defesa a nós mesmos e a nossa natureza, ora nos reprimindo, ora nos julgando, ora nos alertando de uma promiscuidade ou de um falso lanco em língua cortante ao que nós é (ir)relevante. Pertencendo assim, a sexualidade, às críticas, o que gera vítimas e vitimiza pessoas por uma pequena característica que de tão íntima e ínfima não deveria ser considerada como fator discriminante, sendo ela uma parte e não o todo, nunca de um ser humano. Tal como é o gênero feminino, uma raça, uma cor, uma opção sexual... E a mulher é também toda essa escolha de prazer e ser quem quiser ser em tantas separações e subdivisões sexuais.

Relatos seguintes: a mulher e suas sexualidades!

Mulher não é somente aquela que ficará com homens e está aqui para servi-los com seu corpo a fim de dar a luz a seus filhos. Mulher não é somente um ser nascido com um órgão genital que lhe faça fêmea de sua espécie.

Dos mitos à imagem real e atual. Passamos séculos tentando conquistar direitos fora de um mundo privado e íntimo que da subordinação ao choro escondido, fez-se necessário este ímpeto: um grito de independência como uma colônia de sua metrópole ou daqueles que são marginalizados por algum tipo de poder.

A independência sexual, poder optar com quem e quando se envolver sexualmente, ainda é uma luta da mulher. E embora as vertentes da sexualidade sempre tenham existido e camufladas quase sempre em moralismo preciso; a mulher e o homem não se resumem em suas uniões estáveis ou voltadas para ter filhos.

Há algo de representativo em não aceitar o outro como um todo dono de si, o que a sexualidade demonstra em nosso cotidiano de forma imediata. É a incompreensão de características individuais e da manifestação de personalidade contrárias a nossa (ou que fomos condicionados a achar que temos como personalidade ou ainda nossas meras concepções de mundo e nossas crenças). O ser humano foi orientado para desconfiar de suas próprias sensações e desejos, temendo diabos e demônios que implantados pela igreja como seres obscuros e impuros, fizeram do próprio humano um ser confuso, preconceituoso e que em aviltamento coloca o outro e até a si mesmo.

A vida sexual é um campo minado da qual não se pode falhar. Seu corpo, seu sexo, seus gozos e seus anexos, complexos ou apenas adereços e extensões de uma alma totalmente em formação que tem a obrigação de ser hétero e amar para gestar a vida e fazer dela sua plenitude na Terra, a santa e insana maternidade, que assim seja, graças a Deus.

Uma vez ouvi a seguinte frase: - Tenha um filho, quando você tem um filho todos te perdoam de seus erros. - Eu ri, eu não podia dizer aquela pessoa

que me aconselhava a ter um filho, sendo que eu me encontrava (encontro) em estado de imaturidade, solteira, sem uma independência justa e satisfatória financeira, que ela estava errada. Que meus erros deveriam ser perdoados ou não pelo simples fato de eu ser gente, humana, ter sentimentos, errar e acertar como todo mundo, não porque, assim como ela e muitas outras mulheres pensam na maternidade como uma purificação da alma feminina e uma elevação de seu estado de mulher para o de mãe. Eu simplesmente ri e me calei, pois entraria em uma longa e desgastante discussão de quem era melhor com seus pensamentos, como se nem ao menos pudesse ter os meus.

Tal conselho me faz pensar em como nossa vida é muito feita para os outros. Como até nosso sexo pode nos fazer digna ou não de perdão, pois e se por acaso eu não quisesse ser heterossexual? Se quisesse casar com uma mulher? Ou ainda mudar meu sexo? Se minha vida eu trilhar em encontro ao profissional e a um liberalismo sexual em que envolve homens e mulheres? Não serei perdoada, pois não fui uma mãe?

É uma mentalidade cruel essa. Cruel, pequena e pior, veio de uma mulher. Pois, “a maternidade constitui uma das possibilidades de identificação feminina, porém não esgota o ser mulher” (OLIVEIRA, 2007) e muito menos o ser humano como falho e digno de perdão.

Sobre a sexualidade humana fica uma mensagem social de que o que é seu não é seu, é dos olhos do outro que se mostra interessado em julgar seus atos. E o preconceito se faz uma arma para aquele que se mostra, não indiferente a isso, mas mais preocupado em ser feliz, em buscar compreensões ou satisfações para si, não para o outro.

A felicidade, a sexualidade, a contrariedade, o diferente, o que foge do “normal”, das figuras míticas e tão inseguras ou errôneas em percepção de ser mulher, do que pode ser uma mulher, uma pessoa acima de seu sexo e ao mesmo tempo dona de sua sexualidade, afastando-se do mito e da imagem da mulher que em lavagem social, econômica e religiosa, implantaram não só em nós, mas até mesmo nos homens a concepção do que é uma mulher: a emoção, tão contrária a eles, aos homens, que detêm a razão e o destino de todos. A mulher é apenas uma passagem, uma ponte, uma bacia a ser cheia, um

escapulário e uma imagem terne, desfocada. Não guia destinos, não é dona de nada, apenas uma boa e farta namorada.

“A realização de cada pessoa e mesmo a nossa própria saúde integral dependem muitíssimo da forma como trabalhamos interiormente tais realidades e como o consciente, seja acolhendo-se, depurando-os e integrando-os, seja confrontando-os, hostilizando-os e recalcando-os.” (MURANO et al., 2002)

Quando eu tinha dezesseis anos minha mãe me disse: - No futuro, as pessoas serão bissexuais, pois elas não vão mais se apaixonar por sexo, mas sim por pessoas. - Na época não entendi muito bem o que minha mãe quis dizer, mas hoje eu vejo que ela mesma já enxergava essa perspectiva de classes e gêneros muito diferente que a maioria. E eu com muita sorte tive (tenho) essa mãe.

Ninguém é melhor ou pior por sua escolha sexual e ser mulher também é isso, é poder ser quem ela quiser, não se forçando para ser o padrão, mas apenas aceitando suas manifestações de prazer e dando vazão aos sinais que emitem seu corpo.

A sexualidade feminina é um elemento secundário em sua educação na maioria das vezes. Ficando pontos de interrogação em lacunas não preenchidas para as perguntas e orientações que deveriam receber de seus pais, que deveria ser tão importante como dizer, “por favor,” e “obrigada”. Perguntas essas que na maioria das vezes são respondidas pela vida. Pelo início de sua vida sexual ativa e em um contexto mais amigável que familiar.

“(...) A mulher, quando criança, deve ter bons modos e controle sobre sua vontade. Na adolescência, não é preparada para a vida, mas sim para negar o prazer, cheio de culpa, censura e medo. Nesta fase, as questões sobre sexo geram constrangimentos e são

respondidas de maneira incompleta, quando são ignoradas. Se ela deseja algo mais, lhe vem inconsciente ou consciente a idéia de que não é certo.” (GOZZO et al., 2000)

A Heterossexual

“Perdi minha virgindade aos 17 anos, embora quisesse casar virgem, mas minha tia avó morreu e minha mãe e minha avó viajaram para irem ao velório que seria em outra cidade. Deixando eu, minha irmã e minha amiga sozinhas em casa e nós três namorávamos na época. Nossos namorados foram ficar com a gente, assistimos a um filme. Porém, pós-feito isso fui para o quarto com meu namorado, minha amiga com o dela e minha irmã ficou na sala. Resultado: eu e minha amiga perdemos a virgindade no mesmo dia, naquele dia para ser mais exata.

Eu e meu namorado nascemos no mesmo mês, mesmo ano, mesma cidade, com um dia apenas de diferença e nossas afinidades não acabavam por aí, amamos cavalos e bebíamos pinga com guaraná (o que eu adorava na época), frequentávamos rodeio, mas só nos víamos nos fins de semana, pois eu mudei de cidade após um tempo.

Naquela época, no terceiro colegial, fiz minha transição de peoa para uma pessoa "normal" sem identificação através de roupas típicas como calça wrangler, botina e camisa xadrez típicas de pessoas que frequentam feiras e eventos de peão de boiadeiro, tão típicos no Brasil.

Conheci Raul Seixas, maconha, aprendi a dirigir, fiz minha tatuagem e me senti mais livre e adulta após o rompimento do hímen. E mesmo não namorando mais, ficou marcas da época de peoa que tive, me acompanhando na atração por homens estilizados machões, viris e fortes não só no sentido de músculos, mas aqueles brutos, rústicos e sistemáticos.

Das experiências diferentes a isso, tive um noivo metrossexual, personal trainer, musculoso, que passava mais cremes que eu, tirava a sobrancelha e era de uma frescura para comer que me traziam mais raiva que orgulho daquele homem, ou seja, de parecido com mulher e os cuidados que temos ou costumamos ter com nosso corpo, não tenho atração. E suspeito que pessoas que valorizam em demasia o corpo nunca estão satisfeitas consigo mesmas. O final desse relacionamento foi traição, pois a pessoa que nunca está satisfeita, nunca para de procurar por algo e procurar em outras pessoas.

Eu não ligo para a aparência quando paquero ou me sinto atraída por um homem, não mesmo, é algo além, nos trejeitos ou algo do momento, paquero e se sou correspondida aí posso tomar outra atitude, mas nunca me senti atraída por uma mulher.

Já fui assediada por mulheres, sim... Inclusive na época dos meus 17 anos... Estava sentada em cima do meu fichário com o estojo entre os joelhos e uma colega passou a mão na minha perna e me pediu pra ver o estojo, levantei prontamente e disse que se ela fizesse isso de novo eu ia “rachar” a cara dela, uma maneira simpática de mostrar que aquilo não me agradou, alias, nem se fosse um homem isso me agradaria, há jeitos e jeitos de se paquerar e o respeito é o melhor de todos, a trocar de olhar.

Para chegar a sexo o homem tem que me conquistar, tesão para mim vai além da vontade de transar, é um carinho, uma intimidade a dois, por isso namoro mais que tenho casos, alias, casos são raros, mas sempre com homens e minha preferência por virilidade é uma característica que ainda predomina, mesmo com as decepções e os más momentos, tudo faz parte da vida e dos relacionamentos.”

G.B.V - 31 anos

A sexualidade é um fator tão importante para a saúde feminina como o funcionamento de suas artérias e seus rins. Porém muitas vezes este fator é ignorado até mesmo por profissionais que em descaso não respondem ou não atendem a um nível mais profundo questões voltadas para este elemento.

“(...) pode-se comprovar que quando algum problema relacionado à sexualidade aflige as mulheres, elas não têm a quem recorrer. Quando a queixa é feita aos profissionais que atuam na área de saúde, estes mostram falta de interesse, tendo a sensação de que a sexualidade não faz parte da sua saúde.” (GOZZO et al., 2000)

Tratar a sexualidade como um segmento em que não apenas ovários, trompas, vaginas são importantes; em que apertar mamas e colher resíduos para o Papa Nicolau sejam apenas alguns dos muitos procedimentos a serem analisados e vistos dentro de um contexto psíquico-social e emocional deveria ser o correto. E desse modo auxiliar a mulher em sua própria jornada sexual que a acompanhará e ditará muitas de suas emoções e até mesmo ações futuras. Visto que, muitas mães e pais preferem ignorar que suas filhas possuem uma vida sexual ativa ou uma sexualidade contrária a que eles gostariam que estas possuíssem.

De acordo com LAPLANCHE (1995, p.619, apud GOZZO et al., 2000) “... sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas de toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual.”

A sexualidade feminina muitas vezes se torna tão confusa a essa que acaba por envolver não apenas um prazer ou manutenção de prazer (já que o ser humano não se relaciona sexualmente apenas para a reprodução), mas uma

extensão de paradigmas que nem mesmo ela entende. Tentando se afastar do emocional e nunca se afastando por completo e o emocional dessa mulher geralmente é a família, a instituição que ela é base, que deseja ser base ou ainda, teme ser sem que queira de fato ser mãe, sendo este o lugar da mulher diante nossa sociedade.

“As mulheres relatam que sentem dificuldade no relacionamento íntimo por se sentirem frias e geladas; por medo de engravidar, por dificuldade em expressar suas necessidades afetivas tenho dificuldade de falar o que sentem, vergonha de dar dicas de onde ser tocada, de falar o que querem na relação.” (GOZZO et al., 2000)

Fica a espreita uma interrogativa para mulher de como se dar e ter prazer. De como se constroem seus relacionamentos e as práticas sexuais por ela adotadas. Visto que “a relação sexual na espécie humana é uma necessidade básica, não instintiva, razão pela qual o indivíduo decide se quer ou não praticá-la.” (GOZZO et al., 2000).

Sofremos imposições de todos os lados e de todas as maneiras. Fica difícil o ser livre e obter liberdade se nem mesmo podemos decidir por nós mesmas o que fazer com nosso corpo, se não sabemos e não somos idênticas, nem em corpo, nem em personalidade, em caráter, em temperamento, em morais e conceitos diferenciados. Se ainda o preconceito é o rei de todos os argumentos e a subordinação a rainha de todas as fantasias do homem para com a mulher e às vezes até dela mesma para com seu “homem”.

“As dificuldades em exercer a sexualidade, vem das escolhas feitas pelos indivíduos, quando estes sacrificam aspectos próprios para atenderem as exigências da educação e da cultura, por exemplo, a cultura brasileira cultua a figura masculina e educa a mulher para servir o homem sem preocupar-se consigo mesma. Por outro lado, pode significar busca de algo que não se realiza.” (GOZZO et al., 2000)

A Bissexual

“Sou uma pessoa muito bem resolvida sexualmente. Nunca tive dúvidas de que gostava de meninos e meninas. Desde criança adorava “brincar de casinha” com ambos os sexos. Os anos se passaram e soube que minha preferência eram homens, pois adoro ser penetrada e não acho que dedos ou vibradores consigam fazer o que um pênis de verdade faz, mas, em contrapartida, gosto muito da sensação de ser tocada por uma mulher. Acho que elas conhecem bem o corpo feminino, por esse motivo são capazes de proporcionar prazer de uma forma “natural” (se bissexualidade for natural, o que eu, particularmente, acho que vai ser o futuro da humanidade) apenas com o toque!

Minha primeira vez com um homem foi com 13 para 14 anos. Doeui muito. Mas foi algo legal porque estávamos fazendo “aquilo” pela primeira vez em nossas vidas juntos. O namoro não durou muito, logo eu pulei fora. Minha primeira vez com uma mulher foi com 17 para 18 anos, e foi algo doce, muito delicado entre amigas que depois disso quase nunca mais se falaram.

Me casei, sou feliz sexualmente com meu marido e me satisfaço muito com ele na cama, é um relaxar e atingir o ápice na maioria das vezes em que ficamos juntos! Mas eventualmente gosto de uma companhia feminina. E sei que isso é extremamente normal, pelo menos pra mim!”.

M.T. G - 32 anos

Freud tratava a homossexualidade feminina ¹⁶e masculina como inversões de papéis, chamando estes de “invertido”, para não cair em uma

¹⁶ Investigação epistemológica da homossexualidade feminina na obra de Freud: uma perspectiva lewino-bruniana, Professor Doutor Ricardo L. L. Barrocas.

afirmativa em que já nascemos com um objeto de desejo e sim adquirimo-os por “acidentes” na vida.

“Depois de confessar: ‘espanta-nos [...] descobrir que há homens cujo objeto sexual é outro homem [...] e mulheres cujo objeto sexual é outra mulher e não um homem’, Freud (1972, p. 136) afirma tratar-se aí de ‘invertidos’: aqueles cujos sentimentos sexuais são contrários aos da maioria das pessoas. Ele desconhecia, no entanto, ‘o número desses indivíduos’, isto é, dessa minoria ‘difícil’ de precisar. Embora Freud (1972, p. 137) tenha também constatado que alguns homossexuais considerem ‘sua inversão algo tão natural quanto uma pessoa normal aceita a orientação de sua libido’, enquanto que outros ‘se revoltam’ a esse respeito, ele julgou esses fenômenos ao modo aristotélico. Queremos dizer que ele fez valer somente os critérios de regularidade e frequência da heterossexualidade.”. (BARROCAS

Com o passar do tempo e seus estudos clínicos e vivências através de pacientes e relatos de desejos e da própria homossexualidade, Freud adquiriu novos conceitos da própria homossexualidade e de papéis invertidos passou a considerá-la uma normalidade de desejos humanos que são muitas vezes reprimidos.

“Trechos de algumas declarações feitas por Freud nos encontros semanais da Sociedade Psicanalítica de Viena mostram que há mais um fenômeno para considerar sobre a origem da homossexualidade: a bissexualidade constitucional. Encontramos aí um dos dados clínicos em torno do qual se centrou seu raciocínio. Na sessão do dia 6 de outubro de 1907, ele (FREUD apud DELRIEU, 1997, p. 433) asseverou: ‘em nenhum caso, é permitido considerar alguém como homossexual ou heterossexual segundo

seu objeto’. Mediante sua concepção dualista aristotélica, na sessão do dia 15 de janeiro de 1908, ele estabeleceu uma regra a esse respeito: quando alguém manifesta ‘uma atração anormal por um sexo, esta compreende sempre uma tendência mais antiga dirigida ao outro sexo [...] que foi sobrepujada com esforço’. Em carta de 20 de fevereiro de 1913 enviada a Binswanger, ele (FREUD apud DELRIEU, 1997, p. 430) escreveu: ‘para a maioria das pessoas normais também, o objeto implica a realização de um desejo bissexual; existe um deslocamento contínuo do homem sobre a mulher e vice-versa’” (BARROCAS

Freud, no entanto, utiliza de díades de oposições para expressar-se e classificar a psicologia e desejos de seus pacientes: normal/ anormal, Heterossexual/homossexual, homem/mulher (invertidos) que se analisados não separadamente, mas sim como um todo seriam não oposições, mas sim elementos que se constituem um a partir do outro e nunca sozinhos, nunca em um ponto isolado e descarregado de seu sentido oposto.

“no homem como na mulher, encontram-se impulsos instintuais masculinos e femininos, e que cada um igualmente pode muito bem ser submetido à repressão e, assim, tornar-se inconsciente”. (FREUD, 1976, p. 25, apud BARROCAS, 2006)

Um dos casos de Freud que mais lhe fora significativo à questão da homossexualidade, foi de uma paciente que não chegou com quadro de histeria e tão pouco apresentava traumas de infância, mas que foi severamente castigada por seu pai ao descobrir seu amor por uma mulher mais velha. Após anos de análise, Freud reconheceu a experiência psicoterapêutica como uma das mais significativas, afirmando que a experiência havia lhe “demonstrado que o tipo de escolha de objeto independe das características predominantemente masculinas ou femininas.”.

“Quer dizer, um homem pode aparentar-se masculino ‘e também masculino em sua vida erótica’, mas ainda ser ‘invertido com respeito ao seu objeto’, enquanto aquele em que predominem ‘atributos femininos’ possa, ‘na verdade, comportar-se no amor como uma mulher’. (FREUD, 1976b, p. 210). Não obstante, este pode ‘ser heterossexual e não mostrar, com respeito a seu objeto, mais inversão que um homem médio normal’. O mesmo acontece em relação às mulheres: ‘o caráter sexual mental e a escolha de objeto não coincidem necessariamente’”. (FREUD, 1976b, p. 210 apud BARROCAS, 2006).

Embora Freud e outros psicanalistas tivessem (e tem) suas elaborações sobre a homossexualidade, a verdade é que ela sempre existiu, em todas as sociedades e em todas as Eras. Por mais que não fosse aceita ou assumida, sempre houve pessoas com desejos sexuais e amores carnavais por pessoas do mesmo sexo, o que me leva a pensar na “normalidade” (coloco a palavra entre aspas, pois normal e anormal são conceitos muito distintos e subjetivos nesse trabalho) da própria homossexualidade e da bissexualidade. Assim como minha mãe me disse aos meus dezesseis anos: - Pessoas que se apaixonam por pessoas e não por seus sexos!

“Um dos maiores, senão o maior, problemas dos homossexuais é a sociedade em geral. O dia torna-se escuro pelas máscaras que são obrigados a usar e a escuridão da noite permanece. São obrigados a manterem-se por trás de cortinas para fugirem à fúria das mentalidades! O medo habita nestas pessoas devido ao preconceito existente! Muitos deles vivem durante anos a esconderem a sua orientação sexual devido ao medo que têm da reacção dos amigos e familiares ou até mesmo porque não se sentem bem com isso. Afinal a nossa educação está virada para a heterossexualidade!” (OLIVEIRA, 2004)

A educação sexual feminina já é displicente com sua sexualidade julgada normal social que seria a heterossexualidade, imagine então se é parte de sua educação ouvir ou falar sobre o homossexualismo? Ao invés das pessoas se centrarem em formas de AMOR e valorizar o AMOR, o sentimento em detrimento ao carnal apenas, elas temem o homossexualismo como se fosse doença, pior, doença contagiosa que é melhor esconder de seus filhos e filhas, como um monstro que corrompe lares e trazer desgraça aos costumes e a boa moral religiosa e a ordem da sociedade. Pois bem, façó-lhes uma única pergunta neste momento: a nossa sociedade parece estar em ordem antes mesmo de homossexuais se assumirem?

A Homossexual

“Em minha casa o tema sexualidade nunca foi tratado como um tabu. Acredito que a familiarização com a diversidade foi um dos pontos mais relevantes pro meu amadurecimento e esclarecimento em relação a minha sexualidade. A memória mais latente que tenho do início da minha adolescência é o primeiro beijo com uma menina, não foi o primeiro de minha vida, mas o primeiro em que me senti viva. Apesar de ter muitos amigos homens e entende-los muito bem, meus laços afetivos sempre são construídos dentro do universo feminino, universo esse que por seu charme e complexidade me absorvem por completo. É indescritível o que duas mulheres podem experiênciar juntas!”

U.C - 20 anos.

O julgamento daquilo que não entendemos. O estranhamento e o afastamento de tentar compreender só trazem angustias e sofrimentos não só para a pessoa que é bissexual, homossexual, como principalmente para os transexuais, que muitas vezes são vítimas de ataques e agressões gratuitas por simplesmente existirem.

O Transexual

“No dia que peguei o metrô na Avenida Paulista de volta pra casa, depois de um dia corrido e cansativo de trabalho. O metrô estava lotado e o único lugar que encontrei pra me segurar, foi próximo a porta, de frente a um senhor alto e forte, que imediatamente retirou minha mão daqueles apoios metálicos, que ficam no alto dos transportes. Sem saber o motivo da repressão, coloquei minha mão de volta no mesmo lugar, daí ele retirou com mais força e me empurrou...”

Na hora de descer, eu me senti aflita e com medo de ser agredida, andei até a porta em passos trêmulos e com cabeça baixa, o senhor ficou atrás de mim, na hora que a porta se abriu ele pisou no meu pé, a força fez com que minha sandália saísse do meu pé direito. O rapaz não satisfeito continuou atrás de mim nas escadas fazendo terrorismo.

Na mesma hora parei um guarda da estação, que ameaçou levar o homem agressivo e resistente, à força e algemado até a cabine interna da estação, uma multidão de pessoas se formou em volta de nós, gritando e fazendo piadinhas, rindo alto, o senhor estava histérico e extremamente nervoso, neste momento um grupo isolado e próximo a nós começou a falar em voz alta, que ele não fez nada e que eu estava provocando ele dentro da composição.

Quatro destas moças aparentemente mães de família, proporam-se a perder os seus preciosos tempos, daquela rotina caótica de volta pra casa, pra depor contra mim e a favor do agressor. Foram 15 minutos de discussão, eu já me sentia absolutamente constrangida diante daquela multidão, que assistia a novelinha da vida alheia dentro daquela estação. No fim desisti de depor, mas serviu talvez pra assustar e coagir a atitude daquele senhor, que futuramente pensaria 2 vezes antes de cometer o mesmo ato, ou não...

Neste momento comecei a chorar e caminhar no corredor gigante da estação com medo daquela quantidade de pessoas atrás de mim, chorava por existir, e por toda a homofobia que pela primeira vez escureceu minha visão diante das minhas perspectivas de paz e até mesmo sobre algumas reflexões

minhas sobre questões de políticas públicas e privilégios existentes no nosso país.

Neste dia voltei pra casa dos meus pais determinada a sair da grande cidade antes que eu explodisse junto com ela.”

Julia B.

Nossa sociedade é não exclusivo ato da sociedade ocidental capitalista, gosta de apontar o dedo, gosta de esticar a mão e o braço inteiro e fazer das opções ou das diferenças algo ruim e não bom. O que é extremamente degradante e esvanece a pluralidade e a diversidade que deveria ser um tesouro e não um limbo. Se o feminismo originalmente lutava pelas mulheres de classe média brancas em suas condições de donas de casas e escravas sexuais de seus maridos, ele teve de ganhar uma esfera maior e introduzir nessa luta e em sua concepção que ser mulher é muito mais que pertencer a uma pequena parcela e se encaixar em diferentes lugares, corpos, opções e situações, em que a sexualidade teria também de ser encaixada e rediscutida em luta em pró do sexo feminino.

“De um movimento formado por mulheres brancas, educadas e de classe-média, o feminismo se espalhou pelo mundo tendo que lidar com realidades locais no então chamado Terceiro Mundo e incorporar em seu ‘nós, mulheres’ as não-brancas, pobres e sem acesso à educação assim como o movimento homossexual brasileiro incorporou lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outras. Mais tarde, o feminismo se deparou com o desafio de des-naturalizar, des-essencializar, o sujeito ‘mulheres’ a partir da emergência do conceito de gênero assim como o movimento LGBT agora lida com a Teoria Queer.”¹⁷

¹⁷ SOUZA e at. Michael Foucault: Sexualidade, corpo e direito. Marília. : Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

(SOUZA e at., 2011, p.72)

Devido a esta mesma concepção do que é ser mulher e como classificamos o que vem a ser uma mulher é que a pergunta “o que é ser mulher?” feita lá no início de tudo à pequena Isabel deve ser refeita, não que esteja errado sua concepção do sexo feminino, mas sim reformular esta pergunta e dar uma outra esfera de pensamento até mesmo à criança, para que em moldes de argila ainda fresca venha agregar valor não só de pensamento, mas de crítica e de refazimento de suas próprias alegorias ainda tão frescas e volúveis ao que o mundo exclui, agora com o propósito de inclusão, perguntado novamente à criança: - Isabel, quem é mulher?

“Mulher é minha mãe, minha tia e a Vitória, minha amiga!” – responde ela com sono.

- E o que é ser mulher mesmo? – Pergunta a mãe de Isabel a ela.

- É ser bonita! – Ela para um pouco, pensa e acrescenta: - E que não faz pum na frente dos outros!

A mãe ri e acrescenta:

- E o que é ser gay? Você sabe?

-Ué, é bicha! Homem que namora com homem e mulher que namora com mulher é sapatão.

- E o que você acha disso, filha?

- Estranho!

Vemos em Isabel, no diálogo estabelecido com ela e nas respostas dadas pela mesma, conceitos que ela adquiriu com pessoas ao seu redor. Certamente, Isabel sabe que uma mulher é classificada pelo seu corpo físico (sua mãe, sua tia e sua amiga) e como parte de sua educação que mulher deve ser mais reservada que um homem, mais sutil e menos grotesca (não fazer pum na frente dos outros).

Porém, Isabel, desde lá no início mostra uma condição sua: Ser mulher é Tudo! E agora é ser bonita! – Certamente Isabel gosta de pertencer ao sexo que pertence e na sua idade estranha a sexualidade, pois ser gay ou não, só depende de escolhas sexuais e não da forma biológica dada ao homem e a mulher, o sexual foge de seu conhecimento, já o físico pertence àquilo que ela já distingue. Aos 4 anos ela já sabe diferir quem é homem e quem não é, acha estranho pessoas do mesmo sexo namorar e já escutou termos mais depreciativos como bicha e sapatão a estas pessoas. Porém, verificamos essa naturalidade e espontaneidade em Isabel, oras, ela é uma criança, natural que pense assim e repita os termos já ouvidos. Mas e nós?

Está na hora de nos olharmos como adultos e reconhecer que adultos somos, abandonando assim o estranhamento e o distanciamento de conceitos tão discriminatórios e por ora tão infantis. Ser mulher ou homem, ser heterossexual ou homo, ser branco ou negro, ser rico ou pobre... Não faz de ninguém especial, não em detrimento ao outro.

Em Feminino e Masculino há uma grande retomada aos sujeitos que somos, homens e mulheres, e o objeto que nos tornamos.

A palavra que procuramos incessantemente é: **RESPEITO!** É essa palavra de três sílabas e masculina, mas que empregada a todas as outras dará um novo sentido de se relacionar e se comunicar. Não só respeitar a mulher, mas também o que diz respeito a ela, o universo circundante em que mergulhamos a todos os instantes.

Mulher é ser humano, mulher é dotada de sexualidade e nem por isso é pecadora como Eva, ou como fizeram Eva parecer. Talvez ela (a mulher) queira ser mãe ou não, mas isso não é uma regra e para Maria talvez era tudo que queria (ser mãe), mas de virgem pouco tinha, talvez a palavra destinada a esta mulher santificada fosse cumplicidade e lealdade para com seu marido, um amor sincero e puro, talvez José fosse o único, o primeiro e único homem de sua vida, sem dúvidas, sem amargura, sem brigas, sem jogos de desigualdade. Mas acima de tudo, ser mulher é ser corpo e mente, é sim ter desejos e querer se igualar ao homem como Lilith em matéria de respeito, de valorização, de capacitação e não, não devemos ser banidas ao vistas como demônios por isso.

Devemos acima de tudo ser respeitada, ser ouvida, ser acolhida, ser vista tal como somos, não uma parte da sociedade em que nos encaixamos como peça de procriação eminente.

“Muitos homens o desejam: nem todos se desarmaram ainda. A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina.”
(BEAUVOIR, 1970)

O que se esquece constantemente é que pessoas são únicas, suas vidas, seus traumas, suas vivências e sua rotina diária. Não há como generalizar uma pessoa e embora esteja o tempo todo falando de gênero, sou contrária a ele. Se pararmos para pensar o feminino e o masculino são termos para se diferenciar órgãos genitais, para diferenciar o ser dotado de pênis e bolsa escrotal e o ser com vulva, vagina, útero, óvalos e óvulo.

Pois bem, estamos aqui construindo um mapa do sexo feminino, da mulher em sua plenitude e queremos sair de seu útero. Fazer um êxodo desse sistema reprodutor que parecer ter mil pesos. Sair dele, através dele e conhecer tudo que lhe toca ou tudo que a mulher toca, suas relações como o mundo e do mundo com ela, seu corpo e sua mente.

Tema esse que é abordado em muitos livros e teses. O mito da mulher é um emblema enigmático de decifrar quem ela é. Pois, atrás de toda figura que lhe colocam para que se molde e se construa; a mulher ainda busca por si mesma como quem não achou sua real natureza. Fantástica e de mil faces, a abordagem desse livro com tema tão batido, é trazer não só em análises e pontos-chaves que eu julgo ser importantes, mas trazer as faces de outras mulheres, seus dizeres, seus pensamentos, suas vidas e suas pesquisas que circulam sobre elas, rondando como uma energia pensante e questionadora, o que somos: uma vagina? Um seio? Um cabelo? Uma personagem de livro dissimulada que ganha fãs e dúvidas masculinas? Nossas roupas e nossas saias?

Se sou mulher, tenho em mim todas as mulheres que do afeto materno, fraterno e do gentil ato de me ninar ou mimar, me fizeram em uma construção de mundo feminino que aos vinte e poucos anos me trouxeram pensares agressivos (não estava mais feliz em ser aquela mulher santa, moldada em comportamentos divinos para me casar). E se não estava sozinha com meus pensamentos, não estou sozinha hoje também com eles e muito menos escrevendo.

A abordagem aqui é simples, nos achamos. E se pretendo citar Evas, Marias e Liliths, cito também outros nomes e entre aspas digo com elas seus nomes verdadeiros, em anonimato ou ainda em cativo, quem são de verdade, suas histórias e seus sentimentos.

Apenas uma fagulha dessa brasa de analisar a mulher e seu potencial, uma agulha espalhada em palhas e farpas em um palheiro cheio de maçãs e letras de terceiros. A serpente anda ali no meio, dialogando com quem entra. Pedindo para mostrar as coxas e as tetas. Assim como na literatura, somos personagens sendo construídas e instruídas. Ensinadas e avisadas, mas cansadas de uma história repetitiva em que o homem escreve por nós.

De Evas e Marias
Uma tentativa de compreensão da presença da mulher na
literatura brasileira.

Longo é o percurso para a tentativa de compreensão da existência de tão singular personagem na literatura brasileira: a mulher. Nos registros constantes do Livro das Origens, subentendem-se descrições dirigidas a El Rei as quais fazem alusão a doces visões do éden:

- Ai, que moças! Quão moças e belas e gentis. Que corpos e feições. Corpos dourados pelo sol, esse do entardecer avermelhando a terra. Ai, tão lindas moças de casta e admirável nudez, sem culpa, sem temor - caminho de selvagem sedução!

Assim nasceu. Ela, a primeira, quase mulher, quase Eva. Livre em sua inocência, com olhos negros e pueris a perscrutar barquinhos que vêm do mar expiar, espoliar, porfiar, procriar... As mulheres espiam barcos. Os barcos espiam plantas, bichos, homens. Espiam e desejam ouro, e desejam prata, e desejam salvar almas, e desejam salvar-se em gentis almas desnudas a conduzir Adão ao paraíso por atalhos quentes e úmidos de denso, aconchegante e caudaloso regaço. Desfila, alheia, ante os olhos mareados de Caminha, a grande-mãe, frondosa árvore, gênese de bastarda nação.

Segue a mãe-gentil de gentias bondades, dividida entre céus e terra. Acometida pela súbita dúvida do ser-estar-fazer, fez se anjo-mulher assentado sobre terrenos tronos celestiais. Anjo de exaltação e decadência, santa que fere e degenera. Perdeu-se a Eva primordial por (des)caminhos que não eram seus. Não mais se sabia deusa, não mais se sabia selvagem flor, e sua casta nudez foi severamente castigada. Violaram-lhe a alma e o corpo e impingiram-lhe brutal sentença: serpente sob os degradantes domínios de decaída angélica criatura que arrasta sobre si os males de sua ímpia filha-nação.

Destarte, na calada da noite, veladas vozes vindas no vento avassalam o templo e sussurram condenação: patíbulo, troncos, calor, enxofre, ardência, corpos em combustão, batismo de fogo e sangue: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Desponta o sol. Raios resplandecem, iluminam, aquecem. O vento varre as nuvens e sopra suave sobre as campinas. Das novas luzes sobre um belo jardim, renasce, em flor, telúrica infante. Ao longe, caminha. Em silêncio, cresce, solitária, a pastora. A guardadora de rebanhos, guarda em suas delicadas mãos o tesouro do poeta. Musa da inspiração a vaguear colinas, a campear verdejantes pastos. O zéfiro volteia os outeiros, vem beijar a fina face e pôr em desalinho os tênues cabelos da bela pastora. Mas, quem é essa Afrodite de selvagens campos que apascenta os sonhos do poeta? Os montes e as fontes reverenciam a doce amada, cuja alma se reveste de sutil matéria, leite de flores, onde da fadiga descansa o honrado pastor.

A delicada musa salta dos campos e inaugura na história o insondável e temerário inferno de amar. Em cálida noite sombria, inclina-se dos céus à terra cândida e luminoso ser. Em tão branca luz, envolta em nuvens de prata, paira virginal criatura, senhora dos mais inebriantes sonhos do poeta: “Era ela, era ela!”. E ao cair o véu translúcido, revela-se na pálida tez os suaves contornos de seu plácido corpo. A virgem de branca castidade sacia a sede do pobre cavaleiro que arde em febre de desejos... Eis que inesperadamente num sonho agalopado, transfigura-se a face da musa celeste e suas mãos de mulher-anjo desgrenham a melena do jovem visionário e... Deslumbres, sensações, divagações. Evapora-se a ninfa, doce divindade, virtuosa flor-nativa incensando o ar. De anjos, musas, flores e angelicais criaturas impregnou-se o curso. Onde está a verdadeira face? Positivamente desce ao chão. Enraíza no atrevimento de olhares voluntariosos. É mais que uma senhora, é uma dona faceira, preguiçosa, nem feia, nem bela. Verdadeira dama de sombrinha, cujos passos revelam sob as vestes o balançar de ancas desdenhosas. Circula ativa pelos salões e lojas a distribuir sorrisos apreciados por elevados funcionários das repartições públicas, por ilustres banqueiros e por respeitáveis senhores da alta magistratura. Na superfície, impressiona o recato. No cerro de seus

pensamentos, é devorada por sonhos de volúpia e paixão. E em seu cheiro de fêmea, sinaliza o convite à dança do acasalamento. Olhos, bocas, mãos, carne fresca em ígneos sentimentos, bolhas de sabão, quintais lodacentos, negras chaminés e perfume francês.

No experimento das densas sensações terrenas, algo de sublime ilumina inconscientes manifestações. Libertária e utópica viagem ao inescrutável mundo de Hecate. Voa sobre torres cristalinas a sílfide perfumada. Em meio aos mistérios mais fecundos, sonda as horas vagas e errantes que lançam ao mar virginais e vaporosas criaturas, anjos soltos no ar.

Longo é o percurso para a tentativa de compreensão da existência de tão singular figura feminina na literatura brasileira. E o inexorável destino que ora corrompe, ora também exalta; num momento eleva a mulher à condição de musa para em seguida submetê-la ao desterro num jogo de culpa e inocência. Assim, de Caminha à torre de sonhos e esmeraldas, a mulher brasileira é a grande personagem, cuja força e flagrante presença denunciam os rumos de uma sociedade em constante processo de adoção, rejeição e construção de padrões e valores estéticos.

O nascimento da mulher brasileira, sem a menor sombra de dúvida, deu-se primeiro na literatura e Caminha bem o registrou. Mas é tão somente no século XX que o feminino emerge na cena literária, saltando da condição de personagem para de modo definitivo consolidar o seu poder criador. E a Eva primordial transcende a si mesma e revela-se a grande tecelã que com enérgicos fios tece os destinos de incontáveis criaturas:

...Dona Ângela, Iracema, Luzia-Homem, Pombinha, Capitu, Raquel, Tarsilla, Anita, Pagu, Clarice, Macabéa, Marina, GH, Lygia, Zélia, Aninha da Ponte, Maria Clara, Tia Anastácia, Tieta, Gabriela, Roseana, Sylvia, Teresa, irmã Dulce... Velhas e novas musas, incontáveis fiandeiras, mulheres do Brasil, senhoras absolutas da literatura brasileira.

Ana Gizelia Vieira Brito

“... sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam e entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.” – Foucault.

Capítulo 2: O Silêncio do corpo feminino.

O corpo, o que falar do corpo feminino? Do volume e do desenho?

É um espaço ao que antecede o crítico, o criticar e analisar, um rabisco incrível. Uma máquina cheia de sentimentos que trabalha com perfeita harmonia em sangue e hormônios distintos, vários deles, múltiplos e oriundos de outro corpo também feminino. Perfeito!

Não importa a cor, a forma, o tamanho e os ideais de uma sociedade esteticamente supérflua, é a perfeição do Homem em si que além de ser um animal, é dotado de racionalidade. Sim, raciocinamos e temos faculdade mental para desenvolver e ser inteligente. Mais que um corpo, é abrangente, saindo novamente de uma definição de um dicionário que nos dá como resposta “a parte material de um animal, principalmente a do ser humano”, o corpo é como um espaço físico ao qual nos guardamos, nos revelamos, nos mostramos ao mundo, a nós mesmas, a representação do ser, de quem ele é, seu rosto, parte dele, não o todo, mas sua vitrine ambulante, quer queira, quer não, o corpo é a parte que mostramos primeiro ou que (in)felizmente se é vista primeiramente.

No corpo feminino cabe não só ela, mas a história do mundo, o falante social e privativo de ser mulher, o pudor e o moralismo que devem estar a ele acoplados, como quem faz uma mistura de farinha e fritura, este deve ser bem guardado, a receita que não pode exceder e nem faltar em nenhum ingrediente. Há a exigência de ser quem ela é no seu corpo representante: apenas uma

mulher! E isto traz ausência de fala que grita como muda daquelas que não tem voz.

A sexualidade globalizada, massificada. A violência física e mental. A agressão, o cultivar de estereótipos e a valorização de se tornar um objeto em seios e bundas tão complexos e atentos ao mundo fálico.

O corpo feminino pertence ao trágico mundo fálico, aos inúmeros e tantos pintos que comandam o mundo e que nos tem no sensual, sem tarjas pretas que escondem o símbolo de nossa vulnerabilidade, o estupro nosso do dia a dia, a violência domestica, o abuso sexual, a pedofilia, a masturbação emocional, o incesto e a gravidez precoce. Bem vindo ao corpo feminino, aqui pouco podemos e pouco comandados ainda!

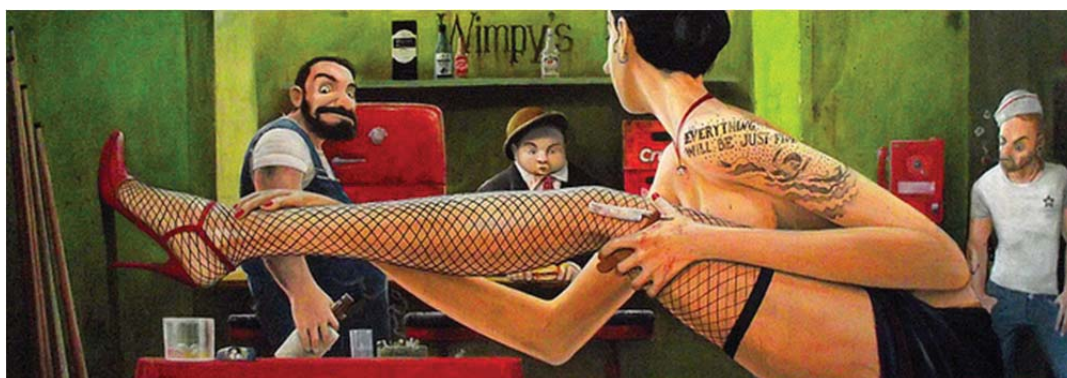


Ilustração de Chico Shiko. As ilustrações de Shiko geralmente são sensuais e abordam uma esfera feminina, tanto no sentido positivo como negativo. Nessa, cedida por ele para ilustrarmos o livro, vejo uma sedução corporal da mulher (que em meia calça arrastão, salto alto, sem blusa e de minissaia) se mostra aos homens que não resistem à imagem. Mas na mão da mulher há a navalha, o que pode simbolizar aqui o perigo tanto da mulher ao homem, como do homem à mulher, tendo ela de ter uma arma para se defender ao mesmo momento em que se mostra ou para atacar. Mas é indiscutível a atração do corpo feminino e do desejo que este desperta no sexo masculino.

Do privativo ao privado, o corpo feminino fica em quase toda sua existência (isto, é, na sociedade já paternalista), limitado a isto. Ausentando-se por uma privação política, pública e social deferidas ao homem que tem voz e corpo presente para as tomadas de decisões de sua história, da economia e do intelecto no cotidiano, dominando sua sociedade e procriando com o corpo efêmero daquela que da casa cuida, dos filhos alimenta, da limpeza coordena e que a educação e a filiação se sustenta em seus seios maternos que acolhem o santo matrimônio, o que inclui a posse de seu corpo em um contrato pra lá de nupcial, mas radical de representação social: a mãe e a esposa!

“É apresentada a construção do corpo como produto de historicidade (contextualizado principalmente na França e no Brasil nos séculos XIX e XX, tendo representações nas artes e nos discursos médico, jurídico, político, filosófico, religioso e jornalístico. Em toda a história fica evidente a divisão entre o ‘público’, no que tange aos papéis masculinos, e do ‘privado’, quanto aos papéis femininos.”
(MATOS, 2003, p.243)

Para muitos estudiosos sobre a imagem da mulher e de seu corpo, tal privação no campo público se deve a mesma privação do prazer sexual ao qual a mulher não podia sentir, dando um silêncio ao seu corpo quase que febril em que o pudor devia se auxiliar aos seus instintos e não despertá-los quanto ao desejo e a uma liberdade que soava como libertinagem aos olhos da sociedade. A mulher decente não sentia e muito menos mostrava sua sexualidade ao outro, como mascara bem apertada e lingerie de tecido sintético e nenhum adorno, a mulher tinha dono e seu desejo a ele pertencia.

2.1 A representação do corpo feminino na arte

O corpo feminino sempre foi e sempre será um elemento também pertencente à arte. Ao longo do processo de socialização e formação de culturas

vemos essa representação, a mulher nua ou vestida, seus semblantes crus ou revestidos, o olhar perdido, a paixão e o cupido. Seu corpo, sua forma e sua aura são elementos que ficam não só no imaginativo, mas que transcendem e contam história.

Se olharmos as pinturas de Botticelli, Leonardo Da Vinci, Ticiano Vecellio, Pablo Picasso, Frida, Tarsila do Amaral, Gustav Klimt, entre tantos nomes grandes e até desconhecidos e atuais da arte, encontraremos em sua maioria obras que mostraram o feminino e a mulher, visto que a arte em si é muito mais feminina do que masculina. Ela traz muito mais do plano sentimental e abstrato do que sentidos objetivos e de fácil leitura apenas pelo visual. Arte é permanecer em equilíbrio com os dois mundos: o físico e o psicológico. É encontrar dentro de si um sentimento que descreva aquele momento, olhando aquela obra. Não há arte sem emoção e não há emoção sem o feminino, ambas vivem juntas como um casamento bem sucedido de milhões de anos. Talvez seja o relacionamento mais harmonioso que haja na Terra feito pelos Homens.

No entanto não quero me limitar aqui na arte que se entende por pintura, mas nas ilustrações, no cinema, na fotografia, no show de uma Drag Queen... Ir além para não analisarmos a disposição do corpo feminino como beleza ou padrão (embora isto seja inevitável), mas o discurso que este estabelece com o outro e que na maioria das vezes comunica o ser mulher. Mas de fato, isso é ser mulher? Como enxergamos o sexo feminino por um corpo. Que discurso é esse que estabelece padrões mais uma vez?

Se estamos examinando a padronização da mulher e já vimos anteriormente que ela é cobrada e se cobra dentro de sua sociedade patriarcal para ser uma boa mãe acima de tudo, veremos que o dialogo de seu corpo, um dialogo mudo e que se ouve com os olhos, pede uma identificação de si pela coisificação. Sim, ela é transformada em objeto para ser identificada e utilizada tal como é: mulher!

Culto ao "Não Objeto".



"Isto não é um cachimbo"
Assim escreveu René Magritte
em sua mais famosa obra;
A traição das Imagens -
delimitando o que é arte
e o que é REPRESENTAÇÃO.
Mandou bem.



Em 1917, Marcel Duchamp, com certo
humor crítico, "revolucionou" a
arte; A Fonte, o seu mais notório
Ready Made demonstrou o valor e
beleza artísticos em objetos
cotidianos, renunciando assim o
que viria a ser chamada de Arte
Conceitual. Genial né.

(Embora muitos ainda hoje,
considerem puro arbitrarismo.
Pseudos Colunistas da Veja,
por exemplo).



Quanto Duchamps e Magrittes são
ainda necessários para que, em
pleno século XXI, não haja
coisificação da beleza, tanto
em esfera artística quanto
sociais (resquício de um
machismo endêmico aliado a um
pensamento estritamente mercantil;
aquele lance de livre mercado, e tal)

Ainda não sacaram que é não é só um
corpo que representa a mulher - e nem
é só um tipo de corpo que também a
representa.

Valorizados ou valorados, tanto faz:
não se trata de objetos.

Ilustração de Roberta Nunes que se descreveu estar na crise dos 30, como se definiu, mantém uma página no Facebook chamada “Risadas Rasas” onde compartilha de seu humor e das suas críticas através de ilustrações e tirinhas com temas autobiográficos e até seus questionamentos perante a sociedade. Roberta vê a maturidade feminina chegando com essa crise dos 30 anos que faz algumas mulheres, não todas, buscarem pelo desprendimento de rótulos impostos à mulher, porém, variando muito de mulher para mulher, sendo que muitas optam por um caminho de consumo, de buscar o material e esta visão da própria Roberta torna ainda mais interessante seu desenho, pois relata a coisificação tanto dos objetos reduzidos a meros utensílios de uso descartável como da mulher em si.

Se pararmos para pensar no que vem a ser coisificação, entenderemos que a mulher perde seu status de gente para se tornar uma coisa, um objeto, algo que será usado e descartado com o tempo. Tendo uma vida útil como todo objeto.

Sua crítica vai desde que nem o próprio objeto deveria ser objetivado a algo só descrito por sua função nominal.

Um cachimbo não é só um cachimbo

Foucault¹⁸ se apropriou, ou pegou emprestada, a frase de René Magritte (Isto não é um cachimbo) para escrever sobre a representação do objeto e suas interpretações, saindo desta análise para chegar há uma linha de pensamento que transpassa o objeto para sua análise representativa, ou seja, é o caminho na contra mão da coisificação. É pegar o objeto e agregar valor a ele que não seja apenas um objeto, como a arte de Magritte que simboliza de certa forma que aquele cachimbo no papel não é um cachimbo e sim dois, pois é apenas a representação dele e para ser representado é preciso sair de uma figuração real, além do papel.

¹⁸ FOUCAULT. Não é um cachimbo. Tradução: Jorge Coli. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

Bom, pensando nisso podemos imaginar que ver mulheres como não apenas um corpo a favor do patriarcado e de prazer masculino, mas também como ser representada e inconscientemente pedida a ela que seja Maria e não Eva e muito menos Lilith, é torná-la um objeto passível de ser além do que é, alias, é pedir a este objeto controlável que ele não seja si mesmo e sim representação de mais uma dentre milhões, todas iguais, todas mulheres.

Focault fala da obra de Magritte, um desenho de cachimbo escrito em francês que aquilo não é um cachimbo, como na representação de Roberta, como a contradição entre o que se vê e o que se lê. Como pode estar desenhado um cachimbo e escrito que não é um cachimbo? Nesta mesma linha de Focault eu pergunto, como podemos olhar um corpo feminino e dizer só por ele que aquilo é ser mulher ou que simplesmente uma mulher é somente seu corpo?

“(...)o texto de Magritte é duplamente paradoxal. Empreende nomear o que, evidentemente, não tem necessidade de sê-lo (a forma é por demais conhecida; a palavra, por demais familiar). E eis que, no momento em que deveria dar o nome, o faz negando que seja ele” (FOCAULT, 1988 p.26,)

Estamos vendo o que é, o cachimbo, a privada, o corpo feminino, estamos vendo sua representação, mas quem disse que sua representação é quem define o que de fato ele é? Acho que esta é a linha de pensamento que temos que seguir para entender o silêncio do corpo feminino perante sua sociedade. Ele é mudo, ele não tem a legenda de Magritte ou de Roberta. Ele está a mercê de se tornar objeto o tempo todo e geralmente é isto que ocorre. Onde somos julgadas pelo nosso sexo, pela nossa genitália e pelo papel que iremos ter, sendo castas e assexualizadas a não ser para ser mãe e esposa. Ou pior, o objeto de gozo do outro, cedendo o nosso nu quando é do interesse do homem e não nosso próprio.

Este diálogo silencioso entre corpo e a sociedade tapa as emoções. Esconde de fato o que podemos vir a ser e o que somos, visto que muitas vezes

até desconhecemos a nós mesmas e nos reconhecemos no espelho vendo o corpo feminino que possuímos, pois a coisificação é o que faz com que muitas mulheres só se reconheçam por este meio.

“(…) Basta que uma figura pareça com uma coisa (ou com qualquer outra figura), para que insira no jogo da pintura um enunciado evidente, banal, mil vezes repetido e entretanto quase sempre silencioso (ele é como um murmúrio infinito, obsidiante, que envolve o silêncio das figuras, o investe, se apodera dele, obriga-o a sair de si próprio, e torna a despejá-lo finalmente no domínio das coisas que se pode nomear)” (IDEM, p. 41-42)

É um processo difícil e solitário ver-se um objeto e agindo como tal. Como disse Roberta, esta busca por conceitos além dos padrões dos quais a mulher está inserida, vem com a maturidade. É um processo desencadeado por fatores externos que movimentam, alguma partícula ainda não pensante, mas emocional que parece gritar que há algo muito errado ali, em ser mulher e se enxergar mulher pelo jeito que você se comporta e da maneira que gostaria de ser não por dentro, mas por fora.

Inicialmente emocional, para depois se tornar real: isto não é uma mulher – pensa-se ao olhar em um espelho – e o seu corpo, tão pouco define uma mulher. Um exemplo dessa significação ou até mesmo (des)significação que se dá sobre um ser pelo seu corpo encontra-se em filmes ou nas ruas em que em esquinas ou shows transformistas vemos o corpo feminino sendo construído. O corpo, o receptáculo do gênero.

No filme *“Vitor ou Vitoria”, de 1985*. Vitoria torna-se para se destacar em peças musicais e sair da miséria em que se encontra, um personagem para lá de diferente. Vitor é um gay que se passa por uma mulher. Ou seja, é uma mulher se passando por um gay que se passa por uma mulher. E neste dialogo de faz de conta quem fala é o corpo. Parece silencioso seu discurso social, mas é ele, o corpo, que nos representa.

Vitoria jamais seria Vitor se seu corpo não permitisse, se seus traços que beiram o androgênio fossem de fato muito femininos. É o discurso do corpo e mostra que ele não acerta sempre ou fala por si só. Mostrando que a imagem da mulher pode ser moldada e construída de forma representativa na mídia, na arte, na construção de vestuário e adornos de um show transformista que usa e abusa dessa representação do corpo e do universo feminino. Assim sendo outra representação desse discurso são as Drag queens que ilustram e se apropriam do corpo feminino e dos diálogos simbólicos de modo acentuado e em seu universo próprio e particular expressam as qualidades femininas no corpo masculino, agora customizado para alegorar o gênero a qual ele quer pertencem através do estético e do crível.

“As drags, através da performance de gênero, possibilitam a releitura desses padrões midiáticos da imagem feminina. Na reconfiguração do corpo elas reproduzem tais modelos e possibilitam uma nova visão acerca dos valores que são responsáveis pelo corpo estetizado nos meios de comunicação.”
(SANTOS e VELOSO, 2010)

SANTOS e VELOSO (2010) investigam essa codificação da superficialidade do corpo através da mídia em *“Espelho, espelho meu: uma leitura do feminino midiático através do corpo drag.”* em que o corpo ideal é transmitido através da Drag e desse modo possui em si os padrões e ideais de um feminino que discursam com o outro em sua concepção do que vem a ser e ter o corpo de mulher.

“As drags, por apresentarem status de personagens lúdicos e interativos, findam por validar uma leitura semiótica e crítica desses modelos pré-estabelecidos pelos meios de comunicação e, por conseguinte, discutir a formação de uma opinião pública a respeito desses modelos.” (IDEM, 2010)

A construção da imagem das Drags e desse modo do feminino sendo representado por elas anunciam o corpo da mulher em sua esfera social, mesmo que a mulher não participe de fato dessa comunicação, mas que através de elementos figurativos e principalmente de seus figurinos, a performance da Drag Queen torna-se o palco da feminilidade social em questão. A moda e a subjetividade dos trejeitos da mulher estão ali sendo comunicados e representados com vestidos e plumas, saltos e luvas, batons e rímel, unha postiça e peruca. É o universo de adornos e de...

Roupa de menina



Croqui de Bruna Ross, estilista Junior do Grupo Morena Rossa. Bruna está com seus 21 anos e é formada pela Universidade Estadual de Maringá em Moda. E ao elaborar o croqui conta que as porcentagens por ela utilizadas definem sua postura perante a vida para buscar ser feliz, assim como viu no exemplo forte que tem de sua mãe.

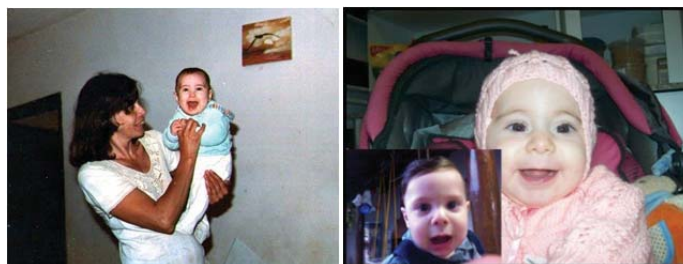
Uma das diferenciações sociais e culturais entre homens e mulheres é o vestuário de cada sexo. Podemos identificar um homem pelo sua vestimenta, tal como a mulher e isso desde a infância. Embora até o início da Idade média essa diferenciação não fosse de extrema importância à sociedade, como podemos verificar o uso de túnicas e saias também em homens em sociedades romanas e egípcias.

A indumentária passou a exercer uma função além de proteger o corpo, aquecê-lo e adorná-lo. Desde a Idade Média ela se torna visualmente divisora de gênero, comunicando a biologia do corpo não nu, exposto ou semi exposto. Mas caracterizando o ser pela sexualidade e matéria física, exclusivos uma ao outro.

“Dos egípcios aos gregos, ela não sofria grandes alterações quanto ao sexo. Foi do início da Idade Média até o seu final, que podemos perceber diferenciações entre os trajes dos homens e os trajes das mulheres. Desde então, a sociedade continuou incrementando tais formas de distinção até chegarmos ao que hoje consideramos roupa feminina e roupa masculina.” (MONTENEGRO, 2010)

Não só a roupa faz a diferenciação, mas a cor e os adornos colocados na criança desde sua nascença. É muito comum sabermos que se trata de um neném recém-nascido do sexo feminino pelo o uso de um pequeno brinco em sua orelha, já que muitos nascem parecidos e sem distinção de seu gênero só pelo rosto e corpo. Assim como as cores vem a ser outro mecanismo para falarmos a jovem mãe: - Ah, que menina mais linda! Parabéns! - E não frustrá-la chamando a pequena Maria de José.

Eu mesma quando nasci parecia mais um menino do que uma menina, o rosto gordo, o corpinho miúdo e bochechudo. Olhando fotos minhas antes do meu um ano, penso que deve ter sido confundida com um menino provavelmente, se é que não fui.



Na foto da esquerda sou eu com oito meses, vejam como era fácil me confundir com um menino. Na foto da direita é minha sobrinha Beatriz e seu irmão Lucas, ambos também com sete meses. A semelhança entre os dois é muito grande, mas as cores das roupas de um e de outro já os diferenciam quanto ao seu sexo, ficando nítido quem é o menino e a menina.

A infância é geralmente toda dividida entre rosa e azul, ficando algumas cores para ambos os sexos, mas com modelagens e cortes totalmente diferenciados, ficando o menino com o shorts e a calça e a menina com a saia e o vestido.

Em sua pesquisa de campo visando investigar essa diferenciação entre roupas e comportamentos não iguais entre meninos e meninas, Lorena Alves de Almeida constatou e copilou toda essa informação a qual reafirmou vendo-os de perto, conversando com eles e encontrando na rotina dessas crianças tais discrepâncias.

“As meninas costumam ir às aulas bem mais ‘enfeitadas’, com roupas e adereços em tons de rosa, e outras cores tidas como femininas (vermelho, roxo, lilás). Os sapatos das meninas com laçinhos, borboletas, entre outras coisas que dão mais ênfase ao pertencimento ao gênero feminino. Os meninos demonstram maior interesse nos objetos de heróis dos desenhos, nos carros, nas lutas, usam mais roupas em tons de verde e azul. Os sapatos dos meninos apresentam as mesmas características, quando não usavam sandálias comuns, estavam com sapatos de heróis, de desenhos, de luta, de carros.

Em uma das idas ao campo foi possível perceber na fala das crianças a barreira que existe entre os gêneros. Quando perguntado por que não usar uma roupa rosa, um dos garotos rapidamente respondeu: ‘- Eu não, rosa é coisa de menininha!’”.

(ALMEIDA, 2012)

É verdade que essa diferenciação entre os sexos começa antes do indivíduo chegar ao mundo. Já na barriga da mãe e na preparação da vinda do bebê, o ambiente a ele preparado irá refletir isso. A cor da parede de seu quarto, os enfeites, os brinquedos. Após seu nascimento vem toda a educação baseada em seu sexo e suas roupas como escrito acima.

“As crianças aprendem antes mesmo de frequentarem a escola maneiras de como se tornar meninos e meninas. As meninas falam com mais delicadeza, os meninos são mais agressivos, as meninas brincam com as amigas de casinha enquanto os meninos dirigem seus carros de brinquedo. São nas pequenas tarefas do cotidiano da criança que elas começam a internalizar os homens e as mulheres do futuro.”

(IDEM, 2012)

A pesquisa de ALMEIDA ocorreu em uma escola no interior da Bahia em que acompanhou crianças de sete a onze anos em seu dia a dia. Suas constatações levam a crer que o modelo adquirido pela criança vem dos adultos, não apenas nos reflexos de suas ações, como por exemplo, a filha aprende com a mãe a vaidade de enfeitar-se, e o menino com o pai a liderança de dirigir um carro. Mas a imposição desse mesmo vestuário ao qual já descrevemos, a imposição de um comportamento diferenciado, o menino mais agressivo e a menina mais dócil, ou seja, o menino mais raciocínio e força e a menina mais sentimento e gentileza. Diferenças essas que nos acompanharam para sempre e até mesmo serão divisores em bullying ou não. Afinal, o que incomoda o outro é o diferente, o igual passa despercebido, é tão “bonito”

quanto, não foge a regra, é aceitável; mas o diferente é um bicho de sete cabeças ambulante que até a criança já aprende a discriminar e ofender.

“A criança é verdadeira, não mente” – estamos muito acostumados a ouvir isso, mas será mesmo que essa sinceridade brota delas? O quanto é a opinião da criança ou do adulto que sopra palavras em sua cabeça em meio de seu próprio modo de ver a vida e de citar frases ofensivas ao que desconhece ou ao que desgosta? O mundo é um grande jardim de narciso e continua achando feio tudo aquilo que não é espelho.

“Ao mesmo tempo em que inventou a racionalidade técnica, o Ocidente inventou a frivolidade sistemática, a moda. Pode-se dizer que a moda reflete a sociedade”. (SANTOS, 2006)

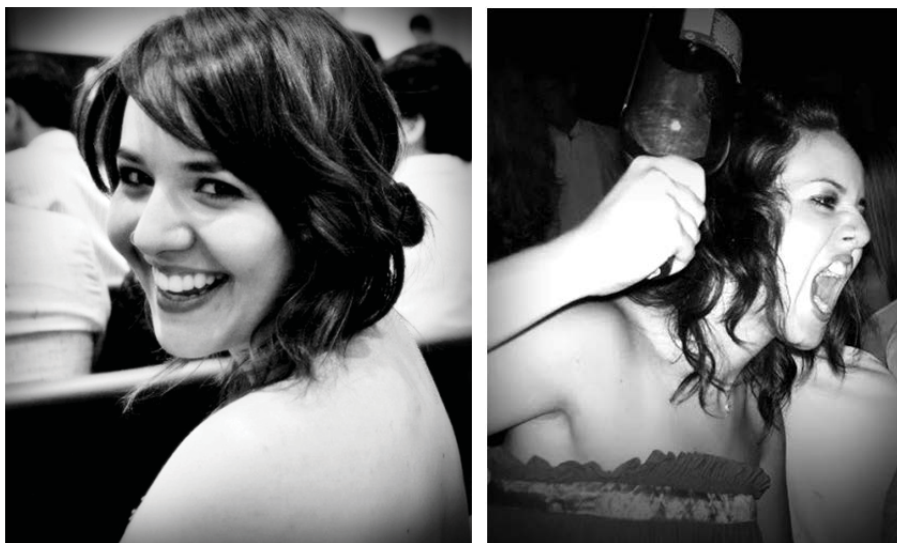
Assim como eu, há as meninas que parecem meninos. Eu, conforme fui crescendo, fui adquirindo já o vestido como minha peça favorita. Mas o que quero ilustrar aqui é a exceção à regra, pois, o feminino não vem do rosa, nem do cabelo comprido. O feminino está em outro lugar, embora muitas vezes e quase sempre o vestuário se faça necessário nesse discernimento de gêneros.

Há a necessidade do binário sexual, de manter o masculino e o feminino como regra. O vestuário é um recurso voltado a isso, de peça ornamental e envoltória do corpo e meio, meio interno e externo. A roupa, o tecido, a construção, o tecer e o costurar, o bordar.

Qual o perigo de não seguirmos às regras?

“O vestuário possibilita discernir indivíduos enquanto homens ou mulheres. É uma ação reflexiva, em que a moldagem de si pelo sujeito também se valida pelo olhar do outro.” (AQUINO, Talita. Vestuário marginal: Subversão da vestimenta na performatividade de gênero. 2013).

No Guarda-roupa de Alicia



Alicia Medeiros, 25 anos, formada em Arquitetura e urbanismo pela UNESP de Bauru, uma das mais conceituadas faculdades da América Latina. Hoje se encontra em Portugal fazendo mestrado na Faculdade de Belas artes da Universidade do Porto.

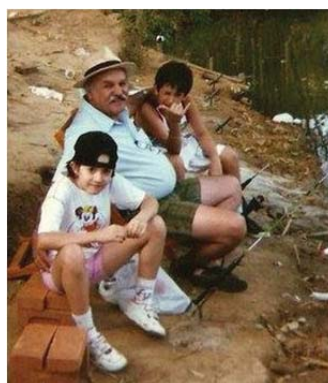
Quando você conhece Alicia logo percebe que suas escolhas não são feitas pela aparência e isso não significa que ela se vista mal, mas sim que Alicia já transparece uma maturidade que vai além do montar um look ou ficar presa à moda para se comunicar com o outro. Embora isso já seja se comunicar.

Do tom da voz mais contido, de andar mais sossegado, ela gosta de conforto, ela gosta do silêncio alternado com a risada. A seriedade de Alicia fica no olhar que lança ao outro, deixando no ato de olhar um pensar. Alicia está de pijama na sala, comendo um lanche, sentada no chão, vendo televisão e ela está bem ali e quando não estiver mais, se levantará e se colocará em outro lugar que julgue aconchegante.

O guarda roupa de Alicia reflete tudo isso, reflete partes de sua personalidade que acopladas e misturadas com sua história de vida, sua família

e seu temperamento, fazem com que as peças que escolha para vestir seu corpo sejam também parte dela, mesmo que ligue pouco para isso.

Alicia é a caçula de 4 filhos, sendo ela a única mulher. E quando criança, cercada pelo modelo masculino de seus irmãos tanto em comportamentos, brincadeiras e o modo de se vestir, Alicia não era adepta do rosa, nem do vestido e nem de sapatilhas com laços. Alicia queria ser como eles, se vestir como eles e poder ser tão moleca quanto. A mãe não a reprimiu, deixou Alicia ser quem ela quisesse ser, mesmo que isso a deixasse louca às vezes, mas permitiu que a filha fosse menina além da aparência, deixou vestir de peças mais masculinas e não impôs a ela uma feminilidade pelo guarda roupa.



Fotos de Alicia em sua infância, o rosa nunca foi predominante. Sua cor favorita era o azul e o cabelo curtinho pela praticidade de manter arrumado, já que Alicia não gostava de penteá-lo.

Pode não parecer, pode não ser significativo de imediato, mas ao permitir que Alicia se vestisse como “menino” a mãe de Alicia permitiu que a filha construísse uma visão de mundo não limitada ao que a sociedade nos coloca como certo e absoluto da imagem feminina e nem mesmo dos outros.

“O vestuário feminino é marcado por imposições machistas desde que a humanidade existe. Em

séculos passados, tinha como obrigação a exibição de seus corpos para simbolizar a fertilidade e, até, para ‘divertimento’ masculino.”
(BRESANI, 2009)

Vestir-se diferente de outras meninas, não fez de Alicia menos mulher, alias, fez Alicia valorizar outras coisas na vida além da aparência e era exatamente isso que quis dizer lá no início de minha descrição sobre ela em dizer que “logo percebe que suas escolhas não são feitas pela aparência”. Vestir-se como um menino não fez dela uma lésbica e nem mesmo menos feminina, tudo bem que Alicia não seja louca por maquiagem e batom a qualquer hora do dia, não, mas isso é o que faz uma mulher ser mulher?

“A roupa traduz o que o corpo escreve, mostrando, assim, que um depende do outro para expressar, comunicar, ligar as pessoas.” (BRESANI, ano) nos comunicamos o tempo todo com o mundo, com os outros. A roupa é mais uma das linguagens não verbais utilizadas para essa constante comunicação, mas, devemos apenas nos apegar a ela assim como vemos cada vez mais essa ação sendo colocada em prática? Devemos nos apegar a ponto de para se comunicar e para mostrar quem somos depender de uma peça que assim como o manto de Maria e a folha da palmeira de Eva, lhes traziam traduções de um corpo que em primeira instância parecia oco? Como se aquelas indumentárias ou adornos falassem por eles, uma comunicação imediata sem que acrescente uma personalidade ao corpo que se veste e se esconde como pede nossa sociedade? A aparência é um elemento social e crescer é envaidecer-se, olhar não só para dentro, mas também para fora e fazer uma ponte entre esses dois ambientes: o externo e o interno. Mostrando coerência com seu sexo e seus padrões sociais com uma roupa adequada e de fala sem ameaça. Esta prática (ameaçar pela indumentária) fica para os adolescentes.



Alicia em sua formatura em 2012, já com vestido e elementos do vestuário feminino; acompanhada de seus três irmãos.

Para chegarmos ao guarda roupa de Alicia, nascida no final da década de 80, tivemos um longo e árduo caminho a ser percorrido. A moda feminina não chegou e permitiu que a Alicia ou Alicias existissem assim do nada, que a mãe de Alicia permitisse que sua filha usasse as roupas de seus irmãos.

Se a moda é um meio de comunicação e um reflexo da sociedade em que está inserida, com certeza ela também contará uma história, mostrando que os conceitos e preconceitos sempre existiram e eram mais fortes e intensos em um passado em que muitas mulheres sofreram, não só pelo papel social a elas destinadas, mas pela própria moda que fazia suas vítimas. E embora ainda faça, no passado ela era a imposição de uma feminilidade que se não em curvas e em plena vaidade, a mulher desaparecia como mulher, como quem desaparece em sua sociedade.

“A moda não deve ser pautada somente por variáveis temporais, mas também e principalmente, por variáveis contextuais. A roupa pode indicar distinção social e também pode, através de códigos sutis ou mesmo evidentes, refletir a opressão e o domínio sofrido pelo sexo feminino.”(SANTOS, 2006)

A discrepância entre a indumentária de um sexo para o outro teve seu ápice na idade média, em que espartilhos eram obrigatórios para as mulheres da alta sociedade ou para aquelas que quisessem se parecer com tais. Afinando a cintura de modo que compromettesse a respiração e até mesmo a saúde dessas mulheres. O volume do quadril era absurdamente ampliado pelo uso de bainhas e estruturas de arames, denominadas anquinhas, que dificultavam até mesmo a locomoção feminina. Nessa época de nossa história Ocidental, temos o controle absoluto do Clero na sociedade e este mesmo clero era a favor da dominação masculina sobre a feminina, auxiliando-a em seu exercício de distinção, a qual o vestuário veio também atingir seu topo como divisor de águas, ou anáguas, já brincando com a palavra e com o próprio vestuário feminino.

“O vestuário feminino esteve atrelado a um sistema de poder e, nesse caso específico ao poder masculino representado pelos clérigos. A vestimenta teve seu papel no universo do exercício do poder masculino sobre o feminino. Além de observarem-se aspectos apropriados pela igreja e pela sociedade como um mecanismo em prol de uma cultura de opressão, contraditória e paradoxal no que diz respeito ao sexo feminino, pode-se dizer que na verdade, apesar de vestirem a moda em estereótipos grotescos, também, contribuíram para arrancar as mulheres do obscurantismo e para instituir um espaço a elas como indivíduos singulares.”

(SANTOS, 2006)

A moda da Idade Média estereotipava a mulher com seu próprio corpo, aumentando e diminuindo medidas que indicavam características de uma boa genitora. A cintura esmagada em um espartilho que as deformavam, modificando suas costelas e seus órgãos internos, era utilizada como artifício de ilusão à imagem. Tudo para fazer de seu quadril algo mais destacável, maior, como se fosse ele mesmo o tamanho do útero que alojaria o feto durante sua gestação e até mesmo a facilidade de parir aquele ser que viria ao mundo por um bom jogo de ossos na bacia que facilitariam sua saída. O decote foi o último

dos artifícios criados para esse estereótipo demasiadamente feminino, mostrando o colo e que da mulher saia não apenas o leite, mas saltava-lhe os peitos que de tão cheios poderiam alimentar toda uma prole e matar toda a sua sede. Essa sede era de corpos distintos, o feminino e o masculino, cada qual com seu destino, sem misturar-se, sem ter igualdade.

Estudiosos de moda colocam esse período como o período inaugural da moda em sua atividade estética menos funcional e mais frívola, atuando em corpos como um sistema operacional de adornar-se e identificar-se por meio de elementos fantasiosos. O corpo feminino fica dividido em mostrar-se e esconder-se, em uma caricatura figurativa da aristocracia em que o feminino esconde o natural para que em superficialidade traga traços considerados já do próprio corpo nu feminino. É o tecido no lugar da derme, é a bainha no lugar das nádegas e do quadril, é o espartilho no lugar da cintura, são as golas intencionando o olhar, o decote e o corte de cada peça, agora induzindo a criatividade e a curiosidade masculina, atos tão condenáveis e pecaminosos aos olhos do clero.

“Na verdade, o vestuário feminino torna-se o reflexo da época, na qual há contradição entre o pensamento dos clérigos que abominavam o corpo feminino e queriam leva-lo à clausura, e o pensamento dos homens que lutavam contra o desejo de desvendar os seus mistérios”.

(SANTOS, 2006)

Entender o poder masculino sobre o feminino analisando a moda estabelecida e sua função adquirida neste período, mais propriamente na baixa idade média em que o renascimento urbano e comercial ressurgiu, é entender como houve uma sobrecarga em vestir-se e adornar-se não mais com a intenção de proteção ou distinção social, mas a colocação do gênero, do jogo de olhares através da roupa, do atrair o outro sexo, vestir-se para o homem, agradá-lo, tentando ser algo e alguém visualmente exuberante; fez com a mulher deixasse outros setores de sua vida abandonados e desse modo renega quem ela poderia

vir a ser como potencial, para apenas vestir-se, embelezar-se e pertencer a esse mundo de artifícios agora denominado de fato Moda.

O filme de Sofia Coppola (2006) “Maria Antonieta” mostra bem esse exagero da baixa idade Média. O filme retrata a vida da rainha de mesmo nome em sua vida na corte francesa antes da queda da Bastilha, no século XVIII. Uma ostentação à moda, ao luxo, aos prazeres da carne e dos outros sentidos que trazem à personagem uma tentativa de preencher vazios.

Criada para ser uma rainha já dentro da aristocracia francesa ao qual foi enviada aos 14 anos para substituir a irmã mais velha que havia falecido e que seria então a rainha e não Maria Antonieta. Maria Antonieta demora em se enquadrar a isso e na vida pública que tem como mulher pertencente ao estado. Mas ao se casar e conforme os anos se passavam se vê dentro de um luxuoso mundo em que o poder a pertence e ela não se negará o direito de saboreá-lo, mesmo que a França se encontre em crises econômicas.

Em um figurino impecável, cores pastéis e rococós pra lá de reais em pleno castelo de Versalhes, Sofia Coppola traz como tema central a rainha, não se apega a crise francesa e os acontecimentos históricos e nem mesmo no papel que ficou traçado à Maria Antonieta depois de morta que foi de traidora, fútil, manipuladora e uma espiã austríaca dentro da corte francesa.

Alias, há algo de charmoso e pecaminoso em Maria Antonieta de Sofia Coppola, assim como Eva ela lembra uma ingenuidade infantil de querer se divertir apenas, como quem está no paraíso e está entediada de tanto percorrer por seus lindos jardins atrás de um homem, no caso o rei Luis XVI, que não a vê como uma mulher sedutora e adivinhe? Ela quer se sentir assim, ela quer ter fantasias sexuais e colocá-las em prática.

A moda que mostra a diretora Coppola não é absurda, o glamour da França e do vestuário feminino da época eram tão grandes como é mostrado. Maria Antonieta apenas se diverte com isso enquanto demorou sete anos para consumir seu casamento com Luis XVI, não por culpa dela como conta-se, mas pelo rei que não a procurava para fins sexuais.

Se Maria Antonieta beirava a superficial da época, muitas mulheres tentavam implementar na Revolução francesa os seus direitos dentro também

da esfera publica. "A Revolução Francesa é o momento histórico em que a civilização ocidental descobre que as mulheres podem ter um lugar na cidade" (Sledziewski, in: Bicalho, 1998, p.28 apud Macedo, 2003)

"É interessante perceber que vários autores sustentam que, o slogan 'liberdade, igualdade, fraternidade' nascera mutilado, uma vez que não se estendia a todos os cidadãos, pois excluía as mulheres." (MACÊDO, 2003)

Em contrapartida ao filme de Coppola temos uma mulher real que embora seu vestuário não esteja em análise, encaixa-se no momento histórico aqui falado e por ser uma mulher que ao tentar fazer com que as mulheres entrassem neste momento histórico que foi a queda da Bastilha e a formulação dos direitos do homem (homem com h mesmo) colocado em substituto a palavra humanidade.

Muitas mulheres tentaram pegar carona na revolução Francesa e colocar na reformulação dos direitos humanos, a mulher. Saindo do local em que esta estava, no privado, e colocá-la em uma esfera publica ao lado do homem.

Muitas tentaram e pagaram com suas vidas, um exemplo clássico é Olympe Gouge ¹⁹ que foi executada acusada de ser contra a revolução.

Entre as participações políticas femininas, sem dúvida o nome Olympe de Gouges (1748-1793) se destaca; feminista, adepta das ideias de Condorcet, através de sua atuação junto à Assembleia, nos salões literários e nas manifestações de ruas, ela reivindicava a

¹⁹ Marie Gouge ou Olympe Gouge foi uma mulher que lutou para incluir o papel feminino aos direitos sociais. Sempre de cunho político e feminista, foi guilhotinada por não saber diferenciar seu papel em gênero, sendo justificado como "contra revolução"

participação da mulher. Catherine Marand-Fouquet conclui: “Olympe acreditava na capacidade da mulher para salvar a França” (MARAND-FOUQUET, 1989, p. 87 apud SCHMIDT, 2012).

Se hoje vivemos em um mundo machista, a esfera da sociedade francesa em plena Revolução não era diferente, alias, era pior neste quesito e a imagem ou tratamento da mulher, pois, embora houvesse uma revolução em relação aos direitos humanos, a mulher era dita como propriedade privada e sua imagem deveria ficar reduzida a ser doméstico, a mãe e a obediência. Não entrando na participação ativa e muito menos sendo considerada ativa ou de importância nestes direitos estabelecidos e reformulados.

“É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona-de-casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas.” (PERROT, 2008, p. 9 apud SCHIMDT, 2012).

A mentalidade da época atingia os homens com tanta ferocidade que pensadores iluministas também viam a mulher como um ser somente de âmbito privado e que deveria se restringir a ele. Rousseau, um dos maiores iluministas da época escreve à D’Alembert (PERROT, 2008, p.6 apud SCHIMDT, 2012) “toda mulher em público que se mostra, se desonra”. Ou seja, a mulher possui seu lugar e é fora do público, espaço este destinado ao homem.

Embora fique aqui um desconforto causado pela intolerância e ignorância dos homens com as mulheres, há o contexto social da época, a mentalidade a qual estamos ainda bravamente tentando modificar e exterminar

atitudes tão bárbaras com estas mesmas mulheres, outras e tantas que compunham e compõem este gênero em todo o mundo. Em pleno século XXI vemos estupros coletivos na Índia, vemos mulheres ainda apedrejadas até a morte no Oriente Médio...

O vestuário, mesmo que não aparente, é um divisor de águas entre feminino e masculino e sua história é tão longa quanto o machismo.

Bloomers Girls – uma tentativa da libertação feminina em seu vestuário.

No início do século XIX houve uma tentativa de se criar um traje que libertasse a mulher do terrível e prejudicial espartilho, muito utilizado como imposição de classe, status e para atrair um bom partido ao se dar ilusão de um quadril mais avantajado (utilizando-se de outros artifícios da mesma indumentária), assim como visando uma saúde que estava ameaçada pelo atual vestuário que vinha a deformar os corpos femininos e trazer problemas graves de saúde à mulher.

“(...) Os profissionais apontam os malefícios como: pressão em órgãos importantes, causando recortes e deslocamentos, acne rosácea, associada a problemas digestivos e anemia e sustentação artificial do tronco. Steele (2007), em suas pesquisas, constatou que, sob uma análise anatômica, a posição na qual o espartilho é colocado indica que a pressão exercida pela peça pode afetar os pulmões, o coração, o fígado e o estômago, órgãos localizados na região da cintura. O fígado, por exemplo, era puxado para baixo. Contudo, segundo a autora, a deformação desse órgão e a perda de parte da sua função não eram necessariamente prejudiciais à saúde. O deslocamento e recorte do estômago eram responsáveis pelos distúrbios alimentares e pela constipação, e, também, problemas de controle da micção, mas não haveria evidências que o espartilho

causasse doenças digestivas mais graves como úlceras ou câncer.” (FERNANDES, 2013)

A criadora do traje proposto chamava-se Amélia Broomer, o que acho meio irônico por Amélia ser utilizado por nós como aquela mulher Do Lar, mas Enfim, Amélia propôs uma vestimenta com um corte mais amplo, que dava liberdade a mulher e a permitia até mesmo a prática de esportes e trabalhos, mas o traje foi altamente ridicularizado na época por incluir o uso de calças, e as mulheres que tentaram vestir-se deles (as Bloomers girls) sofreram nas ruas até mesmo agressões físicas, abandonando o traje, que no final do século já seria mais aceito.

“Em 1851, Amelia foi à Inglaterra divulgar seu traje racional feminino, o bloomer. Consistia em um corpete, uma saia razoavelmente ampla abaixo dos joelhos e, sob estas, calças largas até o tornozelo. Libertava o corpo das mulheres do peso das roupas e da constrição da cintura.” (IDEM, 2013)

Embora tenha sido quase extinto pelo alvoroço e pelas más manifestações que tiveram em sua época, o traje usado pelas bloomers girls fez com que se repensasse em uma reforma do vestuário feminino que não trouxesse tanto malefícios à mulher. Mas este processo foi mais lento do que se imagina. Apenas meio séculos depois vêm algo do tipo sendo utilizado para as ciclistas.

O Sutiã da Madonna

Camille Paglia, uma emblemática escritora nova iorquina, me despertou admiração e curiosidade já na introdução de seu livro “Sexo, arte e cultura americana”. Pela maneira como escreve e escreve das críticas a si mesma, você já percebe a personalidade forte, o âmbito pesquisador, intelectual e acima de tudo, críticas da própria Camille que ela coloca ali, naquelas

primeiras palavras. Mas o que me conquistou nessa escritora foi que ela trespassa o padrão intelectual de vanguarda elitista, classicista e de ar superior, aliás, ela o critica. Critica ao ponto de ser julgada por isso e por estes, e o que mais me agrada, ela parece não se importar com isso.

“Sexo, arte e cultura americana” é um livro escrito por uma mulher forte, de opinião própria que começa em seu primeiro capítulo falando de outra mulher de mesmas características. Essa mulher que Camille apresenta é Madonna, a cantora pop star que era alvo de feministas e que chocava com suas atitudes escandalosas, cliques de alto teor sexual, conteúdo sado masoquista e de homossexualidade tanto masculina como feminina. Madonna surgia como uma moleca travessa que contrariava a todos e que deixava bem claro que gostava de sexo, gostava de ser feminina e atrair pessoas, mostrando-se uma pessoa liberal e sem preconceitos vigentes em sua estrutura.

Quando pensamos em feminismo automaticamente vem a nossas mentes um cenário de mulheres bravas, totalmente descontentes e autoritárias. Mulheres que muitas vezes deixam de ter vaidade ou deixam de valorizar seus atributos femininos para não ser cortejada e assediada como a maioria das mulheres que são ensinadas que com o corpo se consegue tudo. Mas calma, antes de me criticar pela imagem que coloquei acima, me escute, ainda não terminei meu raciocínio e é este mesmo raciocínio que encontrei em Camille. Madonna é o oposto disso, ela mostra que a vulva e até os dentes podem ter uma carga sexual, o olhar, o trejeito, o rebolar e o insinuar e foi duramente crítica por isso, por mostrar que ela tinha desejo, que ela os realizava e sim, vulgarmente falando, Madonna trepava. Oh, meu Deus, Madonna trepava? Sim como uma louca, devorando homens e mulheres em seus cliques e se insinuando. Oh, Madonna, sua puta!

Aqui se encontra mais que uma mulher descrita e analisada por Camille ou por mim ou por qualquer que seja. Madonna simbolizava a negação que o próprio feminismo se colocava, impunha como regra não somente da luta pela igualdade, mas do feminismo perder de fato características femininas e de sua própria sexualização enrustida e escondida. Parecia que assim devia permanecer, a mulher se tornava vulgar ou superficial tal como julgavam

Madonna em seu início de carreira. Camille a defende, sem falsa moralidade, a questão do feminismo vai além da igualdade.

“Madonna tem uma visão muito mais profunda do sexo do que as feministas. Ela vê tanto a animalidade quanto o artifício. Mudando o estilo de roupa e a cor dos cabelos praticamente todo mês, incorpora os eternos valores da beleza e do prazer. O feminismo diz: ‘nada mais de máscaras’. Madonna diz que não passamos de máscaras. Com seu impacto sobre as jovens de todo mundo, Madonna é o futuro do feminismo.” (PAGLIA, 1993)

Camille continua sua crítica contra os que criticam Madonna e em uma análise de clipes, comportamentos e letras de músicas, ela traz uma Madonna visionária, uma mulher empresária, cercada pelo sucesso profissional, que se desviou do caminho das drogas e buscou crescer. Ela traz a Madonna que temos hoje: famosa, dona de si, com filhos adotivos e biológicos, casada e descasada, que já apanhou do marido, superou, deu a volta por cima, fez uma legião de fãs e acima de tudo que mostrou ser sim a favor da mulher, trazendo ousadia em uma postura que de início foi rejeitada, mas que hoje é o desejo de muitas outras; uma verdadeira Lilith reencarnada.

Analisar Madonna e sua carreira dá uma ampla conversação ao feminismo e sobre a sexualidade feminina, além de analisar também o poder da mídia sobre esta conversação e permissão de construção de imagem de um indivíduo em sua sociedade. A grande ferramenta midiática e o grande vislumbre que esta causa, transferindo essa visualização para uma pessoa que virá a ser um ícone, tal como Madonna.

Rodrigo Barretos em sua dissertação de mestrado intitulada “A fabricação do ídolo pop: a análise textual de videocliques e a construção da imagem de Madonna” (2011) traz exatamente esta análise da mídia sobre a construção de um ídolo artístico e musical em sua sociedade e afirma que “nos trabalhos da cantora, que tratam da questão da sexualidade, há, no entanto,

uma tendência a se tomar partido das personagens menos reprimidas, mais libertárias.”. – Madonna deixa claro que é a favor da liberação da fantasia e da sexualidade feminina e contrario ao seu nome artístico (Madonna é o nome italiano de Maria, mãe de Jesus) ela mostra que não é virgem e muito menos santa.

Madonna vai desde o homossexualismo a orgias e troca de parceiros. Ela mostra uma sexualidade exaltada e dominante nas relações orientadas por instintos e de buscas de prazer carnal imediato, como uma verdadeira Lilith.

“O sexo foi talvez o tema que mais tenha chamado a atenção para a carreira da artista, algo que, não tendo despertado o interesse apenas dos fãs, tanto a fez massivamente célebre quanto amplamente criticada, seja por conservadores ou por feministas. A controvérsia suscitada ainda era maior, porque não se tratava apenas de uma artista que exibia sua sensualidade de modo frívolo, Madonna mostrava e falava sobre práticas sexuais alternativas – como o sado-masoquismo, por exemplo –, defendia a liberdade de orientação sexual e o direito feminino de exercer sua sexualidade com a mesma desenvoltura dos homens.”

(BARRETOS, 2011)

Liberalismo sexual, transar com muitas pessoas, ser aberta a novos tipos de prazeres e experimentar o sexo em sua totalidade sem pudor. Madonna defende isso, defende o feminino e seu corpo inteiro, até o controle do músculo interno que recebe o músculo externo, um brinquedo ou os dedos. A meu ver o liberalismo sexual é tão opcional quanto qualquer outra escolha que envolve a moralidade social em nossas decisões, como casar, ter filhos, ficar solteira, usar drogas, trair... Enfim, vai de pessoa para pessoa, mas o que não podemos é condenar o outro pelo sexo que pratica, sua opção sexual ou suas experiências e preferências. Cada um tem suas escolhas, com elas suas

conseqüências, cada um tem seus erros e acertos, assim como seus prazeres e suas dores. Homens e mulheres, negros e brancos, católicos ou judeus, ricos ou pobres. O mundo se preocupa demais com a invasão de privacidade, com o impor normas sem que exista de fato uma normalidade. Não sei se por herança da igreja católica que adentrou sem ser convidada na vida privada e pegou-a para seu domínio, mas vivemos em um mundo em que suas tecnologias apresentam significativa evolução, enquanto a mentalidade humana tem progressos com certa dificuldade, como se ainda vivesse na Era feudal, quer casamento nobre e contrato de exclusividade. Se duvidar quer também o cinto de castidade (mas somente para as mulheres, não para os homens).

Eu não havia preparado um discurso direcionado e específico sobre a cantora Madonna. Ela me surgiu ao longo dessa pesquisa, não apenas em um momento, mas me deparei com sua imagem e significância em diversos momentos e por diversas pessoas. Sendo que o livro de Paglia me fez finalmente pensar que Madonna deveria fazer parte desse time de mulheres em Êxodo. Lembrando-me o tempo da faculdade no Paraná em que cursei por dois anos e meio Moda e Madonna é um ícone da moda, lançando tendências desde sua aparição com saias mais cheias e botinha punk, até hoje com estilistas preparando-lhe um banquete de como ser uma diva. (nós analisamos isso em moda).

“Na verdade, o uso da moda como meio de expressão social mais amplo não é nada estranho na carreira videográfica de Madonna”, BARRETOS (2011), muitos artistas fazem uso da moda para criar uma identidade e uma marca de sua personalidade. “A moda, especialmente a do vestuário, cada vez mais associada às formas do corpo e ao jeito de ser, não somente exprime, mas compõe identidades.” MOTA (2008). Essa identidade é o que cria vínculo com seu público, legitimando uma mensagem e uma atitude pessoal e artística diante do mundo.

O figurino de Madonna é tão ousado como seus clipes. O chicote, o espartilho, o terno com o super decote enviesado, a cinta liga, o salto agulha e até seu sorriso. Hoje Madonna é mais contida, como se o fervor sexual tivesse se acalmado, afinal, ela aproveitou tudo que estava ao seu alcance, depois

casou, teve filhos e a vida foi tomando outros sentidos, mas sempre manteve um sucesso profissional, pessoal e de independência financeira, sexual e de destaque na mídia. Sem dúvida alguma foi uma mulher de destaque e que trouxe a todas as outras uma mensagem. Voltando a Camille, ela defende Madonna:

“Madonna é a verdadeira feminista. Ela denuncia o puritanismo e a sufocante ideologia do feminismo americano, empacado num estilo de lamúria adolescente. Madonna ensinou as jovens a serem plenamente fêmeas e sexuais quando ainda têm controle de suas vidas (...) o feminismo americano tem problema com homem (...) mas Madonna ama os homens de verdade. Ela vê a beleza da masculinidade, em todo aquele rude vigor e suada perfeição atlética. Ela também admira os homens que parecem de fato mulheres: transexuais e bichas loucas, os heróis da rebelião de Stonewall em 1969, que iniciaram o movimento da liberação gay.”
(IDEM, 1993, p.16)

Defendendo Madonna, Camille defende uma revolução feminina que inclui o sexual, o controle da sexualidade feminina pela própria mulher que com a tomada de consciência sobre si mesma possa desfazer o nó da repressão que foi a ela imposta desde a nascença, aliás, muito antes disso, pois são histórias de anos e anos, de muitas gerações, de décadas, séculos e milênios em que entre pernas e seios nos vemos inquietadas e recatadas como donas de casa. Algumas se dão por satisfeitas, mas o ponto de discussão é a alternativa oferecida e as escolhas que poderiam fazer ou não.

Misturando o comportamento de Madonna, as citações e admiração de Camille pela cantora, o figurino que esta veste em palco, o choque do olhar e se espantar, o desenvolvimento de um novo figurino, tudo em um só lugar. Eu coloco uma única peça a ser analisada e despontada como reflexão a tudo que disse e redisse neste mesmo item, em um subcapítulo que sem intenção surgiu-

me como uma borboleta na janela de casa, freneticamente se batendo no vidro tentando sair, não conseguindo, se aquieta, parada, espera o vidro abrir.

Este item é a borboleta, a sexualidade liberal é o abrir de vidros, mas a escolha de sair ou não é da mulher, de cada uma de nós, pois não imponho o liberalismo como um item indispensável de autoconhecimento, mas sim como uma alternativa de comportamento, sempre se baseando no que se quer, no respeito a si própria de seus limites e aceitações. Não somos todas iguais, nunca seremos e embora tenhamos biologicamente um corpo semelhante, cada uma de nós sabe o fardo que carrega e o peso que agüenta nas costas. O sexo é ainda parte desse peso, embora devesse ser uma pluma leve de descarregar de tensão, um ato prodigioso de entrega e redenção, um momento a parte entre quem cede e quem recebe, um frenesi entusiástico em que os componentes estão de livre acordo. Mas dever não é ser, é uma utopia e quem sabe um dia uma realização?

Estamos em constante alteração. Falo do comportamento feminino e da sexualidade, mas esta realidade está se modificando em nossa sociedade e Madonna foi sim um espelho comportamental e ideológico para muitas outras mulheres. Tal como Xuxa no Brasil que ao engravidar, muitas meninas fizeram o mesmo que a “rainha dos baixinhos”. Lá fora, aqui dentro, no mundo ocidental, nos quatro continentes houve também Madonnas diversas vestindo um sutiã de cone. Não no sentido real, mas no subjetivo que altera seu sentido.

O sutiã de cone é um ícone, é um signo e deve ser lido tal como sua proposta. Ele diz muito a respeito da mulher e grita por elas um momento único, o da vaidade em um símbolo totalmente feminino: Os seios existem e não foram feitos apenas para amamentar, você pode vê-los? Eu acho que sim!



Imagem retirada do site madonnago.com.br, site que conta a história da Cantora e muitas informações detalhadas de sua vida e trabalho.

Doce Vintage

Após falar sobre o arquétipo do vestuário feminino, das peças que compõem e ornamentam a mulher e até mesmo traz simbologias e analogias em seu próprio corpo volúpio. Do sutiã de Madonna às calças de Coco Chanel e as Bloomers girls, trago um modelo vivo, real e específico ao perfil de si mesma com referências de arte e do que acredita. Misturando elementos em suas roupas para traduzir sua personalidade, Lilian Larranãga faz uso da semiótica no seu dia a dia de forma mais consciente que a maioria.

Produtora de moda, estilista, dj, modelo de muitas câmeras fotográficas (inclusive da minha), de meninas que acompanham seu blog e de sua sobrinha

com toda sua graça a quem parece infinitamente mais mãe do que outro tipo de parente; mas acima de tudo mulher intensa e viva. Lilian me conquistou desde o primeiro dia em que nos vimos e já nos tornamos amigas desde então. Foi um encontro realmente entre duas almas que já se conheciam, não tenho como descrever de outro modo nossa ligação.

E por que escolho Lilian para escrever e não outra mulher qualquer? Por que Lilian e não minha vizinha, minha mãe, minha irmã ou minha tia? Bom, respondo com muita pressa e já decidida: Lilian não se veste inconscientemente, ela tem real noção do que está fazendo e traduz essa formatação de si pelo guarda-roupa para muita gente e isto não sou eu que estou falando por ela ser minha amiga, mas esta resposta se encontra nas matérias de revistas que assim como eu falam sobre ela, sobre o modo como se veste e a ternura de ver como isso de fato ilustra mais que o vestir-se. Lilian é formada em Moda pela Universidade Estadual de Maringá, uma das maiores e mais conceituadas do Estado do Paraná, estado esse que ela nasceu há 29 anos e que com um clima mais ameno a favorece em seu estilo, embora, ela ame Londres e o clima londrino a qual pertence seu sonho e seus suspiros, Lilian, uma é mulher brasileira, de olhos azuis e pele extremamente branca, tal como uma gringa a la Londres ou uma francesa a la Paris, brinca com essa versatilidade que de roupa de menina vira também roupa de quem sabe o que é se vestir, a mulher que há e a simbologia do cóis alto, da sapatilha e da presilha que em laço faz enlaço ao outro que a vê andar por aí.



As fotos ilustradas acima foram tiradas e produzidas por Jhonatan Penteado, diretor de fotografia também no Paraná e amigo íntimo de Lilian, com o qual realiza muitos projetos.

A moda do século XXI é um mix de décadas e de releituras que em traços únicos acabam por criar um mosaico do que vivemos agora, mas sem abandonar o que já se viveu. O novo e o antigo, juntos e cada vez mais interligados. O retrô e o alusivo, o Vintage e a evolução, esses são novos tempos com certeza, tanto para a mulher e para seu guarda roupa, para seu corpo e sua personalidade, cada vez mais a vontade para ser quem ela opta por ser, para quem ela é.

E o que somos? Somos e digo isso, repetindo muitas vezes e reafirmando, seres sociais e nossa personalidade é uma junção de nós mesmos com a vaidade de se tornar algo ou alguém mais socialmente compatível não só em um universo particular e individual, mas no mundo, no público e no privado, mesclando os nossos gostos e remodelando o passado, visando o hoje, nossos conceitos, nossas ideologias, nossa crença e a falta dela, tudo, tudo está embutido no ato de vestir-se, mesmo que você não reconheça, mas há um porque de escolher a camisa x ao invés da y, a saia com estampa assim do que a estampa a co lá.

Quando escuto uma crítica feita à moda eu tento não reagir. Muitas pessoas falam da moda como se falassem do modismo²⁰ e eu na minha arrogância gostaria de mostrar a ela que isso é falta de estudo, de conhecimento e na realidade é somente isso, o pré-julgamento, dela com a moda e eu com elas. A moda está intrínseca e é dessociável às culturas e ao próprio homem. Até o mais hippie de todos os homens, nu e com um pequeno chinelo de palha para proteger os pés pertence ao mundo da moda, desde a indústria têxtil, aos adornos artesanais ou industriais, a cadeia da moda é longa e se somos seres sociais, assim nos identificamos socialmente: através da roupa, esta que veste nosso corpo.

Por isso escolhi Lilian para ilustrar isto, além de formada em Moda, Lilian escolhe suas roupas como quem escolhe ao mesmo tempo um filme cult e uma capa de disco em um sebo alternativo. É no vestuário que se encontra os gostos de Lilian e algumas de suas características pessoais, suas preferências.

Analiso Lilian, mostro Lilian, aponto essa mulher aqui com todo seu carinho e consentimento, mas quero que a partir dela haja uma reflexão para nós mesmas, para que haja um auto conhecimento não só de dentro pra fora, mas o inverso também e não coloco a moda aqui como uma imposição: mulheres vocês tem q usar calça jeans ou vestido balonê, não. A opção é unicamente de cada uma de nós, desde o conforto ao que nos motiva escolher tal peça em detrimento de outra. Seguir a moda, fugir dela, relacionar-se com amor e/ou ódio, é uma opção pessoal e acho que ela muda na medida em que vamos crescendo e amadurecendo, muda com nós.

Porém, além de nos mostrarmos pela moda que nada mais é ou deveria ser que uma extensão não apenas de nossos corpos, mas de nossa personalidade. Estamos a todo o momento sendo vítimas pelos padrões que ela

²⁰ Modismo é o termo empregado para a moda de curta duração, aquela moda que é lançada em novelas ou outros meios de comunicação de massa que serão usadas como uma febre e logo após um período, saem de uso e caem em obsoleto na indústria da moda. Modismo é o uso intenso, porém com brevidade.

impõe não apenas de coleções em alta ou em baixa, de marcas ou de status pelo logotipo apenas (mostrando um acentuado mercado de produtos falsificados, mas pela manequim que desfila na passarela ou que em pernas extremamente finas e longas mostram uma peça de roupa com a finíssima de andar e rebolar com uma sensualidade ardente e envolvente.

A estilista francesa Coco Chanel tinha razão ao dizer que “A moda não existe apenas nos vestidos; a moda está no ar, é o vento que a traz, nós a respiramos, a pressentimos, ela está no céu e no chão, está ligada às idéias, aos costumes, aos acontecimentos.” A moda está na política das relações humanas e dita tantos conceitos e comportamentos que não podemos dizer ou definir apenas a moda pelo vestuário.

Aliás, há uma construção da identidade individual e social através da moda, mas limitar-se esta mesma à roupa e adornos, seria um equívoco já que a construção de valores e até mesmo de tendências, não apenas visuais tais como comportamentais são ditadas pela sociedade em que se vive e se relaciona e esta mesma sociedade comunica seus valores e impõem padrões a seus integrantes priorizando a estética e o corpo em detrimento a outros valores que ficam secundariamente para avaliação. Então, há a premissa de utilizar dessa ferramenta a favor de nós, não importando o formão do corpo, mas estendendo nossa personalidade a este ao de vestir-se como uma comunicação de nós mesmas, para quem sabe, sair do superficial dessa leitura corpórea e dizer algo a mais.

“Vestir-se é uma atitude de construção cultural. Muito mais que uma idéia de proteção do corpo, a utilização da roupa é um construto de identidade de indivíduos, de formação de grupos sociais, de adequação ambiental. Vestir-se (...) é uma atitude espetacular, um comportamento organizado na direção da significação, é um gesto de comunicação” (BARROSA, 2005, p. 123 apud SANTOS e VELOSO, 2010).

2.2 O estereótipo da beleza e do corpo

Diga-me, que mulher hoje em dia se olha no espelho, nua em poro e pelo e não acha um defeito? Que mulher não se incomoda com o estar ou não em forma? Que ao olhar as revistas não se sente diminuída pelas medidas da barriga, bunda, coxa ou busto, se baseando na outra? Que leva um susto quando no espelho encontra uma ruga, uma espinha ou qualquer outro defeito? Agora me defina defeito! E me defina também o que é perfeito, esse ideal utópico que milhares de mulheres tentam alcançar e almejam tanto através de plásticas e cirurgias, através de dietas e bulimia, isso é ser perfeito?

“O corpo que é portador de história, de cultura e singularidade está sendo reduzido a um artefato para a espetacularização da indústria cultural e do consumo. O corpo feminino, símbolo de uma narrativa histórico-dramática, outrora recatado e subjugado aos interesses do sistema ocidental-cristão-patriarcal, se reatualiza diante das transformações socioculturais contemporâneas sofrendo grande influência e domínio das mídias.” (BORGES, 2012)

São poucas e raras mulheres completamente felizes com seu corpo. A sociedade bombardeia a mente feminina com a idéia de que seu corpo deve seguir um padrão. Padrão este que nem mesmo as modelos e as musas femininas conseguem atingir. Muitas mulheres que são capas de revistas estão ali com o corpo falso, sem sua real beleza, “photoshopada” para fazer a ilusão de que o ideal existe.

A super modelo dos anos noventa, Cindy Crawford uma vez declarou à imprensa que gostaria de ser como ela aparecia ilustrando revistas, pois nem ela mesma se reconhecia. Existindo duas Cindys: a real e a elaborada pela mídia.

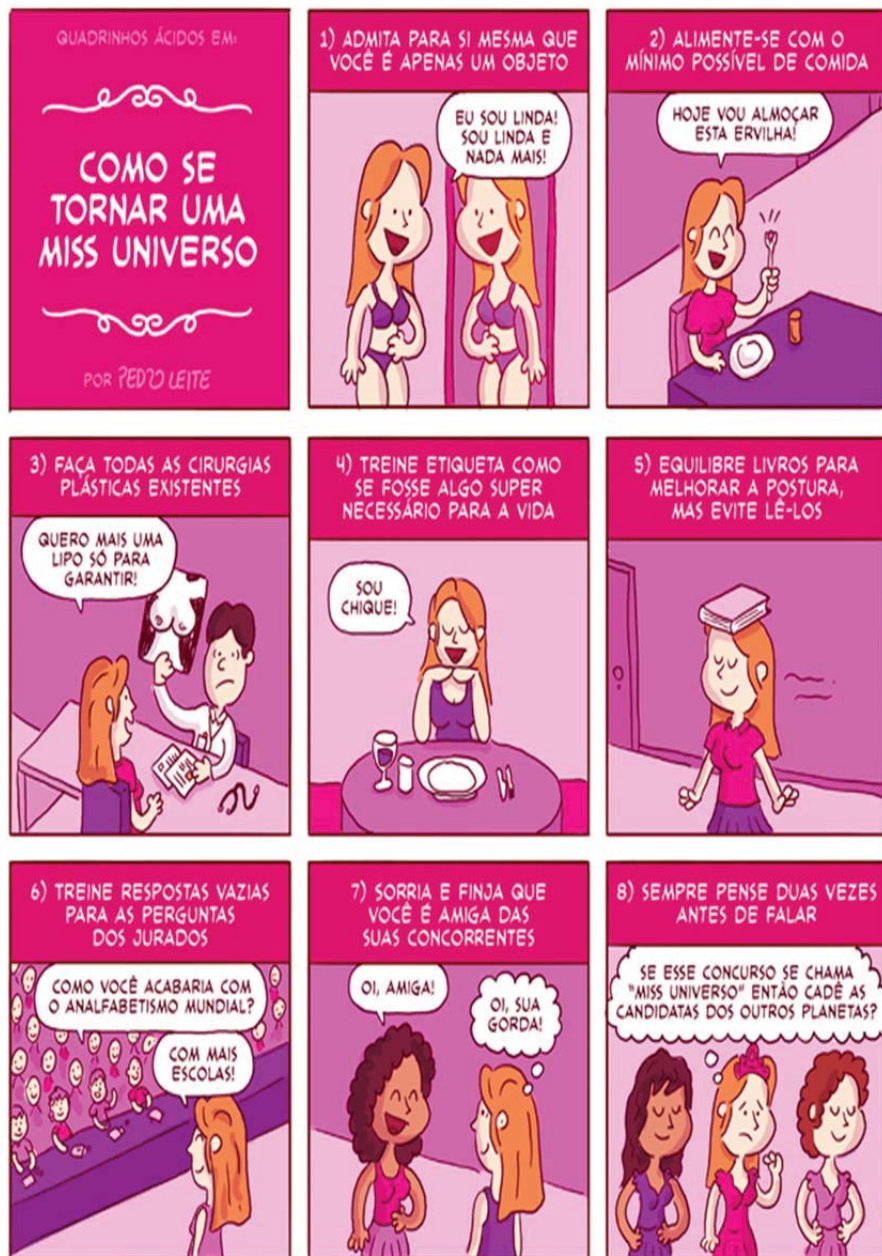
PELEGRINI (2008) em seu artigo “*As imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais*” traz essa busca insistente pelo corpo perfeito, mostrando o excesso de cirurgias plásticas,

distúrbios alimentares e a não aceitação do corpo fora desses padrões por uma sociedade que sustenta e alimenta o padrão e mais uma vez a mulher é o alvo principal dessa padronização exacerbada que a controla de maneira tão cega e tão superficial que permitir-se ser feliz ou ousar ser feliz fora desses padrões vira um questionamento e até uma marginalização daquela que em sobras de pele e camada adiposa, não pode ser gostosa.

Embora sempre houvesse uma questão envolvendo o corpo como requisito de sobrevivência e de feminilidade (procriação), PELEGRINI aponta a sociedade industrial como um fator que intensificou esta preocupação com uma beleza padrão, favorecendo o consumo de outros setores não apenas comerciais, mas de comportamento e estética, visto que vivemos em uma sociedade altamente consumista que move seu capital e sua economia através dessa prática.

A tira de Pedro Leite, na página a seguir, ironiza a prática social do culto ao corpo em detrimento ao intelecto. Mostrando a superficialidade de um padrão de beleza que cultua apenas o visual, o artificial. Os concursos de missas e os novos programas televisivos e os desfiles de passarela mostram o culto a beleza do corpo e nada mais, cada vez mais emitem a mensagem de que devemos ser tais como os exemplos que vemos e que inquestionavelmente são belas.

“Numa sociedade que, desde pelo menos a década de 1920, começou a nutrir uma franca aversão pelos gordos, a paixão tende a se transformar num bem exclusivo daqueles considerados esbeltos”. – SANT’ANNA (2001)



“A evolução da sociedade industrial propiciou um elevado desenvolvimento técnico-científico. As novas

possibilidades tecnológicas propiciaram a elite burguesa moderna, um incremento de técnicas e práticas sobre o corpo. O aumento da expectativa de vida, as novas formas de locomoção e comunicação expandiram as formas de interação e realização de atividades corporais. O fácil acesso à informação trouxe infinitas possibilidades ao conhecimento. Contudo, a padronização dos conceitos de beleza, fundados no corpo magro ou musculoso ancorada pela necessidade de consumo criada pelas novas tecnologias e homogeneizada pela lógica da produção, foi responsável por uma diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais do homem contemporâneo.” (IDEM, 2008)

Esta busca incansável e obcecada pela beleza mostra mais uma vez a coisificação do corpo feminino. Muito mais cobrada e admirada por esta questão do que o homem, a mulher se sujeita a procedimentos dolorosos, a fome e rotinas desgastantes voltadas para tornar seu corpo um objeto de adoração, digno de olhares e comentários. É o narcisismo sendo colocado em prática e sendo estimulado pela sociedade paternalista tal como consumista. Estamos nos afundando cada vez mais em lagos de narcisos e nos tornando intelectualmente menos atraentes.

A insatisfação gerada por essa idealização do belo faz com que milhares de mulheres não consigam se aceitar ou se sentir amadas por si mesmas, já que não estão dentro daquilo que se é considerado como belo e não sendo belas dificilmente atrairão um homem ou um(a) parceiro(a) capaz de amá-las tal como são, imperfeitas.

“A criação de estereótipos publicitários é também precursora do ideário de corpo como objeto de desejo e de consumo, procura-se criar uma associação entre o produto consumido e um estilo de vida idealizado. Desta forma, a diversidade de

produtos e seus respectivos padrões estéticos agregados, sempre seguem uma fórmula semelhante: a transformação ou a modificação da vida pela compra de alguma coisa, ou seja, a criação de uma nova identidade atrelada ao produto” (MERENGUÉ, 2002 apud PELEGRINI, 2008)

Desse modo o corpo passa a ser um produto vendido e vinculado pela mídia, principalmente pelas campanhas publicarias que além de padronizar este conceito de beleza, a vende como um anuncio de jornal sem que percebemos estamos querendo ter aquele corpo e se desfazer do nosso, pois somos definidos e julgados a partir dele, para que depois sejamos subjugados SE permitido a um nível mais profundo se formos aceitos pelo nosso cartão de apresentação corpóreo e de massa real que parece ou dá-se entender que pode ser facilmente moldado e reformulado para se encaixar em padrões altamente exigidos, não importando seu metabolismo, sua genética, seus traços, temos que nos encaixar e temos que ser belas, a todo instante.

“O corpo passou a ser um valor cultural que integra o indivíduo a um grupo e, ao mesmo tempo, o destaca dos demais. Ter um corpo ‘perfeito’, “bem delineado”, ‘em boa forma’, consagra o homem e representa a vitória sobre a natureza, o domínio além do seu corpo, o controle do seu próprio destino. A gordura, a flacidez, o sedentarismo simbolizam a indisciplina, o descaso. As pessoas são culpadas pelo ‘fracasso’ do próprio corpo. Nesta cultura, que classifica as pessoas a partir de uma forma física, a gordura passa a ser considerada uma doença, pois é preciso construir um corpo firme, bem trabalhado, ultramedido.” (GARRINI, 2008 p.251 apud SANTOS e VELOSO, 2010).

2.3 A representação do corpo feminino na publicidade

Além de vender esse ideal de beleza, a publicidade e a propaganda vendem a imagem da mulher além de seus dizeres ou das exigências estéticas. A Beleza feminina não se encontra apenas em sua representação corpórea, está em sua roupa e principalmente na saúde do ego masculino (Tira de Pedro leite a seguir, mais uma vez ironizando com seu humor ácido as relações entre mulheres e sua sociedade), massageando com sua superficialidade de se agarrar ao estético apenas.

“A beleza feminina é apresentada na mídia como um atributo essencial à vida de todas as mulheres. Isso é percebido nos veículos de comunicação que utilizam a imagem feminina para comercializar produtos, orientando a produção de sentido ao consumo de conceitos que, de certa forma reduzem a mulher a uma dimensão superficial, limitada pela exploração do corpo. Esse processo caracteriza-se pela apresentação da estética como elemento fundamental de sucesso através de uma construção corporal específica baseada em moldes que englobam, além da aparência, a postura que uma mulher deve seguir para alcançar tal sucesso. Essas representações são sustentadas pela moda e encontram-se diariamente em anúncios de publicidade, programas de televisão, capas de revista, enfim, em uma variedade de meios de comunicação que utilizam a imagem como principal tática para a comercialização de produtos e, por conseguinte, o consumo de signos que referenciam conceitos a serem seguidos pelos receptores.” (SANTOS e VELOSO, 2010)

Nua ou seminua, ela se mostra e conquista com seu corpo mais uma vez uma sociedade de consumo.

“Enquanto moeda, o corpo transforma-se no principal instrumento das mídias para a difusão de produtos e serviços de beleza, sendo responsáveis pela obtenção de audiência e lucro para as grandes empresas.” (IDEM, 2010)

Sua nudez não será castigada, pois ela ameniza os sentidos de pudor e ressalta o desejo de ostentação, tanto no público alvo da marca que a insere como objeto modelo para se mostrar determinado produto (tenha ele a ver com o corpo ou não) quanto na sociedade que almeja ter o que não possui, delimitando valores de conquistas a partir do sensual e sexual mascarado da mulher na publicidade.

Mais uma vez tornado em objeto, o corpo feminino dialoga com consumidores e potenciais consumidores sobre o mundo capitalista. Intimamente interligando a vida da mulher e seus desejos aos dos participantes de uma cultura de massa ostensiva que deseja ter e ser acima de tudo pela aparência.

“Ora, se a publicidade reflete a sociedade nos seus vários aspectos, sem nunca a eles se antecipar, se se dirige massivamente a uma população, é impensável a exibição de algumas matérias, quando a sua aceitação não está socialmente consolidada. Logo, é necessário que a nudez se “banalize” na sociedade para que a publicidade timidamente a reproduza.” (VERÍSSIMO, 2005)

A padronização da beleza, o belo, o ideal, surgem e se manifestam a partir do corpo feminino que sem falar ou verbalizar seu diálogo traz o sucesso de gêneros em anúncios de virilidade masculina e super sensualização (para não dizer sexualização) ou realização feminina que parte através dos homens que a olham enquanto passa linda, cheirosa, magra, com pele macia na rua, seja no seu período fértil ou em plena menstruação.

QUADRINHOS ÁCIDOS EM:

A MULHER SEGUNDO AS PROPAGANDAS

POR PEDRO LEITE

É BRANCA, ALTA E MAGRA



NÃO TEM RUGAS,
ESTRIAS E VARIZES



ACORDA FELIZ
MESMO MENSTRUADA



SABE PREPARAR UM DELICIOSO
ALMOÇO PARA A FAMÍLIA



LAVA AS ROUPAS DO
MARIDO COM EFICÁCIA



FICA NO CIO QUANDO ALGUÉM
USA DESODORANTE MASCULINO



FLERTA COM QUALQUER UM
QUE BEBE CERVEJA



É UM BRINDE NA COMPRA
DE UM CARRO ESPORTIVO



www.quadrinhosacidoss.com.br

“Apesar da tendência para a atenuação social dos estereótipos de diferença sexual e de podermos ser surpreendidos pela exclamação da beleza masculina, este conceito está ainda culturalmente ligado à mulher e não ao homem. Logo, ao surgir mentalmente associada ao gênero feminino, a beleza acaba por assumir no senso comum um caráter sexual, até porque reputar um homem de “belo” pode suscitar fenômenos de contra indicação junto dos seus pares (...). Podemos constatar que esta análise do autor ainda é perfeitamente visível na publicidade atual: quando a personagem principal é um homem, os valores dominantes do discurso incidem, por um lado, sobre o seu sucesso social e profissional e, por outro, evidenciam aspectos relacionados com a virilidade ou com a noção de poder; se é a mulher que se destaca, a mensagem incide na perfeição das formas anatômicas, ou na sublimação da sua sensualidade e na pureza do seu rosto.” (IDEM)

Jorge Veríssimo (2005) em “Mulher ‘objeto’ na publicidade” faz análises de anúncios e propagandas e consta na leitura semiótica que o corpo, agora um signo tornado em objeto, traz a definição perdida do belo que atualmente se encaixa no padrão beleza feminino, embora haja o masculino, mas menos cobrado ou manipulado; esse padrão diz não apenas por si só, mas por uma sociedade que foi construída a partir de perdas significativas de outras construções de tornar-se belo ou ser belo diante de uma cultura que se estrutura no querer e almejar. A publicidade é a senhora responsável por criarem-se sonhos, fazer com que docemente chegue para o consumidor que anseia pela beleza em si e como ser belo se não pelo estereótipo ou pela aparência?

“Tal acontece, também, porque a noção actual de beleza perdeu a sua relação com um imaginário somente alcançado na paleta dos pintores ou na prosa dos escritores. Perderam se, também, os preconceitos dos mais velhos face à sua própria aparência. “Querer ser belo” é uma prática legítima de todos, já que deixaram de existir limites naturais para a beleza: os produtos de cuidados faciais e corporais, bem como a cirurgia estética, triunfaram sobre as imperfeições, os defeitos físicos e os efeitos do tempo.” (IDEM)

Mas como vencer esses paradigmas da nossa sociedade atual? Como fugir da beleza da juventude e impostas e tão bem recebidas aos nossos olhos e à sensação de conforto de ser belo e bem sucedido tais como mostra a propaganda?

Fugir dos padrões exige coragem, exige determinação e julgamento. Mas o principal, cultivar o corpo deveria ser para se ter saúde e não para se construir personalidade ou ser aceito em um grupo social, assim como se cultivar o intelectual deveria ser para se fomentar de sabedoria e fazer-se ser mais que teoria, mas conhecimento de adquirir conhecimento.

Enquanto fazia essas pesquisas que aqui se encontram de certa forma compiladas e ilustradas, eu percebi que o ler, o buscar informação, o compreender, o vivenciar palavras e conhecer pessoas pela sua história (sejam pessoas reais do meu dia a dia ou de personalidades históricas) eu me sentia mais inteligente e essa inteligência não se reduzia ou ficava apenas em minha sensação de auto conhecimento ou conhecimento do mundo e quebras de praxes tão antes plausíveis e inquestionáveis, mas se alastrava pelo meu corpo e nele se acumulava a beleza deu me sentir bela, não porque sou magra e jovem, mas porque sei dialogar e argumentar, sei falar sobre minha condição feminina e quem sou no meio dessa loucura de cultos ao ego por meio de consumo e estéticas manipuladas.

A auto estima precisa ser trabalhada. Ela é fator importante de um ser humano para consigo mesmo e o mundo a sua volta e falará pela sua felicidade ou infelicidade devido seu abalo ou seu fortalecimento, mas auto estima está além do corpo e da virilidade, está mais na essência do que na aparência.

A representação da mulher ou de seu corpo na publicidade mostra ainda um controle privado de ser mulher, ficando à esfera do imaginário masculino ou da idealização da mulher em ser quem ela não é: uma imagem de poder e liberdade que em ilusão e utopia acha ou imagina que encontra isto em ser magra e consumir produtos.

Filme Sugerido para desmistificar o padrão de beleza: Frida (Roteiro: baseado em livro de Hayden Herrera. Direção: Julie Taymor -2002 - EUA)

O filme conta a história da artista Frida Kahlo que é se não uma história de superação do começo ao fim. A terceira filha de uma família só de mulheres e seu pai a quem era muito apegada, Frida tem uma narrativa tão própria e marcante como sua personalidade e está inserida aqui como sugestão de filme, no tópico de padrão de beleza do qual estamos constantemente tentando buscar e nos retocar com bases e moldes em perfeições européias e norte-americanas que com guitarras e cachos de bananas em turbante Ibérico nos passam uma imagem tão padronizada do que é ser bela.

Frida sempre teve suas limitações físicas, a vida não foi fácil com ela. Mas quem disse que ela abaixou os olhos em seu leito de tanto tempo na cama e ficou a lamentar uma história que poderia sim ser de derrota? Frida se olhou no espelho. Pegou a tinta e o gesso, desenhou-se, criou-se, ampliou-se. Voou com as borboletas desenhadas em seu peito, no gesso que seca e paralisa em costas lisas o movimento. Permitiu-se movimentar, pelos dedos, reciou-se.

O padrão de beleza não existe em Frida, ela é uma e uma em toda sua versatilidade. Seus traços, suas tranças, sua sobrancelha, suas roupas, seu jeito, seu sexo, seus relacionamentos, seu amor e sua jornada.

Aqui não existe um padrão. Ser como Frida é ser uma cópia, assim como é ser Carmem Miranda, Marilyn Moroe e tantas beldades que estamos vendo o tempo todo tentando ver também no espelho como extensão do nosso corpo e do rosto. Vocês conseguem ver a ilusão dessa prática? Perdemos não só nossa beleza única como o poder de sermos também unas, para perdemos nossa personalidade, pois o que é nossa imagem no espelho em reflexos e contorcionismo de raios de luzes se não a do objeto que está a sua frente. Você quer que ele mostre Angelina Jolie sendo Maria Clara Mendonça? Você quer ver Cindy Crawford sendo Maria Betânia? Onde estamos nos enganando e nos perdendo?

Assistir Frida é entender que a natureza feminina é única. Cada um possui seus desejos e suas aptidões. É um se emocionar com a vida e com o engasgar das feridas. Ir em busca de curá-las não para mostrar ao outro como se é bonita, mas para se olhar, se reconhecer e se pertencer. Não há nada mais belo que uma pessoa segura de si, cheia de personalidade e fiel a si mesma. Frida é apaixonante, é sentimento e é uma obra de arte com cores críticas e acrílicas que em saia rodada e vermelha tece uma mulher e um homem, ela mesma, seus lados e sua ambigüidade.

O padrão de beleza é o placebo da pobreza física, do estereótipo marcado que como gado nos coloca em fila. Seguindo com mesma pelagem, mesma coleira, mastigando capim e sorrindo para um horizonte tão vago, sem um conteúdo raro: personalidade colocada para fora sem cópias de outrora.

“Pensavam que eu era uma surrealista, mas eu não era. Nunca pintei sonhos.
Pintava a minha própria realidade.”

Frida Kahol

“No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (DAOLIO, 1995, p. 105).

As Gardênia de Paulo Amaro



Paulo Amaro é professor no Instituto de Artes de Brasília e em seus 25 anos já apresenta um talento só seu, em traços e personalidade de buscar o não óbvio na mulher e colocar no papel de maneira também não óbvia.

Certamente isso vem de todo seu contato com a arte e sua aptidão de colocar o que vê e busca ver além dos olhos em papéis e em papelões. Sua inspiração para gerar e alimentar gardênia em suas mãos que em traços e curvas produziram um trabalho que a meu ver é sim uma arte e uma arte além do ideal do estético tão limitado que nos oferecem hoje como o padrão, Paulo foi a letras de músicas e as escutou com uma interpretação só sua.

A música Gardênia Branca de Filipe Catto, um músico da nova geração de MPB brasileira, trouxe a Paulo seu primeiro trabalho artístico baseado em prostitutas (imagens nas páginas a seguir). Para Paulo a Letra fala sobre o amor verdadeiro pelas mulheres, sem máscaras e sem ilusão, é o amar por simplesmente amar, independente de quem é essa mulher e o que ela faz.

“é amar a mulher pelo ser mulher independente dos juízos de valores é sobre o amor puro eu fiquei pensando nisso e comecei a pesquisar um pouco sobre a historia da prostituição e pensei ‘Pq não, inseri-las tbm em trabalhos de arte como modelo?’”
(PAULO AMARO em conversa pelo Facebook, 2013)

Esse trabalho deu origem à exposição intitulada “Ensaio sobre gardênia”, mas Paulo quer ir além, quer entrar no universo dessas mulheres que trabalham com o sexo e de fato colocá-las em uma exposição em que o público as veja com seus próprios olhos, contemplando a arte e a modelo, ali, juntas e em ambiente tão voltado para elite e que traz não somente a elite, mas o assunto que está mesmo está olhando, podendo de fato ver que as obras trazem pessoas reais e não criações aleatórias de uma vida ao qual não existem ou que vivem na marginalização por serem consideradas ou não, menos valiosas ou menos honrosas por serem mulheres que ganham a vida com o corpo.



É uma sensibilidade da qual Paulo possui e coloca em sua arte. E antes que ele faça ser real a exposição de anos e anos de trabalho e dedicação de estudo ao assunto. Amaro quer aperfeiçoar seu traço e inovar em suas expressões em materiais utilizados como as cores que irá empregar nestes novos

desenhos para que passe ao público uma sensação de que o sexo e a sexualidade em corpos tão objetivados são expostos com um olhar de admiração e não de preconceito ao qual estamos acostumados. Desenhos da exposição “Ensaio sobre Gardênias”, de Paulo Amaro, apresentado em Brasília. A delicadeza das linhas e o sombreado colorido realçam a beleza do corpo feminino, sendo ele do jeito que é, sem mentiras e sem buscar por falsas idealizações de uma sociedade que impõem a magreza como o belo.

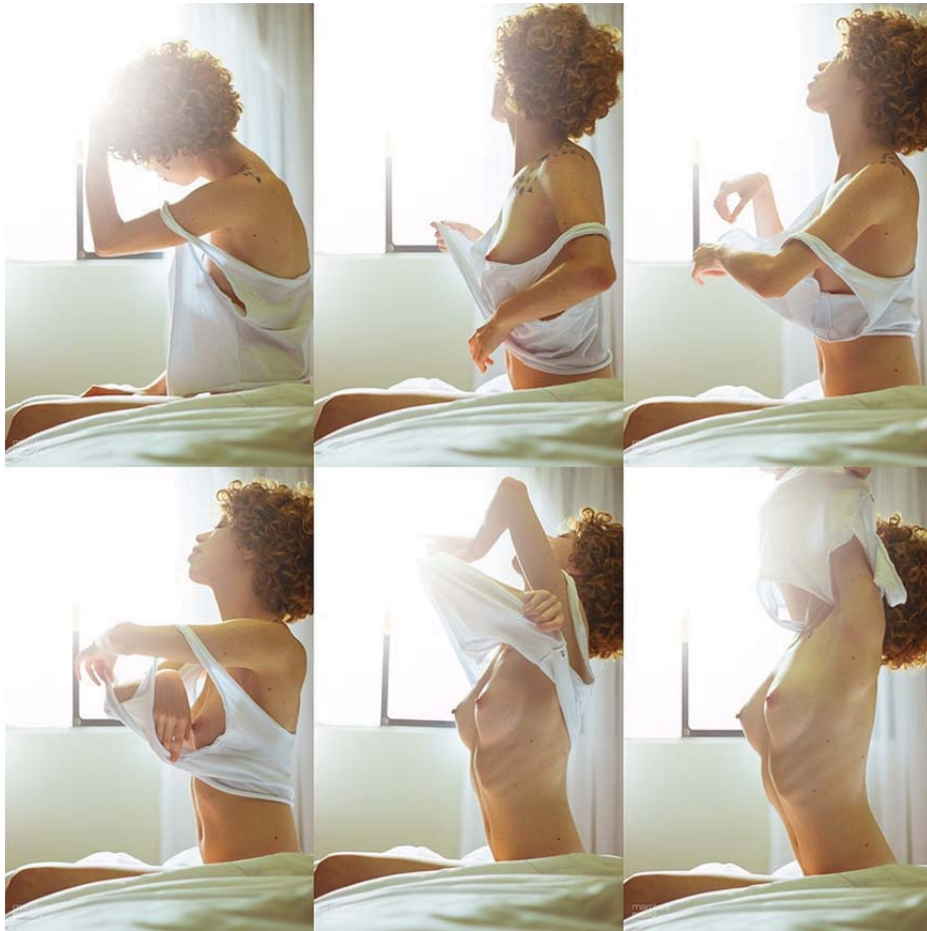
O que mais me encanta no trabalho e na representação de Paulo Amaro em suas obras é a disposição dos corpos que flutuam com magnitude sobre uma sensação de liberdade. Liberdade que está representada pelo espaço vazio em que os corpos se encontram, com os cabelos que parecem voar e se enroscam nos braços e como asas parecem vivos. Além de ser um corpo com traços e formas não convencionais, um sobrepeso e um seio não idealizados, mas mais reais do que podemos ver e achar por aí. É a liberdade de ser quem se é e se amar assim.

Prostituta ou não, este deveria ser a realidade de toda mulher, sua obra de arte mais valorizada e menos padronizada. O se permitir!



“Adão, ao reconhecer que havia pecado, escondeu-se do Senhor no Paraíso alegando que estava nu. No livro sagrado, a nudez foi usada como metáfora para demonstrar a insegurança humana diante de suas fraquezas.”
(ABRANTES, 2004)

A nudez feminina - um ensaio de Marcos Paulo



“O visível, assim como seu oposto, o invisível, se refere a aquilo que uma sociedade/grupos sociais dão visibilidade/invisibilidade, o que é legítimo e o que é condenado cultural e socialmente. Numa sociedade oclocentrista como a nossa, a visibilidade é regida por normas culturais que legitimam e condenam determinadas visualidades (a pornografia, por exemplo, só é permitida em mídias específicas, mas a

sensualidade pode ser encontrada em qualquer coisa)” (BUENO, 2007)

O Nu em nossa sociedade é um vislumbre associado à fantasia e ao erotismo. Embora o nu seja o nosso estado natural de vir ao mundo, fica mistificado e ao mesmo tempo assombrado pela carga sexual que carrega, deixando de ser o natural para ser o artifício principal de imaginação e quem sabe de vulgaridade.

A mulher como ser que beira entre o pecado e o sagrado está em constante julgamento quanto sua postura e sua moral mais que o homem e isto obviamente envolve seu corpo, sua transparência quanto suas formas e sua nudez. Aliás, o nu masculino é mais permissivo e menos agressivo por um corpo mais reto, mais rígido, de pele menos macia e ausência de seios que à mente criam e realizam fantasias no dia a dia e no ato sexual.

Ter o corpo de mulher é estar em constante observação do outro, na íris e na retina que em olhar e mirar focos e em close ups às curvas que saltam, que pulam e que a ressaltam, é a cintura que afina mostrando o contorno do quadril deslizando lentamente com o andar em bandas da bunda, a polpa, a silhueta que em sombra ou em plena luz do dia grita alto para todos que o ver passar, não é a mulher e sim seu corpo, mesmo coberto ele grita, ele vomita e exala cheiro de hormônios e feromônios que o macho de sua espécie assovia e se manifestam com frases tão chulas e tão vulgares quanto o desrespeito com os nossos peitos. Os aviso: neste peito há um coração.

A nudez feminina existe antes mesmo que a mulher tire a roupa. Ela está constantemente sendo exibida por mentalidades machistas e evasivas que dá a roupa uma pele sendo construída por erotismo e roteiros pornográficos que salientam os olhos másculos por debaixo dos panos, seus olhos ganham mãos, dedos, tentáculos.

Ironicamente, no nosso país a nudez é sim permitida. Mulatas saltam em plena Rede Globo com seios balançando em samba e corpo pintado brilhando sem vestígios de tecido ou pano que cubra uma só curva. O carnaval no Brasil é lindo, os gringos se realizam, os tapas sexos são um escândalo, o

dólar entra fácil sem escambo e os dentes palitados com biquínis tão comportados na Europa ou no litoral norte americano agora se comovem com sorrisos em fio dental invisível. Nudez permissiva, nudez vendida, mas somente no carnaval ela é tão bonita quanto sugerida.

O corpo da brasileira tem nome, tem representação e tem cor. É uma mulata ousada que samba e que gira em seu salto agulha e que com erotismo traz a rede nacional mais popular com uma beleza intrínseca a si mesma que faz assim a Globeleza. “O corpo da Globeleza é tomado como exemplo de mulata e de corpo legitimado para o carnaval, de acordo com o discurso da mídia.” (PINTO, 2013).

(...) Como esquecer os investimentos econômicos e midiáticos em torno do sexo, das imagens que nos assaltam a todo o momento, das mensagens explícitas e implícitas que ativam todo um campo conotativo em torno da sexualidade, da juventude, beleza, prazer e emoção? O indivíduo, assim interpelado, aceita e incorpora a imagem que lhe é oferecida e as opções que lhe são reservadas como sua própria representação; tornasse assim a encarnação da representação social, autorrepresentação de uma identidade que lhe é conferida. (SWAIN, 2001, p.90 apud PINTO, 2013)

O irônico que cito ali no início se diz respeito com o resto do ano, com o pudor e o moralismo de julgar aquela que por arte ou por si própria em sua manifestação de comportamento ou personalidade se mostra. A nudez é permissiva ao samba, às rainhas de bateria e em folhas de revistas que são destinadas a mexer com a cabeça, ou as cabeças, masculina.

Quem está nu está exposto e estar exposto é estar fragilizado em sua maior significância subjetiva da expressão em que em termos sociais e culturais, temos o direito de nos despir e nos revestir, sem atentado ao pudor, sem agredir a sexualidade e trazer o pornô e o cru de bagos e seios siliconados ou não para o meio de expressão, que sim, é permitido expressar-se, mas dentro

de normas e condutas que respeitem a lei. Mas tirar a roupa, colocar-se diante do outro, de uma câmera seja ela fotográfica ou filmadora, é colocar acima de tudo sua moral e seu bom julgamento em questão mesmo que seja por arte, mesmo que seja uma reflexão, mesmo que seja a mais crua verdade de nossa condição: não somos fiapos de roupas que trazem ou tiram status, somos meras carnes enrugando com o passar dos anos.

Marckos Paulo Luiz nasceu em Peabiru no Paraná, estado situado no Sul do nosso país. Mora perto de Maringá, uma cidade também paranaense de grande porte. Conhecida pelas avenidas largas, pela Universidade que atrai todo ano estudante dos mais diversos lugares brasileiros e por uma paisagem que encanta sem cansar. É ali que ele trabalha como Designer gráfico e que em suas horas vagas vaga a fotografar, o nu é seu tema em muitas de suas fotos e com bom gosto, boa percepção ele nos traz uma vasta coleção de corpos despidos e tão cheios e revestidos de suas donas, basta olhar, há ali um lugar somente para contar história sem falar, apenas se mostrar. Basta tirar a sexualidade e ver a verdade, o nu é essência e a essência é límpida.





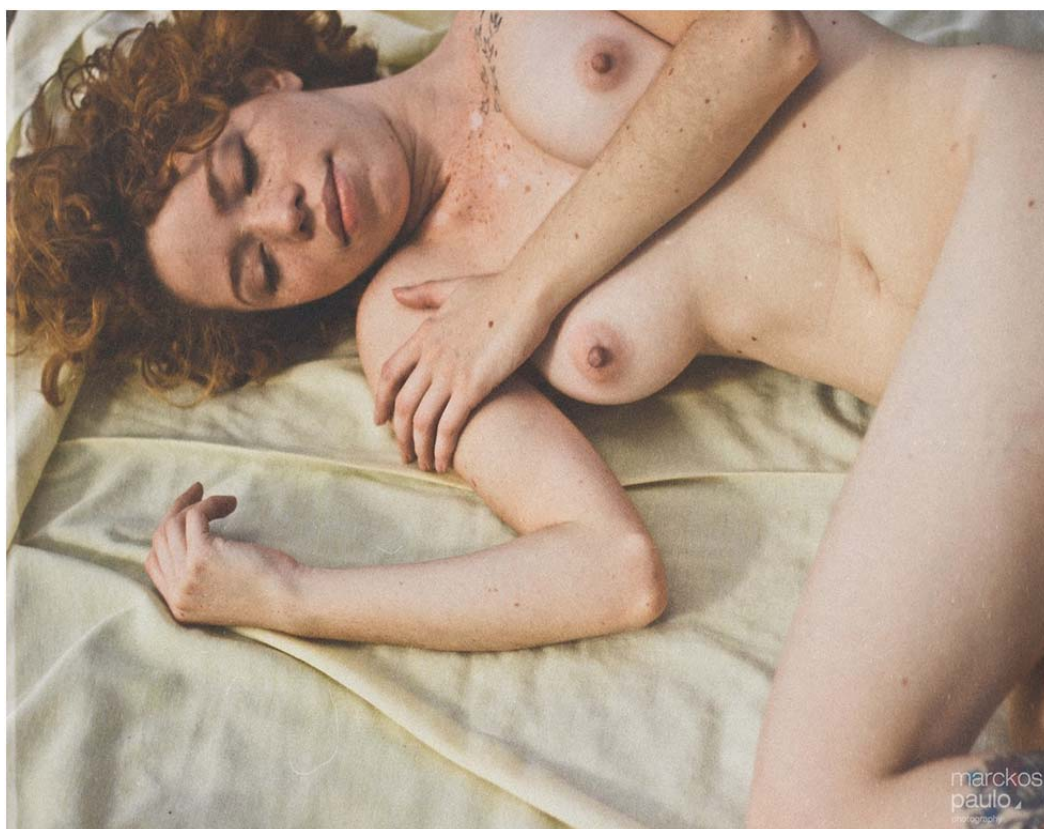
Eu: - Com quantos anos começou a fotografar? E profissionalmente?

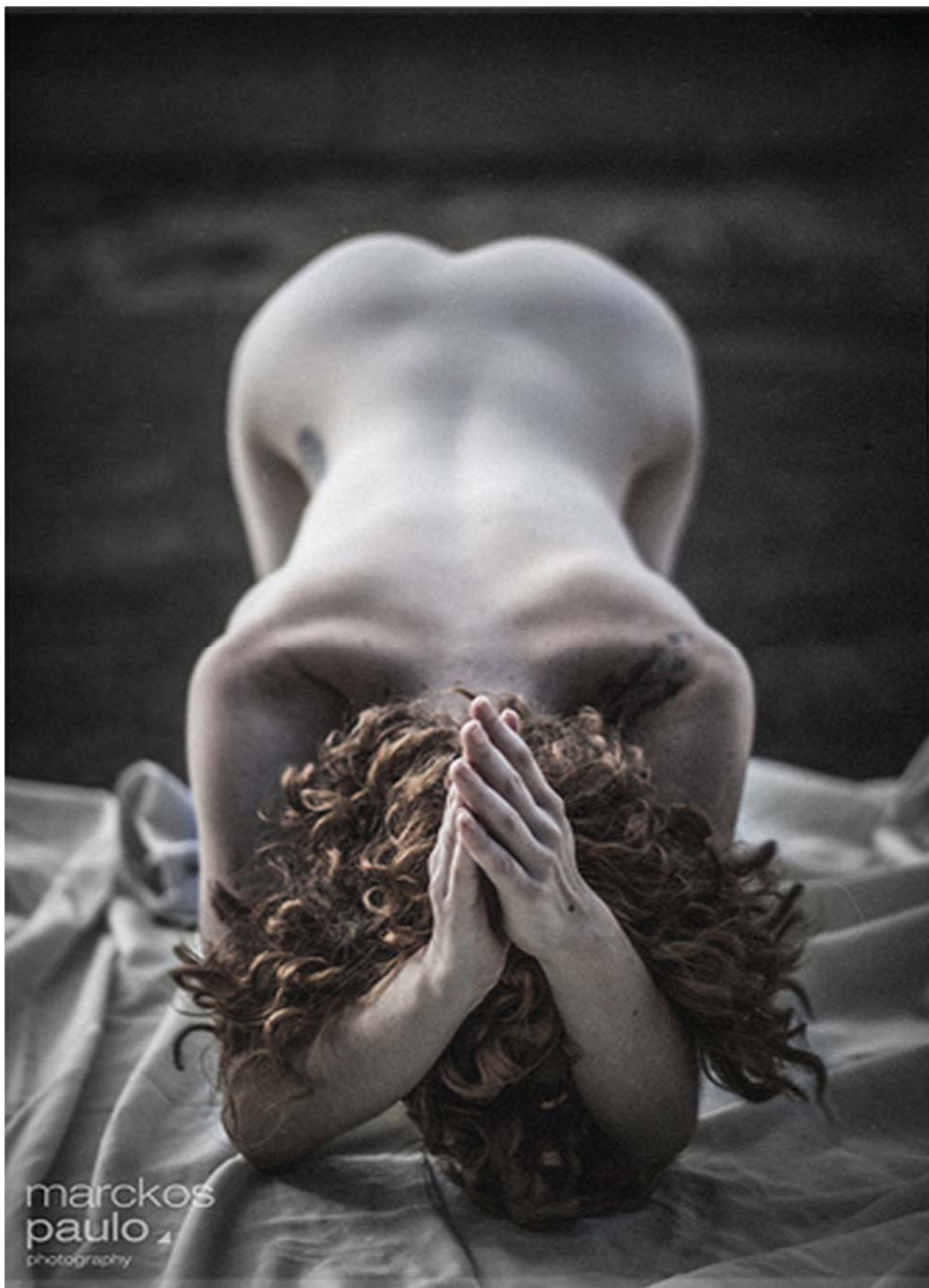
Marckos: - Comecei a fotografar com 21 (2012) anos logo após comprar minha primeira câmera “semi-profissional”, fiz algumas aulas, pedi dicas para amigos profissionais e sai por aí fotografando tudo o que aparecia na minha frente, para entender todo o processo de composição de cena e fotografia, profissionalmente, em 2013 que comecei a fazer meus primeiros “books”, coisas mais “normais” como aniversários e algumas baladas, mas logo quando estava “criando” meu estilo, me interessei pelo nu artístico, aquela forma de representar a mulher e toda sua sensualidade me fascinava, então procurei esse caminho.

Eu: - Como é fotografar o nu artístico, no processo fotográfico e o trabalho com a modelo?

Marckos: - É bem tranquilo o processo fotográfico começa com uma pesquisa de referencias, busco saber o que a modelo quer, o que poses ela prefere, basicamente vou com todo o ensaio já montado na minha cabeça, como se fossem story boards de cinema, mas claro, todas as fotos variam, as vezes

simplesmente não da pra fazer algo que foi planejado, e ai entra a melhor parte, o imprevisto, dele sempre saem coisas lindas. Também faço pesquisas de locações, algo que fica bem viável para mim e para a modelo. Trabalhar a modelo é algo um tanto quanto difícil as vezes, algumas não sabem nada sobre posar para uma foto, ou não tem “gingado”, são um tanto quanto “travadas”, mas meu papel é esse também, dirigir as modelos e mostrar o que quero, muitas vezes chega a ser engraçado, “faz isso, faz aquilo, agora assim, levanta a mão, olha pra cá olha pra lá”, tento descontraí-las ao máximo, tudo para ficar bem, tranquilo e relaxante.



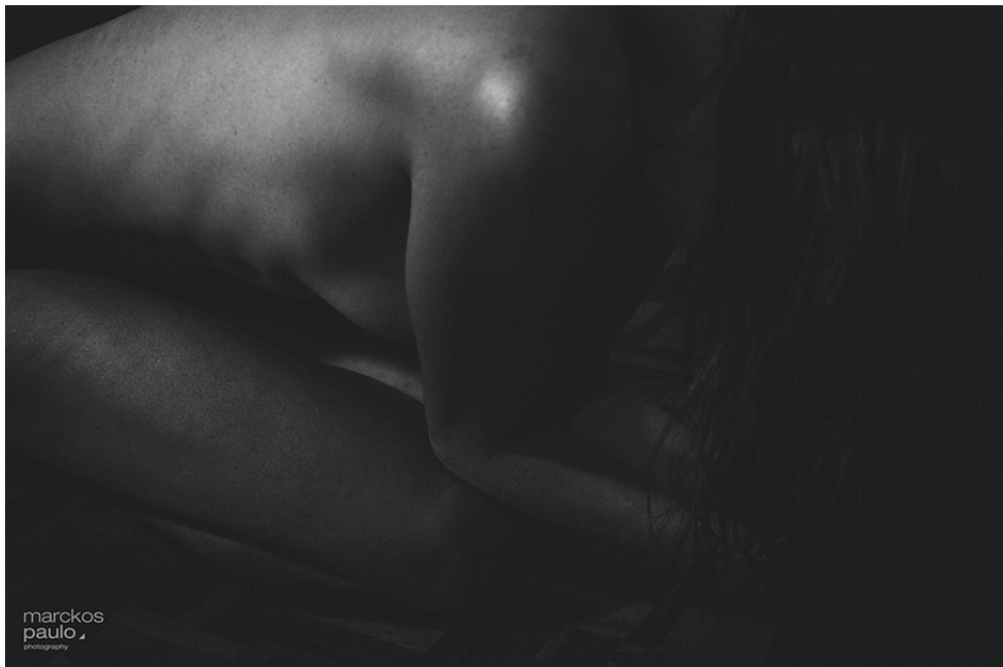


Eu: - Quais fatores de composição de luz e corpo que são importantes para sua fotografia?

Marckos: - Bom... A luz é basicamente tudo na fotografia, tudo o que enxergamos é luz, sem luz, sem “tudo”, então ela é um fator primordial, ambientes bem iluminados ou até mesmo pouco iluminados também proporcionam belas fotos (depende do trabalho do fotógrafo), trabalho com flash e rebatedores para as fotografias, ambos são equipamentos bem simples, o rebatedor, por exemplo, é usado para suavizar sombras e corrigir algumas imperfeições de iluminação do ambiente. Na minha opinião a nudez é crua! Nascemos com ela e convivemos com ela o tempo todo, seja na hora do banho ou na hora do sexo. Infelizmente quem tira a roupa em nome da arte ainda é repreendido pela sociedade. Mas na minha fotografia mostrar ou não os seios não é uma regra, tudo dependa da vontade e confiança das modelos em seu corpo, muitas não gostam do próprio corpo, e acabam usando a fotografia como modo de “levantar a auto estima”, porem acho muito legal quando a modelo me dá total controle sob ela naquele momento da fotografia, assim posso ver se, mostrar um seio fica legal, tapar com o cabelo, com um pedaço da blusa, ficar de costas, as possibilidades são infinitas.



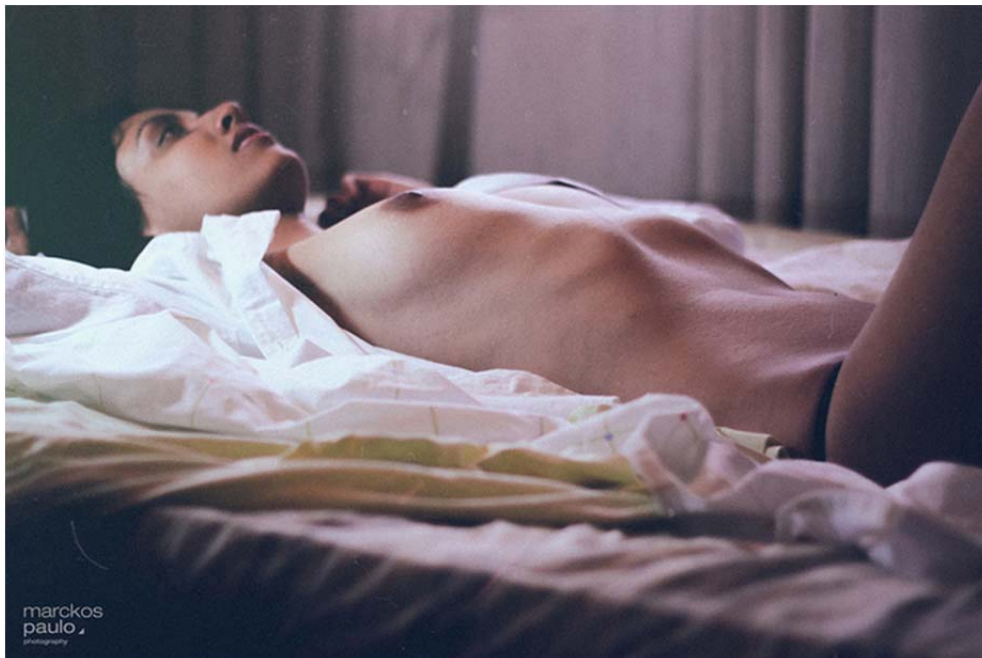




Eu: - Quais conceitos você acha que estão embutidos no nu artístico e que recado você gostaria de passar?

Marckos: - Um conceito de beleza, mas não aquela beleza imposta pela sociedade, “ser magro é ser belo” qualquer um é belo, qualquer mulher tem um lado bonito, só depende sob que perspectiva olhamos a sua beleza. Tento mostrar isso em minhas fotos, a beleza que você geralmente não vê. Aquela sensualidade e serenidade íntima que só alguns têm a chance de ver e sentir. Mas no final tudo é sobre a mensagem que mesmo se você é acima ou abaixo do peso, se tem cicatrizes ou estrias, se é alta ou baixa, todos somos belos e temos um lado sensual, basta explorá-lo.



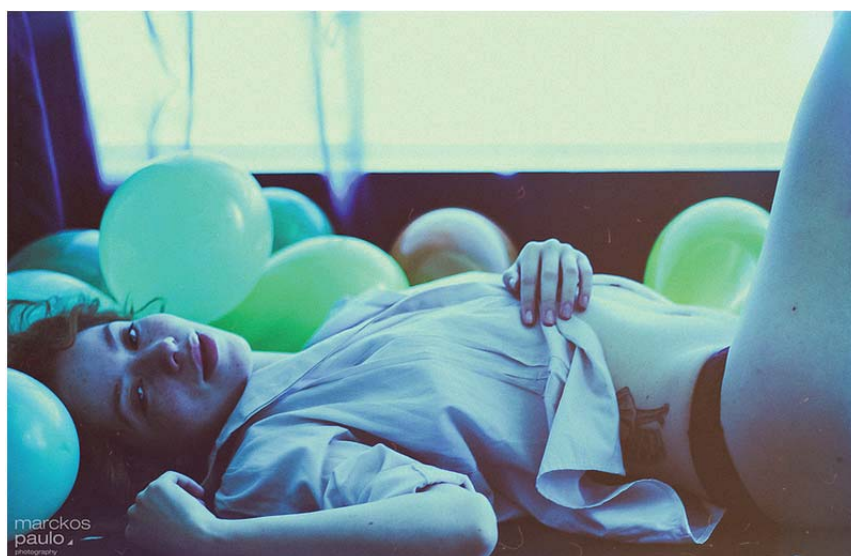


Eu: - Marckos, qual sua visão sobre como é encarada visto à nudez feminina pela sociedade?

Marckos: - Existe um tabu muito grande com a nudez entre o "povão", alguns homens ainda são muito "sexuais", um exemplo disso é que, algumas vezes me perguntaram "mas como você consegue ver uma mulher nua na sua frente e não fazer nada?" Digo, ela esta lá, nua!", Em vez de progredirmos e acharmos a nudez algo normal, sem tabus, alguns estão voltando na escala evolutiva. Algumas mulheres ainda se sentem muito desconfortáveis com isso, o preconceito pós ensaio nu é muito grande, por conta dessas pessoas mais "atrasadas" por isso a maioria nem gosta de fazer, com questionamentos como "o que vão pensar de mim? que sou uma p***? Não, melhor não fazermos, vamos fazer algo menos explicito". Ou seja, a nudez é vista como algo desonroso por grande parte conservadora da nossa sociedade.

“(…) No corpo reencontramos as partes esquecidas, a essência, a herança sociocultural, e mais especificamente as habilidades e potencialidades desconhecidas e/ou reprimidas, pois, ele personifica o imaginário guardando os mistérios contidos em cada sujeito, seus desejos da alma e seus sonhos passíveis de compreensão e de sentido no mundo.”
(BORGES, 2013)

O ficar Nua - *O êxodo de Naila e Poliana*



Naila de 19 anos é pesquisadora-pibic pela araucária e relata abaixo sua experiência de pousar nua, como também correlaciona a conceitos sobre seu corpo, sua auto-estima e aspectos sociais.

Eu: - Como é fazer um nu artístico?

Naila: - De começo me deu uma sensação de desconforto, mas não pelo fato de ter alguém me vendo, e sim um desconforto com meu próprio corpo. "Será que esse ângulo é bom?" "Será que tal parte tá com tudo em cima?" Fiz dois "nus". O primeiro não chegou a ser um nu exatamente pelo que disse acima. Apenas na segunda vez consegui ficar nua como vim ao mundo.

Eu: - O que você considera o nu e os conceitos que há nele da mulher em uma sociedade machista?

Naila: - Desde pequenas temos que adaptar nossos corpos como se eles fossem algo ruim, ou como se fossem coisas simplórias que precisamos melhorar constantemente para agradar, não a nós, claro, aos outros.

Tenho míseros 1m60cm, e magra estilo "tabua", não tenho o corpo que é alvo de olhares, e por muito tempo não conseguia ver muita beleza nele. Com o tempo fui aprendendo a ver beleza, mas sensualidade ainda pesava muito, era algo que pra mim passava longe. O nu, a reação (muito positiva por sinal, não houve uma crítica sequer - ao menos não pra mim) que ele causou me deram a cereja que faltava no bolo da minha auto estima. O que eu vivia pregando, "ame o seu corpo como ele é", eu finalmente preguei pra mim, e agora o amo. Me sinto mulher, em suma é isso - Com o nu eu me senti mulher. Ela nunca foi ruim, mas nunca foi completa. Eu apenas não conhecia uma parte do que eu era, e com o nu eu conheci. Eu me senti minha, eu me senti com poder, eu me senti inabalável. Uma verdadeira super mulher.



Poliana, 27 anos e bióloga. Fala sobre seu ensaio nu com o fotógrafo Marckos Paulo e suas sensações sobre si mesma.

Eu: - Como é fazer um nu artístico?

Poliana: - É algo diferente, nunca tinha feito. É uma ótima experiência, sensação de liberdade, de ser você mesma e de estar bem consigo mesma.

Eu: - O que você considera o nu e os conceitos que há nele da mulher em uma sociedade machista?

Poliana: - Pra mim, não importa o que machistas irão pensar, sempre terá gente atrasada falando que as mulheres devem ou não fazer, sempre vão ter os que falam bem e os que falam mal, eu acho que as pessoas se importam demais com o que os outros falam/pensam. Eu apenas opto e coloco em prática o não me importar. Fiz por que quis e pronto. Mas meus amigos só elogiaram.

Eu: - Qual sua relação com seu corpo? E mudou essa relação após o nu?

Poliana: - Nunca tive uma auto-estima muito boa, mas ultimamente ela melhorou, e tirar fotos assim sempre aumenta sua autoconfiança.

Eu: - Depois do nu você tem outra percepção de beleza a não ser a padronizada pela mídia e como você vê essa padronização?

Poliana: - Não acredito em padronização da mídia, acredito que a pessoa quer parecer com o que vê por aí²¹, para ser aceito como igual, porque ser diferente é se destacar e todo mundo quer se misturar, no momento em que você não quer se igualar, então não se importa em ser diferente, sendo feliz como é. Eu não quero ser igual aos outros, não quero ter o peito de fulana nem a bunda de ciclana, nem ao mesmo pensar como outra pessoa, eu quero ser eu mesma e pronto, pra mim o grande problema das pessoas é se importar demais com o que o outro vai pensar do seu corpo e/ou das suas atitudes, isso nunca dá certo, você tem que fazer tudo pra se agradar e não agradar quem que seja. É assim que penso, além do mais beleza é relativo, o que eu acho bonito uma segunda pessoa pode não achar, eu posso encontrar beleza onde a maioria não encontra e vice versa.

²¹ Embora Poliana não acredite na padronização da mídia temos que pensar no é este “com o que se vê por aí”, como ela diz, e de onde surgem as referências para o que vemos por aí.

Capítulo 3: O Grito da Mente Feminina.

 modo como se constrói os gêneros se dá por um mecanismo quase automático de repetir ensinamentos comportamentais sobre os mesmos: meninos tem que ser fortes e durões, não pode chorar e nem brincar de boneca. Meninas têm que ser dóceis, frágeis e já com instinto maternal desenvolvido no brincar de casinha. Essa construção parte do pressuposto que a mulher deve ser a imagem mais fraca, mais subordinada e ocorre dentro de uma concepção machista, tanto para o homem como para a mulher. Onde ambos os gêneros são tidos como uma criação e elaboração de um objeto e não de um sujeito. Descaracterizando a particularidade de cada ser, independente do gênero participante.

Esse tipo de educação, de transmissão de uma mensagem politizada de que homem é quem não chora e se afasta das emoções, sendo a mulher o oposto disso e que ambos se complementam em uma relação Intermodal²² de domínio e dominação; cria conflitos dentro de relacionamentos que agravam a sensação de impotência tanto do ser feminino como do masculino por não se encontrar em exatidão, sempre precisando do outro para se sentir completo e o outro nem sempre é bom. Aliás, esse tipo de relação de apoio ou de ação complementar, traz expectativas e frustrações a ambos os sexos.

O grito da mente feminina é exatamente sobre isso, a tentativa de se libertar desse estereótipo de que mulher é só sentimento, só fragilidade e que cabem as lágrimas e os pesares a ela. Sofrendo calada, sendo vítima inofensiva,

²² Que ocorre entre os mesmos tipos de seres, inanimados ou não, o que se diz do transporte intermodal, de um barco para o outro, de um caminhão o outro. Entre objetos ou sujeitos de mesma classe.

uma massa de cérebro inativa que quando grita está ou louca ou histérica por atenção.

As relações estabelecidas, o afeto e o modo como atingem o outro partindo de pressupostos analíticos e psíquicos que digeridos ou não, receptíveis ou não, aderem uma transferência de ego e do Eu para comigo e com o outro. A formação de uma personalidade aderente a um temperamento, formação de noções e adventos de algumas crises existências que adentram a forma psíquica podendo ou não ocorrer um distúrbio, uma falha entre o Eu e a identificação com o mundo externo.

Neuroses podem vir a ser reais. A neurose feminina é um assunto recorrente na psicologia. Eu a coloco aqui como um grito da mente, um sintoma de que algo está nitidamente errado. O conflito entre ID²³ e o externo é algo a ser levado a sério e não acabar em termos chulos e rasos de um julgamento infundado ou inacabado de pobreza de sensibilidade para com a outra (no caso de ser mulher o nosso ponto de análise) intitulado pessoas de loucas, doidas, ridículas ou sabe se lá o que mais.

Ridículo é aquele que acha que está certo, que sua verdade é absoluta e que seus julgamentos são plenos. Que se vê no alto de uma bancada e olha para os outros de cima, isso é ridículo, a postura da arrogância em supremacia. Quantas pessoas não conheci assim? Convivi e até me deixei fundir? O resultado não poderia ser outro, sim, enlouqueci. E percebi que no mundo não estou sozinha, alias, há mais de mim e da minha loucura em quem me julga do que naquele que me abraça tentando me fazer ver a quão bela eu posso ser sóbria, não só de álcool, mas em minha forma humana, meus valores e o jeito como sinto as coisas.

A identificação do Eu é um exercício praticamente obrigatório no mundo em que nos construímos por um papel social a partir de instituição

²³ O ID na psicologia é referente aos nossos instintos mais primitivos, é a parte da personalidade que está armazenada e que não tem moralidade quanto aos seus desejos guardados no inconsciente.

chamada família. Essa construção e elaboração do Eu comigo se dá desde que nascemos e começamos perceber o mundo a nossa volta, vendo que não somos extensões dele e nem de nossas mães nas quais moramos por 9 meses em seu ventre, mas que dependemos dessa relação até mesmo para nossa sobrevivência.

Essas relações que estabelecemos e o modo como elas ocorrem em suas primeiras instancias: a relação da mãe e do pai com a criança, o mundo externo que se limita então à família, o complexo de Édipo, Elektra e todas as outras sensações de limitações e de instinto e impulso que podem trazer ou não frustrações, delimitam e definem comportamentos compulsivos ou não que poderão a vir a serem neuroses e conflitos internos que desencadeiam no Eu manifestações de intervenções interrompidas do outro sobre mim, seja por uma histeria, uma depressão, uma alopatia ou até mesmo uma obsessão ou mais profundamente conflitantes na mente e internamente, uma psicose.

As relações humanas são mais fortes e frágeis do que imaginamos; é um efeito borboleta de bater de asas com o ar da graça (ou desgraça), do respeito e do diálogo que em tom de deboche faz dos anjos diabos. Não ausento a culpa e a responsabilidade do agente da ação, jamais. Mas entender que não somos seres exclusivos de contatos e nunca estamos de fato sozinhos é um entender que a mente humana é construída também em conjunto. Ninguém, nem homem e nem mulher tal como nos dividimos, nem nunca nenhum ser humano, tal como somos em nossa totalidade excluindo subdivisões por cores, sexos e raças; se fez se não da companhia com outros.

O papel da mulher é de destaque, é ela quem carrega no ventre o filho – Poderíamos aqui fazer uma simbologia à Maria não como santa ou virgem, mas sim um ser especial a qual sua função maternal e gestante, não só colocando a vida em si, entretanto a gesta e alimenta dentro de si com seus fluidos e seu corpo um novo ser. Mas sim como um símbolo da própria vida. – Maria é muitas mulheres, mas somos todas Marias? Pois colocar a vida no mundo é ser capaz de se reproduzir? Colocar a vida no mundo é apenas gestar e parir? E por que de fato entro novamente em uma mulher bíblica para colocar mais um elemento feminino aqui presente: a mente?

Antes de responder as perguntas que faça no final do parágrafo anterior, quero dizer, não me explicando, mas porque acho importante, que não diminuo o homem; ambos em conjunto, homem e mulher, são responsáveis por cada novo ser existente, o homem com uma semente chamada espermatozóide, tão importante e tão decisivo no sexo desse novo ser gerado (sexo e não sexualidade), e a mulher com o óvulo que de mórulas, blástulas e gástrulas se formará um embrião após nêurolas²⁴, fixando no corpo da mãe como quem se fixa em um ambiente feito somente para esse fim. Falar da mulher não faz dela o ser mais precioso da humanidade, mas é dar a ela a importância que lhe foi tirada. Tão importante como o próprio homem, ambos são tão responsáveis pela vida como pela manutenção dela.

E voltando às respostas de minhas perguntas incansáveis e que podem parecer em desordem tão esquizofrênicas ou narcísicas já que meus seios não alimentam se quer uma vida, quanto mais dos meus ovários sair algo de novo a não ser fluxos sanguíneos tão atrasados e adiantados como essas próprias mentes inquietas, eu me vejo em cada uma delas, nos falsos cistos que de Maria não me fizeram, mas será que por não parir um filho jamais serei uma mulher de destaque, ou melhor, de respeito?

Volto a elas, as respostas, para colocar o papel da verdadeira Maria, não uma genitora, uma grávida, uma esposa, uma filha, uma virgem ou uma ingênua amante que do sexo não pratica, do orgasmo não participa; mas a de ser mãe e ser mãe não é dar a luz ou colocar no mundo um filho. Há milhares de mães que nunca pariram. Porém, coloco o papel de Maria como aquela que tem consciência do papel que exercita. Você pode ser leigo à ciência da psicologia, mas não é preciso ser um Freud, Lacan ou um Jung, para saber que ela de fato existe.

²⁴ Tanto nêurola, blástula, gástrula e mórula são divisões que o embrião sofre para se tornar um feto. Cada divisão corresponde a uma atividade específica no embrião que formará determinados órgãos.

Retorno a essa mulher chamada Maria para falar da importância da mãe no desenvolvimento da criança. Não há ser mais importante para um bebê que sua mãe, aquela que cuida e provém de tudo que for necessário para seu conforto e crescimento; que lhe abraça e coloca sua cabeça em seu peito, ouvindo sua respiração de madrugada e o olhando enquanto dorme tranquilo depois de horas de choro pelo intestino que ainda não funciona como deveria. É estranho definir mãe como uma mulher, pois há milhares de mães que são pais, homens mães, gays ou não. Os papéis não deveriam ser definidos pelo gênero biológico, mas sim pelo papel exercido em que masculino e feminino acabam por perder um significado tão arcaico quanto à tradução de maternidade ou até mesmo de como Maria é descrita pela nossa cultura cristã ocidental.

Não existe um ser completamente feminino e um ser completamente masculino, os dois gêneros não são um complemento um ao outro, mas sim uma unificação dos sentidos que pertencem a cada um de nós em um todo. Por exemplo, eu sou uma mulher com características masculinas, eu sou dominadora, gosto de ter o controle, sou agressiva muitas vezes, tomo iniciativas, coisas essas que são pertencentes ao masculino, mas isso não faz de mim um homem, pois possuo vagina e não pênis, e tão pouco faz de mim uma lésbica; sendo eu uma mulher masculina para alguns aspectos, mas não para todos, sou emotiva, sou sensível, choro em abundância, sou carinhosa... Características empregadas no feminino.

Então, para responder sobre a mente feminina entro na maternidade, no que é ser mãe, nos gêneros que nos dividiram tão irresponsavelmente, na leitura de postura, no apaixonar-se, entregar-se ao outro e a nós mesmas. É um grito, é um grito com ecos que vibram em tímpanos cristalinos, machucando os pequenos vasos sanguíneos do cérebro ocupante. As Neuroses à psicose, do ciúme à verborragia em demasia, o querer e o render, o abandonar e o adotar.

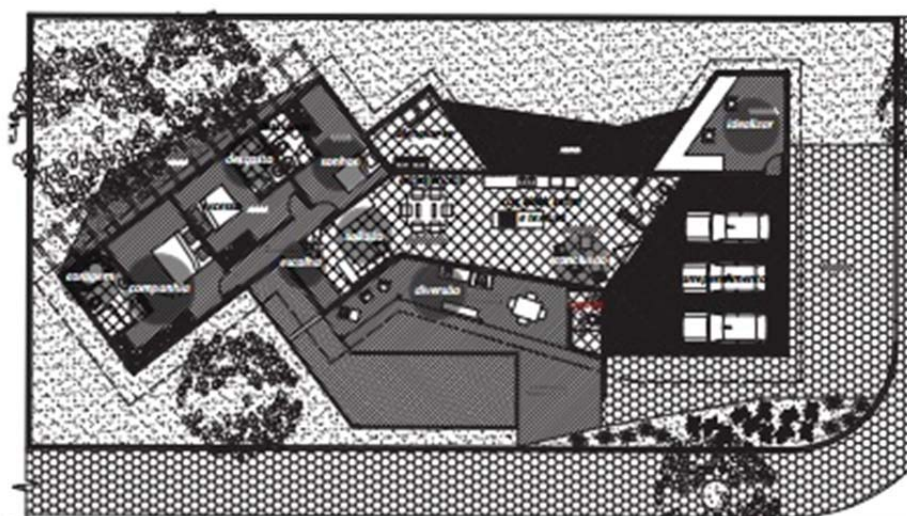
Lacan já sabia, antes do pai da psicanálise, o barbudo de cachimbo em terno alinhado que dá ao sexo e a sexualidade toda a culpa dos nossos atos, Freud confirma a crise feminina; porém Lacan a percebe de imediato: há algo de errado com o comportamento dessas mulheres que dizem não a si mesma,

ao comum e ao papel a elas destinado, mesmo sendo mães, mesmo sendo obedientes, mesmo sendo complacentes com o modelo de vida empregado, há um grito mais alto que um chamado, um tom acerbado para que se escute uma voz em tormento. É Camille²⁵ gritando à Rodin em seu portão, virando latas de lixo como quem vira seu estômago, suas entranhas, seu púbis e seu clitóris após ser abandonada ou se sentir abandonada, pois ele nunca jurou ficar com ela para sempre.

“Felicidade, paixão e embriaguez não faziam, como já destacamos anteriormente, parte do repertório feminino daquele tempo. Prazer e satisfação sexual definitivamente não eram coisas de ‘moças de família’. Os estereótipos femininos são construídos sob a base do coração, centro de toda a vida da mulher, e que a psicanálise viria mais tarde, a definir e a reduzir pelo útero. Basta ver que o termo histeria, vem etimologicamente do grego *hustéra*, cujo significado é útero. O termo passa então a ser adotado para designar distúrbios de origem mental que afligem as mulheres: sua condição feminina é, para a Ciência, positivamente patológica” (MICHILES e WHITAKE, 2012)

As emoções femininas também demoraram a serem aceitas e pesquisadas com atenção, mas a psicologia desenvolve o assunto e introduz ao mundo científico e posteriormente ao senso comum de que mulheres também sentem e por abusos e menosprezo, sentem com mais intensidade não sabendo controlar suas emoções.

²⁵ Camille Claude foi discípula e amante de Rodin com quem teve um caso cujo final foi a depreciação de Camille que acaba louca internada em um hospício e lá vem a falecer. Antes de seu falecimento, ela tem atitudes tidas como neuróticas e de histeria aguda. Camille após ser abandonada grávida e fazer um aborto sozinha, nunca mais recupera sua sanidade emocional.



Este e o outro

Prefiro os elementos híbridos aos "puros", os comprometidos aos "limpos", os distorcidos aos "retos", os ambíguos aos "articulados", os tergiversados que ao mesmo tempo são Impessoais, aos chatos que ao mesmo tempo são "interessantes", [...] os remanescentes que ao mesmo tempo são inovadores, os irregulares e equívocos aos diretos e claros. Defendo a vitalidade confusa frente à unidade transparente. Aceito a falta de lógica e procuro a dualidade [...]. Prefiro "este e o outro" a "ou este ou o outro" [...]. (Arquiteto urbanista, Robert Venturi, Complexidade e contradição, p.22).



A planta da casa ao lado foi feita por Juliana Cestaro, estudante do quarto ano de Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Estadual de São Paulo, a UNESP. Juliana colocou em lugar de nomes de cômodos, embora nós saibamos quais são estes cômodos pelo desenho em si e seus móveis, sentimentos.

Ela explica que a planta de cima é o layout e o de baixo, a técnica. É uma linguagem que para nós leigos fica difícil de entendermos, mas se adentrarmos o mundo de cada cômodo e lermos cada sentimento pré-dispostos, poderemos ler um pouco do outro.

Juliana, eu, todas e cada uma de nós poderíamos ser interpretadas como uma planta de casa, com sentimentos colocados e modificados. Juliana diz que colocou os sentimentos mais contidos nos banheiros. Pois bem, é no banheiro que deixamos os dejetos, é no banheiro que somos nós mesmos sem máscaras e que podemos chorar e nos ver: nuas! – cantar, sonhar, nos lavar!

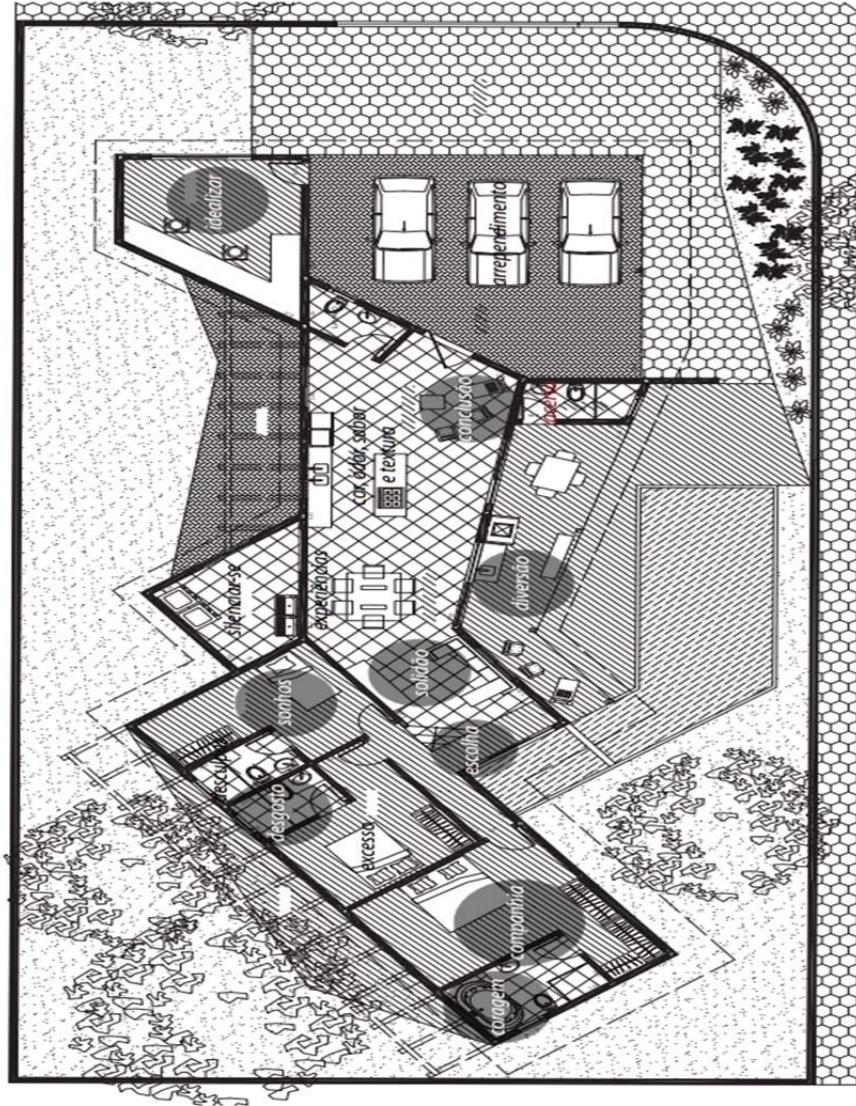
Isto me lembra de um texto que recebi em que a autora não quis se especificar, mas ele é assim:

“Toda vez que estamos no banheiro despedidas de nós para o banho, há uma reflexão sobre tudo que nos agonia e o choro vem com a angústia que lava o corpo e alma. O enxugar-se é mais que passar a toalha no corpo para água absorver em poros secar e sim um desfalecer de mágoas que caíram no ralo e fugiu com as impurezas do dia a dia. Foi-se, lavei me de mim!”

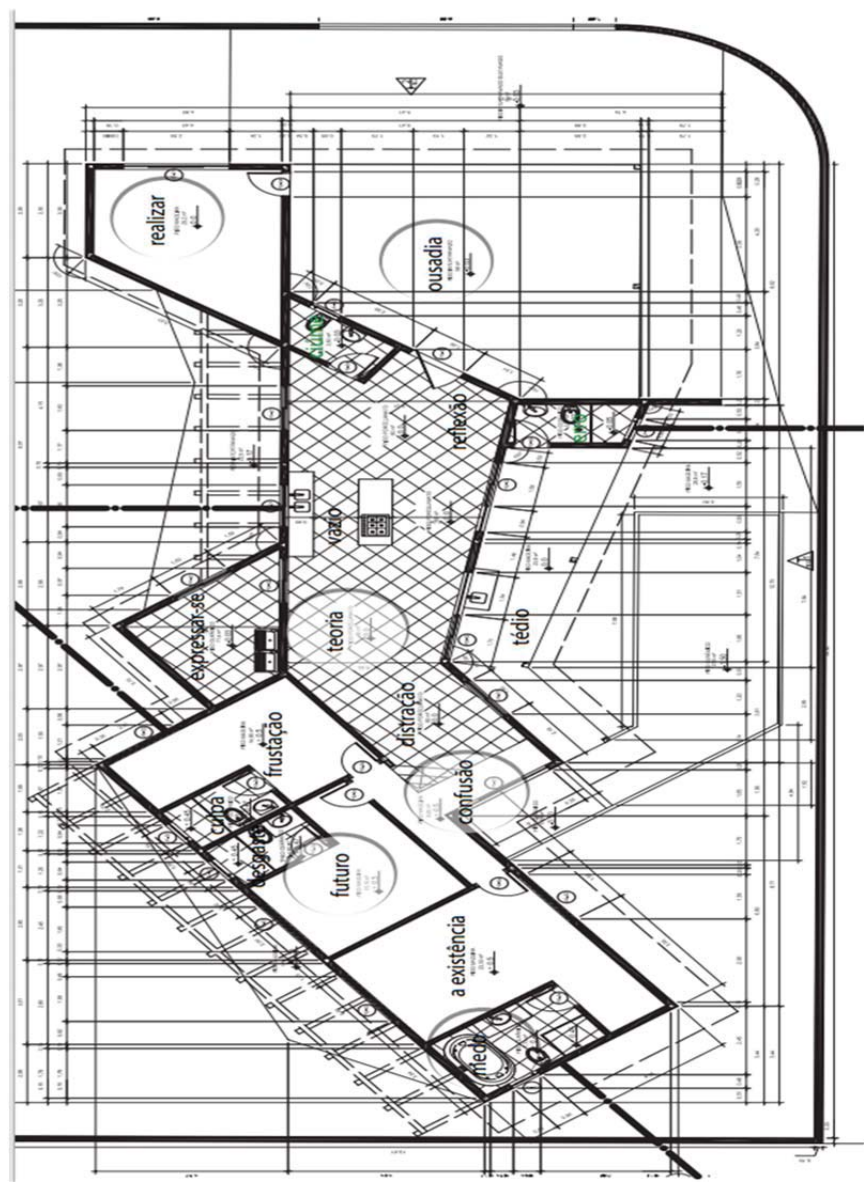
O texto acima como a fala de Juliana colocam que alguns sentimentos a gente só abre a nós mesmos, no banho, no cômodo onde se tem maior privacidade: o banheiro!

Juliana ao fazer o layout e a parte técnica nos permite uma leitura mais detalhada sobre seus próprios sentimentos, pois para existir um sentimento, há por trás dele uma causa, um motivo, uma motivação vamos assim dizer.

LAYOUT:



TECNICA:



Cada cômodo um sentimento. Para Juliana o quarto do casal recebe no layout “companhia” e na técnica “a existência”, e o que isso quer dizer? A companhia, o companheiro é aquele que dorme ao nosso lado ou quem almejamos que durma, representado na palavra “casal”. A existência é primordial para que isto ocorra, não só no sentido de ser real e possível, mas para que a união se estabeleça é o encontro de existências, de pessoas, reais, individuais que irão ficar lado a lado.

No banheiro da suíte se encontra tanto o medo como a coragem e ali é o símbolo maior da intimidade, pois uma coisa é dividir a cama, outra é dividir o banheiro. Coragem e medo se enfrentam na troca de intimidade, no dia a dia.

Outro exemplo é o quarto de solteiro, que eu interpreto como o quarto do filho. Ela coloca no Layout como “sonhos” e na parte técnica como “frustração”. Ter filhos é sonhar com eles, e geralmente o pai e mãe idealizam essa criança, desde o ato de engravidar até como ela será, sua vida, seus caminhos, seus passos e até personalidade. O frustrar pode ser uma mão de duas vias: a criança não ser como a idealização dos pais ou simplesmente o fato de não ter filhos nessa vida.

Podemos fazer essa comparação em todos os cômodos, em todos os contrapontos de sentimentos dispostos por Juliana. E no meio disso tudo ela coloca uma frase que ao ler sentiu a íntima ligação do layout com a técnica, ou seja, do que se vê com o que se sente.

“Prefiro os elementos híbridos aos “puros”, os comprometidos aos “limpos”, os distorcidos aos “retos”, os ambíguos aos “articulados”, os tergiversados que ao mesmo tempo são impessoais, aos chatos que ao mesmo tempo são “interessantes”, [...] os remissivos que ao mesmo tempo são inovadores, os irregulares e equívocos aos diretos e claros. Defendo a vitalidade confusa frente à unidade transparente. Aceito a falta de lógica e proclamo a dualidade [...]. Prero “este e o outro” a “ou este ou o outro” [...]” (Este e o outro. Arquiteto urbanista, Robert Venturi, Complexidade e contradição, p.22)

E já que estamos aqui falando sobre nossos sentimentos, trago o sentido e o significado da maternidade para lermos, diversas visões, diferentes experiências, mulheres que narram, que geram ou que alimentam. Mães!

3.1 Maria, a mãe de todos os filhos – Relatos sobre a maternidade.

Estereótipos, imagens rotuladas e sentimentos aguçados, a maternidade é ainda e talvez sempre será o sentimento que reina entre as mulheres. O útero é um órgão destinado a este gênero que já em sua genitália está tão voltado para sua interiorização. (mesmo que o útero não defina uma mulher e uma mulher nem sempre tenha útero, tal como o caso dos transexuais).

A maternidade é muitas vezes e ainda uma alegoria de completar-se um ciclo, de gerar e colocar no mundo uma parte sua e mais endeusado nas mulheres do que nos homens. Gerar um filho é experimentar uma nova sensação de carregar em si mais que um coração.

Muitas feministas acreditam que a recusa da maternidade seria o meio de subverter o domínio masculino sobre a mulher, mas tirar ou desassociar à maternidade da mulher seria tirar dela algo que possui como desejo.

A meu ver, o caminho seria orientar, realizar sonhos e buscar ser mulher em sua totalidade antes de ser mãe, de encontrar sua natureza mais crua e primitiva de ter uma força geradora e criativa que não define apenas o ato de dar e gerar vida, mas sim da manutenção da vida em si, de interagir com o seu espaço e seu mundo de um modo mais humanizado e sensitivo, tal como em sua feminilidade elas atuam, cuidando e protegendo.

A maternidade, no entanto, não tem hora para acontecer ou visões iguais entre as mulheres para se propagar. Ela varia de mulher para mulheres pode se dar através de uma gravidez ou de uma adoção. Ser mãe é ser responsável por uma vida e não apenas gerá-la.

A Maternidade Segundo Carolinas:



“Quando eu soube da minha primeira gravidez, minha vida mudou totalmente, meus sentimentos se misturavam, meus medos cresciam juntamente com minha ansiedade! Quando ela nasceu eu demorei para poder dizer que a maternidade foi a melhor coisa da minha vida e me culpava muito por não sentir isso logo de cara, me culpava por sentir dor ao dar peito, por querer minha liberdade de volta, entre outras coisas. Daí me diziam que era para eu ter paciência, que logo minha vida voltaria ao normal. Eu esperei por um tempo minha vida voltar ao normal, mas ela não voltava; foi então que eu percebi – EU ERA MÃE, como minha vida voltaria ao normal se antes eu só era filha? Resposta: minha vida nunca voltou ao normal, ou seja, minha vida nunca mais foi a mesma e hoje a minha normalidade é totalmente anormal, hoje EU NÃO QUERO que minha vida volte ao normal, não sei viver e nem lembro como é viver sem esses meus filhos! Amo cada segundo da minha vida de mãe e não me culpo, por às vezes, ficar cansada, porque essa é a vida de hoje, hoje eu sei e

posso dizer que a MATERNIDADE é a melhor coisa que pode acontecer na vida de uma mulher, o amor pelo seu filho não tem descrição, a palavra AMOR é pouco para se definir tanto sentimento bom e maravilhoso! E hoje eu sei, a normalidade só existe para aqueles que ainda não tiveram seus filhos, para quem já os teve, a vida nunca mais volta ao normal!”

Carolina



“O feminino e a revolução de poderes pelo corpo

Eu nunca me deixei dominar... Isso só, aparentemente, porque no fundo, alguma coisa sempre é capaz de tentar dominar você (com seu consentimento, é claro).

Digo dominar, no sentido emocional ou mesmo psicológico, mas poderia ser físico, caso estivéssemos tratando de relações ‘mais violentas’.

Quando era criança, convivi com muitas pessoas que desenvolviam para si e entre si relações de violência, e até hoje sofro quando revivo ou me deparo com algum tipo destas.

A violência pode ser muito sutil, ainda mais hoje em dia que estamos nesta ‘onda de consciência’, aparentemente vários tipos de violência estão deixando de existir, mas na verdade, ainda há muitas delas! Observe.

Uma das mais freqüentes para mim tem sido a exploração do corpo feminino pela mídia, capaz de transformar esse mesmo corpo em um 'belo produto' a ser consumido (ou consumir) a qualquer momento, da forma que almejem. Querem mostrar o quão livres nossas mulheres podem ser, principalmente em suas escolhas, mas que não passam de 'representações', capazes de manter a construção social e cultural de um determinado tipo de sociedade (ao meu entendimento, continuamente, machista).

A sociedade pós-industrial foi capaz de subverter os valores da dita 'Revolução feminina', que almejava lemas da época propagados, como liberdade, igualdade e fraternidade entre os gêneros, para algo do tipo, se mulheres não querem ser 'caseiras', supostamente donas de seus lares e sim 'trabalhadoras', estar no mercado de trabalho igual ao homem, que sejam associadas continuamente a um produto, porque isso as fará 'melhores' e subjugadas ao mercado! E isso vem "dando certo", com grande sucesso, até hoje.

Mas, a proposta deste texto, não é discutir como o papel da mulher e, conseqüentemente seu corpo, veio sendo tratado pela sociedade, e sim, onde estamos hoje, em nossa condição mais íntima e cotidiana.

Recentemente, passei por experiências muito transformadoras, no sentido da visão que tinha sobre si mesma e minhas relações com o feminino. Todo ser humano deveria tentar acessar suas próprias visões pessoais, já que mesmo sendo homem ou mulher, temos nossos referenciais de feminino e masculino acontecendo em nós, simultaneamente, ao mesmo tempo!

Parece um tanto complexo, se não fosse mesmo complicado e desafiador, tentar explicar o que alguns autores já o fizeram com maior precisão sobre 'Anima e Animus', 'Yin e Yang', 'Shakti e Shiva', entre tantos nomes dados às representações de 'Feminino e Masculino', mas basicamente, não há como falar de feminino sem antes falarmos também do masculino que há em nós!

No início desta escrita, falei sobre 'nunca me deixar dominar', ou das tentativas de dominações que muitas sofremos ao longo da vida, que exemplificam formas de violências emocionais, psicológicas ou até mesmo físicas. Mas, depois que casei, percebi que minha postura de mulher autônoma e "ndominável" caiu por terra, quando fui questionada de alguns pequenos hábitos cotidianos.

Exemplos práticos estão aqui: Tirar a sobancelha, o buço, os pêlos em geral, da perna, dos braços, de tudo o lugar possível (eu não fazia isso sempre, mas é real) para ficar 'lisa' e totalmente 'limpa' para a sociedade; Ter uma estética aceitável em seu vestuário, para não parecer provocante o bastante ou mesmo careta demais, utilizando um senso de 'beleza sensual', porém 'comportada' (nunca soube se consegui, mas muitas vezes fui tosada pela própria mãe); Tomar pílulas anticoncepcionais nos relacionamentos, para não 'correr o risco' de engravidar (isso é uma das coisas mais 'revolucionárias' para o movimento feminino, mas que hoje, sabemos de seus malefícios tanto para o corpo como para o ambiente, apesar de muitas ainda ignorarem); Enfim, ter uma vida totalmente 'planejada', sob seu controle, e dentro de padrões sociais para poder então casar ou mesmo ter filhos, afinal, hoje em dia a coisa mais importante parece ter, antes de tudo, uma profissão!

Poderia ficar horas discutindo sobre como esses exemplos foram se desdobrando em minha vida, e como lido, hoje, com essas pequenas 'pressões sociais' que inevitavelmente estão em nosso cotidiano. Mas, o que quero falar mesmo (pasmem!) é sobre a experiência arrebatadora de ter me tornado mãe!

E há algo neste mundo que o masculino não possa fazer é isso, é criar uma vida! Conceber (ser receptivo), gestar e por fim, parir!

Percebendo que estava grávida, achei que tudo, enfim, seria perfeito, porque tinha tido outros relacionamentos anteriores (e isso é imprescindível hoje na sociedade, 'namorar mais pessoas' antes de casar), tinha me formado (então estava livre desta outra obrigação social), casado (mais uma) e disposta a oferecer todo o meu amor materno (essencialmente feminino) ao ser que estava vindo, se não fosse pela figura paterna que estava agora ao meu lado...

Não estou reclamando de meu companheiro, muito pelo contrário, agradeço por sua companhia e amorosidade, que sempre me apoiou. Estou falando da minha relação com o masculino (e conseqüentemente feminino), que não ficou nada boa quando me deparei com questões profundas enraizadas em mim. E como você toma consciência de uma coisa enraizada? Ou mesmo inconsciente?

Muitos sabem, ou pelo menos imaginam, o poder que uma gestação tem, tanto pela própria transformação corporal como emocional que se passa com a mulher, mas muitos ignoram que até nisso, o nosso poder vem sendo 'dominado' e, progressivamente, apagado.

Digo, dominado, porque hoje em dia, qual mulher ‘em sã consciência’ é encorajada a parir? Parir de cócoras, parir de quatro, parir em pé, PARIR, enfim, não é mais pra mulheres ‘civilizadas’, mulheres modernas, que tem tudo na mão... Basta ‘a medicina lhes entregar’ seu filho, são e salvo.

Parir é arriscado, é demorado, é perigoso demais, é para mulheres selvagens!

Sem falar na dor, não precisamos e nem podemos mais sentir dor! Estejamos anestesiadas em nossos sentidos, em nosso próprio e exclusivo poder, que não pode ser mais vivenciado ou permitido por alguém, a não ser por nós mesmas!

Então, a pergunta era clara: Você vai se permitir?

Uma mulher como eu, excessivamente dominada por um pensamento prático e controlador, por mais feminina que fosse, poderia se permitir vivenciar a sombra deste meu feminino abafado e reprimido, por forças masculinas?

A única coisa que posso dizer é que, até hoje, estou tentando! O resgate da mulher selvagem... “

Ana Carolina

Depoimento sobre adoção: "MEU FILHO, O ANJO DE NOSSAS VIDAS" – O Êxodo de Cristina.

“Tudo começou em 1997, época que aceitei namorar o Sidnei pela 2ª vez, retomar uma relação congelada no tempo por sete anos, ou melhor, 14 anos e foi em 1999 que realizei o sonho de me casar de noiva, na igreja, com direito a tudo que uma mulher sonha. Meu marido sempre fala que não tinha projeto de casar, tampouco ter filhos, porém se tornou um excelente companheiro e um pai exemplar. Os primeiros anos de casamentos foram de adaptação, novidades, muita cumplicidade e amor, um amor maduro que foi o alicerce no momento de tomar a decisão que mudaria nossas vidas para sempre. Depois de não obter sucesso em gerar filho biólogo nos dois primeiros anos de união, e ao mesmo tempo elaborar o luto pela perda do filho tão sonhado que não chegaria. Segundo meus médicos, a obesidade mórbida e as doenças decorrentes deste quadro desfavoreciam uma gestação, além da dificuldade orgânica, passei muito tempo com a frase deles me martirizando: ‘se engravidar, morre você ou criança’.

Meu marido foi taxativo desde então, não vamos mais tentar, quero você viva! Depois de um bom tempo de reflexão e preparação emocional, por fim Sidnei aceitou adotar uma criança. Passamos por todo procedimento legal, aprovados pelo Juiz da Infância, primeira etapa vencida, aí era só aguardar, o filho ou filha que Deus nos enviaria.

“A história da adoção tem um percurso extenso no Brasil e se faz presente desde a época da colonização. A princípio esteve relacionada com caridade, em que os mais ricos prestavam assistência aos mais pobres. Era comum haver no interior da casa das pessoas abastadas filhos de terceiros, chamados ‘filhos de criação’.” (MAURX e DURA, 2010)

O período inicial foi uma nova provação, esperar pelo filho sonhado por um período indefinido foi um martírio, aproximadamente três anos pareceram uma eternidade pra mim! Minha Fé me deu forças pra suportar essa espera.

No dia 30/12/2004 logo pela manhã recebi a melhor notícia de nossas vidas, nosso filho havia nascido, era um menino e no dia seguinte já poderia vir pra casa! Nossa que loucura, foi um misto de emoções, uma felicidade inexplicável.

A partir daí tudo aconteceu rapidamente, minha família esteve ao nosso lado cada minuto. Eu tinha preparado um quarto lindo com tema da Arca de Noé, muitos bichinhos, cores pastéis, pois não sabíamos o sexo da criança, assim receber nosso bebê naquele momento foi preencher aquele cantinho tão especial com a pessoinha que seria a mais importante de nossas vidas, com seu chorinho e risos!

Em 31/12/2004 Álvaro chegou, direto da maternidade, onde sua mãe biológica já decidida da entrega à adoção o colocou espontaneamente nos braços da minha mãe Lourdes, num gesto de amor, por acreditar que este seria o melhor para a criança.

Naquele dia Patrícia (mãe biológica) tomou a decisão mais difícil de sua vida, mas que contraditoriamente a melhor e mais importante mudança na nossa vida, o filho dela partir daquele momento seria nosso filho, duas mães pra aquele bebê e assim o foi... Naquela época inconsciente já sabia disso, mais adiante vou explicar melhor essa situação.

Família e amigos nos visitaram, foram meses recebendo visitas, presentes, muitos presentes! Todos queriam ver nosso bebê.

Álvaro János, nome que escolhemos para ele, o primeiro nome em homenagem a uma grande amiga da faculdade, que tinha um escolhido Álvaro pra seu primogênito, o segundo nome em homenagem minha família paterna que vive na Hungria, János era meu tio.

Álvaro era um bebê lindo, cabelinhos cacheados, fofinho, olhos bem azuis, parecia um anjinho, todos o chamavam assim... Pra mim ele é um anjo

sim, que me fez conhecer um amor inexplicável, dizem que ser mãe é ter o coração fora do peito e é bem assim.

O tempo foi passando e nosso filho sempre cativando todos que tinham oportunidade de conhecê-lo e conviver com ele, foi crescendo e se tornou uma criança meiga, solidária, sensível, educada, amável, apreciador de música e dança, alegre, visivelmente feliz!

A questão da adoção foi incorporada à família de forma tão natural que sempre fez parte dos diálogos, sem qualquer constrangimento, de forma clara e consciente, tanto que a palavra adoção é super natural para Álvaro, que desde bebê aprendeu que é filho do coração, que tem duas mães, um irmão biólogo três anos mais velho e muitos outros parentes, desde pequeno contei a seguinte história pra ele: "a mamãe tinha problema de saúde e não podia ter um bebê na barriga, e queria muito ter um filho, o papai também queria e Jesus sabia disso. Mamãe rezava e contava sua tristeza pra Deus todos os dias, até que um dia Patrícia que estava grávida do se segundo filho e tinha uma vida difícil, não iria poder ficar com seu bebê, pois não poderia sustentar duas crianças e pensou, se Deus encontrasse uma família para cuidar e amar meu bebê eu o entregaria e o amaria pra sempre de longe, pois saber que meu filho estaria feliz me deixaria feliz também. Foi assim que você veio pra nós pela bênção de Deus", quando estava maior contei pra Álvaro do processo de habilitação para se adotar uma criança no fórum e que foi a juíza tinha nos chamado pra adotá-lo, que o papai do céu e a juíza sabiam que podíamos ser uma família. E assim nosso Alvinho cresceu sabendo de sua história.

Vale contar também que por trabalhar com Assistente Social no fórum, lidando com adoções no cotidiano, na verdade foi um fator importante também, porém minha formação religiosa e valores culturais e familiares e ainda o amor e companheirismo de meu marido tiveram fundamental papel para convivermos com naturalidade e amor na criação de nosso filho.

A convivência com a família biológica (mãe, tia e irmão) desde o primeiro ano de vida, uma vez ao ano, na época das festas natalinas, semana de aniversário de Álvaro (30/12), foi muito positiva pra nós adultos elaborarmos a importância desta vinculação afetiva deles e pra nosso filho a possibilidade de

construir uma relação de afeto com todos, principalmente com o irmão, uma relação de amor que só que vê entende, Alexandre hoje com 12 anos, esteve presente em 8 dos 9 aniversários de Álvaro, ano após ano, ambos aguardam com ansiedade esta data. Ver o amor que um tem pelo outro e a forma que ambos lidam com a verdade da história deles com muita naturalidade, emociona e nos faz felizes em saber que fizemos o melhor e da melhor forma. Álvaro, foi gerado por Patrícia para ser nosso filho, o amaremos até o fim de nossos dias e eu serei eternamente grata a sua mãe biológica, pois ela e Deus nos deram o mais valioso de todos os tesouros, nosso amado filho 'Álvaro János'."

Cristina 15/01/2014

O êxodo de R.G.W – A gravidez aos 17 anos.

“A trajetória de uma jovem mãe, para ser exata aos 17 anos, tem um começo bem esperado: Eu me deparei com a notícia sem preparo algum. Me desesperei de imediato, pensei em várias coisas, mas naquele momento só as piores.

“Em quase todo o mundo, a maioria das mulheres torna-se sexualmente activa no período de adolescência, podendo este facto alcançar os 75% em grande parte dos países desenvolvidos e ultrapassar 90% em muitos países da África sub-Saariana.” (Alan GuttmacherInstitute, 1990)

E no decorrer dos meses, ouvi também alguns comentários do gênero, - perdestes sua vida! - Sua juventude está fadada ao fracasso.

“Dados sobre a gravidez na adolescência vêm mostrando um aumento na taxa de fecundidade para esta população quando comparada a mulheres adultas, especialmente nos países mais pobres, como é o caso da América Latina.” (SANTOS et al., 2010)

Tive também do outro lado amigos e pais, o apoio de que tudo daria certo, mesmo cedo e demasiadamente antecipado, tudo iria correr bem.

Dados do Ministério da Saúde (2002) também indicaram que, nessa faixa etária (adolescência), a proporção de gravidez é de 23,5%. Nas meninas com idade inferior a 15 anos, este valor é de 0,9% e para aquelas entre os 15 e os 19 anos, 22,6%. Estes percentuais apresentam variações nos diferentes estados brasileiros, observando-se que São Paulo é aquele que apresenta uma incidência mais reduzida

(19,5%), enquanto no Maranhão e Tocantins estes valores tomam uma maior dominância (32,3%). (Ministério da Saúde, 2006; Aquino et al., 2003, apud SANTOS, 2010).

E assim foi, gestação tranqüila, e parto como deveria ser. Mas o grande Q da história se inicia quando o pequeno ser vem ao mundo, quando você percebe que dormir pesadamente não é possível, mesmo que queira, que a tosse vai te preocupar, com o tempo, com as temperaturas.

Para Heilborn et al. (2002, apud SANTOS et al., 2010) o fenômeno da gravidez na adolescência “também ganha importância no cenário de mudanças operadas na concepção social das idades e do sexo que redefinem as expectativas sociais depositadas nos jovens nos dias atuais, sobretudo nas adolescentes do sexo feminino” (p.18).

E que ao passar dos meses, verás nitidamente que não tão somente ensina, mas também aprende, e muito por sinal. Que ser mãe, é doar-se sempre, é cativar amizades por onde passa, pois seu filho faz o mesmo, é abraçar sem conhecer, pois seu filho abraça, e pede o mesmo de você. É, contudo sentir-se completa ao final do dia, por receber um riso, por ver um bom comportamento escolar. Perceber que trocou muitas coisas em prol da vida dele, e não se arrepende por isso, que és feliz por receber um abraço, e que dizer eu te amo é um bom dia sincero.

“O parto caracteriza-se por ser, simultaneamente, um ponto final (da gestação) e um ponto de início (da vida extra-uterina da criança), em torno do qual organizam-se ritos e rituais, com significados sociais e culturais diversos.” (BORGES, 2005)

Ser mãe é uma dádiva, é tornar-se melhor, é querer ser ainda melhor, é traçar objetivo pensando em nós, deixar o egocentrismo no seu devido lugar.

*“A condição de reprodutora passou a legitimar uma função social da mulher – a maternidade –, cada vez mais associada à ideia de sentimentalidade e de amor incondicional que as mães teriam pelos filhos.”
(LIMA et al. 2008)*

Notar que crianças têm o dom de amolecer qualquer coração duro.

E é perceber que independente da idade, para ser mãe precisa apenas estar disposta a dar de si, melhorar dia a dia, é saber que responsabilidade não é apenas pagar em dia as contas, que amadurecimento não é apenas não sentir ciúmes dos amigos, que desejos e metas ganham upgrade por que vão ser resultados comemorados por dois, por nos dois mãe e filho.

E para fechar com todo o amor que sinto por meu filho, uma citação:

‘Eles são o nó no meu cabelo. O esmalte descascado na minha unha, as olheiras no meu rosto. Eles são o brinquedo na gaveta de roupas, o amassado nas páginas do meu livro, o rasgado no meu caderno de anotações. Eles são o melado no controle remoto, o canal de televisão, o filme no DVD. Eles são o farelo no sofá, as tesouras no alto. Eles são o backup no computador, o mouse escondido, as cadeiras longe da janela. O valor do trabalho, a vontade de aprender, a minha força, a minha fraqueza, a minha riqueza. Eles são o aperto no meu peito diante de uma escada, a ausência de sono diante de uma febre. Eles são o meu impulso, o meu reflexo, a minha velocidade. O cheirinho no meu travesseiro, o barulho, a metade, o azul. Eles são o meu ouvido aguçado enquanto durmo. A minha pressa de levantar da cama, a minha espera de bom dia. A paz quando me abraça, a emoção quando me olha. Eles são o meu cuidado, a minha fé, o meu interesse pela vida, a minha admiração pelas crianças, o meu respeito pelas pessoas, o meu amor por Deus. Eles são o meu ontem, o meu hoje, o meu amanhã. Eles são a vontade, a inspiração, a poesia. A lição, o dever. Eles são a presença, a surpresa a esperança.’

Por uma Mãe (Autor Desconhecido)”

R.G. Wº

Relato seguinte: Mãe solteira também é uma opção

“Sempre quis ser mãe solteira, sonhava com um filho, um apartamento na Paulista, a nossa rotina entre livros e teatro.

Quando cheguei à faculdade tudo isso se dissolveu, o conhecimento, a liberdade, as possibilidades, tudo isso te abraça, te encanta e era isso! Queria isso pra sempre e filhos, família saíram dos meus planos.

O descobrimento do sexo veio junto com a vida universitária, foi o momento certo, com a pessoa certa e da maneira certa, tive relacionamentos anteriores, mas em nenhum o sexo foi assunto prioritário. Transei pela primeira vez aos 18 anos e transei muito.

Logo veio outros relacionamento, breves, diários, mas todos passageiros, apenas pra acalmar o coração da saudade, do vazio e do estresse rotineiro de aulas, laboratórios, monitorias, vida universitária.

A descoberta da cria, da mãe que eu poderia ser, do filho que eu poderia ter, foi perturbador!

Lembro com todos os detalhes, o primeiro risco aparecendo... A tinta subindo, o frio, o corpo mole, as mãos trêmulas e sim o segundo risco se fez e eu desabei.

Cinco dias, cinco dias sem dormir, sem acreditar, sem aceitar, não desejando.

ABORTO!

Era o meu desejo, era o que eu queria e o que ia ser, afinal tantas mulheres fazem, tantas estão vivas como muitas morreram, mas eu não ia morrer, tinha medo mas não ia morrer.

A situação é simples, você toma uma medicação, penetra outra e espera, eu ia sangrar muito e ia sentir sono e cansaço.

Meus pais intercederam, descobriram e intercederam, disseram que não era necessário.

Apesar do corpo ser meu, apesar da responsabilidade que viria ser minha eu tive medo, tive medo e tive promessas, promessas que a vida depois não mudaria muito, que a ajuda seria dada, que os estudos continuariam e que era melhor uma cria, um filho, uma criança ao invés de uma doença.

Aceitei o medo de ser mãe, e as promessas.

Meus pais sempre me ajudaram, fizeram de um tudo pra que a gravidez fosse mais simples e aceitável, tive o melhor médico, a melhor assistência, o melhor hospital, chá de bebê, enxoval... Tudo feito com muito amor pra mim e pra minha filha.

Eu sofri, apesar de ter tomado todos os cuidados algo aconteceu e eu engravidei, às vezes acredito que era isso mesmo, Deus queria assim, as vezes fico pensando em como e em qual momento rolou o erro, mas não adianta porque não obtenho nenhuma resposta divina ou até mesmo da minha memória.

O pai, ou a pessoa que transou comigo se afastou, nunca mais o vi e até desconfio que ele saiba, mas tem medo.

Eu não quero conviver com alguém que tenha medo, eu tenho meus medos e não preciso conviver com mais. Além de medos eu tenho planos e tenho família, não preciso de um progenitor que só esteve uma noite comigo, posso ser mãe e não preciso ter o título de solteira, posso apenas ser mãe, a mãe da minha menina.

A aceitação só aconteceu quando minha filha nasceu.

Desde o dia do nascimento, minha vida nunca foi um mar de rosas, não era o que eu planejava, e não é fácil.

Filho requer paciência, e eu não tenho, filho requer divisão e eu sou egoísta.

As promessas ficaram pela metade, mas a ajuda é infinita, aqui em casa é a filha de todo mundo, um pouco da avó, do avô, das tias e da mãe. Ela é sortuda, porque tem tanta gente, tanto bicho, tanta coisa que ela não tem uma vida muito pacata, não tem rotina e tem toda a atenção, ela tem muito sorte.

A vida só voltou a ser um pouco do que era antes esse ano, as saídas, os estudos, os romances, tudo em dose homeopáticas para a minha filha não sentir muito.

A gravidez, a maternidade, a maturidade, sempre me faz pensar em mulheres que não tem a mesma possibilidade e ajuda que eu tive. Como mulher, como mãe da minha filha, eu apoio o aborto.

Meus pais jamais saberão disso, eu jamais direi isso a eles, mas existem mulheres, outras mães de filhas como a minha, outras e outras tantas que não tem a mesma sorte e a mesma ajuda e ficar a mercê de um programa do governo, como um símbolo de erro não é o certo.

É muito difícil ser mãe, estudante, trabalhadora e eu admiro aquelas que sem o apoio de ninguém assume uma gravidez, assumem que também transam.

Por trás de cada grávida, existe um sonho, existe um ser, um corpo, um útero e uma vagina, que só é seu e de mais ninguém.

Se Deus existe, se um dia ele irá nos punir, se é certo, se não é, não é seu pai, sua mãe ou Deus que irá escrever em linhas douradas, é você, sua consciência e o seu desejo.

A maior certeza, a maior e simples certeza que carrego sempre, independente da minha escolha, do destino ou o que seja mais forte que isso é que não importa o que aconteça, sempre serei feliz.

A felicidade me persegue mesmo quando me escondo debaixo do edredom.

Os 50% do sim, do meu sim para minha nova vida me fazem feliz, com minhas restrições, com meus medos e o futuro incerto.

Mas eu vou ser muito feliz porque eu tenho orgulho, tenho orgulho da minha vida, da minha amada filha, da transa, da minha vagina e principalmente dos meus medos, porque sem eles a vida não teria nenhuma graça."

P.F.L

3.2 O Desejo e a fantasia



França, 1954, *Histórias de O* é lançado, um romance erótico em que a personagem central, O, é levada pelo amante a um lugar (uma mansão) em que é submetida a um amor sado masoquista e a um erotismo elevado para a própria França. A autora da obra, Pauline Réage, na verdade o codinome da autora que passou anos e anos escondida sobre o pseudônimo acima e apenas em sua idade mais avançada sendo revelada como Dominique Aury. Dominique elabora um texto com uma construção madura e na temática abordada traz a entrega ao prazer e a dor quando nos envolvemos amorosamente com o outro.

Histórias de O foi uma tentativa da autora mostrar que uma mulher também era capaz de escrever tão bem ou mais sobre o mundo erótico do que um homem, provando isso a Jean Paulhan (editor da revista “Nouvelle Revue Française” e também amante de Dominique por décadas) e a si mesma devido ao sucesso da obra que pelo auto teor erótico, fora até proibido.

Dominique só revela que foi a autora de *Histórias de O* na velhice, nem mesmo sua família sabia que Dominique Aury era Pauline Réage, revelando sua identidade e história apenas em 1994, já com seus 87 anos ao *The New Yorker*, em que relata seu caso com Jean Paulhan, o amor dele pelos contos de Marquês de Sadê e a iniciativa de mostrar a ele que ela também conseguiria escrever uma história tão erótica quanto. Jean Paulhan fica admirado com a obra e juntos decidiram lançar com o codinome de Pauline Réage.

“A obra relata com riqueza de detalhes as formas como a personagem *O* se entrega à realização das fantasias sádicas de seu amante, René. O leitor pode sentir-se desconcertado ao constatar que *O* se entrega com dedicação aos desejos de seu amante para demonstrar o amor que sentia por ele.” (RIBEIRO e PINTO, 2012)

Falecida em 27 de Abril de 1998 com 91 anos, deixou uma herança literária: Histórias de O, um ícone da literatura erótica do século XX. Mas um precursor em uma mulher mostrar que sua sexualidade podia ser tão erótica e carnal como a de um homem.

Pauline Réage inaugurou uma série de mulheres que mostraram e ainda mostram que ser mulher não é pensar apenas em filhos e casamento, que o sexo faz parte de sua vida e está a dominando assim como ela gostaria de dominá-lo.

Embora a personagem O faça do seu prazer o ato de satisfazer o outro, ela elabora uma sexualidade além da permitida e mostrada na época. Foi um choque ver uma mulher que se permite deitar com outros e tantos homens para satisfazer seu amante e suas brincadeiras de “prazer”, num ato de sexo explícito, selvagem e corrompido.

O são muitas mulheres, é a sexualidade sendo mostrada, aflorada, o desejo e a vontade, o entregar-se, o gemer e o entreter de corpos e malícias. Mesmo que O pense mais em seu amante do que em si mesma, já começa aí mostrar que mulher também tem corpo, também quer sexo e também e principalmente, tem gozo!

O comprimido mágico

A pílula anticoncepcional revolucionou a vida da mulher. Deu a ela autonomia quanto sua sexualidade e ao paradigma do prazer que ela poderia ou não buscar, casando-se ou não. Assim como possibilitou o planejamento familiar e a busca por outros sonhos que pertenciam a um mundo masculino e voltado para a racionalidade ao qual ela era excluída.

Houve um boom na participação das mulheres no mercado de trabalho, isto é, em outros níveis hierárquicos da cadeia do mercado de trabalho, visto que a mulher, principalmente às de classe baixa, sempre trabalharam para subsidiar a renda familiar. Mas possibilitou a continuação de seus estudos, não só focando magistérios, mas agora para se profissionalizarem com especializações antes não . Fazer faculdade tornou-se possível e os

números de filhos se reduziram para possibilitar que seus sonhos fossem prudentes e passíveis de alcance em uma esfera social mais abrangente.

A pílula anticoncepcional tirou a mulher da esfera privada, mostrou a ela os portões de entrada da vida pública até então pertencente aos homens. Mostrou que a rainha do lar poderia ser rainha em outros setores, tirando a carga da maternidade de seu útero estreito e colocando alguns embriões em projetos além do casar e ter filhos.

“Em um mundo que exige força de trabalho produtiva, não há tempo para se ter muitos filhos. A pílula anticoncepcional revolucionou a vida das mulheres trabalhadoras. Com um número menor de filhos, a dedicação ao trabalho torna-se maior.” (LUZ e FUCHINA, 2009)

De uma pequena pílula cheia de hormônios carregados em estrogênios e Progesterona que confundem a maturação dos óvulos, inibindo a fertilidade da mulher e assim a fecundação, fomos para um mundo de transformações gritantes, não só em que a mulher tornou-se dona de seu útero, mas de sua mente.

O casamento perdeu o sentido e a virgindade preservada para ele perdeu-se junto. E se a igreja católica controlava as mulheres e sua sexualidade pelo casamento, viu-se declinar junto com a pílula nossa do dia a dia. Entrando na crise em que se encontra até hoje e mostrando suas falhas dogmáticas cada vez mais graves e imorais ao homem contemporâneo.

O movimento feminista cresceu junto e ganhou forças com o advento da pílula. A participação ativa da mulher na economia dos países capitalistas subiu de forma assustadora para os homens que antes detinham suas esposas dentro de casa, cozinhando e limpando e agora teriam de competir com elas no mercado lá fora ou até mesmo dentro de seus lares disputando o maior poder aquisitivo dentro da constituição chamada família.

“Em um levantamento feito pelos organizadores da Expo Money, as mulheres já são a maioria no sistema

financeiro, pois, das 74 milhões de contas correntes ativas no país, 52% têm mulheres como titular.” (LIMEIRA, 2006)

A estrutura da família mudou-se. A sociedade antes dominada pelos homens fora dos muros que protegem suas casas, agora se encontra também dividindo cenários públicos além de praças e supermercados com as mulheres. Tiveram de aceitá-las não só sentadas aos seus lados no trabalho, mas dando-lhes ordem e governando países, visto que o aceitar não significa respeitar e este é um dos grandes problemas de nossa atualidade como mulher.

O mundo mudou, assim como os tipos de relacionamentos e a tolerância dentro deles. Os divórcios cresceram e os relacionamentos estáveis sem casamento tornam-se uma das opções de uniões mais viáveis aos seus componentes amasiados, vivendo ou não sobre o mesmo teto, tendo ou não filhos, de um relacionamento ou mais. A pequena pílula de hormônios femininos não revolucionou só a mulher, mas a mundo em que ela vive e isso significa que revolucionou as estruturas antes inabaláveis da antiga instituição chamada família e a percepção dos valores como dos comportamentos.

“No que concerne aos estudiosos da família e aos grupos feministas, a ênfase é colocada nos padrões de mudança nas estruturas familiares, percebidos como parte de um processo mais amplo de transformações econômico-sociais. Neste sentido, tal como outras instituições, a família está no limiar de mudanças importantes. Entretanto, isto não significa que esteja, necessariamente, desaparecendo. Os argumentos mais comuns, neste caso, giram em torno das mudanças nos padrões de comportamento, desde o aumento de novos tipos de uniões entre os sexos, declínio da fecundidade, aumento das mães solteiras e de separações e divórcios, novos padrões de sociabilidade e relações de gênero, até a participação

de mulheres, crianças e adolescentes no mercado de trabalho formal e informal.”

(GOLDANI, As famílias no Brasil Contemporâneo e o mito da Desestruturação, p.69)

Essa alteração que a pílula anticoncepcional trouxe ao mundo, à nós mulheres e nos reflexões de nossas ações, trouxe uma maior busca por prazer e satisfação pessoal nas relações tanto sexuais como íntimas em sentidos de qualidade de companheirismo ou de aceitação de valores e imposições para um envolvimento cada vez mais tênue entre o individualismo com o egoísmo. Mas o fato é que, com a saída da mãe da redoma do lar e a igualdade que isto teve de tentar se aproximar entre homens e mulheres para que casamentos continuassem ou para que famílias dessem certo. O autoritarismo masculino do pai e da figura rígida que detinha todo o poder sobre os demais seres que constituíam o ambiente familiar esfarelou-se, caindo em uma terra em que fecundos são os novos dizeres, as novas possibilidades, as descobertas e as novidades da alma, como se amina estive sendo expurgada do confessionário da igreja e adentrando o animus que tanto ecoava pelo mundo inteiro. É o feminino sobressaindo o masculino. É a emoção mostrando à razão que ela também é necessária.

“Diversos estudos indicam que a instituição familiar está se adaptando aos novos tempos, assumindo um perfil mais centrado na qualidade das relações entre as pessoas e no desejo de cada indivíduo. A hierarquia, a obediência e o formalismo que caracterizavam a família no passado deram lugar a uma relativa igualdade e respeito entre todos os integrantes. Mulher e filhos conquistaram espaço e direito à voz que antes eram exclusivos dos homens. Esses, por sua vez, sentem-se menos obrigados a exercer o pesado papel do provedor. A família trocou o modelo hierárquico, em que os papéis familiares

eram rigidamente estabelecidos e o poder centralizado na figura do pai, por um modelo igualitário, baseado em liberdade e respeito à individualidade. Nesse modelo, não se aceita que os pais imponham suas opiniões e preferências aos filhos, nem os proíbam de agir de determinada maneira. No desenvolvimento dos filhos passou-se a valorizar a experimentação e descoberta.” (LIMEIRA, 2006)

O reflexo do que acontece com a mulher é tão evidente que se pararmos para perceber e compreender que a esfera social é um todo, homem e mulher juntos, um andando de mãos dadas com o outro, não separados e nem mutilados e digo isso não apenas no corpo físico feminino e masculino que possuem órgãos genitais de diferenciação sexual, mas até em elementos construtivos de personalidades de ambos, a sensibilidade e a frieza, as partes em díades de nossa própria natureza. Talvez as políticas e as práticas sociais se humanizariam mais a fim de promover um mundo realmente sem que um sexo sobressaia o outro.

Os discursos em torno da chamada “crise” da família são, também, diferenciados por sexo, idade e classe social, mas, em geral, aparecem estreitamente relacionados com certos modelos estereotipados de famílias. Um primeiro modelo de referência seria o da família patriarcal. Historicamente estimulado pela sociedade brasileira e reforçado pela Igreja Católica e pelo Estado, até recentemente, a idéia é de que haveria um modelo de família brasileira. Este modelo de família estaria associado à presença de parentes, a um sistema hierárquico e de valores no qual se destacariam a autoridade paterna e do homem sobre a mulher, a monogamia, a indissolubilidade das uniões e a legitimidade da prole. (GOLDANI, As

famílias no Brasil Contemporâneo e o mito da Desestruturação, p.70)

Não é a família que está em crise e sim o modelo de sociedade patriarcal que vivemos. A pílula anticoncepcional abriu de vez as portas para que as mulheres retomassem o conhecimento (e conhecem muito pouco ainda) da força que possuem, do que significam não apenas para instituições religiosas e de suas funções biológicas que reforçam o cuidar da vida e dar manutenção a ela com serviços apenas voltados ao lar e para a maternidade. Não. Os elementos femininos de cuidado e proteção não se encaixam apenas e tão só nestes lugares aos quais estavam presos, destinados como o príncipe do conto de fadas está à princesa no alto da torre, ou melhor, ela estava destinada a ele, pois fora criada e direcionada a isto.

“Culturalmente, a menina aprende, na família, que ‘ser mulher’ é saber cuidar de crianças, cozinhar, lavar, passar, cuidar da casa e do marido; é ser dependente, passiva, dócil, carinhosa, gentil, paciente, emotiva.” (LIMA, 2006)

Permito-me a audácia de fazer uma analogia aqui entre a pílula anticoncepcional e a maçã de Eva. Ambas foram inventadas por Homens²⁶, ambas tomadas pelas mulheres em suas vias orais, abrindo-lhes os olhos a uma nudez e reconhecendo seus corpos, o estado de cegueira que se encontravam até então. Para DIDEROT²⁷ (2012) em “*Carta sobre os cegos para uso dos que vêem*” a cegueira que transcende à cegueira física, diz respeito a uma falta de instrução social.

²⁶ O primeiro contraceptivo oral foi criado pelo químico mexicano Luis E. Miramontes em 1951.

²⁷ Denis Diderot foi um filósofo e escritor Frances do século XXVIII

A cegueira de Eva era também a cegueira de Adão, assim como a cegueira da mulher era a do homem, o que podemos dizer de um modo geral diz respeito à sociedade em uma cegueira coletiva e ambos os objetos (maça e pílula) despertaram mudanças sociais transformadoras.

Mudanças essas que estamos vivendo e experimentando seus efeitos, tanto benéficos como os colaterais. A mulher despertou, quer seu reconhecimento, quer ser vista além do seu corpo, quer voz ativa e respeito além dos peitos que amamentam. E embora fique confuso os meios que utilizam para isso, muitas vezes se comportando como os homens e perdendo uma mitológica essência feminina, buscam uma igualdade ainda utópica de equilíbrio entre os sexos, entre os poderes deferidos a eles em um mundo tão desigual.

Desigual não apenas em relação aos gêneros e às funções biológicas de cada um deles, mas no sentido de criar em todos os nichos de sua sociedade uma relação de subordinação em que há um dominador e um dominado. Sendo as mulheres seres primários dessa cadeia “alimentar” chamada humanidade.

A pílula anticoncepcional tal como a pílula vermelha do filme *Matrix*²⁸, abriu os olhos a esta realidade e trouxe consigo uma mudança comportamental que estamos ainda desenvolvendo e aperfeiçoando. Escrever este livro talvez seja um desses passos, tal como tantos outros livros que em diferentes abordagens, traz o mesmo tema em que a diferenciação de gêneros e a depreciação da mulher tornam-se tão evidente que temos que falar cada vez mais sobre isso a fim de possibilitar uma crítica sobre o assunto e formular teses a respeito do que de fato está acontecendo com nós, buscando um rumo em

²⁸ *Matrix* (1999) revolucionou o cinema com técnicas de filmagens que traziam movimentos congelados e ativos ao mesmo tempo, em uma história ficcional de uma humanidade quase extinta e dominada por máquinas. A pílula vermelha serve para acordar humanos da máquina chamada *Matrix* e colocá-los na realidade que não é bela e muito menos a ilusão que pensamos viver. Optar pela pílula vermelha é optar por desiludir-se e começar uma luta por sobrevivência.

que, ainda obscuro, seja para um mundo melhor e não de mulheres imitando homens para de fatos serem ouvidas como seres iguais, mas que em suas diferenças e com sua natureza subjetiva e impalpável encontre um lugar que seja de fato seu, não abaixo e nem acima do homem.

“A compreensão das relações de gênero implica que sejam entendidas como uma construção social baseada na diferenciação biológica dos sexos, expressa através de relações de poder e subordinação, representada pela discriminação de funções, atividades, normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade.”
(SILVA, 2010)

O sistema patriarcal não traz como vítima apenas as mulheres, mas sim todos que estão inseridos nele. Podemos observar de forma eminente que o homem também tem crêdulos e reações em si que dificultam as relações saudáveis dentro de suas redes sociais. Trazendo embutidos em seus comportamentos valores e crenças que impostos e adquiridos pela nossa educação histórica e cultural, exigem dele uma postura inflexível de coragem, de autoridade, força e frieza, distanciando-se dos elementos conjugados femininos e de naturezas mais emocionais.

O homem precisa ser homem e isso é renegar o lado anima de sua natureza, ser animus em sua totalidade, o que de certa forma regride toda uma sociedade que de pai para filho manifesta-se por ações de educar de forma mais duras, mais distantes e menos afetivas para fazer de seus filhos homens e não sentimentalistas que sensivelmente atenderá e acolherá o mundo feminino.

SILVA (2010) em seu artigo “A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero” ouviu mulheres relatando as dificuldades estabelecidas por esta imposição de gêneros e como conclusão chegou a ver que essas mulheres vêem nos homens atitudes que comprovam essas infundadas marcas sociais de violência ainda em prática.

“Os relatos demonstraram que as pesquisadas compreendem a influência cultural tanto no comportamento de ambos os sexos como na disseminação da violência, e defendem a igualdade entre homens e mulheres. Além disso, entendem que o homem também seja vítima dessa cultura perversa, sem que, com isso, justifiquem seus atos de violência. Enfim, detectam que para se coibir a violência contra a mulher é indispensável a desconstrução dos estereótipos de gênero, e a importância de, nesse processo, ser incluído o homem, agressor ou não, no intuito de se provocar as pertinentes rachaduras no sistema patriarcal.”
(IDEM, 2010)

Começar um texto falando sobre a pílula anticoncepcional e acabar no mesmo texto falando de estrutura familiar, sobre dominação e vestígios e pegadas do paternalismo em ambos os sexos, causando uma violência psíquica e social em ambos é mostrar que tudo está interligado. Se formos mais a fundo veremos que essas marcas que se evidenciam cada vez mais em nossa sociedade, mostraram organizações sociais e prestígios totalmente voltados ao homem, colocando valores paternais em cargos, mobilidades e estruturas de ajustes salariais.

“As organizações públicas mantêm as mesmas características básicas das demais organizações, acrescidas, entretanto, de algumas especificidades como: apego às regras e rotinas, supervalorização da hierarquia, paternalismo nas relações, apego ao poder, entre outras. Tais diferenças são importantes na definição dos processos internos, na relação com inovações e mudança, na formação dos valores e crenças organizacionais e políticas de recursos humanos.”
(PIRES e MACEDO, 2005)

No Brasil não somos diferentes do resto do mundo. A mulher brasileira começou na década de 70 a lutar com mais garras sobre seus direitos e sim, isto tem a ver com a chegada da pílula anticoncepcional em sua vida, em seu corpo e na compreensão de que algo estava errado enquanto ela ficava em casa se ocupando dos serviços domésticos ao decidir sair para o espaço público.

“O desenho organizacional público, na realidade brasileira, normalmente é com formas bastante complexas e níveis hierárquicos múltiplos. Essa estrutura demonstra um paternalismo que gera um alto controle de movimentação de pessoal e da distribuição de empregos, cargos e comissões dentro da lógica dos interesses políticos dominantes. Outra característica marcante é que são estruturas altamente estáveis, que resistem de forma generalizada a mudanças de procedimentos e implantação de novas tecnologias. A cultura da interferência política e administrativa vigente pode ser caracterizada como predominantemente regida por um governo de poucas pessoas e patrimonialista e, também, burocrática e corporativa. É esta cultura que orienta a prática de gestão das organizações públicas.”

(IDEM, 2005)

QUADRINHOS ÁCIDOS EM:

MUNDO AO CONTRÁRIO

por PEDRO LEITE

AS PROPAGANDAS DE CERVEJA
MOSTRARIAM OS HOMENS
COMO OBJETO SEXUAL



O SALÁRIO DAS MULHERES SERIA
SUPERIOR AO DOS HOMENS



AS LETRAS DE FUNK
ELOGIARIAM A INTELIGÊNCIA
E A CULTURA DA MULHER



PROGRAMAS DE AUDITÓRIO
TERIAM DANCARINOS
EXIBINDO SUAS BUNDAS



NÃO HAVERIA VERGONHA
QUANDO UM HOMEM OPTASSE
SER "DONO DE CASA"



AS MULHERES RECEBERIAM
ELOGIOS EDUCADOS NA RUA



OS HOMENS PRECISARIAM
FAZER PASSEATAS PARA
EXIGIR DIREITOS IGUAIS



8 DE MARÇO SERIA O
DIA INTERNACIONAL DO HOMEM



A sátira de Pedro Leite mostra o mundo machista em que vivemos. A mulher troca de lugar com o homem em “Mundo ao contrário” e desse modo passa a ser a figura central de uma sociedade que seria então de paternalista à maternalista dentro das vigências e normas de conduta do sistema ocidental capitalismo dos quais estamos dispostos.

No Brasil o movimento feminista começou a favor do voto da mulher em eleições, antes excluídos de nossa constituição. Conhecidas como *sulfragetes*²⁹ alcançaram seu objetivo na nova constituição brasileira de 1932 inserida pelo presidente Getúlio Vargas. Porém só ganha maior força na década de 70 devido às mudanças radicais ocorridas em um Brasil que virou ditadura, inibindo manifestações e movimentos mais libertários como em outros países da Europa e nos Estados Unidos que viam suas mulheres se organizar em movimento em pró de si mesmas em um mundo predominante masculino.

Na década de 80 temos mais uma conquista, em 1984 é inaugurada o centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA) que resultou na constituição de 1988, uma das constituições mais justas e que inclui a mulher com seus direitos perante o mundo. E no primeiro governo de Luiz Inácio da Silva, o Lula, foi criada a secretaria especial de políticas para mulheres.

Até o final do século XX no Brasil vemos um movimento feminista mais voltado para a ajuda a favor da proteção da mulher contra a violência doméstica e sua inserção no mercado de trabalho e no meio político em 2010 temos nossa primeira presidente mulher eleita, Dilma Rousseff. E Embora estejamos em pleno século XXI há ainda mulheres tão machistas e tão opressoras quanto os homens. Há mães que não conversam com suas filhas sobre a sexualidade que virão a ter em suas vidas antes mesmo da vida adulta, tapando os olhos e preferindo fazê-lo para não enxergar, ou melhor, fingir não

²⁹ Palavra que se baseia no movimento sufragista feminino inglês ocorrido em 1912 em Manchester e que posteriormente mudou-se para Londres a fim de ficar mais próxima do poder e instituir o interesse da mulher nos direitos de votar.

ver que suas filhas não são puras e castas como gostariam que fossem, assim como a igreja católica.

A falta de instrução, de conversa, de mostrar à mulher seu real valor, suas possíveis manifestações de força e de onde pode chegar, contribui para que o machismo continue operante e o paternalismo as bases sociais em vigência.

A instrução sexual é tão importante quanto qualquer outra modalidade da vida de uma mulher e merece ser dialogada com atenção, pois a maternidade é para as mulheres, em geral as de classe social inferior, um fardo pelo qual são responsáveis, muito mais que os homens que se tornam pais. A pílula anticoncepcional traz a elas uma possibilidade de tornar essa realidade em outra, ser mais capazes de controlar suas vidas a partir de seu corpo reprodutor e mudar seus destinos em outros que múltiplos e infinitos abre as portas a um novo mundo.

A pílula anticoncepcional foi e continua sendo uma aliada à mulher. Que agora se torna mais consciente de si, de seus desejos e fantasias, um ser sexuado que tem fome e sede de prazer e realização. Que se masturba, que sente necessidade de crescer profissionalmente, de ir atrás de sonhos e de se ver nua em faces de uma sexualidade que nada mais é que uma variável de si mesma, de suas performances e de seus macetes com as curvas que desenhadas arquitetonicamente ganham um valor não de se expor ao andar na rua, de ser vista como um pedaço de carne ambulante. Mas que como mulher, possui algo só dela, seu corpo e seu prazer, assim como o sexo masculino que em filmes pornô fantasiam uma sexualidade tão fácil e tão antinatural que desde a adolescência constroem modelos utópicos de sexos sem conquistas e de penetrações tão ultrajantes e profundas que em gemidos loucos e em bom som realizam uma mulher apenas assim: penetrando-a!

A ex-atriz pornô Shelley Lubben escreveu um livro sobre a indústria pornográfica e sua vida como uma profissional da pornografia. Mostrando uma face pouco vista e pouco desmistificada pelas mídias a fim de permanecer a visão e a movimentação bilionária que esta indústria movimenta. Em seu livro *A Verdade por Trás da Fantasia da Pornografia* a ex-atriz e outras atrizes dão

relatos chocantes de como encaravam e suportavam a maneira com eram tidas entre cenas de sexo e nos set de filmagens, como verdadeiros objetos.

“Mas a indústria multibilionária do pornô quer que você acredite na fantasia de que as atrizes pornôs adoram sexo. Eles querem que você compre a mentira de que nós gostamos de ser degradadas por todos os tipos de atos repulsivos. Filmes editados de forma criativa e embalagens bonitinhas são projetados para fazer uma lavagem cerebral nos consumidores, e fazê-los acreditar que a luxúria retratada nos rostos quentes e incomodados faz parte do ato. Mas a realidade é que as mulheres estão com uma dor indizível por ser espancadas, estapeadas, cuspidas, chutadas e xingadas, como ‘prostitutazinha suja’ e ‘banheiro de gozo’”

(Shelley Lubben, 2012)

Quando questionadas do porque escolher esta vida se esta vida não parece ser agradável a elas, a resposta traz embutida em si uma mensagem entrelinhas de supervalorização do ego a partir da sexualidade e do corpo sensual que atrai olhares e ainda a super hiper valorização do sexo como plenitude àquelas que foram despertadas sexualmente antes da hora.

“Mas você pode perguntar: “Não são as mulheres que escolhem fazer filmes pornôs?” Com base nas imagens sexuais com que fomos alimentados a colheradas pela TV, revistas e internet, com certeza nós escolhemos. No começo dos anos de 1970, quando aprendemos a sair perseguindo nossos caminhos, desde nossas estrelas favoritas como Doc, no ‘The Love Boat’, todo o trajeto pelo ‘Desperate Housewives’ da ABC, sendo os mais populares programas entre as crianças em 2005. Sem

mentonar “glamorosas” imagens de pornografia de pelúcia sendo enfiadas em nossas goelas abaixo. Não é surpresa que as crianças da América, que foram muito bem preparadas em imoralidade sexual há mais de 40 anos, acabem no MySpace ou Facebook postando imagens sensuais de si mesmas. Onde mais poderia uma criança que foi hiperssexualizada ter tanta atenção? Mas os olheiros da pornografia ficam à espreita pesquisando *online* por anos os perfis e predando as desavisadas fêmeas sexualizadas. Fingindo ser adolescentes ou admiradores do sexo masculino, postam palavras lisonjeiras como ‘Você é a garota mais bonita’, ou ‘Você é tão quente’, e as adolescentes emocionalmente carentes rapidamente caem em sua armadilha. Alguns elogios mais tarde e uma boa oferta financeira, e nos encontramos em pé no meio de um escritório de agentes pornô ouvindo sobre ‘modelagem nu’ e sexo anal. ‘Você será a próxima estrela pornô mais quente, se você fizer anal’, o agente pornô faz promessas ao entregar o contrato, enquanto uma loira de peitos grandes no canto da sala pisca para nós.”

(IDEM, 2012)

O dinheiro, a fama, o ego, o sexo. A indústria pornográfica alimenta sonhos irreais para quem assiste e para quem o protagoniza. É a mistificação do sexo e do prazer rápido, alienado e do gozo imediato. A pornografia excita? Claro que excita! Mexe com instintos primários e tão aguçados que precisamos colocar para fora um efervescer de hormônios em nosso corpos que grita loucamente uma ejaculação sem preliminares.

A sexualidade é um assunto complexo que traz tanto as estruturas familiares e suas transformações que vemos hoje, como o outro lado de uma fantasia tão solitária e tão frágil como um fazer de contas. Indo à imagem da mulher, seus tratamentos e seus rótulos. Seus empregos, seus movimentos a

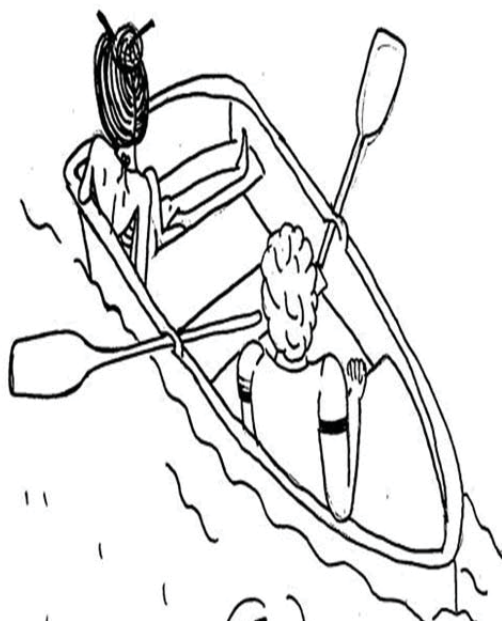
favor de si mesma. A sexualidade é um enigma a ser desvendado e conversado para orientar e trazer sentidos mais amplos não só nas mulheres, mas em todos que estão na teia da copula e do prazer.

“Como pensar a sexualidade feminina e suas formas de expressão na sociedade do descartável, do consumismo, da negação de valores ligados a longo prazo, enfim, na sociedade contemporânea? Na luta pela libertação das amarras sexuais, ditadas pelos dogmas morais, a mulher contemporânea se arvorou por novas formas de erotismo como o gozo objetivista e o sexo de ocasião. Porém, a sexualidade da mulher contemporânea parece expressar valores cultivados pela própria sociedade atual. Essas modalidades de relacionar-se com o outro têm um toque do investimento narcísico tão incentivado atualmente. Novos mitos femininos estão surgindo para substituir aqueles antes atribuídos às mulheres. A mãe agora é aquela que também trabalha fora de casa. A mulher romântica é também a que seduz ativamente. A mulher passiva eroticamente tornou-se ativa na relação sexual.” (JOTA, O meu prazer é meu maior desejo: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade., 2007)

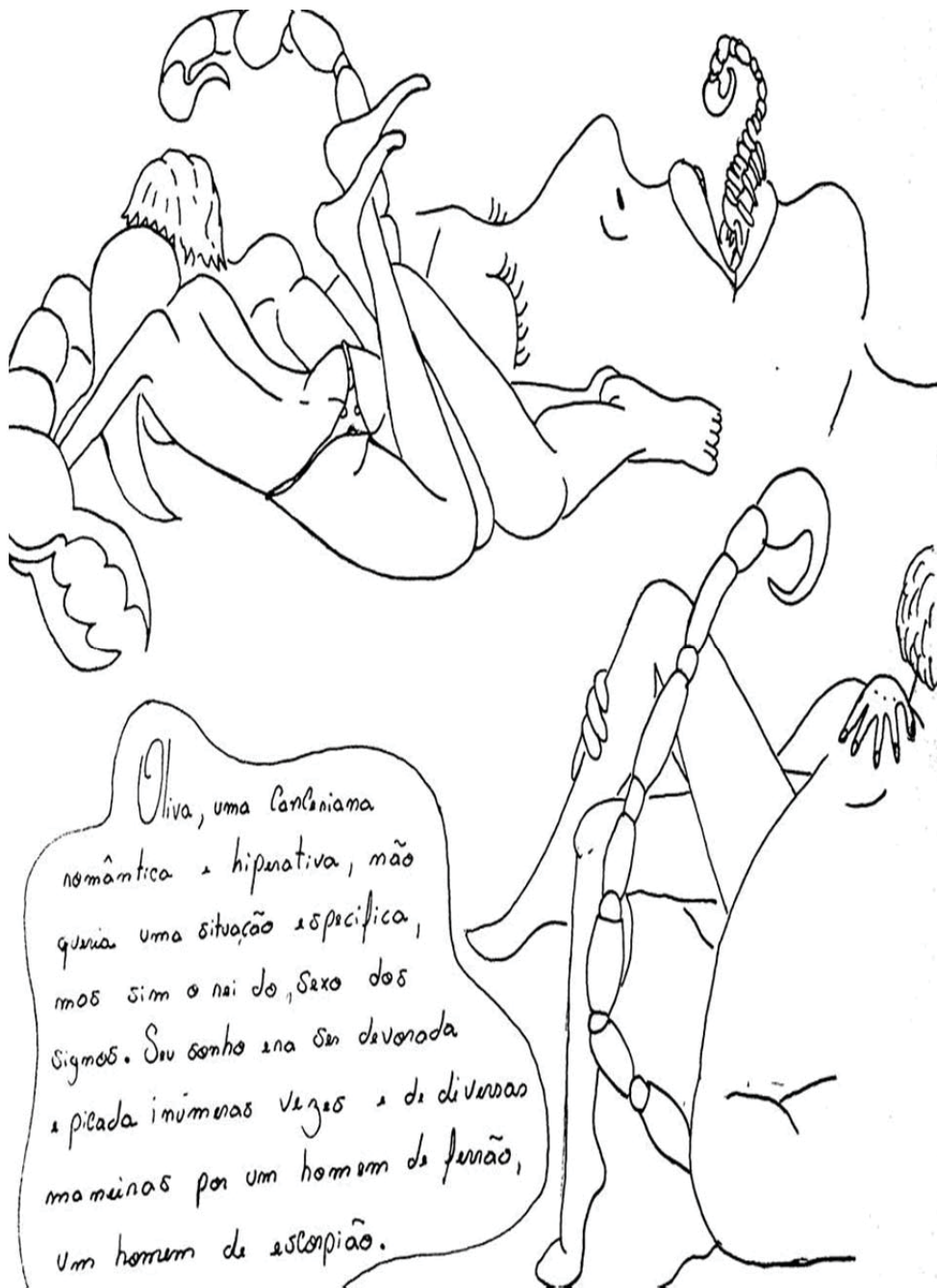
Série de fantasias – pequenas ilustrações.

Algumas mulheres me responderam quais eram suas fantasias sexuais e com essas respostas fiz desenhos ilustrando algumas delas, tentando colocar no papel aquilo que temos na mente, que sonhamos entre quatro paredes, às vezes essas quatro paredes pode ser em qualquer ambiente, não se limitando ao quarto ou uma masturbação eminente e momentânea de ter um orgasmo; mas ocorre no imaginário e na elaboração de sentir desejo, tentar coloca-lo em uma situação, visualizar a cena, criar a ação e não morre ali naquele momento. Essas fantasias continuam vivas até o dia em que do esboço mental vire real e nem por isso ela morre ali, na concretização do ato. A mulher deseja inúmeras vezes aquilo que a deixa de “quatro”.

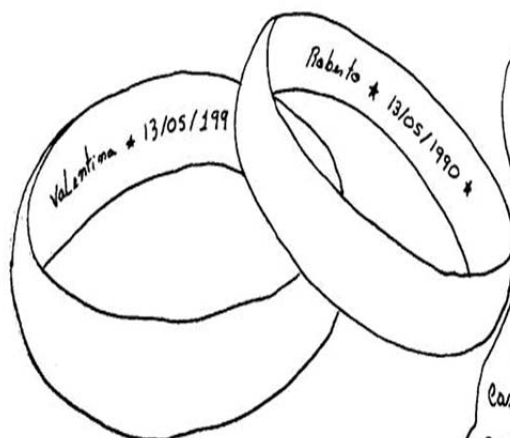
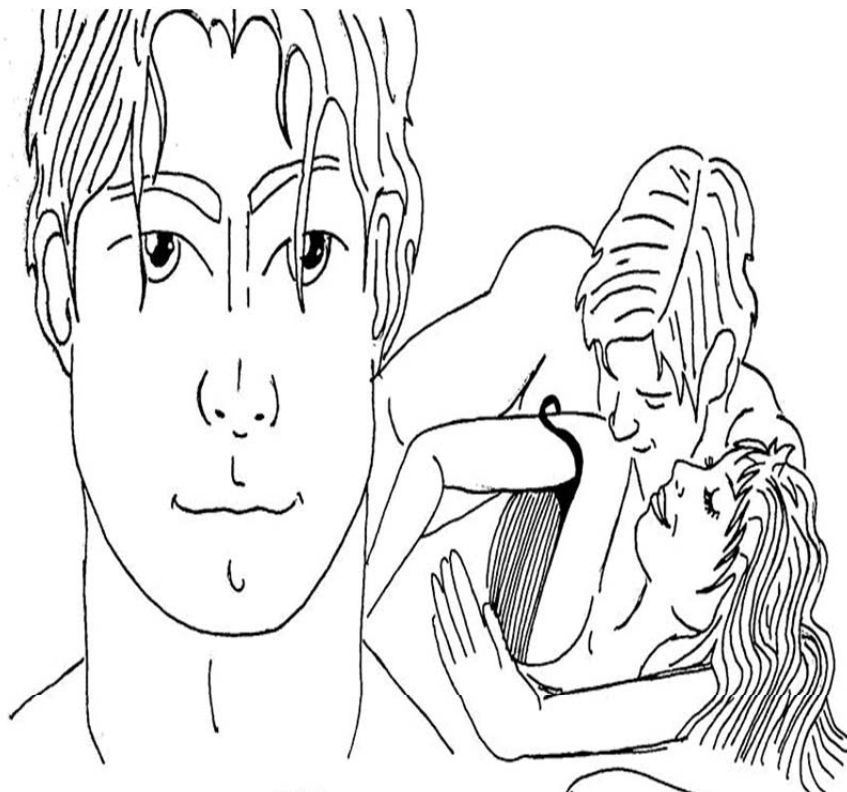
Resolvi fazer esses desenhos para mostrar que muitas fantasias fogem do padrão: sexo à três como muito homem imagina, ou como é a fantasia de muitos homens. E reparei em um padrão em que a fantasia feminina está relacionada sempre a uma situação específica, não se limitando ao corpo ou corpos que ela imagina, mas criando na mente uma teia de ações e projeções como uma narrativa de domínio e dominação.



Fúlvia, ele é um barão.
A chuva que inicia e
os faz parar ali mesmo,
se entregando ao prazer
e o fazem prazerosos:
Bem molhado!



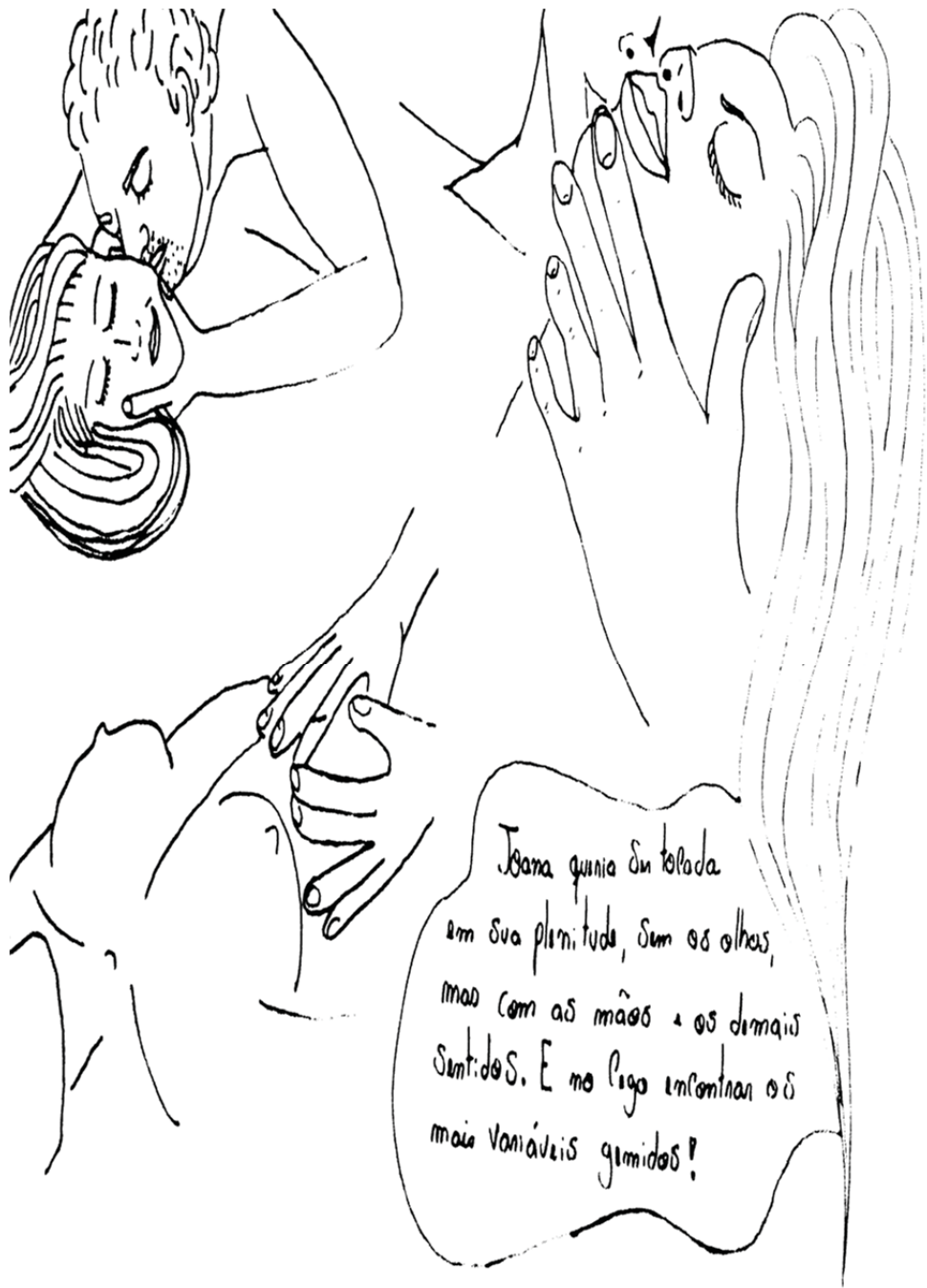
Olive, uma Carleniana
romântica e hipnótica, não
queria uma situação específica,
mas sim o pai do, Sexo dos
Sigmós. Seu sonho era ser devorada
e picada inúmeras vezes e de diversas
maneiras por um homem de furão,
um homem de estorpião.



Ela queria se entregar
àquele estranho que havia
olhado de longe no parque
fazendo ginástica, no mercado
fazendo compra, na loja
de escolhendo filme, na
padaria comprando pão...
Aquele estranho com quem era
casada há mais de 20 anos, mas
que naquele dia se deixou sedu-
zir por outro nome, em um único
encontro. Os mesmos rostos, outros nomes.



Rita não queria uma mulher
de batom. Rita queria que ELE
passasse batom, se olhasse no
espelho e a beijasse com todo
o desespero e ansio!

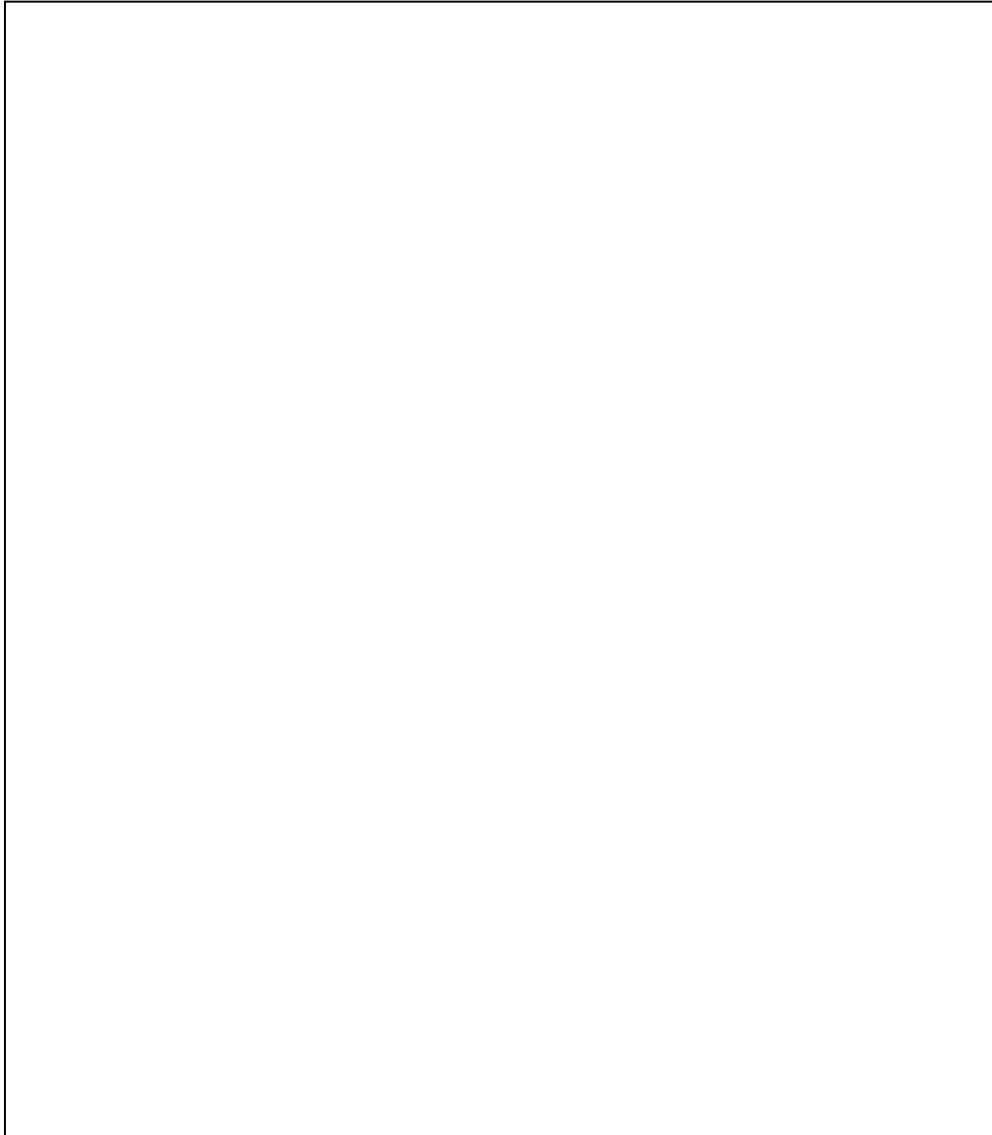


Te amo quão se tolada
em sua plenitude, sem os olhos,
mas com as mãos e os demais
sentidos. E no logo encontram os
mais variáveis gemidos!



Simone queria Ser amarrada à Cama,
Perder os Sentidos e Ser possuída, Como mulher
e amante, Sem a Comida !

Desenhe aqui sua fantasia ou escreva! (este espaço é seu, destinado a você parar e pensar sobre suas vontades).

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the majority of the page below the text. It is intended for the user to draw or write their thoughts.

Capítulo 4: Amor romântico e a espera por ele.

4.1 O que é esse tal de amor romântico?

“O amor não pode salvar a vida da morte, mas pode preencher o propósito da vida” Arnold Toynbee (in Firestone & Catlett, 2000).

O amor é um sentimento intrínseco no ser humano, está em sua manifestação com o mundo com o qual interage e como um objeto de desejo em sua vivência. Sua significância e seu modo de manifestação sofreram mudanças junto com o mundo e com as culturas em que está inserido, mas a questão é que ele está inserido, está lá e mesmo que não podemos vê-lo ou tocá-lo com as mãos, sabemos que está presente, mesmo não sendo palpável, mensurável e totalmente abstrato e subjetivo, ninguém consegue negar sua presença, assim como outros sentimentos que o Homem carrega e desenvolve, o amor é um dos mais nobres sentimentos da nossa atualidade, seja ele fraternal, erótico, universal, é um sentimento necessário para a evolução do próprio ser humano, seja com ele mesmo, com os outros e com o mundo. E embora aqui iremos nos centralizar no amor de relações íntimas e conjugais (seja de natureza heterossexual ou homossexual) para ênfase e foca em nossa narrativa, é válido ressaltar que o mesmo amor, como os outros citados acima, se faz presente em toda nossa história e sofreu maneiras de ser visto e encarado, ora bem vindo, ora desprezado, pesquisado desde antigas civilizações, como por exemplo, por Aristóteles, inserido nas obras de Platão, palco de discussões, tema de obras artísticas, da filosofia, teologia e até mesmo em ciências sociais e antropológicas devido a sua importância e tentativa de esclarecimento sobre o mesmo que ora carrega um peso e está fadado à dor, ora está cercado de plenitude e caráter evolutivo da nossa espécie.

“Talvez, o amor não deixe fósseis, restos e marcas, por ser um sentimento; mas, enquanto um comportamento e modificando o mundo a sua volta,

vejam seu percurso ao longo da civilização.”
(ALMEIDA, P.4).

Esse amor ao qual temos acesso hoje para escolher nossos parceiros íntimos sofreu modificações como e com o mundo, com o comportamento e os valores dos indivíduos até se dar na forma como a qual o vimos atualmente. E mesmo vivenciando um momento histórico em que a individualidade e a liberdade estão cada vez mais almejadas e priorizadas na vida pessoal e no cotidiano do ser humano, o amor romântico ainda é a base do amor íntimo, sobrevivendo ao tempo e alimenta o desejo pessoal de tê-lo, senti-lo e vivenciá-lo com uma outra pessoa a que moldamos em nossa mente como meio de canalização e de comunicação para assim alcançá-lo (o amor) e a felicidade de forma plena, pois para ser realmente feliz, é necessário sentir esse sentimento, o que nos mostra uma resistência do homem moderno e uma contradição desse mesmo Homem, do que se quer com o que se deseja, pois o amor romântico tem em suas entranhas um companheiro ou companheira que ao se relacionar de forma estável e duradoura, terá de ser fiel e suprir todas as fantasias e necessidades sexuais de forma com a qual o desejo e a concretização dele não sai dessa relação, ficando entre os dois corpos participantes somente, contradizendo assim a individualidade e a liberdade também desejada, pois o amor romântico exige uma renúncia de ambas.

“Tamanhas expectativas depositadas sobre as relações com um parceiro constituem o terreno propício para a frustração e para a decepção desse projeto de realização erótica e existencial a dois, tão ardentemente acalentado” (HADDAD, 2009, p.15)

Perguntei a seis mulheres o que elas entendiam por amor, tentando focar no amor a dois e não o fraterno ou materno.

B.F.F, Designer, 18 anos respondeu que “Amor é liberdade. É ir além da cobrança e da desconfiança. E mesmo havendo ciúmes é o compartilhar a vida, ter alguém para dividir os segredos, mas que te deixa sair sozinho. Não há

definições para algo tão simples. Amar é estar vulnerável ao amor, se identificar e confiar acima de tudo”.

K.M.D, Assistente social, 48 anos respondeu que “Amor pra mim é entrega, cumplicidade, compreensão, um sentimento tão profundo que dói, eu já sofri por amor e sei bem como é, e sofro pelos que amo que faz eu esquecer de mim e só pensar no outro.”

B.V.S, vigilante, 31 anos respondeu que “Amor pra mim tem vários sentidos, mas o principal amor é ter alguém por perto sem essa pessoa estar por perto. É sentir seu cheiro sem estar ao seu lado. É compreender o sentir de cada segundo ao lado da pessoa que você sente o verdadeiro amor. Eu sou uma pessoa completamente apaixonada. Nunca pensei que um dia iria viver esse tal de AMOR.”

E.B, professora de Yoga, 69 anos respondeu que “O amor é tão simples que fica difícil defini-lo. Só sei que quando ele "chega", você SABE que chegou! É uma mistura de várias emoções, boas e ruins, maravilhosas e decepcionantes. Tudo misturado mesmo, prazer e dor, alegrias e tristezas... Mas a gente quer sentir e dividir sempre juntos. Às vezes, podemos até sentir muita raiva do outro... Mas ela não demora pra ir embora. Quando a gente se abraça os corações pulsão no mesmo ritmo, na mesma sintonia... e no beijo a entrega é total. Amor é puro sentimento, por isso fica complicado explicar, pois cada um vai sentir a sua maneira, do seu jeito.”

C.C, estudante de Letras, 24 anos, respondeu que “amor é quando você se aceita com seus defeitos e virtudes e aceita o outro com seus defeitos e virtudes também... E aprende a partir disso a conviver em harmonia, porque quando a gente ama. Isso não é sacrifício, é felicidade.”

R.S, auxiliar de escritório e estudante de administração, 26 anos, respondeu que “eu defino amor mais como admiração, respeito, cessão... coisas que precisão para que um relacionamento funcione, aconteça”.

Depois de respondidas por elas, procurei obter a resposta da mesma pergunta, mas na visão masculina e compará-las

L.L, estudante de arquitetura, de 23 anos, respondeu que “amor serve pra preencher um vazio, dar mais sentido a tudo o que se faz e na vida”.

G. C, estagiário de publicidade, 22 anos, respondeu que “tirando aquele estereótipo de ‘duas metades’, eu vejo que isso é um grande equívoco tanto o homem e a mulher não se devem rebaixar e achar que só será feliz quando juntar sua ‘metade’ isso que muitas vezes causa decepções problemas de relacionamentos, mas enfim, penso que um amor, são duas laranjas inteiras que se juntam, não apenas para se completarem, mas crescerem e evoluírem juntas.”

R.M.B, engenheiro florestal, de 37 anos, respondeu que “o amor é algo que transcende explicações. É uma atração inexplicável, mistura de todos os sentidos, cheiro, olhos, gosto, sons, tato. Você gosta do cheiro, dos sons, de olhar nos olhos aquela pessoa. Você não ama pelos hábitos ou porque a pessoa gosta das mesmas coisas que você. Você sabe quando ama, é muito raro, mas você sabe.”

R.M fotografo, 28 anos, respondeu que amor é “Respeitar as diferenças e estar ao lado nos momentos difíceis”.

J.R.O, Engenheiro mecatrônico, 48 anos, respondeu que amor é “respeito, é admiração, admirar a outra pessoa e companheirismo”

O.A.S.S, comerciante, 72 anos, respondeu que “Amar a pessoa amada com você ama a si próprio. Se você não se ama, nunca saberá o que é amar outra pessoa.”

Embora as mulheres sejam mais detalhistas e se permitam falar mais sobre isso que os homens, não há uma diferença gritante entre as respostas e em muitas o respeito e a admiração estão colocadas no ato de amar. O amor tem que funcionar, o amor tem que pulsar em olhar e compartilhar a vida, é um companheirismo e um caminhar junto, lado a lado.

E depois perguntei a essas mesmas pessoas se elas perdoariam uma traição, todas, umas mais justificando ou não, dependeriam do motivo, do arrependimento.

Os relacionamentos dos tempos de hoje com certeza não são como os de antes e, se formos analisar como surgiu este mesmo amor que temos como base para nos relacionarmos, veremos que ele nasce com a revolução industrial, um produto para a não promiscuidade e liberdade sexual desacerbada que nasce com a burguesia, que traz um novo tipo de casamento, agora não mais

como um acordo entre famílias para manter posses e terras no sistema feudal por famílias nobres e até mesmo membros da mesma família em um acordo nupcial, visto que o amor pouco importava para esta união matrimonial; era um acordo de interesses, assim como nas antigas civilizações em que esposas eram escolhidas e não conquistadas, aliás, a mulher pouca opção tinha de escolha, isso quando não tinha nenhuma, antes do surgimento da burguesia e com ele do amor romântico.

A revolução industrial modificou o mundo, trouxe consigo uma nova colonização agora com foco em países para vender os produtos originários de suas indústrias movidas a carvão e jornadas de trabalhos longas e desumanas, era um novo tempo. A mulher mesmo ganhando muito pouco em relação ao homem, pode vir a trabalhar e com isso toda uma estrutura familiar e o comportamento dos gêneros começam a serem rompidos e modificam-se acompanhando os fatos históricos que pré determinam as condutas sociais daquele como também desse tempo presente em que vivemos e o amor romântico acompanha-nos desde então, mas da revolução industrial para o momento atual temos mudanças drásticas, o mundo passou por uma revolução tecnológica, armamentista, alimentou uma economia capitalista consumista, globalizou conteúdos, gostos, comportamentos, sonhos, informações... E nessas mudanças sociais e com o avanço tecnológico e científico, temos a criação de algo que fez da mulher mais dona de si: a pílula anticoncepcional dá a escolha à mulher de ter ou não filhos, o que traz a elas uma independência antes nunca vista na história do gênero feminino, trazendo para a sociedade uma reformulação de relacionamento, casamento e constituição de família.

“O indivíduo, como ser biopsicossocial, está inserido no meio ambiente, fazendo parte da cultura com suas particularidades e modos de vincularidade, portanto a família, composta de indivíduos, tem que ser entendida dentro do contexto cultural ao qual pertence.”

A família e o relacionamento íntimo modificam se e as razões para se envolver, casar, engravidar, modificam se também, a atração sexual, o amor, a afinidade, o companheirismo... Entram cada vez mais em cena e têm valor inestimável em nossas escolhas, rompendo se com a antiga forma de relacionamentos, mas para entendermos essas transformações as quais me refiro, temos que primeiramente analisarmos como se dava essas estruturas que cada vez mais perdem espaço em nossa cultura.

Partindo da revolução Industrial onde temos o início do amor romântico como guia dos nossos relacionamentos, temos que olharmos e enxergamos claramente o que é este amor romântico, como ele se dá em nossas vidas e nos guia não só inconscientemente para a busca de um parceiro, como também para a frustração, visando uma felicidade em que responsabilizamos o outro e colocamos nessa mesma pessoa o fardo de ser capaz de suprir todas nossas necessidades e fantasias amorosas, mas por que fantasiamos e almejamos tudo isso? Você já parou para pensar?

JUNQUEIRA (2012) faz uma análise no universo do adolescente examinado o mito do amor romântico em *“O mito do amor romântico e a violência de gênero: distanciamentos e aproximações nas vozes de meninas e meninos adolescentes”* e consta que mesmo hoje em dia com uma maior liberdade de escolha e experimentações, os adolescentes ainda se moldam e se direcionam pelos relacionamentos tradicionais, firmando o mito do amor romântico em seus anseios de compromisso.

“Não é a toa que muitas meninas e meninos (con)vivem com sentimentos e conflitos tão paradoxais que as/os fazem se sentir, buscar e desejar uma autonomia e liberdade em suas relações afetivo-sexuais, por exemplo, inclusive questionando os modelos do sistema sexo/gênero. Mas que, ao mesmo tempo, se misturam com o desejo de construir relações pautadas em referenciais tradicionais e machistas que chegam a legitimar e

naturalizar a violência e a dominação masculina.
(IDEM)

Reafirmando também o estado de submissão da mulher pelo homem. O amor romântico é um produto destinado à mulher mais que ao o homem. E por mais que não sabemos distinguir isso em nossa infância e adolescência, ele se impõe pelas frestas e arestas de nossas vidas através de todo um conceito moral e comportamental que temos que nos moldar e seguir.

JUNQUEIRA ainda ressalta a construção de relacionamentos em que o amor se torna uma desculpa de perdão à violência praticada contra a mulher que perdoa o homem em nome do amor, “aí quando a gente ama, a gente perdoa mesmo” diz uma das entrevistadas do autor. Ou percebe entre essas meninas a fantasia de que ainda não se achou a metade da laranja a qual estamos destinadas, acreditando em caras metades e destinação.

O amor romântico se apresenta no imaginário popular, e nas vozes das meninas e meninos adolescentes, como o elemento que parece solucionar todos os problemas, superar os desafios, atravessar o tempo, encurtar as distâncias e até perdoar e relevar o sofrimento. (IDEM)

Esta visão que criamos e de certo modo esperamos encontrar ao longo da vida, limita em muitas as relações humanas e não digo no sentido de promover uma libertinagem sexual, mas de vivenciar outros níveis de amor que não seja de apego, de cobrança e de depositar no outro, expectativas que apenas acabam por desgastar e trazer uma sensação de vazio para nós mesmos já que esperamos ser completados e não nos completamos por si só.

“[...] eu acredito que na maioria das vezes, as mulheres aceitam uma situação de violência por amar muito. Aí, não têm coragem de tomar uma decisão. [...]. Como acontecia com minha mãe... quanto mais

meu pai batia nela, mais ela se apaixonava por ele.”
(entrevistada de JUNQUEIRA, 2012)

Além de viabilizar a tolerância da violência, a mulher é a mais atingida pelo mito do amor romântico, esperando por ele e tendo de manter uma postura para que faça dela uma mulher de respeito e desse modo que valha a pena ser investida pelo homem. Não há como negar a mudança de comportamento que presenciamos, mas ainda há muita crítica machista e muita opinião sexista a respeito de mulheres independente não só financeiramente, mas que toma atitude mais ativa sexualmente sem ter de fato um compromisso sério. É papel da mulher, desde a revolução industrial não esperar mais o casamento para a prática do sexo, mas a sua cara metade, pois só sua cara metade poderá fazer dela feliz. (há aqui um tom irônico)

ÊXODO de Ângela - O par!

Um Par (im) perfeito... (título dado por ela)

“Que eu me lembre, desde pequena, sempre sonhei com um amor, um par... Filha única até aproximadamente sete anos de idade, acho que na minha cabeça seria alguém que me tiraria da solidão... um par, enfim, um amor.

Com o passar do tempo, a maioria dos filmes, novelas e livros prometiam a existência desse amor. Um dia eu haveria de encontrar aquele que me completaria... e seria meu par, meu amor.

E cedo encontrei muitos pares, mas foi quando contava 14 anos que encontrei aquele que até hoje é meu par, meu amor...

Foi estranho constatar que a paixão tem altos e baixos, vai e vem... Que difícil compreender que o par não completa inteiramente, não preenche todos os vazios, imensos e profundos que há em mim...

“O que quer de mim é pesado, não há paz... expectativas desleais...”

E assim passei por muitos encontros e desencontros com este par... que é meu amor. Sofri e fiz sofrer, e por muito tempo acreditei que a vida é fazer sofrer aqueles que amamos...

Eu pensava que meu maior medo era o de ser abandonada, de não ser a única, de ser trocada por outra pessoa, rejeitada...

Mas, olhando bem para dentro de mim, lá nas profundezas do meu ser, concluo que sempre tive medo de mim mesma... Há muitas coisas para as quais não gosto nenhum pouco de olhar... Porque não posso corresponder a este amor romântico, aprendido desde a infância e desejado por toda a minha vida... Tenho medo da minha solidão, meus vazios, de rejeitar, abandonar e magoar...

Porque hoje sei que ninguém completa ninguém, ninguém é de ninguém, o outro jamais pode ser responsável pela minha felicidade. Mesmo sendo meu par, meu amor...

Então... de quem é a culpa, de quem poderei cobrar? Da minha ingenuidade infantil, da nossa cultura romântica? Do meu par, meu amor?

Não há cobranças a fazer, nem o que perdoar...

Sei que jamais me sentirei completa, que alguns vazios sempre existirão... E, assim, vou vivendo, alegre e triste, fazendo meu caminho para preencher esta minha existência: assim me tornei mulher, mãe, psicóloga... e continuo com meu par, meu amor...

O conceito de amor vai se modificando dentro de mim, com o passar do tempo... É um individuar-se no meio de tanta mistura (estou com este par desde os 14 anos de idade...). É um descobrir que ser amada não é “ser o centro da vida do outro”, “ser o sol da vida dele”, “ser o ar que ele respira” e vice-versa.

É doloroso, mas também traz um alívio porque é libertador...

Este ano (2014) faz 30 anos que estamos juntos... amando e odiando, tolerando e não permitindo, rindo e chorando, cedendo e exigindo, criando e destruindo... mas formando um par...

E quero aproveitar para agradecer, porque a existência dele me ajuda a crescer... Obrigada, meu par, meu amor!”

Ângela

Com a maturidade temos que aprender a lidar com essa realidade de que ninguém nos completa, apenas nos faz companhia. Dividir a vida e ter alguém para isso é lindo, é mágico, mas não se trata de amor romântico, alias para que um relacionamento sobreviva de modo saudável é preciso quebrar esses conceitos idealizados que recebemos e nos direcionamos em busca dele como algo sagrado.

É preciso viver com amor, é preciso sim ter amor, mas o romantismo acaba por dar uma corda a este sentimento e o convida para ser enforcado. É preciso ver no amor uma inspiração e não uma possessão e abraçá-lo enquanto o temos, pois nada nessa vida é para sempre e acho que essa deveria ser a lição a ser ensinada na vida, pois é a única certeza absoluta da condição de se viver.

O ÊXODO de *Pausa* - A dor da partida

“Quando me pediram que escrevesse sobre minhas perdas e sobre um suposto processo de superação, pensei que seria importante tentar colocar isso em palavras, por mais difícil que pudesse ser. Aceitei o desafio, mas fiquei me questionando sobre como faria isso... Como colocar num texto o tamanho da minha dor sem parecer sentimental demais? Como falar numa superação que, para mim, não existe?”

Conheci o Manoel, meu “Manezinho”, em fevereiro de 1998, quando eu tinha 28 anos e ele, 31. Nós nos conhecemos numa balada e eu, que não acreditava que um relacionamento duradouro pudesse começar assim, tive que “pagar a minha língua”. Começamos a sair, e ele logo me conquistou completamente, com o seu bom humor e seu jeito simples. Um ano depois, estávamos procurando um apartamento para comprarmos juntos. Mas, ao

mesmo tempo em que crescia o amor que tínhamos um pelo outro, a minha preocupação com a saúde dele também se tornava maior. O Mané tinha diabetes do tipo I, aquela conhecida como juvenil, desde os 16 anos. Ele tinha que tomar altas doses de insulina todos os dias e, às vezes, tinha crises de hipoglicemia, o que me assustava bastante.

Meu pai, que não costumava interferir nos meus relacionamentos, me advertiu: “Você tem certeza que é isso que você quer? Ele é um bom moço, todos gostam dele, mas a doença dele é para sempre, e a tendência é que piore cada vez mais.” Sábias palavras paternas, mas eu já não sabia mais como me afastar dele, não poderia mais ficar sem aquele sorriso e a vontade de viver que ele tinha, e que sempre acreditei ser muito maior do que a minha. Fui aprendendo a reconhecer o início das crises de hipoglicemia e a conviver com elas. Ele não costumava abusar, sempre ciente de que precisava controlar a ingestão de carboidratos. Eu li tudo o que pude a respeito da doença e de suas conseqüências e comecei a entender as complicações que iam aparecendo e tratamentos necessários. Ele precisava ter muito cuidado com os pés e consultar periodicamente um oftalmologista para fazer aplicações de laser e controlar a retinopatia diabética que lhe prejudicava a visão.

Apesar de todas as dificuldades, conseguimos montar um apartamento e nos casamos em julho de 2002. Foi uma cerimônia bonita, planejada com prazer e carinho e o resultado foi até melhor do que esperávamos, pois contamos com a colaboração e presença de muitos amigos e parentes. Eu não fazia questão da cerimônia na igreja, mas curti muito organizá-la e chegamos à conclusão de que seria o melhor a fazer para que nossas famílias reconhecessem a nossa união e eu me tornasse oficialmente a Sra. Cardoso perante todos.

Nosso apartamento era simples, mas tinha a nossa cara, tudo havia sido escolhido com muito carinho, dentro das nossas possibilidades. Eu continuei lecionando inglês e o Mané com o trabalho dele, até que, em setembro de 2004, ele teve uma crise de hipoglicemia enquanto eu saí para um curso que estava fazendo aos sábados e, como ele demorou um tempo para ser socorrido, ele teve o que os médicos chamaram de coma metabólico, ficando uns dois dias

sem reagir no hospital, na UTI, sem que os médicos soubessem me dizer se ele ficaria bem ou não. Ele ficou quase uma semana internado, mas depois ficou bem, só que foi nessa época que nos demos conta de que precisávamos intensificar a luta contra outra conseqüência do diabetes, a perda da função renal, que fazia com que a insulina ficasse mais tempo em circulação no organismo dele e que tivéssemos que redobrar a atenção com relação à quantidade de insulina em cada aplicação.

A luta contra a insuficiência renal crônica continuou com a restrição de proteínas, entre outros cuidados na alimentação, além de medicamentos para controle da hipertensão e vários outros.

Em outubro de 2007, o Mané teve que começar a fazer diálise. Após dois meses em hemodiálise, conseguimos iniciar a DPA (diálise peritoneal automática), um tipo de diálise menos agressiva e que pode ser feita em casa, à noite. A desvantagem é que requer uma série de cuidados com higiene e é feita todas as noites, ao invés de três vezes por semana, como a hemodiálise. Tivemos que ajustar nossa rotina para conseguir fazer com que o Mané fizesse a diálise e não parasse de trabalhar, pois isso era importante para ele. Eu me sentia cansada e me entristecia o fato de ter que conectar o meu marido à máquina de diálise todas as noites, mas ele sempre me animava dizendo que o transplante viria logo, o que acreditávamos que faria com que ele ficasse bem. O Mané era um grande companheiro e a cumplicidade que tínhamos fazia toda a espera valer a pena. As dificuldades nos aproximaram ainda mais, mas todos os nossos planos acabavam ficando para “depois do transplante”.

Ele ainda trabalhou por um ano e meio até ter que parar devido a problemas com a diálise. Também trabalhou um tempo em casa, fazendo orçamentos de projetos isolados ou partes de projetos que a firma lhe mandava. Todas as noites, a fim de fazermos a assepsia das mãos para as conexões da diálise, tínhamos que tirar as alianças e, após o término das conexões, eu sempre colocava a aliança nele e perguntava: “Você quer se casar comigo?”, no início, ele respondia: “Mas nós já somos casados!”, mas depois ele acabou entrando na brincadeira e me dizia, com carinho: “Eu me caso com você quantas vezes você quiser” ou “Eu me caso com você todos os dias da minha

vida” e isso me deixava feliz. Era como um ritual que renovava os nossos votos e as nossas esperanças quase todas as noites. Isso nos unia cada vez mais. E assim, os dias foram se passando...

Enquanto isso, meu pai fazia um tratamento paliativo para conter um câncer de próstata, incluindo aplicações de quimioterapia hormonal e outras aplicações mensais para conter o avanço do câncer nos ossos da bacia. Quando podia, eu o acompanhava ao IBCC para as aplicações ou para consultas. Ele gostava de ir comigo, pois tínhamos ritmos semelhantes, eu não tinha pressa e parava sempre para tomar um café com ele. Além disso, pela minha formação em psicologia, eu conseguia acompanhar as explicações da médica para passar para o restante da família.

Eu estava cansada de consultas médicas e hospitalais, mas acreditava que o transplante do meu marido sairia logo e essa esperança me motivava. No início, eu queria doar um rim para ele e evitar tanto tempo de diálise, mas os médicos nos aconselharam a esperar para que ele fizesse um transplante duplo (rim e pâncreas), assim ele deixaria de ser diabético e o rim poderia durar mais. Seguir os conselhos médicos parecia o melhor, ou a única coisa, a fazer...

Em setembro de 2010, ele foi chamado para o transplante pela primeira vez. Uma mistura de frustração e alívio foram os sentimentos que nos acompanharam quando deixamos o hospital, após o médico nos comunicar que o pâncreas do doador tinha muita gordura e não poderia ser utilizado. Frustração porque isso representava mais tempo de espera e certa sensação de alívio porque ainda não seria daquela vez que ele teria que enfrentar a cirurgia, o transplante, no qual apostávamos todas as nossas fichas.

Na madrugada do dia 12 de novembro de 2010, o meu celular tocou, nunca soube o porquê de ter sido o meu e não o do Mané, mas eu acordei e, assustada, ouvi do outro lado da linha a médica do setor de transplante me dizer que era do HC e que eles tinham os órgãos para o transplante. Eu estava de férias e havíamos decidido ir passar um dia na casa de meus pais, em Socorro, no interior de São Paulo. Não podíamos nos afastar muito por causa da diálise, mas quando os resultados dos exames estavam bons, o nefrologista liberava uma noite sem diálise, conforme pedíamos. Juntamos nossas coisas

rapidamente e acordamos os meus pais para nos despedir. Tomamos café e, seguindo as instruções da médica que falou com o Mané ao telefone, essa seria a última refeição dele antes do transplante.

Pegamos a estrada por volta das seis da manhã, eu dirigia e tentava acalmá-lo, pois ele estava muito aflito, com receio de não conseguirmos chegar a tempo de aproveitar os órgãos. Chegamos ao HC pouco depois das nove horas e fomos falar com a equipe para fazer a internação. Ele passou por vários exames e aguardamos no corredor do setor de transplante renal o tempo todo, pois não havia quarto disponível e ainda não sabiam se os órgãos poderiam ser utilizados ou não. Somente por volta das 18h00, o médico responsável pelo transplante do pâncreas, Dr. Vinícius, confirmou que o órgão poderia ser utilizado e pediu para prepararem o Mané. Naquela altura, ele já começava a apresentar sintomas de hipoglicemia, pois não comera mais nada. Deram um pouco de glicose para controlar a glicemia e depois o levaram para o centro cirúrgico para prepará-lo. Foi a última vez que o beijei e ainda me lembro do olhar amedrontado dele quando foi levado pela enfermeira.

Os médicos de plantão não queriam que eu esperasse pela cirurgia, mas eu insisti, pois não poderia ir para casa sem notícias. Esperei no corredor, perto do centro cirúrgico, onde eu poderia ver quando os médicos saíssem. Por volta das seis da manhã do dia 13, o Dr. Vinícius saiu com olhos vermelhos de cansaço, que já me revelaram que a cirurgia havia sido difícil. Ele sorriu quando me viu, me dizendo que eles tiveram dificuldade para conter um sangramento, que talvez um paciente de DPA não fosse a melhor escolha para um transplante de pâncreas, pois a fibrina atrapalhara a cirurgia, mas estava tudo mais ou menos controlado, segundo ele. O Mané estava naquele momento recebendo o rim e ainda iria demorar a sair do centro cirúrgico. Aguardei o transplante do rim também e, quando o Dr. Conrado, chefe da equipe, saiu, pareceu bem mais animado do que o primeiro médico. Segundo ele, o transplante correria dentro do esperado, mas o Mané ficaria na UTI do centro cirúrgico para que eles pudessem acompanhá-lo mais de perto. Eu só poderia vê-lo no horário de visita, à tarde, pois ele estava dormindo, ainda sob efeito da anestesia.

Fui vê-lo à tarde, com a minha cunhada. Encontrei-o ainda sedado, mas balbuciou um “Eu consegui”, quando eu falei que haviam feito o transplante, finalmente, e ele tinha então o rim e o pâncreas de um rapaz de 28 anos. As informações do doador não são divulgadas, mas eu vi a ficha do rapaz, num descuido dos médicos no setor de transplante. Rezei por ele, que morrera cedo para doar vida a outros.

Depois disso, passamos por uma sucessão de más notícias. O Mané perdeu o pâncreas e teve que passar por outra cirurgia para retirá-lo. Vieram outras infecções oportunistas devido à baixa imunidade e uma úlcera que sangrou e o deixou muito fraco. Ele ficou quase todo o tempo na UTI, em isolamento, e eu só podia tocá-lo com luvas nas visitas, não podia beijá-lo ou respirar muito perto dele. Foi bastante difícil e ele lutou bravamente. Quando achamos que ele estava melhor, depois de mais uma cirurgia para conter outra infecção, uma trombose na perna complicou o quadro. Ele tomou uma medicação para evitar coágulos e isso fez com que a úlcera voltasse a sangrar... Não conseguiram conter mais o sangramento e ele se foi... Na véspera, ele ainda me disse “Eu não quero morrer” e eu tentei convencê-lo de que ele não morreria, ele não poderia me deixar assim. Ele faleceu no dia 29 de dezembro de 2010 e foi assim que eu perdi a minha “metade da laranja”.

Quinze dias depois, meu pai foi internado com problemas respiratórios. Ele ficou impressionado com a morte do Mané, dizia que ele era muito jovem, que tinha a metade da idade dele. No dia 06 de fevereiro de 2011, trinta e seis dias depois do Mané, meu pai também faleceu e, assim, eu perdi os dois homens da minha vida em pouco mais de um mês.

Agora as pessoas me falam em superação, dizem que estou bem, mas não sei exatamente o que querem dizer ou o que esperam de mim. Eu tento me convencer de que, já que não posso trazer o Mané de volta, devo viver da melhor maneira possível, pois eu sei o quanto ele gostava de viver. Uma grande amiga, que também perdeu pessoas muito queridas, me disse que no começo queremos viver pelo outro, até que um dia admitimos viver por nós mesmos. Não sei se isso é verdade, mas sei que ele tinha uma paixão pela vida que eu não tenho, na verdade, acho que aprendi a valorizar as pequenas coisas da vida

com ele. Apesar da doença, ele nunca desanimava, nunca deixava de sorrir e isso, por si só, era uma lição de vida.

Viver da melhor maneira possível é, para mim, tentar fazer coisas que me dão prazer e me fazem sentir viva, acima de tudo. Dançar é algo que sempre me faz bem e me traz para a vida. Então, eu danço. Dança do ventre me faz voltar para a força do feminino, das minhas entranhas, e eu adoro! Também fiz oficina de flamenco por um semestre e adorei... Agora é o samba que está me fazendo vibrar, é a batida da bateria que dita o ritmo do meu coração e ele bate forte e me remete de volta à vida. E assim, com a dança, os passeios ao ar livre, o contato com os amigos, eu vou vivendo um dia após o outro, fugindo de coisas que me deprimem e entristecem, na medida do possível.

Já deixei um emprego no setor público, pois não era o que eu queria, e voltei a estudar. Também mudei de curso porque não estava gostando do curso de Turismo. Estou cursando Tecnologia em Eventos. Estou, segundo o meu irmão, “adultecendo”, descobrindo coisas novas todos os dias. E, assim, a vida caminha, tento não esperar tanto dela, tento fazer com que minhas escolhas me levem para onde quero. Mas, nem sempre sei o que quero, perdi o meu chão quando perdi o Mané, ficou mais difícil fazer escolhas sem ele, sem o ombro amigo e as palavras de encorajamento, mas continuo a caminhar, talvez um dia chegue a algum lugar...”

Paula

4.2 A Mass Communication gerando estereótipos

Estamos o tempo todo falando de comunicação e da mídia dialogando com sua sociedade, implantando ou fortificando padrões de beleza e/ ou comportamento. Mas como a mídia realiza esse processo e como ela consegue atingir a todos nós como um raio de codificação que é decodificada pelos nossos olhos assistindo televisão?

A Mass Communication Research é a escola funcionalista norte-americana de comunicação nascida na década de 30 e traz consigo estudos científicos e empíricos para compreender a ação das mensagens midiáticas sobre a população. Sua teoria é conhecida como o Efeito da Bala mágica ou Teoria hipodérmica que mostram uma aceitação da mensagem que está sendo propagada de maneira que o destinatário a aceite sem muito questionamento.

Nascida no entre Guerra, ela tinha como objetivo estudar e analisar o efeito das mensagens midiáticas sobre os indivíduos que compunham a sociedade de massa. Para aperfeiçoar e favorecer as propagandas com intenções políticas e militares, assim como uma economia que agora renascia em uma industrialização também massificada com seus produtos em série e em larga escala.

A difusão da propaganda começa neste período, mas a teoria hipodérmica não se limita a este setor, ela diz respeito a um sentido mais abrangente da comunicação e das diversas mensagens que são transformadas em códigos midiáticos para chegar até seus destinatários. Ou seja, ela favorece a propagação de ideais, de comportamentos, de concepções, atitudes, valores, morais, costumes e assim por diante através das mídias de massa (cinema, televisão, jornal, internet, rádio, etc).

Seus quatro fundadores e principais pesquisadores são Paul Lazarsfeld, Harold Lasswell, Kurt Lewin e Carl Hovland. E seu marco inicial é em 1927

com a publicação de “Técnicas de propaganda na Guerra Mundial” por Harold Lasswell.

“A corrente funcionalista proposta por Lasswell buscou explicar as funções exercidas pela comunicação na sociedade e na dinâmica do sistema social. Dentre algumas dessas funções estão a de vigilância, de integração e de transmissão da herança cultural.” (BULEGON e MORTARI, 2009, p.11)

A expressão “teoria da bala mágica” diz respeito à capacidade da mensagem midiática atingir os indivíduos da sociedade de massa de forma uniforme, sendo capaz de atingir a todos não importando seu status econômico e sua classe social. Foi utilizada para a Guerra e gerar ódio ao inimigo.

“A Teoria das Balas Mágicas foi uma teoria pensada principalmente em relação aos efeitos das propagandas de guerra. Pensava-se que bastava “atingir o alvo” e a propaganda teria êxito. O seu modelo era uma simples relação de E→R, Estímulo – Resposta, influenciada pelos estudos de Psicologia Comportamental (Behaviorismo) que despontavam. A Teoria das Balas Mágicas Enunciava que os estímulos dos meios de comunicação eram poderosos, e que as pessoas reagiam de modo uniforme, pois se acreditava que existiam poucos vínculos sociais para evitar essa forte influência. Assim, se pensava que a massa poderia ser facilmente manipulada pelos detentores dos meios de comunicação.” (GUARALDO, ano)

O efeito da Bala Mágica mostrou o poder de persuasão psicológica da mensagem em seu meio atingindo seus destinatários, visto que a Mass Communication Research transformou os Estados Unidos em super potência. Criando um efeito social psicológico de manipulação, embora tenha em seu

início um caráter militar e político, esta manipulação continua sendo exercida pelos meios de comunicação à massa e com diversas intenções e uma delas poderá ser a de manter a sociedade nos pilares do paternalismo, embora seja evidente que uma transformação nestes padrões sociais devam ocorrer até mesmo para que haja uma modificação mais humanitária de se viver em sociedade e que haja uma igualdade entre não somente gêneros, mas humanos.

“A nova consciência, instaurada há mais de um século pelo feminismo, carrega dentro de si um potencial crítico e construtivo da maior importância. O feminismo clássico e o pós-feminismo – que incluem na tarefa da libertação não só as mulheres, mas também os homens – criaram o âmbito das utopias mais promissoras para a humanidade dentro de um novo pacto sociocósmico, com uma democracia participativa e aberta, com relação mais equilibrada entre os gêneros e com integração benfazeja com a Terra.” (MURARO e BOFF, 2002, p.57)

Embora a mensagem da escola funcionalista seja unidirecional, apenas da fonte para o receptor, ignorando outros elementos como a quem é destinada e características socioeconômicas e que diz respeito à própria construção de personalidade dos indivíduos em uma sociedade que é interferida e influenciada por variáveis e ilimitados fatores de moldadores de aceitação ou rejeição do que se recebe ou do que se procura receber como mensagem midiática. Ela se encaixa nesta pesquisa como moldadora de comportamentos e direcionamento de valores ainda em vigência e prática social tão antiga e mais antiga ainda que a própria escola norte-americana e suas teorias midiáticas, abrangendo com suas mensagens de forma qualitativa e sim quantitativa, ou seja, quanto mais destinatários ela atingir, melhor.

Um dos primeiros estudos feito pela Escola foram os filmes destinados ao público infantil. Ou seja, o cinema é um exercício ao qual podemos aplicar a Mass Communication Research para analisarmos mais adiante o gênero que

intitulado como ficcional da comédia romântica. Ficcional, pois ela mostra uma realidade amorosa que não existe no nosso mundo real, mas que nos faz acreditar que seja possível, tal como os contos de fada, direcionando a mulher a continuar direcionando sua vida ao amor romântico e a idealização do homem como seu companheiro.

“Essas primeiras pesquisas possuíam fortes interesses em conhecer e entender a persuasão eficaz, pois eram realizadas para satisfazer o interesse do Estado ou de anunciantes. O objetivo era saber como influenciar eficazmente a população e os consumidores, portanto, os pioneiros pesquisadores procuravam estudar quais os estímulos necessários para se obter determinadas respostas como, o apoio à causa da Guerra ou a compra de produtos.”
(GUARALDO, ano)

Continuando na escola norte-americana de comunicação, muitos estudiosos a dividem em três categorias: A teoria Hipodérmica (que já vimos), a Corrente funcionalista (quem diz o que, para quem, em que canal e com que efeito? Surgiu no final da década de 40) e a Teoria matemática (surgiu com a ampliação dos meios de comunicação e suas companhias destinadas a isso, pensando de forma binária entre o sim e o não, calcula a aceitação da mensagem pelo receptor). Pois a Teoria Hipodérmica funcionava conforme a época em que era aplicada, tendo a escola evolução e criação de vertentes que acompanhassem a evolução das mídias e dos receptores, tal como do interesse dos meios de comunicação, ou seja, da intenção do comunicador.

Há sempre em uma mensagem midiática, segundo esta teoria, um comunicador que seleciona o que quer transmitir, codificando esta mensagem conforme a mídia que irá utilizar para chegar até o emissor. Para isso a mensagem viaja por um canal e com interferências ou não (ruídos) chega ao seu destinatário que irá decodificar a mensagem a ele. Tendo feedbacks (aceitações ou não), entropias (incertezas) ou redundâncias neste processo.

Essa condição de comunicação acima trouxe uma linearidade entre comunicador e receptor, o que para muitos pesquisadores não se trata necessariamente de uma comunicação e sim de uma manipulação. A Mass Communication Research foi intensamente criticada após o surgimento de novas teorias e escolas voltadas para análise entre mensagem e destinatário. Mas, não podemos esquecer que ela nasce nos primórdios do entre guerras e sua natureza de investigação tem o caráter político da manipulação pelo qual foi criticada e que é utilizada até hoje.

“O modelo de Lasswell foi apontado por Santos como a primeira fórmula comunicacional. As críticas são a de que não estudou o ato comunicacional na sua totalidade, pois concentrou seus esforços nos efeitos, ignorando também o papel do receptor, também podemos afirmar que o pesquisador tentou sistematizar com seu modelo, um processo que não é estático. Como nos diz Santos, todavia ‘o modelo representa hoje a mais significativa da teoria das balas mágicas para o estudo da comunicação de massas’. Isso se deve ao fato de que o Modelo de Lasswell indicou aos pesquisadores algumas questões nas quais poderiam centrar seus estudos referentes à comunicação. Wolf vai além e afirma que o Modelo de Lasswell foi mais que uma fórmula, pois ordenou o objeto de estudo segundo variáveis definidas e, assim, transformou-se numa verdadeira teoria da comunicação” (GUARALDO, ano)

. Assim sendo, a primeira grande formulação de uma teoria da comunicação, a Mass communication Research é pioneira e talvez a base de todas as outras que aperfeiçoadas a partir deste modelo, otimizaram a comunicação midiática relevando outros efeitos do que apenas a sua aceitação ou não. Mas, é a partir dela que uma mensagem não apenas comunica em meios midiáticos e sim manipula transformando opiniões e valores.

Segundo SERRA (2007) quanto mais simples e inquestionável o conteúdo da mensagem, mais fácil será sua aceitação. E desse modo a aceitação da “verdade” da comédia romântica parece ser inquestionável já que o amor romântico está em nós desde a revolução Industrial movendo nossa concepção de relacionamento a dois e moldando comportamentos.

O amor sempre foi um assunto colocado e transformado em temas de muitas mensagens midiáticas, desde o trovadorismo com seus poemas cantados, desenhos, filmes, obras de arte, livros, artigos, entre tantos outros. Pois o amor é um sentimento pelo qual estamos sempre buscando. É uma fonte de inspiração humana e de objetivação da vida mundana.

Todos sem exceção querem ser amados. Nascemos devido ao amor e somos ou queremos ser criados por ele, por pessoas que nos amam, que nos protejam e nos ensine como buscá-lo de forma eficaz para que na vida sejamos também uma extensão do nosso próprio amor.

Constituir família, namorar, casar, se relacionar, transar. Por mais que estejamos mudando as vertentes e os comportamentos neste século XXI, ainda e talvez sempre tenhamos o amor como um objetivo íntimo de viver e ser feliz. Depositamos nestas relações de amor, a felicidade dos nossos sorrisos. E de certa maneira é ele que nos guia, seja o amor da família, o amor pela profissão, o amor dos amigos, o amor pela diversão, ele faz com que sejamos seres menos tristes e alimenta almas questionadoras do porque da vida.

Mas como estamos aqui falando do amor romântico e da ligação que ele possui com a alma feminina que desde menina aprende que sonhar com príncipes e esperar por um homem que mudará sua vida e lhe dará lindos filhos é o normal. Correlaciono a Mass Communication Research e sua mensagem pela mídia de massa com esse amor que torna ainda mais universal o sentimento de que o amor é como um grande final feliz e é por ele que a mulher deve lutar para ser de fato realizada. Ou seja, pelo homem da sua vida e mais uma vez caímos em uma sociedade paternalista que coloca o homem como centro da sociedade. E em gênero de entretenimento concretiza opiniões sem que mastiguemos, absorvendo e engolindo sem que percebemos isto e rindo continuamos acreditando que este é nosso real objetivo na vida, esperar

pelo amor verdadeiro, mover nossa mente e nossas ações para que isto aconteça.

Assim como a Mass Communication Resarch se direciona para uma melhoria da eficácia da aceitação de sua mensagem pelo maior numero de destinatários possíveis de forma que a amostragem quantitativa seja sua maior objetivação de exercício em detrimento da amostragem qualitativa que não é seu objetivo real e muito menos de preocupação de melhoria em relação a uma sociedade menos machista e mais igualitária no momento. Temos a comédia romântica, assim como outros meios de entretenimento que canalizam o amor romântico ainda como uma mensagem verdadeira e nos condiciona a isso.

O amor romântico rende, vende e convence. Vende livros, faz tragédias, move pessoas, comove e guia nossas fontes de energias femininas. Afinal, o que sou eu sem ser mãe? E o que será da minha maternidade sem um genitor?

4.3 O Gênero ficcional chamado comédia romântica

O amor é o centro da comédia romântica e como todo humano precisa e procura o amor, a comédia romântica vende, traz suspiros e fantasia à mente. Coloca a imaginação em um palco de espetáculo em que personagens se atritam e se reconciliam naquele ultimo minuto antes dos créditos. Um sorriso surge, uma esperança, tudo vai ficar bem, tudo vai acabar bem, o amor vence tudo, quebra barreiras, passa por mentiras e auto-enganos de tamanhos de muralhas da China. E em um final feliz vende um produto espetacular: a magia do amor romântico, sim, aquele produto da revolução industrial e da felicidade pelo o encontro deste.

“O cinema ocidental faz o amor converter-se para a realização pessoal e tomar nova forma no imaginário, pois, o amor, na cultura de massas, é o fundamento necessário e evidente da vida pessoal, integrador e sintético.” (CRUZ, 2007, p.23)

A indústria cinematográfica é especialista em trazer o prazer imediato ao seu público e o prazer imediato vem de construções rasas e não nas vivências e relações reais e conflituosas que temos em nosso dia a dia, pelo menos não mostradas dessa maneira e sim em anestésias de que essas dores e conflitos são quase nada, se não nada, pelo menos não comparado ao prazer magnífico de se encontrar o verdadeiro amor.

Embora não seja absoluta essa busca de prazeres somente anestésicos, mas há uma alegoria fantasiosa de que apenas o intelectual tem seu valor perante uma camada social mais “refinada” e erudita, assim há também a mesma fantasia que resulta na marginalização de outros gêneros. A comédia romântica se enquadra no gosto popular e de massa, por seu script fácil, pela lógica já colocada em papéis de mocinhos e mocinhas que galantemente estão uns seduzindo e sendo seduzidos de uma maneira tão simples que nasceram uma para o outro, basta perceberem isso.

Assim a comédia romântica tem seu valor fora do erudito, pois vende, pois se enlaça com o outro e ganha admiradores, geralmente de público feminino, os denominados filmes *Click flick*³⁰, ficando em um local no submundo dos gêneros narrativos filmicos, pelo menos em relação às críticas de estudiosos e dos que não a consideram como arte. Mas, como uma das donas de público, não de bilheteria, ela vende, ela rende, ela ilude e narra aos corações cheios de estrogênio uma receita de relacionamento inexistente em nosso mundo real: você está trabalhando de puta e um cara gentil e super rico, um verdadeiro Richard Gere, te contrata por dias x e te trata como uma rainha, libera o cartão de crédito e quando percebe que você é o amor da vida dele, isso em o que? Um mês? Ele irá atrás de você e te tirará da prostituição. Ou, você tem um melhor amigo, ele resolve se casar e então, você percebe que o ama. Pede a um amigo gay que se passe por seu namorado e vai atrás do seu melhor amigo se envolvendo com a noiva, a família dela, sendo super legal para

³⁰ Filmes voltados para o público feminino, baseando-se em cargas emocionais mais românticas e água com açúcar.

depois dar o bote, roubá-lo. Ou mais ainda, você é o dono de uma livraria em um lugar chamado Nothing Hill e uma estrela hollywoodiana está na cidade. Entra em sua loja, se apaixona por você e depois de idas e vindas você com certeza será o cara com quem ela casará.

É perceptível a estranheza que há na comédia romântica? Como o amor surge em questões de ínfimos dias e se torna a coisa mais importante da vida? Ou como fatos quase impossíveis acontecem mudando destinos tão rapidamente que em sorrisos e beijos tudo fica bem resolvido? E perceberam também que os três³¹ filmes citados acima como exemplo são filmes estrelados pela atriz e ganhadora do Oscar Julia Roberts? Pois é, e não foi à toa.

“uma das edições do programa televisivo *Profile4*, o qual é destinado a relatar a vida íntima de celebridades pelo ponto de vista de críticos e jornalistas. O episódio referido foi dedicado à atriz Julia Roberts, mundialmente consagrada nos cinemas a partir de seus papéis em comédias românticas (...) uma jornalista entrevistada conta que, em determinado ponto de sua carreira, Roberts passou a lutar pelo Oscar – a máxima expressão de reconhecimento e prestígio artístico em Hollywood – e a escolher principalmente personagens ‘sérios’ e com ‘profundidade psicológica’, para mostrar que era uma atriz ‘de verdade’, nas palavras da repórter. Tempos depois, num *set* de filmagens, a atriz teve a oportunidade de escolher alguns filmes de seu currículo para serem expostos na porta de seu *trailer* a fim de identificá-la. Ao fazê-lo, não incluiu nenhuma de suas comédias românticas na lista.” (LIMA, 2010, p.25)

³¹ O primeiro filme é o “Uma linda Mulher”, o segundo é “O casamento do meu melhor amigo” e o terceiro e último é “Um lugar chamado Nothing Hill”.

A crítica ao gênero filmico da comédia romântica não vem somente por parte de outros, mas de dentro do próprio elenco da comédia romântica. “personagens rasos”, “histórias melosas”, “finais felizes”, “estereótipos de bons moços e boas moças”... Assistir uma comédia romântica é assistir uma ilusão do que é amor, no que ele se baseia e sua construção sólida e seu caráter individualista que o manterá é negligenciada, pois os personagens têm que estar em simbiose, em uma paixão sintonizada que nada fere e nem machuca. É um relaxar a vista e o cérebro para um pensar mais profundo, um raciocínio e uma comoção com o mundo. É de fato um anestesiarse e talvez esse seja seu sucesso, pois todos nós precisamos ao longo da vida e de dos dias de anestésias para suportar alguns pesos em demasia.

“Eu olho para essas comédias românticas e vejo atores com o penteado impecável, arrumadinhos, e me sinto sendo anestesiada. Fico brava porque vejo muito dinheiro sendo gasto nessas coisas. [...] Não quero ser a dona de verdade aqui. Sei que há a necessidade disso [das comédias românticas], porque há vezes em que estou em um hotel e a única coisa que preciso é ser anestesiada. Eu fico repetindo a mim mesma: Deus, estou cansada de papéis sombrios, o que eu quero é um cachê gordo, então me coloque em alguma comédia romântica idiota qualquer dia desses.”

(Naomi Watts in Hessel, 2006 apud LIMA, 2010)

Naomi Watts citada acima é uma atriz conhecida por papéis mais profundos em narrações pesadas e intelectualizadas do que personagens de comédias românticas. Narrações que ocorrem em latentes momentos de profunda interiorização do eu sem que liturgias místicas ou fantasiosas ocorram sem que seja da própria intenção do diretor. Não é o enganar por anestesiarse, é um chocar por ilustrar. Seu primeiro filme de sucesso foi o comentadíssimo

“Cidade dos sonhos” de David Lynch³² em que em uma relação bissexual de tramas e obsessões e perseguições em que mente e realidade se fundem e (nos) confundem, ela despontou e assim se manteve, sem ser uma carinha bonitinha de sorriso branco em filmes em que ser mocinha significa ser a mulher ingênua e a espera do amor romântico, suspirando por ele ou atravessando o mundo apenas para dizer àquele namorado que partiu sem se despedir direito que ele que você quer para o resto da vida.

David Lynch pertence ao lado Cult³³ do cinema, em um estilo que valoriza o pensamento e a racionalidade por meios de junções subjetivas de narrar um filme, tecendo teias de personagens psicologicamente mais trabalhados com dilemas maiores ou mais existenciais. Contrário a essa produção de massa e voltada para uma audiência massiva que encontramos no cinema *Cinema Mainstream*³⁴ do qual Hollywood ostenta tanto com suas super produções e suas narrativas que não ganham outras formulas, reciclando-se muito pouco em uma indústria cinematográfica voltada para a massa, entretendo-a e não a fazendo pensar.

Segundo LIMA (2010) “O cinema industrial se enquadra naquilo que o autor chama de ‘estética popular’, uma preferência do consumidor burguês rechaçada pela elite intelectual.” para o filósofo e sociólogo Frances Pierre

³² Diretor, roteirista e produtor cinematográfico norte americano. Possui um estilo próprio em que sonhos e surrealismos se misturam criando esferas mais psicológicas e antagônicas da alma humana. Os seus filmes mais conhecidos são “Veludo azul”, “o Homem Elefante”, “Twin Peaks: Os Últimos Dias De Laura Palmer”, “cidade dos sonhos”, entre outros.

³³ Cult vem da palavra culto e intitula os filmes ou produções de outras mídias quanto sua capacidade de inovação e permanência e resistência de culto de fãs em uma longevidade além de modismo, sobrevivendo a seu tempo e transmitindo uma carga cultural a um nível superior de devoção e alcançando outros meios de comunicação além de sua plataforma original. No cinema, geralmente são filmes de baixa renda ou fora do circuito hollywoodiano que se tornam cults.

³⁴ Filmes produzidos com base no coletivo imaginário e que visa uma multidão de espectadores em seu lançamento.

Bourdieu³⁵, quem em análises críticas às super produções de Hollywood traz pontos e visões negativas quanto à estética e a arte que não se enquadraria na categoria “arte” já que foge de uma estética semântica mais rica em linguagens cinematográficas. Trazendo um “faz de conta” sem elementos de maior desenvolvimento em todos seus níveis de caráter fílmico e narrativo que faria do filme ser uma arte propriamente dita, que não se dá e muito menos se constrói apenas pela lente de uma câmera. O problema da comédia romântica não é sua estrutura propriamente dita e sim a superficialidade em ela mergulha trazendo uma história como se fosse um conto de fada adaptado. Da pobreza psicológica de seus personagens, como de seu tempo e espaço, até seu roteiro que escapa às oposições e variáveis da vida, esquecendo-se das subjetividades e das abstrações que nos rodeiam ou ainda, faz dessas subjetividades rasas e idealizadas andando contra movimentos que buscam a libertação da mulher de que só o amor verdade possa salvá-la ou fazê-la feliz. .

“Os protagonistas da comédia romântica são facilmente comparados aos príncipes e princesas infantis, contando com a ajuda de fadas madrinhas para atingir seus objetivos. Nesse contexto, o grande ensinamento é de que os heróis precisam “escutar o coração” para se tornarem, efetivamente, heróis. São os sentimentos nobres que os guiam ao seu final feliz, pois a escolha mais racional implica na infelicidade. Assim, apesar de todos os obstáculos, o casal fica junto e o sonho do amor eterno é realizado. Esse sonho condiciona de alguma forma a felicidade da mulher, protagonista, à companhia de um homem. Mesmo que seja bem sucedida financeira e materialmente, ela será apenas uma “pobre menina

³⁵ As críticas de Pierre Bourdieu concentram-se em sua maioria no caráter intelectual e focado na desigualdade entre sociais e em diversas áreas de estudo, que faz dele um grande nome da ciência humana embasando-se na área científica.

rica”, enquanto não encontrar seu grande amor.”
(LIMA, 2010)

A crítica à comédia romântica não é pelo seu gênero de entretenimento e tão pouco por pertencer ao cinema industrial voltado à massa e sim à mensagem que ele passa fazendo uma ponte de identificação com seu público em uma estrutura da superficialidade não apenas dos dramas que são altamente pessoais e dos mais variados tipos na vida, sendo eles aqui secundários, alias tudo é secundário na comédia romântica a não ser o amor, o par perfeito, aquele que dará sentido à vida da mocinha. E este é o problema dessa investigação, estamos o tempo todo falando e ressaltando os diferentes padrões e conceitos do que vem a ser mulher, do que ela pode ser além de uma imagem ingênua e romantizada em que o emocional se sobressai e a razão aos homens pertence. Estamos tentando combater o machismo, a falsa idéia de que mulher é só suspiro, só mãe, só se realiza com amor idealizado e só se acha no outro, no amor heterossexual e tão bem estruturado que anula toda uma verdade, a realidade da vida e embora muitas pessoas consigam ver isso, elas acreditam, elas pedem, elas insistem: pelo amor desses de filmes de comédia romântica, no final feliz, no placebo da alegria do para sempre. “Indo, de certa maneira, na contramão das conquistas do movimento feminista” (LIMA, 2010).

Além disso, há a representação da mulher neste gênero que irá alimentar toda essa narrativa e muitos dos conceitos de padrão de beleza e de estilo de vida que uma mulher bem sucedida sentimentalmente deverá ter. Essas construções são os pontos chaves para que a comédia romântica não venha a ter uma coerência com a mulher real ou com o que a mulher deveria ser e buscar ser, tão pouco porque ela é e sempre será um ser diferente do outro, até mesmo de outras mulheres. É a generalização pelo genérico, pelo padrão e o padrão aqui só é aceito se for belo e se o belo for tênuo ou não, aí já não entra em questão. A beleza abre portas e a inteligência... Bom, a inteligência não é exigência ao gênero.

Quem é aquela linda mulher sobre holofotes da comédia romântica? Quero ser como ela!

As mulheres, as heroínas da comédia romântica são sempre lindas, magras, sem manchas ou protuberâncias na cara e se tiver mau gosto com roupas ou cabelo desajeitado, não se preocupe, no meio do filme ela irá modificar-se. Ah, elas também são ótimas por dentro. Bondosas, altruístas, generosas, caridosas, humanas em sua verdadeira face de compaixão com o próximo. Elas são o que há de melhor da perfeição e mesmo quando gordinhas, os quilos a mais não passam de uma mera adição de curvas a mais, nada de obesidade e nem nada de defeitos e erros graves. Isso a mulher da comédia romântica não tem jamais.

Além de trazer à mulher um ideal de relacionamento e de felicidade que deveriam já não mais existir ou ter cabimento em nossos dias. Traz um modelo de mulher que como os anúncios publicitários e as revistas de moda nos fazem querer atingir um padrão de beleza inalcançável, trazendo insatisfações da mulher com si mesma, com seu corpo, seu rosto e até mesmo o que obtém de si e dos outros.

“Uma série de valores é transmitida e reforçada pelo discurso da comédia romântica, dialogando inconscientemente com seu público (...) pode-se verificar que os padrões e beleza hegemônicos são sustentados e reafirmados pelos filmes de comédia romântica. É bastante freqüente que, no desenrolar das narrativas do gênero, a mocinha precise reformular sua aparência ou sua maneira de se vestir para ser bem aceita pelos seus pares e pelo herói. Nesse momento, ela escolhe as marcas mais caras e as roupas que representam o padrão de moda da sua época: é bastante comum a presença de seqüência de montagens rápidas, em que uma música alegre toca enquanto a heroína vai às compras, como um suporte

ao comportamento consumista. Assim, as câmeras elegem certo tipo de beleza para identificar suas protagonistas: beleza que passa, quase necessariamente, pela magreza, senso de moda e juventude.”

A mocinha da comédia romântica é aquela que é passível de transformação e de receber e doar amor sem que haja maiores complicações. Ela é dócil, Ela é forte e determinada, mas sem perder a leveza de ser a companheira ideal, às vezes meio maluquinha, mas tão especial que maluco mesmo seria o homem que não se apaixonasse por ela. E assim, aquele estranho que a ajuda em sua busca por seu amado ou que ela achava ser seu amado, mostrará a ela que na verdade é ele, pois ele sim a percebe e a aceita com todas suas qualidades, por que cadê os defeitos dessa jovem e bela moça? Não há!

A revista Vogue em 2012 fez uma matéria intitulada “Como escrever uma comédia romântica”³⁶ em sua formula nada mágica e nada imprevisível ela coloca no terceiro item:

“3) PERSONAGENS PRINCIPAIS: A personagem principal deve partir em busca de dois desejos centrais: o primeiro, é, claro, o romance, que a personagem fará tudo para conquistar; o segundo objeto de desejo será algo que entrará sempre em conflito com o primeiro desejo e que resultará nas situações humorísticas” (OLIVEIRA in Vogue online, 2012)

No item quatro, a autora do artigo fala sobre os estereótipos dos personagens e como dar um jeito em camuflar isso:

³⁶ Artigo disponível online em: <http://vogue.admin.xl.pt/preview/4721como-escrever-uma-com%C3%A9dia-rom%C3%A2ntica.html>

“4) PERSONAGENS SECUNDÁRIAS: A fórmula básica das comédias românticas requer que se diminuam todos os homens e mulheres a estereótipos – a mulher preocupada com a carreira e que não está preparada para o amor, o *playboy* que não se quer comprometer, entre outros. Como, compreensivelmente, a audiência pode achar tudo isto um pouco... insultuoso, é recomendável a inclusão de personagens secundários que têm a ingrata tarefa de dar alguma profundidade aos personagens principais.” (IDEM, 2012)

E assim o artigo segue até chegar ao item dez que é o essencial final feliz. A revista Vogue dá a fórmula nada rica em uma narrativa pobre de como fazer uma comédia romântica e mostra a superficialidade da mulher nesta construção. Não é culpa da revista e muito menos de sua autora, mas sim da própria comédia romântica que deturpa a imagem da mulher, dos elementos femininos (e não somente eles) e do amor em si, trazendo teias de ação em que caímos desde criança e por algum motivo inconsciente, acreditamos como acreditamos em contos de fada em que a princesa dorme e se apaixona por um beijo que a desperta para a vida. Bela sem rugas deitada na cama, dormindo profundamente enquanto a vida é um sonho apenas, pois ainda não fora despertada para o amor e seu príncipe ainda não chegou, mas ele há de chegar e enfrentar dragões, lindo e rico. Viva o mundo das ilusões.

Finaliza a autora do texto:

“E assim, em menos de nada, estão habilitados a escrever uma comédia romântica à boa maneira americana! Vemo-nos nos Óscares! Ou talvez não... porque com comédias românticas, são capazes de não chegar lá...” (IDEM, 2012)

As ilustrações de Amanda Mol e os contos de fada

“Nas primeiras décadas do século XX, a comédia funcionou como grande atrativo para um público que começava a se familiarizar com a sétima arte. Com técnicas herdadas do circo e do teatro, a habilidade e o talento dos atores do cinema mudo conquistaram multidões. Com as comédias românticas, o amor veio se juntar ao riso para contar histórias que resgatam a magia dos contos de fadas.” (ABRANTE, 2004, p.12)

Mass Communication research, amor romântico, comédia românica, publicidade e propaganda, indústria do entretenimento. As meninas são bombardeadas de amor românico e de suspiros pelo príncipe que irá salvá-las desde a infância, renegando a si mesmas para ficar com aquele que elas amam (Pequena sereia)

Os contos de fadas ilustram amores especiais que tiram a mulher, heroína no caso de sua condição de dormência na maioria, como é o caso de a Bela adormecida e Branca de neve. Apenas o beijo do verdadeiro príncipe poderá acordá-las.

“O beijo não é somente a técnica-chave do love-making, nem o substituto cinematográfico de uma cópula proibida pela censura: o beijo é o símbolo triunfante do papel do rosto e da alma no amor do século XX. (...) Portanto, o beijo não é apenas o tempero picante que condimenta qualquer filme ocidental, é a expressão profunda de uma concepção do amor que erotiza a alma e mitifica o corpo” (MORIN, 1989, p.105, apud ABRANTES, 2004).

Rapunzel vive em uma torre trancada em espera por seu amor que irá escalar sobre seus enormes cabelos para chegar até ela (como se não houvesse dor neste processo), pequena sereia renega sua natureza e sua bela voz para se aproximar daquele que ela imagina ser o homem da sua vida.

Cinderela dança com um homem e ali percebe que ele foi feito para ela ou vice versa. Os contos de fada são destinados às meninas que sonham com os vestidos, a beleza e a fé no amor de suas ídolas que se casam no final e vivem felizes para sempre.

“A magia dos contos de fadas exerce fascínio principalmente sobre o público feminino. Os rituais que precedem o encontro da heroína com o príncipe despertam no imaginário o sonho eternamente acalentado de ser feliz através da realização pelo amor. Os obstáculos a serem transpostos para concretizar a união são um tempero adicional ao romance, além de alimentar a esperança de que é possível vencer as vicissitudes da vida real.” (ABRANTES, 2004)

Nos contos de fadas tradicionais as mulheres ou eram as mocinhas puras de coração inocente e ao mesmo tempo forte e honrado, ou eram bruxas más que movidas pelo egoísmo agem em pró de si mesmas passando por cima de todos, malignas e frias. Ou papéis secundários de fadas, embora se chame Contos de fadas. É óbvio que toda menina queria ser como as mocinhas.

“Nos contos de fadas tradicionais, as características exigidas a mulher são: beleza, modéstia, pureza, obediência, recato e absoluta submissão ao homem (pai, irmão, marido). Enfatiza-se a ambigüidade da natureza feminina. A mulher e a causa do bem e do mal, detém o poder de salvar o homem por meio da sua bondade e amor, ou de prejudicá-lo com seus ardis e traições. Pode ser a amada divinizada ou o repudiado demônio, a fada ou a bruxa.” (SANTOS, 2009)

É no desfecho de história que aprendemos: esperar pelo príncipe, casar! Embora com a mudança dos comportamentos e a independência da mulher, vemos novos contos sendo produzidos em que o desfecho não ocorre

como esperado. Valente é uma menina desajeitada que deveria se comportar como uma dama e se casar com seu prometido, mas não, ela é ousada e curiosa demais para isso, assim como a Alice de Tim Burton que opta por não casar e viajar o mundo.

Shrek foi o precursor nessa mudança de visão romântica dos contos de fada, propondo uma atenção para as necessidades individuais da pessoa e não uma renúncia a tudo que se acredita ou viver esperando pelo outro. Já começa que o mocinho do desenho é um ogro e não um príncipe.

A princesa Fiona é metade humana linda e bela e metade ogra, verde e gorda. Mas mesmo em sua forma humana idealizada, ela é corajosa e sabe se defender (apesar de ficar passivamente na torre esperando o seu príncipe). O final de ambos protagonistas é o esperado: ficam juntos, mas as continuacões mostram as complicações e neuroses do relacionamento tanto entre eles como com seus familiares.

Santos (2009) analisa a mutação da princesa Fiona de mulher perfeita para a ogra desajeitada, repulsiva e coloca isso como a dualidade feminina, assim como vemos na igreja católica representadas por Eva e Maria.

“No filme Shrek, a metamorfose sofrida por Fiona, transformando-a com o surgir da luz solar em mulher desejada e ao escurecer em ogra repudiada, representa bem essa ambigüidade feminina. A mulher que surge no dia, em pleno resplendor da luz solar, e linda (segundo os padrões de beleza ocidental), protótipo de princesa encantada dos contos de fadas tradicionais, submissa ao extremo, cuja perfeição física e comportamental é enfatizada. A ogra noturna não detém beleza aparente, pelo contrário, a imagem de ogra e a de uma mulher que devora homens, a fêmea perigosa e perversa, aquela que o bom senso e o temor masculino aconselham evitar. Assim, convivendo com identidades por vezes antagônicas, Fiona oscila entre a perfeição física e a feiúra, a submissão e a insubmissão, o bem e o mal”.(IDEM)

O feitiço de Fiona só será quebrado (assim como nos outros contos de fada) pelo beijo do amor verdadeiro e surpreendentemente seu amor é Shrek, o ogro estúpido que gosta de ficar sozinho e tem manias tão grotescas quanto um sapo e não um príncipe. E neste beijo que quebra seu feitiço, Fiona deixa sua forma bela e idealizada para ser de uma vez por todas a ogra.

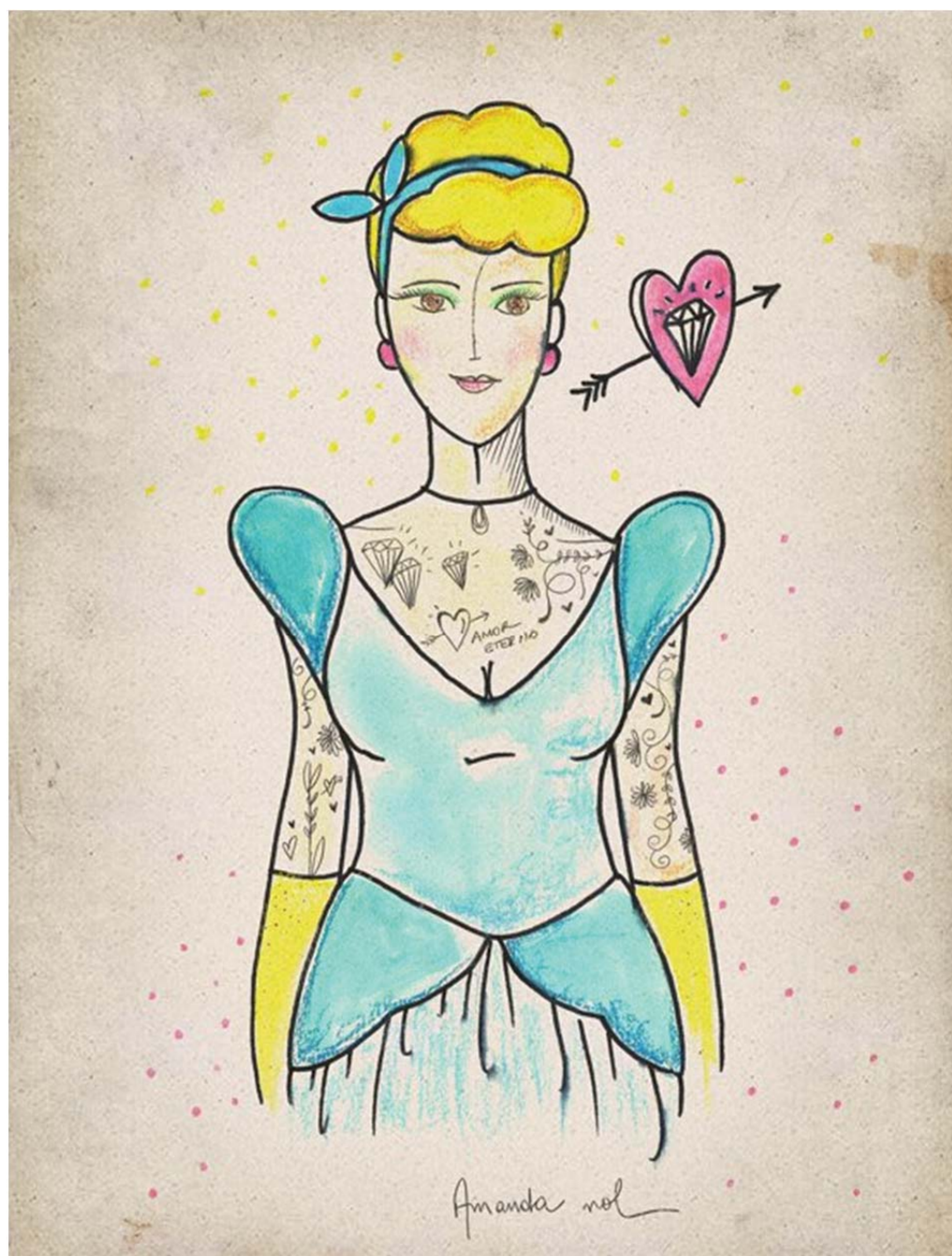
Mas em contra ponto aos contos de fadas tradicionais citados, temos também uma apropriação desses e uma modificação de suas histórias para que se destinasse ao público infantil com certa ingenuidade e infantilidade, mesmo que haja elementos subliminares.

A história da Bela adormecida, por exemplo, fazia parte dos contos dos irmãos Grimm e antes de ser uma princesa deitada em sono profundo à espera do amor verdadeiro, na versão original se trata de uma adolescente que fora estuprada em sono e que acorda com a mordida de um de seus filhos que queria mamar em seu peito, dando a luz a frutos do estupro que fora vítima.

“O conto da Bela Adormecida divulgado antes da publicação dos contos dos Irmãos Grimm contava a história de uma jovem estuprada por um príncipe casado, enquanto dormia, dando a luz a bebês gêmeos, ainda em sono profundo. Ela desperta com a mordida de um dos filhos na ânsia de mamar. A mãe do príncipe descobre o adultério e tenta assassinar e devorar a princesa e os bebês” (RIBEIRO, 2005 apud SANTOS, 2009).

A Disney modificou sentidos e significações, transformou a perigo em cordialidade. Mas não só o comportamento está se modificando das mulheres em nossa sociedade ocidental capitalista, como a indústria do entretenimento está percebendo e tentando acompanhar estas mudanças que mesmo que sutis, trazem valores e exemplos agregados em si.

As ilustrações abaixo são de Amanda Mol, uma jovem mineira de 23 anos. Designer de moda por formação e ilustradora de coração. Formou-se pela faculdade Senai-Cetiqt, na cidade maravilhosa, Rio de Janeiro, cenário escolhido para dar os primeiros passos em sua carreira. Hoje, de volta à terra natal, Varginha (MG), trabalha em seu atelier: cantinho de paz e inspiração. De lá as criações ganham asas, colorindo pessoas e lares por todo Brasil (e mundo!). Amanda é sonhadora e vê a arte como ferramenta de provocar sorriso, otimismo e carinho.





O sucesso de Summer e seus 500 dias com ele.

Summer é uma garota diferente, se veste diferente das outras meninas e tem um jeito peculiar de lidar com a vida, com seus relacionamentos. E desde o momento em que entrou em seu novo emprego na empresa em que Tom trabalhava como escritor de cartões, embora seja um arquiteto já formado, ele se interessou por ela.

O filme tem a perspectiva de Tom em uma não linearidade que narra seus 500 dias ao lado de Summer, sua admiração, o início da relação e do término variam conforme ele conta à sua irmã mais nova, e bota mais nova nisso, que chamada pelos amigos o socorre em uma crise de tristeza e raiva por ter levado um fora de Summer.

O segredo de “500 dias com ela” – o título do filme em português – é que não houve um final feliz, não pelo menos a esta relação que desde o início já mostrava que algo faltava na construção e na base daquele envolvimento. Summer parecia estar distante, embora fosse engraçada, bonita, uma ótima companhia e interessante, havia algo em seu olhar que avisava Tom e que ela mesma deixou claro que não procurava nada sério (tal como a ilustração de Rosário Pinheiro na página 249 – colocar página). Tom por sua vez ignorou os avisos e em uma paixão avassaladora viu seu coração partindo no momento em que Summer diz que não quer mais. E posteriormente quando ela o convida a uma festa e conta a ele que está noiva.

Summer (Verão em inglês) é uma garota real que por algum motivo não quis se envolver de verdade e estabeleceu desde o início uma barreira na relação com Tom e nem mesmo se permitiu amá-lo como poderia de fato amar. Mas como a visão do filme é de Tom, nunca saberemos o que levou Summer a não acreditar no amor naquele momento de sua vida e depois permitir a isso. Só vemos e assistimos a versão de Tom que bom humor e um pouquinho de depressão pós-rompimento traz em uma divertida narrativa esse romance falido.

Os 500 dias acabam exatamente quando Tom propõe-se a mudar sua vida, opta de verdade pela arquitetura e se abre a uma nova possibilidade de relacionamento com uma garota que embora não seja exótica como Summer já o notava antes e representa as pessoas que passam na nossa vida e que nem percebemos como um selecionar de foco desfocado. A gente só enxerga o que quer e quem quer. Antes Tom só enxergava Summer que faz uma brincadeira com a resposta da garota que convida para tomar um café após a entrevista: Autumn, que é Outono em inglês, mostrando assim uma nova estação, um novo ciclo, como deve ser e como realmente deveríamos olhar para os relacionamentos e não como uma visão cômica a La contos da Disney.

Assim como “500 dias com ela” há filmes que tentam mostrar de um lado mais engraçado e leve o real desfecho de alguns relacionamentos, pois, o final feliz e o “felizes para sempre” não existe. Por mais que o casamento dure o resto da vida, há as dificuldades, há conflitos e suas dores que nem sempre podemos controlar. Há como mostrar tudo isso sem ser de fato um peso, um drama e sim mostrar que relacionamentos são de fato como são, com dificuldades, com duas pessoas que precisam se adaptar uma a outra, com homens e mulheres reais e não padrões de academias misturados com ratos de bibliotecas.

Isso me faz lembrar outro filme, outra história outro enredo, o título é “O filho da noiva”, um filme Argentino de 2001 do diretor Juan José Campanella. Também em uma perspectiva masculina, o filme traz a delicadeza das relações humanas. Norma está com os primeiros sintomas de Mal de Alzheimer e seu marido com quem é casada há mais de 40 anos a pede novamente em casamento para trazer à memória da esposa a história e o amor de ambos. O filho de Norma, Rafael e no caso o filho da noiva começa a partir daí ver o mundo e sua vida com outros olhos. Atento ao carinho de seu pai com sua mãe, ele percebe outros sentidos da vida e como é minucioso o envolver-se e entregar-se a uma relação com outra pessoa, mas a tocável experiência que isto pode vir a ser.

O filho da noiva tem a impressionante e admirável visão de um homem com seu afeto e carinho com as mulheres. Carinho que deveria ser o essencial

desfecho e não o final feliz, pois felicidade é um momento, assim como tristeza e outros sentimentos. Mas carinho, amor, devoção, companheirismo e até autoconhecimento, como Tom está adquirindo em superar seus 500 dias com Summer, são sentimentos mais profundos que não mudam num piscar de olhos ou somem como as areias de uma ampulheta que quebra ao impacto do chão, isto sim deveria ser valorizado.

O fato é que a mídia está sempre comunicando a imagem da mulher, dos relacionamentos inter humanos e das condições de corpo, sexualidade, afinidade e desfechos. Essas mensagens são diálogos criados com seres que captaram valores, exemplificações e construirão em si imagens pré moldadas em roteiros, figurinos e os outros elementos filmicos que transportam da tela aos olhos modelos femininos que reais ou irreais estão sendo expostos.

“A imagem do feminino representada pelos meios de comunicação apresenta uma linha evolutiva em termos estéticos, que variam através dos anos e nesse período tem sugerido padrões e modelos para o consumo da sociedade.” (SANTOS e VELOSO, 2010)

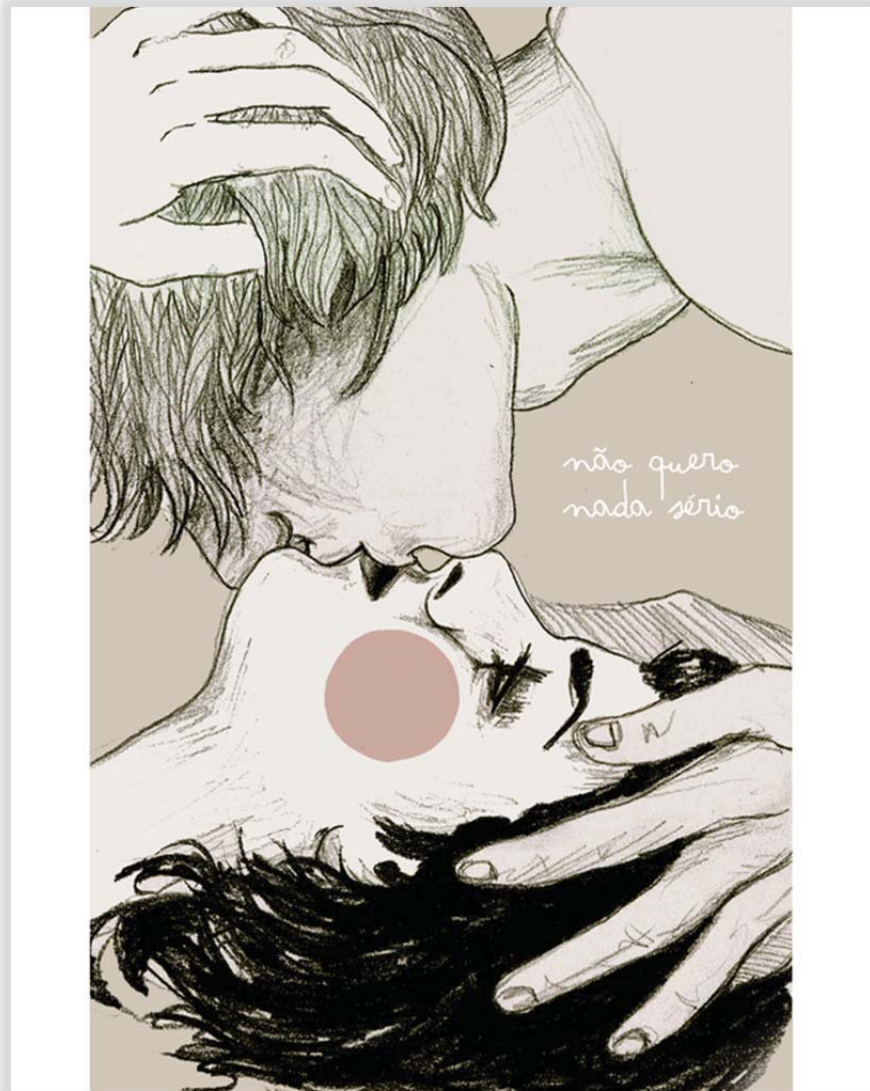
E este breve ao de comunicar deve-se conter os cuidados desse paradoxo em que vivemos entre masculino, feminino, igualdades, sexualidades e contrastes tão fortes e tão simples que cuidar para comunicar deveria ser o elemento base da comunicação e não a chave da venda ou do negócio da galinha de ouro “hollywoodiano”. Comunicar é falar no entre linhas sobre uma sociedade, sobre padrões e valores. É mostrar a um determinado publico o que é “certou” ou “errado”, o aceitável e o desprezível.

“O comportamento social recebe influências dessa mídia no que diz respeito à formatação de um corpo ideal, considerado símbolo de sucesso e poder entre as mulheres dessas gerações. A padronização desse modelo determina uma série de fatores – desde os de

ordem psicológica até os de ordem social – que cria o pensamento responsável pela construção de um novo feminino, caracterizado por um corpo artificial, construído, surreal.” (IDEM, 2010)

500 dias com ela fez sucesso, pois mostra a verdade das decepções, o relato do “não deu certo”, “como continuar vivendo após a frustração amorosa?” – E a realidade é diferente das comédias românticas ou dos contos de fada, sem tanta fantasia, com mais azia e mais irracionalidade de sentir e não digerir a fragilidade do que vem a ser se relacionar.

“NÃO ÉS TU, SOU EU” – De Rosário Pinheiro.



Essa é uma das ilustrações da primeira exposição da artista portuguesa Rosário Pinheiro, realizada em 2012 em Aveiro, Portugal. Exposição que recebe o título acima. A exposição contou com desenhos feitos em A5, onde espaços em branco se misturam com traços e cores de dois amantes que com a frase fica a entender a desculpa usada no termino.

Rosário Pinheiro é uma artista portuguesa da qual coloca sentimentos em seus trabalhos. A beira de partir a uma viagem consigo mesma ela criou as ilustrações que perfeitamente recebem o título de “Não és tu, sou eu”, ilustrações essas que a artista colocou no papel as emoções de relações que não deram certo e em seu desfecho a frase que intitula seu trabalho cai como luva da boca daquele que rompe e nos ouvidos daquele que escuta.

Em um bate papo com a artista, ela revelou que o trabalho aqui citado ganhou forma depois de um rompimento de namoro e coincidiu com rompimentos de relacionamentos de pessoas próximas de si, o que a levou colocar não só seu momento e sua antipatia pelas desculpas esdruxulas do dizer ao outro: Não és tu, sou eu. Como se uma relação fosse construída e desconstruída por um apenas, a mentira de não saber dizer: Não quero mais! Ou simplesmente ser franco, enquanto frases de teores negatórios que já impedem de pessoas se abrirem a uma relação.

Fica pairando no ar a fragilidade das relações e a superficialidade das mesmas, muitas já começam assim, impondo limites de até aonde o outro pode ir e uma linha imaginária se cria para que as coisas não ganhem outra dimensão. Pode até que sejam verdade muitas delas e talvez realmente sejam. Muitas das frases que Rosário utiliza em seus trabalhos me fazem lembrar relacionamentos que vi de perto, ou até mesmo que vivi.

Na minha pré-adolescência houve a transição do termo namoro para o atual ficar. Eu acompanhei o desaparecimento da frase de qualquer menino interessado em uma menina de “quer namorar comigo?” para “quer ficar comigo?”. E o que é o ficar se não uma experiência de uma só noite, de beijar e se acariciar sem que maiores intenções estejam envolvidas? O contrário da representação do namoro que carrega em si o peso de casar e ter filhos, como se namorar fosse estar destinado ao outro, mas nós sabemos, nós sentimos que

a vida não acontece como o planejado, é um roteiro em que duas pessoas se encontram, se esbarram.

Os relacionamentos que vivemos hoje e presenciamos de perto ou de longe, mostram isso, as parábolas que criamos cheias de metáforas que não acompanhamos. É um abrir de portas e encerrar de fechamentos antes mesmo de colocarmos sentimentos. Não permitindo namoros, não permitindo o adentrar no outro.

É mais raso, é mais livre, é mais libertário, é mais frio. E o que tem a ver a adolescência com esses relacionamentos que chegam precocemente ao fim ou tem fins deferentes para que sexo seja elaborado sem de fato ter um contato mais invasivo? Invasivo, pois, não se quer e nem se deixa ter orgasmos além do físico.

A adolescência é um processo ao qual o ser humano passa em que crises e provações ocorrem, é um período de entender o mundo, as emoções, o externo e o interno, saber e tentar conseguir lidar com o subjetivo da vida. É uma transformação da infância para a maturidade emocional. Uma construção de si com seu mundo a fim de formar seu caráter, seus valores e saber lidar com suas emoções.

“A adolescência é considerada a fase de passagem de um círculo social restrito e primário – a família – para um universo social muito mais amplo e secundário – o mundo todo. A entrada no “mundo”, a conquista da autonomia, a “independência” volitiva e intelectual, a superação da tutela econômica e jurídica, são alguns dos reconhecimentos da prontidão social do adolescente. O senso comum também reconhece a adolescência como o momento de ingresso no mundo adulto e na sociedade mais ampla.”

(JUSTO, 2005)

A maneira de se relacionar mudou. O modo como as pessoas se aproximam, como elas se dão ou não se dão simplesmente, tudo mudou. E as frases do trabalho de Rosário me fazem pensar o quanto isso refletiu do adolescente para o adulto. E embora a adolescência tenha se estendido por mais alguns anos na vida do ser humano e na sociedade imediatista em que vivemos aonde tudo já vem pronto e a assimilação com o abstrato e o efêmero são de colisão, não de absorção tal como o imediatismo pede, ele quer já, agora; mas eles não podem ser entendidos ou associados tão rápidos. Relacionar-se é quase como um fastfood, se você gosta, você volta, se não gosta, dá as costas, separa o reciclável do orgânico, joga no lixo.

A instabilidade, a mobilidade e a carga errônea que é colocada no adolescente muitas vezes se encontram no adulto, sendo a adolescência um período mais mental hoje do que físico. Os relacionamentos são tão instáveis quanto seus seres participantes, voláteis e maleáveis. Mas toda essa mudança vem acompanhada de sua própria sociedade, sociedade esta que alterou a forma de consumir, de viver no tempo real e não mais precisar objetivar o tempo para que algo ocorra. Estamos vivendo, consumindo 24 horas por dia em 365 dias por ano mercadorias e pessoas. A distância é curta e tão relativa que podemos chegar à China por um clique apenas e não precisar mais de um barco ou um avião.

“Dentro dessa lógica, o futuro não está por vir, mas já chegou, podendo até ser adiantado como acontece com a antecipação do consumo por meio da compra mediante o sistema de crediários ou de outras formas de endividamento.”
(JUSTO, 2005)

O adolescente reflete isso e conseqüentemente o adulto, seus relacionamentos, sua maneira de interagir e usufruir de suas relações. O “ficar” é o verbo do envolver-se. “Ele fica com a menina e do beijo e da carícia nasce ou não o desejo”. “Ela fica com a amiga e descobre que sua sexualidade é na verdade ambígua”. O “ficar” coloca as pessoas como mais deliverys e desperta

sensações diferentes do antes. O plano agora não é se casar e constituir família, aliás, mesmo que seja, o antes disso é tão importante como a escolha de quem fica para sua vida, pois as opções são muitas e experimentar é ficar e ficar é ter base de comparação, é viver, é estar no momento e não para o todo sempre a não ser que assim se deseje.

“A cultura do descarte é outra marca da contemporaneidade que enaltece a adolescência e vitimiza especialmente os idosos. O consumismo depende, evidentemente, do descarte de objetos de consumo com a consequente renovação da demanda. É também evidente que a propensão para descartes depende de uma disposição psicológica na relação com os objetos, de tal forma que o abandono e o descarte sejam premiados com o prazer e as práticas de retenção e conservação sejam castigadas com o desprazer. Tal disposição para o descarte estrutura-se no plano emocional afetivo orientador das relações do sujeito com as coisas do seu mundo, incluindo aí, primeiramente, as outras pessoas como principais objetos de suas relações e visadas do seu desejo. Portanto, as atitudes para com as ‘mercadorias’ propriamente ditas inevitavelmente estarão relacionadas com a orientação geral para o mundo e com o tipo de vinculações estabelecidas como os chamados ‘objetos de consumo’ mas com todos os objetos. Na verdade, ele designa um modo de relacionamento do sujeito com seu mundo instaurado pela efemeridade e o imediatismo.”
(JUSTO, 2005)

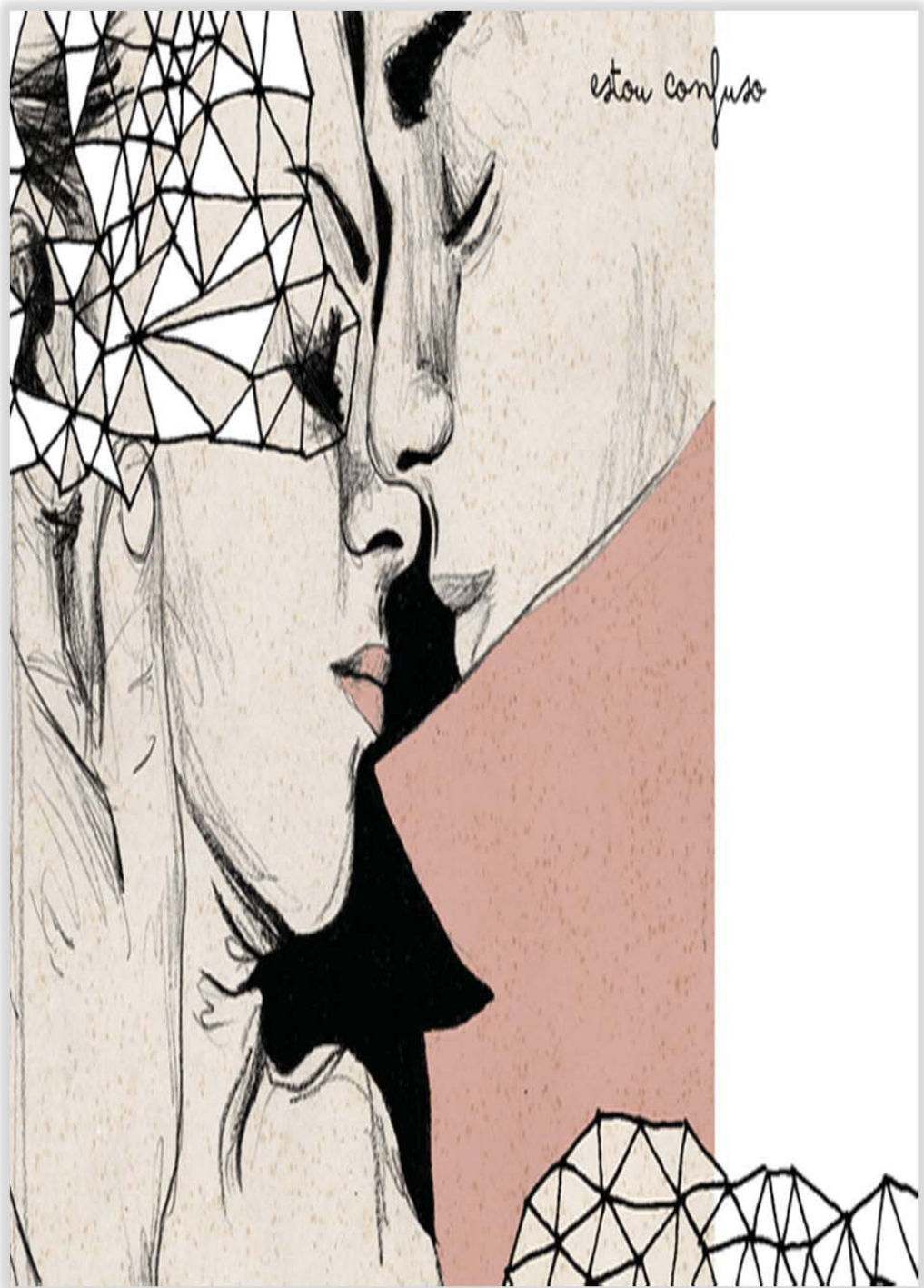
O que mais gosto nas ilustrações de Rosário são os espaços em branco brincando com as composições. São como espaços não preenchidos e vácuos que ficam vagos e desestruturados pelo não, não importando as frases de desfazer laços, mas colocando a falta de cor, de continuação.

O ficar, a velocidade dos relacionamentos, seus prazeres e desprazeres, o querer buscar o novo, ser o novo, tudo isso fica a beira da imaginação de ver e ler Rosário que aos seus 24 anos teve a maturidade emocional e como Sophie Calle³⁷ para transpor um fim em nascimento, aqui no caso, de seu trabalho.

Selecionados mais quatro dos desenhos da exposição, estes preenchem as próximas páginas em que intimidade e distanciamento se encontram. Os espaços que sobram da folha são sobras de si mesmos. E em análise a estes, o primeiro de todos, ao qual guardei uma página inteira, fica em primeiro no meu gosto. Embora esteja lá em cima, ao topo, talvez até mesmo pelas minhas últimas vivências, faz na minha percepção do blache na bochecha, a pele pálida e as expressões da mulher mais estáticas, uma verdadeira boneca a qual está ali sendo um objeto de diversão ou de uma verdadeira brincadeira de emoções, ao ouvir “eu não quero nada sério”.

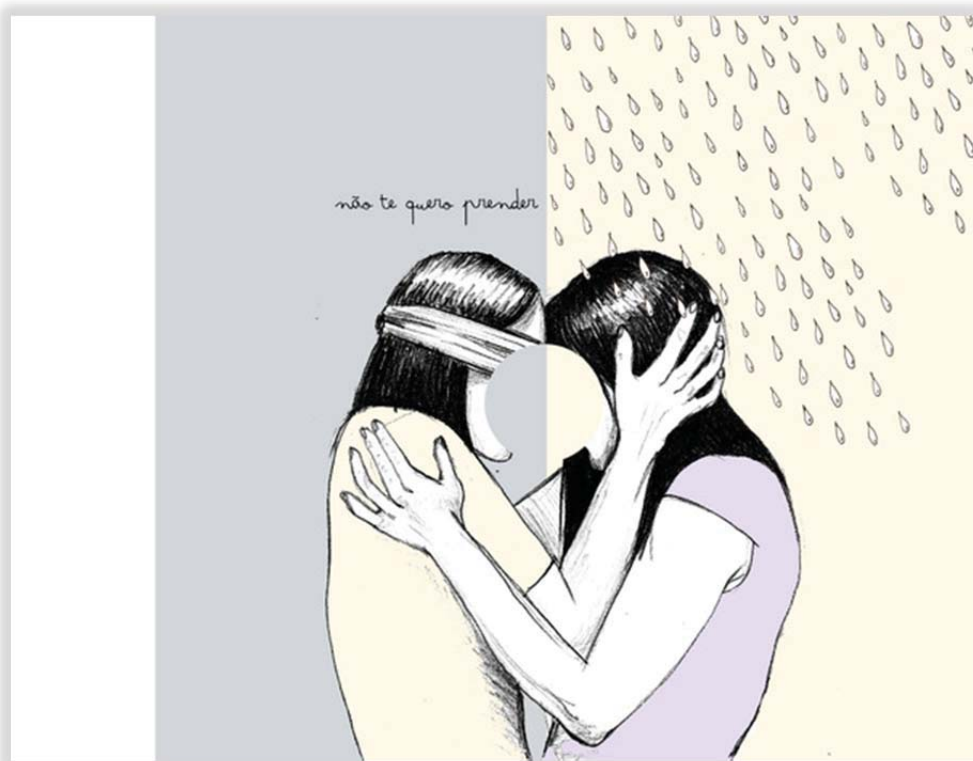
Cada indivíduo vai trazer um pouco de si nas leituras desses desenhos (e esta é a mágica da arte). Vai deixar passar na mente seu próprio filme de vida. Relembrar algo ou alguma experiência de um relacionamento que por motivos aqui não discutíveis não perduraram. “Não és tu, sou eu” somos todos nós na verdade.

³⁷ Sophie Calle será citada com maior aprofundamento no último capítulo, em que sua citação traz o surgimento da elaboração desse livro.



quem sabe, um
dia pode resultar





Hoje, aos 25 anos, Rosário possui mais trabalhos e parte para uma realização profissional e pessoal da qual tudo começou com uma desculpa, os falares finais de conversas definitivas, o desmanchar e o partir, ficando algo indefinido a quem fica, com muitos nomes e apelidos, ficam marcas de uma conquista e de um abandono.

O trabalho tem continuação, outra exposição chamada "Heart Break Hotel" e no início se lê "If your baby leaves you and you've got a tale to tell Just take a walk down lonely street to HEART BREAK HOTEL." - Rosário traz histórias de partidas e com isso traz vida a partir do momento que expõem tais alegorias. Alegorias essas que todos experimentamos ou iremos experimentar em algum momento da vida. Deixando alegrias e tristezas, marcas de uma pessoa em cima da mesa, dentro de um prato branco de porcelana, enfeitada com rodela de tomate e folhas de alface inteiras, pronta para ser partida e consumida.

O êxodo de Marjory – A primeira cicatriz no gigante vermelho.

“O que o universo reserva para nós? Se dê de presente um instante e olhe pela janela. Vamos lá, é apenas um exercício. Até onde consegue ver? O que pode ver?”

Podemos enxergar só até o horizonte, mas sabemos que o mundo vai muito além do que a nossa visão alcança. Quantas oportunidades o universo guarda para a gente? Há quantos milhões de pessoas no mundo para conhecer? E mesmo diante de algo tão grandioso ficamos acomodados, parados, confortáveis em nossa situação. Insistindo em fórmulas falidas, sabotando o movimento natural das coisas.

Por vezes sinto saudade de quando era mais nova. Éramos mais espontâneos, autênticos e sinceros. Não que eu não tenha aprendido nada nesses anos. Nem que eu já tenha uma experiência de vida considerável. O fato é que já fui consumida, forjada, moldada. O que eu sou hoje é reflexo de todas minhas experiências. Experiências essas que diluíram boa parte do que eu já fui.

O amor para mim era algo tão simples e ao mesmo tempo tão complexo. Tão egoísta e tão generoso. Tão íntimo e tão grandioso. Porque ele começava de dentro. Uma luz, uma chama que se originava no íntimo do ser e se expandia de forma a não caber mais no seu eu. Assim, ela se tornava tão grande que contaminava. O amor por você significava amor por tudo. Pelo mundo, pelas coisas, pelas pessoas. Afinal, você é uma parte desse todo. Tudo está ligado, em harmonia. Algo mutável, em constante transformação. Como nós, como a vida.

Mas aí eu cresci, fui absorvida por conceitos com os quais nunca compartilhei. Mas ali, no meio de tudo e de todos, acatei. E por um erro fatal, o amor e a felicidade pareciam começar a vim de fora para dentro. E não o contrário, como antes. Eu dependia de situações, pessoas, ações, para me sentir feliz. Para amar. Me tornei tão dependente que a solidão se alastrou feito praga.

Nós, seres contaminados, sofremos do mal da solidão. Da depressão. Da decepção constante.

Dentro de nós há um medo terrível de ficar sozinho. Mas porquê? Medo de estarmos de frente a frente com nós mesmos? De não gostar da nossa própria companhia? Hoje a maioria das pessoas vivem conectadas no Facebook, celulares, enfim... Encontram "n" maneiras de se enganar, de não se sentirem sozinhas. De onde vem essa necessidade de se sentir querido? Aceito, compreendido e acompanhado?

Vivemos criando expectativas, e quando elas não se realizam uma grande decepção se instala. Culpamos o outro. Culpamos o mundo. Mas na verdade, o culpado somos nós. Nós criamos nossas expectativas, esperamos das pessoas em vez de tomar as rédeas da situação. O que você tem feito por você? Para você? Fazemos coisas para outros esperando que eles retribuam. Aí nasce a expectativa. Coisas começam e acabam. Esse é o fluxo natural do universo. Mas o comodismo, o apego, dificulta esse entendimento. Dificulta o "deixar ir" para que novas coisas venham.

"Embora seja considerado ruim para ambos, costuma sofrer mais aquele que é percebido como deixado. Não porque a separação não doa na pessoa que terminou, mas, segundo Colasanti (1986), porque este, para aliviar sua dor, tem o estímulo do impulso que o levou a agir e o sentido de renovação. Para quem quer separar-se, o que predomina, inicialmente, é o alívio, às vezes a euforia, por se ver livre do peso e da tensão da situação infeliz. A sensação de alívio amortece o impacto. Há a novidade, as mudanças, a passagem de um passado conhecido para um futuro sem previsões. Depois, costumam vir culpa e tristeza. Surgem aí, com toda força, os bons momentos, sonhos desfeitos, a tristeza pelo que poderia ter sido, mas não foi, pelo que não foi possível manter."

Temos que aprender a nos amar. Aprender a ser suficientes. Aprender a ser felizes de dentro para fora. Porque no momento em que você se fizer feliz, ninguém terá o poder de lhe trazer felicidade ou levá-la embora. Alimente sua chama interna, faça-a crescer engordar e contaminar tudo e todos. Se ame.

Ao se fazer feliz, ao se amar, perceberá que também amará os outros, o mundo. O amor em sua maior escala é consequência do amor que está dentro de você. Assim, você não terá mais medo de partir, recomeçar, deixar e acabar. Pois entende que a vida é um ciclo. E que o término não é algo ruim. É uma oportunidade. Oportunidade de viver coisas novas, de ver outros filmes, de ter novos amores. Todos tão bons quanto os últimos, porém diferentes.

Tudo muito lindo, quase a fórmula da felicidade. Porém na prática, não é tão simples assim. Eu disse que já fui contaminada.

Faz 9 meses que terminei um namoro. E esses 9 meses foram uma doença. Eu esperava que aquela relação me fizesse feliz. Esperava ser amada. Porém, nem eu me amava mais. Meu maior erro foi gostar mais do outro do que de mim. Quando descobri que o outro não correspondia às minhas expectativas, sucumbi. Me vi sozinha, perdida. Meu objeto de felicidade foi embora e não sobrou nada. Afinal, eu já tinha me renegado à tempos. Acho que nunca sofri tanto na minha (curta) vida.

"Quando o relacionamento se rompe, o trabalho necessário para recuperar o equilíbrio emocional e existencial requer um dispêndio de energia psíquica, e esse dispêndio, frequentemente, provoca deterioração física e nervosa, tal como ocorre durante um luto grave."

E por muito tempo o culpei por todo o mal que me fez. Sentia uma necessidade gigante de fazê-lo reconhecer o que tinha me causado, de se arrepender, de se sentir responsável pela minha dor. Mas veja bem, eu criei as expectativas, eu permiti que ele me fizesse mal. E não cabe a mim julgá-lo ou tentar fazer ele assumir seus próprios erros. Acho, que só quando percebi que

eu devia cuidar de mim, e não dele, consegui superar. O amor? Ainda o amo. Demais. E sempre vou amar. Mas a dor foi embora.

Porque quando percebi que eu é que a estava causando, assumi o controle. Hoje entendo que essa história terminou e preciso deixá-la partir para poder viver outras histórias. Espero que mais bem sucedidas e menos desafiadoras do que esta.

"A solidão pode representar uma possibilidade de ficar consigo mesmo ou uma incapacidade de tolerar a indiferença do outro, manifestando-se tanto no isolamento voluntário como na busca compulsiva de companhia. Pouco a pouco, porém, as emoções que nos mantêm impossibilitados de reagir vão sendo reelaboradas e vividas de maneira mais direta e menos dilacerante."

Insisti tanto tempo nesse sofrimento por medo. Medo de deixar ir embora, de mudar. Por meses sofri, chorei, fui atrás, me humilhei. Medo. Pavor. Uma grande bunda mole acomodada. Acomodada no que eu conhecia. Nas memórias felizes que na verdade nunca se repetiriam. Existem tantas pessoas no mundo, por que na minha cabeça apenas ele poderia me fazer feliz? Eu posso me fazer feliz (e devo). Desejo ansiosamente encontrar muitas pessoas ainda pelo caminho para partilhar essa felicidade. Assim como, por amá-lo infinitamente (pois hoje me amo, amo você e o mundo infinitamente), desejo que ele também me ame, se ame e encontre muitos outros amores e experiências pelo caminho.

"Com relação à diferença na intensidade de sofrimento entre homens e mulheres, é interessante considerar o contexto sociocultural em que essas pessoas estão inseridas, já que este pode estar interferindo nas respostas dos sujeitos. No caso dos homens, por exemplo, ainda há uma grande cobrança desse contexto, que alimenta a omissão dos sentimentos vinculados aos relacionamentos amorosos"

Acho que o que posso deixar de sugestão para os que sofrem, os decepcionados, os rejeitados, os solitários (resumindo como eu estava me sentindo), é que não se pode ter medo do fim, pensar no fim. Pense no recomeço. Pense no novo, na oportunidade de fazer diferente. Pense no movimento. Pois viver é estar em movimento.

*‘Os deuses amam quem dança. Porque quem está parado, está morto.’
De coração e com muito amor,*

Marjory Kumabe”

As citações do texto acima foram tiradas todas do mesmo texto: VALENÇA et AL. Sentimentos Predominantes após o Término de um relacionamento amoroso. 2006)

Relacionamentos são difíceis, nunca nos falaram que seria fácil a não ser a Disney, mas nós sabemos como se estivesse em nossa carga genética que é muito mais que aquilo. Nós vemos no cotidiano e nas relações que presenciamos entre casais, ainda mais pela nossa condição de sermos mulheres. Nossas atitudes ainda esperam uma aceitação maior de poder escolher e sair com dignidade do foi um êxodo, tanto de nós mesmas para nossa construção de personalidade, das afinidades que criamos e dos objetivos que determinamos. Conciliar tudo isso, conciliar individualidade e companheirismo fica uma tarefa cada vez mais difícil, sendo que mediante ao radicalismo de extremos ou até mesmo dos meios em que os relacionamentos ocorrem, o entregar-se e o abrir mãos de certas privações, ficam tão delicadas e tão mescladas no Ego e no altruísmo.

Relacionar-se é dar-se e a mulher mais que ninguém sabe disso.

Isso devido à característica feminina e o que vem a ser essa característica? Pois bem, o masculino e o feminino são preceitos e significações de comportamentos e sentimentos. Espera-se que o homem seja masculino e a mulher feminina. Mas, o feminino e o masculino são tal como Yin e yang, um

não existe sem o outro e não são complementares e sim uma parte de um todo, sem ser separados, sem díades embora seja o que nossa sociedade nos impõe.

É como se uma pessoa pudesse ser somente bonita ou somente feia, somente má ou somente boa. É impossível tamanha separação de tais adjetivos. A interiorização e a exteriorização caminham juntas, independentes e irmãs, conversam entre si e interagem como organelas celulares trabalhando e tornando a vida possível. Tal como o masculino e o feminino. Não somos nem um nem outro, mas sim, ambos.

“Masculino e feminino, como princípios, significam um jogo de relações que continuamente constroem o humano como homem e mulher. Estes são resultados destes princípios anteriores e subjacentes. Mas ainda, pensando em sexogênese (...) são forças construtoras e organizadoras da vida. Por todas as partes da natureza, principalmente nos processos de reprodução, encontramos o masculino e o feminino. Mesmo na homo, na hetero e na auto-sexualidade está em ação o Yin e o Yang, o masculino e o feminino.”

Esperasse e criasse o homem para ser predominante masculino em suas ações e expressões, assim como a mulher ser predominantemente feminina. Ser feminina é ser emocional, é deixar que outros saibam que ela é de fato mais meiga em suas ações e mais sentimental. Sentindo o mundo a sua volta, interagindo com ele não apenas superficialmente. A mulher se entrega, dá corpo e alma em emoção, esquece o racional que pertence aos homens e fala com o coração.

A peruana Cecília Paredes, artista plástica e fotógrafa, fez um trabalho incrível que em fusão de estampas de papéis de paredes e pinturas corporais, há uma simbiose entre o ambiente e o corpo feminino. Mas, não para por aí, é um corpo que expressa sentimento. Ele não compõe a foto sem manifestar-se, ele interage com emoções visualmente presentes e expressões corporais próprios do feminino.

A maioria de costas ou tampando o rosto, traz uma mensagem quase que triste do feminino, ou melhor, da mulher. Fundida ao meio, ela sofre, ela chora, ela está coberta por ele. Não se sabe o que é mulher e o que é parede.

Florais, tão simbólicos e tão próximos do órgão genital feminino, visto que a flor é o sistema reprodutivo feminino da planta que recebendo o pólen, o sistema reprodutivo masculino das mesmas, tal como o espermatozóide é para nós, se fecunda e dá origem ao fruto





Fotografias da Peruana Cecília Paredes, fusões, pinturas, expressões marcas de uma feminidade gritante. Também um protesto à flora que se extingue. Não podendo esquecer que o feminino e a natureza são elementos que caminham juntos. Sensibilidade, é esta palavra que define o trabalho de Paredes.

Esta separação da qual somos colocados, homens e mulheres, faz com que nossas ações fiquem limitadas. Diz-se do homem com características femininas que este é afeminado e isto não é bom aos olhos de nossa sociedade, é uma crítica de que o homem perde a rigidez do masculino, perde também a ausência de lágrimas da terrível frase “meninos não choram”, para ações de emocionar-se e principalmente DEMONSTRAR isso.

“Masculino e feminino existem em cada ser humano, homem e mulher, como forças produtoras de identidade e de diferenças. Mas não só. Realizam-se nas muitas dimensões da realidade total. Por exemplo, o feminino não pode ser cristalizado apenas na mulher, pois, se concentra também na Terra e no Divino. Formalizando, o feminino no homem e na mulher é aquele momento de mistério, de integridade, de profundidade abissal, de capacidade de pensar com o próprio corpo, de decifrar mensagens escondidas sob sinais e símbolos, de interioridade, de sentimento de pertença a um todo maior, de receptividade, de guardar no coração, de poder gerador e nutridor, de vitalidade e de espiritualidade. O masculino na mulher e no homem exprime o outro pólo do ser humano, de razão, de objetividade, de ordenação, de poder, de materialidade e até, de agressividade.”³⁸

³⁸ SOTER(ORG). Gênero e Teologia: interpretações e perspectivas. Edições Loyola. São Paulo. Brasil, 2003.

Se para o homem é ruim ser afeminado, para a mulher a masculinidade é má vista tanto como a predominação feminina no que deveria ser predominante masculino. A mulher deve ser delicada, obediente, frágil, reservada, pura, casta, sutil, um potencial de mãe, uma voz doce, um obedecer de olhos amendoados que em toque de mãos macias acalma e não desassossega. É o peito farto não só de leite, mas de compreensão, de afeição, de devoção aos atos de carinho e de sentimentos providos do coração, ela deve ser a materialização da bondade. A sexualidade e a agressividade ficam aos homens, sem chorar, sem se emocionar em demasia.

A nossa cultura exige de nós modelos distintos de feminino e masculino, sem misturá-los. Mulher tem que ser feminina, homem tem que ser masculino. Fim. Não há interação entre conceitos, não há vírgula, ponto de exclamação ou interrogação. Somos todos produtos de comportamentos e de espera de emoções, de demonstrar sentimentos. E o que sai da normativa imposta e quista pelo produto cultural de ser humano que somos ou deveríamos ser, será estranhamente visto por aqueles que não o entendem. Aí, cruelmente há críticas e rótulos que não ajudam na compreensão para com o próximo e sim gera uma exclusão de afastar-se daquele que sai do molde da sociedade de consumo. Tal consumo gera o consumismo e o consumismo por sua vez gera uma variedade de produtos, o ser humano é mais um deles. Muda-se os rostos e os cabelos, a roupa e a tribo a que pertence. Muda o formato da boca e o rímel. Muda o vestido e a peça íntima, mas não pode ou não se deve mudar o feminino e o masculino, onde se encaixam e onde moram, o corpo que o habita.

Sendo assim, nossos sentimentos quanto mulheres devem ficar mais latentes e mais histéricos do que nos homens. Mesmo tratadas como exageradas e loucas, as mulheres têm permissão para sentir, chorar, terem feridas e colecioná-las já que são mulheres e o sofrimento a elas pertence.



Fotografia também da Peruana Cecilia Paredes, a composição fascinante de pintura corporal, adereços e postura, traz uma mulher tirando de si a forma que foi “esculpida” e saindo assim do estático para o dinâmico e humano, a carne real está por debaixo do mármore.

Compreender que tanto homem e mulher, gays ou lésbicas, transexuais, todos, desde a infância até a velhice carregamos em nós os dois conceitos: o feminino e o masculino, seria saber lidar com todas as nossas emoções, seria uma nova maneira de interpretarmos a nós mesmos e desse modo compreender que não existe uma dosagem certa de feminino e masculino em corpos humanos. Cada um vem de um jeito, terá de trilhar seu caminho com o que sente, com a natureza fria e quente de ser quem é. De estar inserido em um contexto sócio econômico distinto e a partir de então aperfeiçoar-se a si mesmo a fim de um único objetivo: a felicidade intra e interpessoal.

Somos humanos e não enxergamos a humanização e tentamos separá-la, cruelmente não relevando a individualidade de cada pessoa. Os tornamos ou

isso ou aquilo, como se pudéssemos classificar humanos e sentimentos por vaginas e pênis. E ainda assim ficam excluídos aqueles que não nasceram desse modo e em bisturi e cirurgias se fizeram homem ou mulher.

A hipocrisia é marca social que temos que aprender conviver. Ser ou se tornar hipócrita é normal, visto que desde a infância temos tais modelos. A igreja se tornou o maior símbolo de hipocrisia do século em que vivemos. Contra o uso de contra contraceptivo, do sexo antes do casamento, do homo afetivo, ela mostra valores e imposições que não mais condizem com nossa realidade. A igreja é um palco de escândalos, de denúncias de pedofilia e de roubo. Evas e Marias deveriam ser extintas tal como uma religião e uma imposição religiosa de comportamento que não funciona mais. Ou a igreja católica se transforma a fim de manter a fé em seu Deus e em seu Cristo, para visar que o humano é de fato humano e a sua sexualidade e sua família agora em mutação estrutural não mais a pertence. Ou continuará a ser hipócrita gerando hipócritas que não questionam os dogmas pela fé.

O domínio que a igreja teve no feudalismo, na Era medieval ecoa ainda na hipocrisia que não mais lhe cabe. Evas e Marias são imagens que cruelmente se exige da mulher. Mulheres domesticadas e criadas para a domesticação, agora ganham asas e querem a libertação. Profissionais competentes, mães ausentes, esposas fieis e infiéis. Elas ganham um espaço antes voltado ao homem, elas saíram para o mercado de trabalho e fizeram de suas horas, itinerários.

“Os trabalhos tradicionalmente ocupados por mulheres eram impregnados por um duplo problema: algumas vezes a empurravam para a reclusão da vida privada – como no caso das costureiras, bordadeiras, roceiras, que, apesar do não comprometimento moral de suas atividades, não lhes permitiam romper com o estigma de inferioridade, outras eram ocupações ilícitas: da mulher pública. Assim adjetivado, o trabalho feminino fora do seio doméstico era apresentado com uma forte carga de amoralidade, como as prostitutas e as donas de

bordéis. Os trabalhos tradicionais femininos estavam atrelados à mera sobrevivência humana, suprimindo as necessidades de manutenção da vida, ao passo que, na nova sociedade da qual O Sexo Feminino era mensageiro, esses atributos eram insuficientes.”

³⁹(NASCIMENTO et al., 2007)

Antigamente subordinada ao homem até mesmo financeiramente, agora são chefes de famílias e até mesmo de Estado. A postura feminina característica da mulher submissa, mudou-se e se tornou mais agressiva, pelo menos neste quesito, saindo do tanque de lavar roupa ou da pia lavando a louça, para um mercado antes predominantemente masculino. A voz doce passou a dar ordens e as mãos macias agora assinam acordos e emitem cheques. Houve uma emancipação, uma revolução feminina e empregando isto quanto às normativas do que vem a ser feminilidade, podemos dizer que a mulher se tornou sim, mais masculina.

“A busca por alternativas de trabalho era uma tentativa de rompimento e de expansão da casa – lugar de produção da vida e, portanto, dos ofícios relacionados à esfera do privado – para a apropriação e o domínio da ação pública, através do pensamento cultivado, em um processo de ampliação de suas perspectivas profissionais e intelectuais. O Sexo Feminino considerava a necessidade de ampliação desses espaços em função de maior visibilidade civil, preparando a mulher intelectualmente. Como representante da elite intelectualizada de sua cidade, o jornal atua no sentido de fazer com que as funções femininas associadas a novos domínios, diferentes dos já enraizados no imaginário social. Médicas,

³⁹ Disponível online: O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. Cecília Vieira do Nascimento, Bernardo J. Oliveira.

advogadas, escritoras, professoras secundárias, telegrafistas eram constantemente mencionadas pelo jornal, que publicava a luta de mulheres pela participação em concursos públicos, assim como sua inserção em cursos superiores pelo mundo, ao passo que protestava contra a exclusão feminina das instituições de ensino superior. O acompanhamento sistemático e entusiástico de cada nova inserção das mulheres em faculdades induzia ao debate sobre a temática, amadurecendo a pretensão que viria a constituir-se em possibilidade, em 1879, com a Lei de Reforma do Ensino Superior e, anos mais tarde, com a primeira mulher a formar-se em medicina no Brasil em 1887.”

(NASCIMENTO et al., 2007)

Modificação na maneira de relacionar-se intimamente, modificação na postura feminina profissionalmente. Modificações que surgem de desejos internos da própria mulher que não cabe mais calado em seu seio e jorra como leite materno a vontade de alimentar a si mesma.

As mudanças porem, só começaram. Estamos diante de um quadro histórico em constante alteração. Tantos homens como mulheres, como a sexualidade e a família. Estamos em uma transição em que cegos se beijam, cegos se tocam e se tentam desesperadamente enxergar alguma coisa. Fazendo da vista seu sentido mais aguçado. Querendo ter o que vê, ver o que não tem, enxergar e ser enxergado. Estamos desejando e sendo desejadas.

A mulher carrega em si uma preocupação mais intensificada com relacionamentos amorosos que os homens. Pois foram educadas para serem mães e para serem mães precisam de homens que serão pais. Mesmo com a questão de o envolvimento ter um sentido mais liberal e experimental hoje, assim como seu advento no mercado de trabalho, a mulher ainda tem um foco voltado para sua vida amorosa e para seu relógio biológico como quem pensa em matar a fome com comida e a sede com bebida.

Embora suas prioridades estejam mudando, suas emoções ainda a dominam. A maternidade, a união, as possibilidades de ser feliz em comunhão ou pelo menos em uma relação estável. E muito do que sente vem dessas aspirações, ser uma mulher sedutora, bonita, que se aceite, que se goste e que alguém veja tudo isso nela. A beleza do seu corpo tal como é, seu sorriso que tímido ou escancarado mostra o estar apaixonado. Por mais durona e mandona, a mulher sonha. Mesmo não acreditando em príncipes de contos de fada, ela busca o vestido perfeito, com seu sapato encantado e das amigas faz fadas madrinhas para que naquela balada ou no supermercado, tanto faz, mas que o encontre em algum momento de sua vida. Como se ainda estivesse incompleta como as divisões nos fizeram acreditar, uma mulher só é mulher quando encontra o seu homem.



Autoria da foto: Aline Massoni / Fotografia: Juliana Massoni. Reprodução da obra de René Magritte, Os Amantes (1928).

“Os Amantes Representa de alguma forma o desejo independentemente do que esta por trás do outro, a cegueira fascinante de qualquer início de relação cheia de projeções e surpresas, a entrega, o respeito, o carinho que se tem com aquele indivíduo que acaba de cair de paraquedas na sua vida, e não há como saber até quando ele vai ficar por lá, o risco das decepções e as expectativas desmedidas, ‘as borboletas no estomago’, a vontade demasiada. A paixão pelo desconhecido, que em minha opinião é parte melhor de qualquer caso, romance, ou relacionamento, e esse momento atacado pelo tempo, num gesto suave e cotidiano de conhecer o íntimo, passa, e esse desejo inaugural não volta nunca mais.”

Aline Massoni

***O êxodo de Cássia Carducci – O amor não tem hora marcada
para acontecer!***

“Há mais ou menos 7 anos atrás eu estava vivendo meu típico momento adolescente: tinha 16 anos, saía toda noite e gostava de um menino que não gostava de mim. Vivía nessa confusão deliciosa que tenho certeza todo mundo sente falta, até que ele apareceu... a princípio muito tímido, calmo... Foi apresentado a mim pelo meu primo, e fizemos amizade. Amizade muito verdadeira: falávamos de tudo, ele ia em casa quase todos os dias, íamos tomar sorvete enquanto reclamávamos da nossa vida um para o outro. Minha família já havia se habituado a essa amizade, quando demos a notícia de que estávamos namorando. Nada além do esperado, todo mundo já sabia que isso ia acontecer. Ele foi bem aceito pela minha família e em pouco tempo, passou a ser amado profundamente pelos meus familiares. Que fique registrado nos autos, é realmente muito difícil não amá-lo.

Em pouco tempo, ele me conquistou por completo e me fez esquecer qualquer pessoa que passou pela minha vida. Com um ano e dois meses de namoro, me pediu em casamento, assim, na lata mesmo. Eu com 17 anos, ele 21 e ambos sem nenhum dinheiro no bolso. Ai entrou a parte complicada: comunicar aos meus pais a decisão. Na verdade, eu teria que pedir autorização, porque mesmo que eu esperasse os meses que faltavam para os meus tão sonhados 18 anos, eu sentia que nada em minha vida poderia ser feito sem a benção deles. Acho que aí entra o papel fundamental de bons pais: deixar-nos crescer com nossas próprias decisões. Eles nunca questionaram minha idade, ou onde iríamos morar, ou o que faríamos da vida. Eles questionaram nosso amor e vontade de ficar um com o outro, e respeitaram nossa decisão. Meu pai soltou um sincero: “Casa filha, se não der certo você terá sempre pra onde voltar.” Eles respeitaram meu direito intransferível de ser eu mesma, e alçar meus próprios voos.

Casei no dia 28 de fevereiro de 2009, um mês após eu completar 18 anos. Não fizemos festa, não compramos casa e nem carro a gente tinha. Alugamos uma casa, tínhamos uma moto e nossa festa foi em uma chácara para a família. Ouvi milhões de vezes: “Você tá grávida?”, “Não, eu não estou” -

respondia. “Então você tá louca mesmo! Casar com 18 anos? Que falta de juízo.”

No primeiro ano, só ele trabalhava e eu ficava em casa, cuidando de tudo. Lavava, limpava e esperava ele pro almoço. Uma típica mulher casada, como víamos antigamente. Mas ele não queria isso pra mim, ele confiava mais no meu potencial do que eu mesma. Me disse que queria que eu crescesse, ganhasse meu dinheiro e tivesse minhas próprias coisas. Comecei a trabalhar e com 19 anos começou uma nova fase na minha vida. Me tornei independente financeiramente, mas junto com isso vieram algumas dúvidas : eu havia me precipitado? Meu casamento era realmente como eu queria? Eu não saía mais com as minhas amigas e eu nunca tinha feito o que garotas da minha idade faziam. Ao invés disso, eu normalmente estava em casa no sábado, com ele, vendo um filme ou fazendo um programinha a dois. Mas ao invés de falar, eu me calei. E comecei a descontar nele, coisas que ele nem sabia que passavam em minha mente e isso foi magoando ele e me magoando. Senti que talvez tivéssemos tomado a decisão errada.

Ah, não me julgue. Eu era nova, imatura (ainda sou) e com várias lacunas que eu não tinha preenchido na minha vida, experiências não vividas, viagens não feitas, sonhos não realizados. Nada foi por maldade, aliás, na maioria das vezes quase nunca nada é.

Só que Deus, em sua infinita sabedoria colocou uma pessoa na minha vida que era muito mais sensata e sensível do que eu, e que ao invés de devolver toda a minha amargura, tentou entender todos os meus motivos. Me fez ver que era normal passar por essa indecisão na vida e que mesmo assim, ele estava lá, pra me apoiar, me amar , me cuidar e me proteger. E assim foi: ele sacrificou todos os hábitos dele para que eu fosse feliz... Começamos a sair mais, a viver mais de acordo com nossa idade e a dar mais risada das situações que a vida nos colocava. Me fez entrar na faculdade, e me ajuda a crescer como ser humano e como profissional.

Quando algo tende a dar certo, dará, independente de como isso ocorra. Seja casal novo ou velho, rico ou pobre. Demos certo porque nos amamos e isso já estava escrito. O problema nunca foi e nunca será “quando” mas sim “com quem” você divide sua vida. Se hoje, eu pudesse ver tudo o que

eu passaria ao lado dele, eu diria sim novamente, com ainda mais certeza. Vivemos hoje com 3 cães, um gato e 28 peixes em uma boa casa . Só volto pra casa dos meus pais a passeio e de vez em quando ainda encontro lá um pouco daquela menina de 17 anos que quis sair do ninho tão cedo. Mas eu olho pro lado e encontro o homem que transformou aquela menina em mulher e percebo que tudo está bem.

Eu tenho ao meu lado um cara que sabe que pra ser homem de verdade, não precisa de uma mulher lavando, cozinhando e passando pra ele. Muito pelo contrário, ele me mostra como é homem de verdade quando eu chego cansada da faculdade e ele deixou a minha comida pronta, ou quando estou atolada de trabalho no final de semana, e ele me ajuda com a casa. Me mostra como é um homem com H maiúsculo quando eu encontro em cima da cama um presente surpresa, normalmente fora de datas especiais e vejo na porta ele observando minha reação de longe, só pra saber se acertou na escolha. Eu tento com todas as minhas forças retribuir o que ele é pra mim, e ele entende que eu faço meu melhor. Ai é que esta a graça da coisa: ele me ama como eu sou e eu o amo como ele é e é assim que somos felizes.

Aprendi com ele o dom de amar genuinamente e se doar pra alguém, de corpo e alma. Acho que todo mundo tem alguém especial na vida, um amor verdadeiro, um anjo de luz e pra minha sorte e alegria, eu me casei com essa pessoa. Aquele que me apóia quando estou fraca, que me aplaude quando eu venço, me ama incondicionalmente, me perdoa quando eu falho, me corrige quando eu erro.

Eu espero ser cada dia um pouco mais como ele porque são tantas qualidades que eu admiro e quero ter em mim também, que nem posso descrevê-las. Não posso ser hipócrita e dizer que nossa vida é perfeita em todos os ângulos. Eu sou difícil de conviver e ele é cabeça dura, eu me estresso fácil e sei que ele as vezes quer sair correndo. Já nos ofendemos brutalmente, já bati porta na cara dele, ele já mandou eu resolver minha vida longe dele. Rola guerra de indiretas dia sim, dia não, cada um querendo ser dono da verdade. Já coloquei o dedo na cara dele durante brigas, e ele já dormiu no sofá de ódio de mim. Mas e daí? No final, quando o coração acalma e a raiva esfria, a gente

não se agüenta de saudade. Por trás dos bicos e das caras fechadas cada minuto longe um do outro é suplicio.

*Eu agradeço por nosso amor não ser de cinema, porque eu amo que ele seja **REAL**. Somos perfeitos em nossos defeitos, somos mais do que mil porque somos um. E pra ser um, é preciso muito amor. Eu escolhi meu amor e amo minha escolha. Entende a grandiosidade disso? Com ele, eu não acredito em “até que a morte os separe” porque não seria justo, com ele eu não aceito nada além de “até depois da eternidade”.*

Cássia Carducci

4.4 Três filmes e uma só alegoria: o feminino

A comédia romântica não me agrada em seu desfeito ou na ilusão de que tudo se resolve a favor de tipos românticos em que o amor ou a paixão comandam tudo como se fatores externos não existissem, como se a vida fosse um mar de rosa e as ondas desse mar fossem apenas oscilações de uma odalisca dançando para seu dono em um trono de prazeres e risos de enganos. Na comédia romântica não vemos o drama do dia a dia, não vemos um contexto social real e nem mesmo pessoas que sofrem na vida dores mais profundas que a de ser ou não amada por um cara x. Suas dores são apenas e unicamente aquele momento de desencanto amoroso que acabará em um “eu te amo” tão massificado e barbarizado como as ilusões que buscamos ao longo de nossas vidas como reais, sendo apenas fantasias demagogas e globalizadas pelo faz de conta.

Colocar o “não agrada” aqui não é excluir o gênero como entretenimento, mas sim colocá-lo em uma narrativa aleatória à realidade que estamos aqui investigando. A mulher, sua essência pulsante e relutante foge das formulas prontas das comédias românticas e ganha forças em narrativas mais elaboradas com o suor e lágrimas da vida e dos hormônios que em corpo fatídico existe e se recria em filmes de outros gêneros.

Criticas como no subtítulo anterior, mostram um gênero apelativo à massa, um pão e circo se passando por arte no fingir arte pela arte, mas se o mundo precisa de um alívio imediato, fingindo que amores se dão por mentiras e atos desconstruídos de uma humanidade menor e mais pobre do que a dos personagens mais efêmeros e subjetivos que em corpo e roupa, os sentimentos e as loucas, tais como somos, há a comédia romântica para trazer paz e engano. Pois não é na comédia romântica, na novela, não na generalização do todo que nos encontraremos e encontraremos a mulher real em situação real. Visto que não somos uma generalização e este é o ponto de toda essa pesquisa, a qual a comédia romântica não participa, não pertencem a nossa percepção e não elabora uma real concepção do amor, das relações e da constituição social a qual nos encaixamos.

O Gênero aqui é outro, totalmente contrario a produção de risadas e alívios imediatos. É a dramaturgia da vida sendo espelhada na tela do cinema e em televisões das casas que assistem o ensaiar do choro mesclado aos longos sorrisos de empatia com o outro. O drama é um gênero narrativo famoso pelas lágrimas que dá aos telespectadores. Evitado por muitos para não emocionar-se com a dor de sentir a vida também no entretenimento do dia a dia. Aqui se encaixa a resposta do por que a comédia romântica fazer tanto sucesso e trazer tanto lucro à Hollywood, criando mocinhas, criando figurinos e aliviando tanto. A Comédia é o alívio e o remédio, é o faz de conta, o placebo da felicidade momentânea. O drama é o espelho da vida, não faz de conta e sim reproduz em um script que com certeza já foi vivido e ao ser assistido, nós sabemos, aquilo possivelmente aconteceu com alguém em algum lugar do mundo e isso machuca. A verdade não é água com açúcar.

No drama há um conflito a ser encarado e resolvido. Apresentando obstáculos que se localizam nas próprias relações humanas e na sociedade, sem fantasias (e quando há fantasia ela vem em forma de devaneios, de fuga da própria personagem diante de sua vida e suas dificuldades).

Falar sobre a vida e os problemas que ela tem não é fácil, ainda mais quando vemos realidades tão chocantes que parecem não ter nada a ver conosco. Mas será que não tem? Será que mesmo que pareça distante uma realidade da outra nós não vivenciamos aquilo em certo grau, pois mesmo que não ocorra com a gente, há sempre um amigo pelo qual está vivendo outro mundo que não o nosso. Ou até mesmo, um familiar, um parente, um conhecido que no drama da vida e na célula única do mundo pede um socorro. Por que tapamos tanto os ouvidos?

Falar sobre a mulher e questionar o que uma mulher é ou pode vir a ser em nossa sociedade e falar de um bicho de sete cabeças, pois se saímos do padrão planejado e disponível a nós como pertencentes ao sexo feminino já tão pronto em suas características e de comportamento tão esperado, questionar isso e trazer vestígios de que algo está intrinsicamente errado pode ser sim um perigo a qual estou me colocando. Mas isso não é algo que eu optei por fazer para chamar atenção de alguns ou outros, mas sim para me entender, eu sentia,

eu não entendia, eu olhava e não enxergava, havia algo muito errado comigo e não era minha sexualidade e nem meus defeitos que só aumentavam com as drogas socialmente legalizadas, mas como meu íntimo de não pertencer a nada disso e foi ali assistindo esse primeiro filme a qual analiso que eu entendi isso:

Filme #1: Histórias Cruzadas (Roteiro e direção: Tate Taylor, baseado no romance de Kathryn Stockett - 2012 – EUA.)

Histórias Cruzadas, *The Help* em inglês, é uma viagem aos anos 60 em que embarcamos a uma cidadezinha norte americana ao sul do país, Jackson, no Mississippi. Cidadezinha essa que com uma mentalidade elitista e preconceituosa vive de aparência. Aparência essa que se dá em uma estrutura familiar distante, em que filhos são criados pela denominadas “the help” a ajuda em inglês. E as “The help” não somente uma ajuda nessa base social e familiar, mas são o verdadeiro alicerce que faz tudo funcionar. Negras, pobres, marginalizadas, tudo começa com uma pergunta: - você sempre quis ser empregada doméstica?

Qual é a escolha que essas mulheres tinham? – Tudo começa ali, com a diferente e branca Skeeter entrevistando uma das “the helps”, Aibileen. E Skeeter é diferente das mulheres de sua idade, suas antigas amigas que agora são mães e ser mãe parece ser o maior privilégio a elas, mesmo que não cuidem de seus filhos.

Skeeter foi fazer faculdade, o que já é motivo de chacota da parte das amigas que querem mesmo que Skeeter encontre um namorado e não um emprego. A personagem porém, não se importa com isso, consegue separar seus desejos e sua personalidade daquelas que não a influenciam. A mentalidade e a maturidade de Skeeter é outra e como dona de uma ambição pessoal de ser mais que uma dona de casa e mãe, não que Skeeter não deseje isso para si, mas sua realização pessoal vem antes, escrever é seu sonho e é atrás disso que ela vai.

Para ter uma oportunidade ela começa a trabalhar no jornal da cidade respondendo dúvidas e dando dicas para mulheres sobre assuntos domésticos como se fosse a antiga colunista que está afastada, mas Skeeter não entende de nada disso e pede a Aibileen ajuda. Porém as perguntas de Skeeter não param por aí e vão crescendo tanto em âmbito de projeto profissional como pessoal. Aibileen tenta não entrar de imediato na perigosa entrevista que Skeeter quer que ela responda, mas a revolta que cresce em si e nas outras mulheres negras, domésticas que cuidam mais de filhos de outras do que os de si mesmas alimentam não só uma conquista profissional para Skeeter, mas uma verdadeira fonte de riqueza com histórias tão cruéis e emocionantes que fazem do filme um labirinto de recordações e de choros engasgados no distratar e na exclusão da mulher negra e do próprio negro em ser visto não como humano, mas um bicho.

Em um dos relatos de Aibileen ela conta que uma das crianças de que cuidou perguntou por que ela era negra. Aibileen diz que responde a criança que foi porque tomou mais café do que devia. Aibileen e Skeeter caem em riso, uma cena que nos faz rir também, pois é a mais inocente da ignorância encontrada no racismo e ela está na inocência das crianças que antes de serem contaminadas por suas mães dominadoras e amargas por um padrão de vida social baseado em valores desumanos e sim de ostentação econômica, as negras são tudo para essas crianças.

No filme temos várias heroínas, de cores e idades diferentes, mães, casadas e solteiras. A jornada dessas heroínas é a própria vida, a de entender seu valor como gente e sair do atributo que recebem como mulheres, tanto as negras como subordinadas e maltratas pelas brancas, mas também as brancas que não se encaixam no padrão das outras mulheres que de certa forma comandam a moral e os costumes da cidade em que vivem.

Há certo preço a se pagar por ser diferente, a rejeição de alguns, a desmoralização, a discriminação de tantos. Outras heroínas que devem ser citadas são Minny e Celia. Heroínas porque são humanas e buscam se humanizar ainda mais, saindo do papel convencional. Isto não quer dizer que não erram, alias, as 4 mulheres citadas erram em algum momento ou com

alguém ou consigo mesmas e não estou aqui como em um blog em que li uma crítica que chama o filme de escatológico e resume apenas em uma branca de classe média salvando negras. Não, na verdade são as negras que salvam a branca. Constantine, a negra que criou Skeeter foi quem deu a ela a percepção de humanidade além da raça a qual a pessoa pertence, além do sexo e a noção de que ela podia fazer algo maior na vida do que estava destinada (casar e ter filhos apenas). Foi a humildade de quem a criou que fez com que ela não se tornasse uma branca com sentimento de superioridade e com uma arrogância cruel da personagem que trabalha tão bem esse estereótipo que chega a nos dar raiva, Hilly. Hilly era sua melhor amiga quando menina, mas Skeeter ao longo do filme percebe que nada mais tem em comum e para mostrar a história daquelas mulheres que estão na marginalização da sociedade em que vive, ela terá de “perder” uma amiga e assim o faz.

A vida é uma escolha para todos nós e o filme se trata disso. Uma escolha do que ser, de como se ver e o que denunciar, o tentar mudar algo e se não for a visão preconceituosa da sociedade que seja pelo menos a nós mesmas. São mulheres se ajudando e não definidas por brancas ou negras, velhas ou jovens. Mas mulheres.

Coloco esse filme como primeira análise, pois foi em uma madrugada em que o assisti, atrasada de seu lançamento tanto no cinema como nas locadoras, que me caiu a ficha de que era necessário escrever de fato isso, sobre isso, sobre o que vem a ser mulher, saindo das significâncias sociais as quais estamos constantemente presas e que obedecemos sem que nos damos conta do que estamos fazendo. Um exército de valquírias ⁴⁰amordaçadas e acorrentadas, é o que somos.

⁴⁰ Valquírias eram deidades (semideusas) nórdicas que obedeciam a Odin, isto é, mulheres belas e guerreiras que montadas em seus cavalos alados em campos de batalhas decidiam com suas lanças e fchas que morreria e quem viveria a serviço do deus maior, Odin.

Escrever sempre foi uma paixão, questionar e falar sobre o papel feminino me era tão necessário como respirar no momento. Aos 30 anos, solteira, me achando uma alienígena por não conseguir me relacionar de modo a ser mais duradouro ou saudável que o meu ex-namorado de oito anos, não querer casar e ter filhos, mas me sentindo menos mulher por isso, me sentindo frustrada, pois adiei decisões tão importantes para seguir o padrão feminino a mim destinado, ser a mulher para casar e não para copular, ser digna de bons comentários e nunca vulgar. Fui criada para isso, mas ao me achar pelo mundo e sair do mundo que construíram para mim percebi que a loucura era meu nome, cada vez mais insana por querer e não poder ser eu de fato, cai em desavenças com quem me colocava uma coleira e como cão raivoso comecei a espumar e até ver esse filme estava mordendo pessoas por aí, alastrando minha doença psíquica pela saliva que continha meus traços infelizes de ódio e rancor. Eu estava sendo a mulher que eu odiava, uma Hilly e queria ser uma Skeeter e para ser Skeeter tive que ser Minny, Ailbeelin, Célia e tantas outras que em personas sociais narrativas ao um gênero filmico, podem simbolizar estágios de nós mesmas.

Das críticas que li, poucas me impressionaram como o filme. Para mim a percepção e o que retiramos de uma história depende do nosso momento emocional, do nosso conteúdo e até de nossas vivências.

Skeeter é tão livre do preconceito por amar uma negra e aprender com ela o que era amor pelo outro e a si mesma que finaliza seu livro com SUA história, ela não diz ser a história de Constantine, a mulher que a criou, mas sim a sua, pois Constantine está nela e sempre estará, não dá para separar a imagem de Constantine com quem Skeeter é, com a mulher que ela se tornou e isso é lindo, uma simbiose de essências que se encontram em vida e se fundem em convivência, admiração, respeito e crescimento.

The Help me ajudou, me ajudou a ter o impulso inicial de decidir o meu tema central e começar de vez o que estava ensaiando para fazer: escrever e ouvir mulheres, não mais no sentido convencional.

Filme #2: A Cor Púrpura (Roteiro: Menno Meyjes, baseado no romance de Alice Walker. Direção: Steven Spielberg –1985 – EUA.)

O filme já começa chocante, duas meninas brincando no meio de flores de cor púrpura, infantilizadas, unidas e alegres em um bater de mãos com música e que novamente ressalta a Infância. E o que choca é segundos depois, o pai as chama grosseiramente e de trás das flores saem as duas, correndo, porém uma delas está grávida: uma criança esperando outra criança e já se explica que aquele não foi seu primeiro filho e que o pai de seus filhos era seu próprio pai, em estupros incestuosos ele mantinha relações sexuais com ela e tirava dela seus filhos quando nasciam, escondendo de sua mulher os abusos, a barriga de gravidez da menina e as crianças frutos desses abusos.

A menina em questão é Célia, uma negra de sorriso grande que tem seu corpo já curvado para frente expressando cansaço e submissão. Ela quase não fala, esconde os dentes quando sorri, pois seu pai fala que ela é mais horrível ainda quando sorri. Sempre inferiorizada, mal tratada, colocada em papéis de humilhação, Célia não enxerga a si mesma, é um corpo ambulante que só vive, ou melhor, sobrevive e a única felicidade é estar ao lado da irmã Nettie.

Nettie por sua vez é cortejada pelos homens e protegida por seu pai, é bonita e tem uma alegria só dela e é pedida em casamento pelo machista e agressivo Albert que perdeu a esposa e precisa de uma nova mulher para criá-los e cuidar da casa. Porém o pai de Nettie não permite que ele se case com ela e dá no lugar de Nettie, Célia, mandando a menina ficar de frente para Albert, girar como uma mercadoria sendo exposta e ainda ressalta que ela está seca e não pode dar frutos, sendo ela não mais virgem. Albert aceita, casam-se e sua vida matrimonial é uma violência física, psíquica e emocional.

Célia é um objeto prático de arrumar, lavar, cozinhar, transar (sem emoção alguma), apanhar... Um objeto que a Albert pertence e que ela é agente passivo, sem expressão, sem motivação, ela continua apenas sobrevivendo dia a

pós dia, até que sua irmã Nettie foge de casa e vai para casa de Célia se refugiar de seu pai que estava tentando também abusar dela.

A feição de Célia é outra perto da irmã, elas ganham vida e sorriem o tempo inteiro, mas sabem que aquilo é só uma questão de tempo, que Albert logo tentará algo e que mandará Nettie embora. Antes disso Nettie ensina a irmã a ler para que nunca deixem de se comunicar e promete mandar um carta sempre que possível à irmã. Dito e feito, Albert tenta violentar Nettie que foge e é expulsa de casa. Em choros, com dor, ela se vai, prometendo um dia voltar.

A vida de Célia volta a ser um grande vazio de humilhações e subordinações e até mesmo ajuda o marido a se arrumar quando uma tal de Shug está na cidade, uma cantora de cabaret, bonita que ele demonstra ser totalmente apaixonado.

Célia parece não se importar, odeia fazer sexo com Albert e não possui nenhum sentimento por ele. Mostra-se incomodada apenas quando Shug vem para sua casa. A imagem de Shug é fundamental para entendermos os próximos passos de Célia. Shug é bonita, sexual, dona de uma voz admirável e livre. E é essa liberdade que Shug mostrará à Célia, dividindo não apenas a casa e seu marido, mas sua percepção de mundo e do que é ser mulher, saindo do padrão convencional e mostrando à Célia outras perspectivas.

Uma cena é o ponto de giro ⁴¹para própria personalidade de Célia. Shug a arruma com suas roupas e joias, a faz sorrir e a beija. Dá-se a entender que elas ficam juntas e Shug mostra à Célia também o prazer sexual, prazer esse que Célia nunca sentiu e nem imagina ser possível. Shug é mulher no sentido humano da palavra, possui características femininas e também sabe como usá-las, uma verdadeira Lilith que mudará a vida de Célia, agora não mais um poço de submissão, um corpo franzido, um tímido e escondido sorriso. Célia ganha vida.

⁴¹ Ponto de giro é o momento em que a narrativa sofre uma mudança, algo ou alguém que surge para mudar a direção da história e de seus personagens. Geralmente há dois pontos de giro em um roteiro cinematográfico.

As personagens de Cor purpura são ricas e bem trabalhadas. Sophia é outra valente mulher, mandona, autoritária, apaixonada e brava. Todas negras, todas com um problema de abuso, seja sexual ou psicológico. Problemas com pais, maridos, amantes, com o racismo, mas principalmente em superar a si mesmas em uma afirmativa da vida e do que é ser mulher.

Os desfechos são felizes, a cor purpura se estabelece e um sorriso com arrepio é o final do filme. Filme esse que analiso, pois assisti durante esse processo de escrita e foi ele que me fez pensar em fazer tais resenhas e colocar a mulher além do precipício cômico e romântico das tolas. A mulher real, sua condição social, a busca incansável de atingir o que não foi permitido a nós: a liberdade não só física, mas emocional!

Filme #3: Tomates Verdes Fritos (Roteiro: Fannie Flagg e Carol Sobieski, baseado no romance de Fannie Flagg. Direção: Jon Avnet direção: – 1991– EUA)

As tragédias que acontecem em nossas vidas nem sempre são explicadas. Perder um irmão, perder alguém que se ama e se isolar do mundo encantando abelhas, um refugiar de tentar curar-se e não se deixar mais abater pelas dores do mundo. Não há como fugir da morte, mas temos uma escolha a fazer, como viver até lá.

Tomates Verdes fritos é sensível do começo ao fim. Começa no presente e retoma o passado pelas histórias de uma velha senhora cativante que encontra nos ouvidos e na inconstante tensão emocional de Evelyn, uma mulher de meia idade em crise com si mesma e com o marido, tentando desesperadamente salvar seu casamento em cursos de autoconhecimento que não passam de uma vergonha física e psíquica a própria Evelyn que percebe que não consegue ver sua própria vagina.

As histórias de Ninny, a senhora que está no hospital acompanhando uma amiga, faz com que Evelyn retorne para ouvi-la e juntas revivem a vida de Ruty e Idgie. Duas mulheres que se libertaram ou travaram uma luta para se libertar das tiranias masculinas e da violência doméstica.

Idgie e Ruty tem um laço emocional desde muito jovens, marcadas pela perda do irmão de Idgie, o único que conseguia domar a jovem que cresceu com uma rebeldia indomável de não se comportar como o inesperado. Ruty tenta ajuda-la, mas é Idgie que acaba ajudando Ruty.

Casada com um homem extremamente machista e sexista, Ruty é vítima de uma violência doméstica imperdoável, até resolver fugir com a amiga que bravamente com seus amigos homens e negros a ajudam. Caçadas por preconceituosos que não entendem como podem ser amigas e ter funcionários de negros, da kukuklan⁴² e do marido de Ruty que se encaixa em todas as categorias citadas acima, a vida de ambas parece ser um mar de provações e superações sociais que por serem mulheres as dificuldades tornaram se ainda maiores.

As personagens femininas: Evelyn, Ninny, Edgie e Ruty crescem conforme o filme avança. Crescem não apenas no sentido de ganhar vida e uma personalidade ativa pela qual identificamos como possivelmente reais, mas crescem no sentido de evoluir como mulheres que são, buscando amar a si mesmas e não apenas cumprir o papel social e maternal a que são exigidas. Elas se olham e se percebem umas pelas outras, mostrando que é possível ser mulher independente do estado civil, das lastimas e das parábolas frias do sexo masculino.

Fica subentendido que Ninny é na verdade a encantadora e rebelde Idgie, agora uma senhora que perdeu tudo e que chora ao ver sua casa, sua história e seu mundo de fato em ruínas. Mas Evelyn em sua transição de dona de casa para a dona da casa acolhe essa mulher a quem responsabiliza por finalmente se ver feliz e esse feliz inclui a vida com seu marido.

As transformações necessárias da alma feminina não excluem a relação com o masculino, alias, masculino e feminino andam juntos, de mãos dadas e não como inimigos ou apenas complementares aos olhares do que aprendemos no mundo, em nossa cultura. Idgie é uma amostra disso, uma mulher masculina, uma feminista ativa em sua própria vida. Ruty é a mulher feminina que se casou, que cumpriu seu papel, porém fugiu dele quando viu que o outro poderia ser cruel. Não perdeu a delicadeza, não perdeu a mulher que nasceu, mas a transformou.

As quatro mulheres dessa história mostram um potencial que quando calado é ofensivo a si mesmas. Buscar respeito, gritar o que se tem no peito, este é o lema desse filme.

Capítulo 5: O Êxodo!

*S*e pararmos para pensar este Êxodo está sendo feito há muito tempo. Pois bem, o que é fazer um êxodo? Fazer um êxodo é sair de seu local natural para outro destino, assim como os emigrantes japoneses e italianos fizeram aqui para o Brasil, saindo de seus países de origem e habitando outro país.

Faço essa associação ao ato de nós mulheres já nascermos com a condição natural de sermos passivamente criadas para uma distinção de gênero associada ao feminino que nos liga ao nosso útero, mas não como apropriação de nosso corpo para nós mesmas e sim de nossa condição social a qual esse mesmo útero é desassociado de uma natureza especial, para uma subordinação ao homem na nossa sociedade patriarcal e ainda tão machista.

E estarmos ao longo dos anos cada vez mais saindo dessa condição que nos foi imposta. Se deslocando para uma libertação e uma luta para que estes paradigmas sejam quebrados e repensados. Obviamente essa luta não vem de hoje, não vem de nossas avós ou bisavós, é um espaço-tempo que embora possa ser datado, está o tempo todo presente em heranças genéticas do ser mulher.

“O corpo da mulher é somente então, símbolo da transitoriedade dos paradigmas contemporâneos onde as pulsões encerradas precisam ser compreendidas de forma criativa, para que ao invés de uma atitude passiva e degenerativa, as mulheres possam escolher uma atitude criativa e tomar posse de sua autonomia. Entre esses opostos é o afeto que vai facilitar a convergência das memórias ocultas, por seu aspecto conciliatório essencial.” (BORGES, 2012)

O que escrevo aqui talvez nada tenha de novo, já quem em 1949 Simone Beauvoir fazia a mesma questão inicial “O que é uma mulher?” e dessa pergunta vemos como resposta de uma investigação o primeiro livro considerado feminista, “O segundo sexo”.

“Simone de Beauvoir, filósofa e escritora francesa, publica em 1949, o Segundo Sexo, obra contundente que provoca escândalo e adesões, cujas principais idéias fundamentaram e desencadearam as lutas feministas hodiernas.” (SCAVONE, 2001)

Simone não inaugurou o feminismo, mas o sintetizou em uma análise social do papel da mulher em sua sociedade. O feminismo surge por reivindicações de mulheres no âmbito político e da educação e não se dá em um único ponto como marco de sua origem. É um acontecimento múltiplo e de várias regiões do mundo, visto que a sociedade que sufoca as mulheres e a coloca em segundo plano não se dá em uma única localização do mundo, mas sim em quase ele todo para não dizer nele todo.

“O Movimento Feminista não tem uma única origem, constitui-se de vários acontecimentos mundiais, como o acontecido na revolução norte americana, cujo marco foi a reivindicação de John Stuart Mill às mulheres sobre as promessas da Declaração de Independência; na Revolução Francesa destaca-se a Declaração dos Direitos da Mulher e da cidadã, em 1791, inspirada na Declaração dos Direitos do Homem e, finalmente, “A Reivindicação dos Direitos da Mulher” de autoria de Mary Wollstonecraft, datada de 1792. Com esse documento abre-se um espaço público para a manifestação feminista. Esse marco na história do Movimento Feminista estrutura as suas bases conceituais e teóricas, possibilitando a

luta pela igualdade de direitos políticos e educativos das mulheres.” (GOMES,2010)

Muitos nomes se destacam dentro do movimento feminista, no Brasil temos Nísia Floresta que em uma adaptação do livro da inglesa Mary Wollstonecraft lança seu próprio livro que em pleno século XIX abala as estruturas de uma sociedade patriarcal no meio da floresta brasileira. Mas Nísia não se limita a uma realidade norte-rio-grandense, ela vivenciou o movimento da farroupilha em Porto Alegre e lecionou para meninas no Rio de Janeiro em um colégio que ao invés de ensinar matérias supérfluas como “costura e doméstica”, ensina idiomas e matérias que eram antes destinadas aos meninos apenas.

Falar do feminismo é falar de uma luta por respeito, é querer ser respeitada dentro de uma sociedade que oprime um gênero a partir de seu sexo.

“Ao longo da história ocidental sempre que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas.” (GOMES, 2010)

O que não podemos e nunca esqueceremos é das tragédias grandes que em nome da tentativa por esse respeito genérico se deram e marcaram dias que a gente concordando ou não, simboliza o dia internacional da mulher.

No dia 8 de Março mulheres morreram durante uma paralisação que faziam reivindicando seus direitos na jornada de trabalho, assim como na remuneração que recebiam; no ano de 1857, em Nova York, pra ser mais exata 129 operárias de uma fábrica de Tecidos Cotton, que tinham como jornada de trabalho 16 horas e um terço do salário masculino, resolveram reivindicar, protestar, lutar por seus direitos, mostrar ao mundo que algo estava errado, que sua força de trabalho e sua capacidade estavam sendo menosprezadas.

Bom, o desfecho todos nós sabemos, encurraladas na fábrica, foram incendiadas com a mesma e pagaram com a vida o que tentavam dizer ao mundo "Nós somos Humanas e merecemos tal respeito". Mas a história que

conhecemos talvez não seja a realidade. Até mesmo o que achamos ou deduzimos saber pode ser uma manipulação de fatos.

Há quem acredite que estes fatos estejam errados, que o dia internacional da mulher foi um dia escolhido apenas para representar essa luta e essa condição feminina de estar em uma sociedade em que precisa lutar para se firmar, não sendo um acontecimento natural, tal como deveria ser.

“Em 1911, ocorreu em Nova York um incêndio em uma fábrica têxtil onde morreram mais de uma centena de trabalhadores, em sua imensa maioria mulheres. Um evento trágico e importante para a história do movimento dos trabalhadores nos Estados Unidos. Nesta data, entretanto, as militantes socialistas já haviam aprovado a criação do Dia Internacional das Mulheres. E o incêndio tampouco ocorreu na data do dia 8 do mês de março. Ao misturar, contar e recontar histórias também se escondeu uma história política, das militantes socialistas. Recuperar os elos perdidos dos fatos e da história enriquece a luta das mulheres. O ciclo de lutas, numa era de grandes transformações sociais, até as primeiras décadas do século XX, tornaram o dia Internacional das Mulheres o símbolo da participação ativa das mulheres para transformarem a sua vida e transformarem a sociedade.” (GONZALEZ, 2001, atualizado em 2010)

Mas falar do êxodo não implica em falar apenas do movimento feminista, que muitas vezes é confundido com o Femismo e tido como um movimento radical e tão opressor quanto o machismo. Pois bem, o feminismo luta pela libertação feminina desses padrões que são colocados à mulher tais como a beleza padronizada, a futilidade intelectual, os salários desiguais aos do homem em mesmo cargo, o respeito pelo seu corpo e sua individualidade. O Femismo sim é mais agressivo em seu âmbito de luta, de conceitos e ideologia,

tal como o machismo, ele coloca o homem em uma posição desfavorável e a mulher em uma superioridade de classe e gênero.

Êxodo é falar da jornada da mulher, de sua vida e de seus pensamentos que a guiam em encontro a si mesma, tentando ser livre de julgamento. É um caminho encontrando seus valores, seus conceitos e seus pensamentos, associados as suas condições de mulher que não dá para separar de sua história, estando essas condições intrínsecas a ela.

O Meu êxodo!

Para encerrar esse livro e esses êxodos todos coloco aqui a mim, como coloco uma mesa de jantar para muitos, aliás, na minha vida sempre houve muitos, nunca fui acostumada ao pouco e não falo do material e sim da convivência, do numero de pessoas, de gente! Nasci em uma família em que já havia cinco filhos, sendo eu a sexta. Nasci em Jundiaí, interior de São Paulo. Nasci em dia de feriado e fui muito bem recebida desde a maternidade.

Meu pai conta que quando nasci, mal deu tempo dele preencher a ficha do hospital e subir no andar em que se encontrava a sala de parto. Ele subiu, tranquilo e veio um médico que lhe disse apenas: - Mulher!. Meu pai é extremamente apaixonado pela minha mãe e preocupado com ela perguntou ao médico: - Mulher? O que aconteceu com minha mulher? O médico riu e respondeu que não havia acontecido nada e sim havia nascido uma mulher.

Adoro essa história pois fui classificada como mulher desde o nascimento, não nasci menina e nem garota, nasci mulher e fui assim exclamada ao mundo: - Eis aqui uma mulher! Nascida no dia 21 de abril de 1983, com pele branca e gorda, olhos quase fechados e puxados de tão gorda, pequena e bochechuda, filha de Maria Helena e Rubens, irmã de Ângela, Rubinho, Leonardo, Carolina e Sílvia, que iria ser conhecida como a Tico, que por muitos anos não se reconheceria como Ana Paula (seu nome de registro), que iria passar por um processo complexo até realmente se achar, caindo,

levantando, sorrindo, chorando, como qualquer ser humano. Mas que aos seus 30 anos, decidiria que estava na hora de parar uma jornada quase des governada, sem freio, em direção a um abismo.

A Tico então parou, respirou, olhou a sua volta e já cansada permitiu que Ana Paula fosse reconhecida no espelho, a mulher nasceu de novo! Mas como em parto a gente leva um tempo para se acostumar com o mundo novo. Os pulmões precisam se adaptar ao ar, ao oxigênio e o complexo ato de respirar, um exercício muscular que dói. Os olhos precisam enxergar, o sistema digestivo a digerir, o corpo a se habituar. É doloroso nascer, é um exercício de adaptação, nada mais e nada menos.

Mas calma aí, espera. Mas o que aconteceu com aquela "mulher" que nasceu em 21 de Abril de 83? O que levou ela a ter que parar para respirar e quase cair em um abismo? Aquela criança que vivia de pijama de flanela e de pé no chão? Que corria com seu amigo Jonatans na rua e comia com ele tomate com sal como se fosse a melhor das guloseimas? E que quando lhe perguntavam se ele era seu namorado ela respondia seriamente, com apenas 3 anos: - Não, ele é meu amigo!

Aquela menina que só ganhava Honra ao mérito na escola, só tirava A e ficava triste com um B? Que sabia na ponta da língua todos os fundadores de Bauru e que repetia deixando o pai orgulhoso ao ouvi-la dizer? Aquela criança que colocava uma fralda no pescoço e se sentia a mais forte de todas e que o irmão ilustrava isso desenhando e fazendo um gibi da Super Tiquinho? O que aconteceu?

Bom, eu lhes falo o que aconteceu, a menina de cachos e sorriso à família e aos amigos, de cara emburrada para desconhecidos (às vezes para a família e para os amigos também), aquela que recebeu o apelido de Tico aos seis meses de vida, mudou seu rumo, mudou sua história ao trazer e deixar entrar na sua rotina um líquido: o álcool!

Por trás de todos aqueles copos!

Você já reparou que a vida social muitas vezes gira em torno do álcool? Estamos bebendo cada vez mais e de modo cada vez mais desenfreado. Mulheres, homens, adolescentes, sem distinção de grau ou gênero, o álcool sai da mesa do bar e adentra os mais diversos lugares: festas, descansos, passeios, carros, praias, varandas e quartos. “Do uso social ao problemático, o álcool é a droga mais consumida no mundo.”

“Segundo dados de 2004 da Organização Mundial de Saúde (OMS), aproximadamente 2 bilhões de pessoas consomem bebidas alcoólicas. Seu uso indevido é um dos principais fatores que contribuem para a diminuição da saúde mundial, sendo responsável por 3,2% de todas as mortes e por 4% de todos os anos perdidos de vida útil. Quando esses índices são analisados em relação à América Latina, o álcool assume uma importância ainda maior. Cerca de 16% dos anos de vida útil perdidos neste continente estão relacionados ao uso indevido dessa substância, índice quatro vezes maior do que a média mundial.”

Você se depara com ela em todos os lugares, alias, se você não bebe há uma série de questões a serem feitas pelos outros te questionando o porquê. É estranho alguém estar em uma festa ou em uma reunião social e não beber, o normal é o que deveria ser "normal"? Eu bebi durante e exatamente 18 anos da minha vida, comecei cedo, aos 12 e só parei porque cheguei a um lugar ruim na companhia “ebrificada” das bebidas alcoólicas que ingeria feito líquido precioso da madrugada. Meu pai falava que a cerveja era meu combustível e por muito tempo foi realmente. Para ir bem em um vestibular que fiz em 2005 eu precisei beber, pois sóbria meu desempenho não era o mesmo que quando “bêbada”. A diferença do meu rendimento sóbria foi de menos de 50%, já de ressaca o rendimento chegou a 90%. A relação que criei com álcool foi de

companheirismo, primeiramente começou como farra de adolescente (no meu caso pré-adolescente), lembro até hoje, estávamos em uma construção abandonada e meu paquerinha me ensinou a tragar e eu então bebi também com ele meu primeiro porre, era um vinho desses bem baratos como mais etanol do que uva, de gosto amargo.

“...O consumo de drogas, incluindo o álcool, é bastante alto entre crianças e adolescentes de 9 a 18 anos. Para esses jovens, o álcool não apareceu como a droga favorita, mas seu consumo recente (últimos 30 dias) ainda se encontrava no patamar de 43% nas cidades pesquisadas e o consumo semanal ou diário chegava a 22% no último ano pesquisado.”

Comecei aos poucos, vomitava muito no começo. Gostava de destilados: pingas, vodkas, bebidas doces. Mas foi aos 18 anos que comecei uma relação mais profunda com o álcool, pois ao invés de beber casualmente como fazia, passei a ser amante da cerveja e ela adentrou minha vida com um novo amor. Éramos nós três: eu, ele e a bebida.

Quando se é jovem, você não questiona certas coisas, aliás, acha tudo bem divertido e desinibido, pois, estamos bêbados e aos bêbados tudo é permitido!

“Outros estudos nacionais e internacionais têm demonstrado a ocorrência significativa de mortes e doenças associadas ao uso indevido de álcool. Relatos de violência doméstica, lesões corporais, tentativas e homicídios consumados, assim como outras situações de conflitos interpessoais, são cada vez mais evidentes em contextos nos quais o álcool se faz presente.”

Quando se é jovem e se está bêbado em uma festa de república, fazendo danças sensuais, beijando amigos e amigas, experimentando beijo de língua em gays, dançando lentamente sobre uma pilastra de concreto e se deixando levar pela “sensualização” da vida, o sexo e a fumaça, as risadas lentas

e os carinhos feitos em contos de fadas que agora ganham asas. A bebida alcoólica deixa de ser um perigo eminente. Ela é diversão, é lembranças construídas para se contar aos filhos, aos amigos, é ela que move e dá coragem de se jogar na piscina, de chegar naquele desconhecido, levá-lo para casa ou não, deixá-lo ali, porque o ser ébrio só se importa com ele, até caído no chão em vestígios de vômitos, pulando sacadas que se corpo cair poderá levá-lo à morte. É uma sensação de liberdade, você deixa de se importar com a moral, você se liberta dos bons costumes da sociedade, do que ela te impõem e você pode ser quem e o que você quiser; é um abrir de asas, é voar, voar alto, mas de olhos tapados.

“O uso na vida de álcool foi de 48% entre os adolescentes de 12-17 anos e de 73% para os jovens de 18-24 anos. Problemas relacionados ao consumo de álcool foram relatados por 4% e 10% dos entrevistados nas faixas etárias de 12-17 e 18-25 anos, respectivamente.”

Você nunca para pensar que isso pode se tornar um vício ou que VOCÊ pode se tornar um dependente. Sempre acontece com o outro e nunca com a gente. É como a AIDS, a morte e a Dengue. A gente se isenta das consequências até que elas se tornam gritantes.

Em 2011 recebi em casa uma intimação, eu teria de depor na delegacia da mulher para esclarecer uma queixa feita contra mim, sobre violência (tortura da paz com más intenções), tentativa de assassinato (o que foi um aumento dos fatos, um aumento absurdo e espero que quem fez o boletim de ocorrência pense nisso até hoje) e injúria (chamar de "filho da puta"). Fui, depois, esperei o resultado, entrei em um acordo com meu ex-namorado, o mesmo que me apresentara a vida tão embriagada. Paguei durante dez longos meses cestas básicas para uma instituição determinada pela justiça, paguei! Mas isso a gente não apaga da gente e nem dos outros, está dentro da minha alma, a lembrando sobre quem eu posso vir a ser quando estou embriagada, o que posso me tornar, a bruxa e o mostro, o demônio e o ogro, a fada que irá

arrancar os dentes de madrugada com um canivete enferrujado, a megera, a delinquente, a desgraçada.

“De acordo com o presente estudo, 52% dos brasileiros acima de 18 anos bebem (pelo menos 1 vez ao ano). Entre os homens são 65% e entre as mulheres 41%. Na outra ponta estão os 48% de brasileiros abstinentes, que nunca bebem ou que bebem menos de 1 vez por ano. No grupo dos adultos que bebem, 60% dos homens e 33% das mulheres consumiram 5 doses ou mais na vez em que mais beberam no último ano. Do conjunto dos homens adultos, 11% bebem todos os dias e 28% consomem bebida alcoólica de 1 a 4 vezes por semana – são os que bebem ‘muito freqüentemente’ e ‘freqüentemente’.”

Ser intimada, estar em uma delegacia, se identificar com pessoas problemáticas e homicidas, tudo isso é muito forte, foi onde iniciei minha terapia, foram dois anos de análise e choros em consultórios, antidepressivos e remédio para dormir. É verdade quando falam que a gente paga aqui mesmo, eu paguei e ainda pago por me perder tão cedo e ser tão inconsequente, beber e deixar o ID assumir, ser impulsiva e não controlar instintos tão básicos e perder noções tão normativas de condutas sociais. O que me levou a quase cometer um crime? Bom, para responder isso, teria de falar de um relacionamento doente de oito anos, de amor e companheirismo, de abandono e ódio; sobre terminar e não romper, sobre iniciar um novo relacionamento e não se desfazer do velho, sobre enganar pessoas, sobre tentar compreendê-las. Mas o fato é que o álcool não foi minha desculpa, ele sempre é na maioria dos casos, mas ele foi meu fator determinante e minha válvula de escape para a maioria dos problemas que eu tive e ele se tornou o maior de todos, porém, a gente demora a enxergar isso, mesmo que esteja tão evidente, a gente precisa perder mais para perceber, para de fato reconhecer.

“Além da frequência com que se bebe, outro dado fundamental é saber quanto se consome numa única ocasião. É na quantidade de doses tomadas em um único dia que o beber como lazer pode transformar-se em uso nocivo do álcool, com danos para a saúde que vão da exposição a doenças ao risco de acidentes graves.”

Melhorei minhas condutas, me afastei das pessoas que me faziam mal. Adentrei no universo da minha faculdade, das festas, me apaixonei de novo. Entrei em mais um caso em que a bebida seria de novo meu maior obstáculo, nosso, pois impus todas as minhas dificuldades também a ele, não só alcoolizada, mas todos os meus traumas que eu sintetizava ainda em todos os goles grandes e sobrecarregados de emoção, brigas e frustração. Como bigorna de desenho animado, caí como um peso direto do céu o esmagando e ele virou um comprimido de pessoa, fino e sem movimento e, para voltar a ser quem era, teve de tirar aquilo de cima dele.

Como todo alcoólatra minha dificuldade estava em aceitar a realidade, em lidar com problemas, em aceitar finais, em seguir em frente. E mesmo que só bebesse cerveja, uma bebida tão típica dos brasileiros, eu saía de mim e causava situações desgastantes e vergonhosas para nós dois; minhas reações explosivas e sem contornos bons me fizeram um belo dia caminhar sozinha, chorando, até oito da manhã, me colocar novamente em perigo, além de magoar pessoas, não só a "ele", mas a meus pais, meus irmãos.

“A cerveja ou chope é a bebida mais consumida pelos brasileiros quando se comparam bebidas pelo número de doses consumidas anualmente. De todas as doses anuais consumidas por brasileiros adultos dos dois gêneros, de qualquer idade e região do País, em torno de 61% são de cerveja ou chope e 25% de vinho.”

Decidi parar de beber, voltar ao meu tratamento contra a depressão, cortei também o cigarro, mudei para a casa de minha irmã mais velha, aonde me encontro escrevendo esse livro. Mudei meus hábitos, resolvi encarar a mim mesma, meus pontos fracos e foi um caminho longo até eu admitir ter realmente problema com álcool. Ninguém quer ser a pessoa que não sabe beber, que tem problemas quando bebe, mesmo que não sempre, mas tem. É difícil admitir e, até que isso aconteça, você comete os mesmos erros não os reconhecendo. Eu costumo dizer que eu não perdi a mão dando socos em ponto de faca, mas sim a mão, o punho e o antebraço inteiro.

Meu êxodo não foi só de relacionamentos, meu maior êxodo foi comigo mesma, de encarar meus problemas, assumir meus defeitos e arcar com as consequências. Foi procurar por mim e achar respostas em tudo que li, nas histórias que ouvi, deixando de beber do álcool para beber em outra fonte, outras fontes, na verdade, e essas fontes variadas às vezes são minha própria vida, a do outro, é o choque e o esbarrar, o escrever e falar sobre. É o delicado ato de se expor e expor tudo que possa vir a fazer diferença, porque ninguém está isento de erro, ninguém é perfeito. E mesmo que o gole de cerveja seja encarado como a coisa mais normal do mundo, a pessoa que apresenta problemas com ele é discriminada, é como se não fosse uma boa companhia, a nossa falha é um motivo de deboche e de comentários cruéis, até mesmo por pessoas que apresentam o mesmo problema, mas que estão longe de enxergar isto.

A bebida é o cigarro dos anos 50, é um acessório que se tem à mão quando estamos nos socializando, é cool, é legal, é descolada, é uma pulseira, é um anel, está ali e pode ser encarada como a coisa mais natural, afinal, é só saber quando parar de beber, não é mesmo?

“Adolescentes que consomem bebidas alcoólicas podem ter consequências negativas tão diversas como problemas nos estudos, problemas sociais, praticar sexo sem proteção e/ou sem consentimento, maior risco de suicídio ou homicídio

e acidentes relacionados ao consumo (Faden, 2005). O consumo de bebidas alcoólicas no Brasil só é legalmente permitido após os 18 anos de idade; no entanto, os empecilhos são pequenos para que os adolescentes comprem e consumam álcool (Romano e cols., in press)(...) Grande parte dos jovens de 14 a 17 anos, aqui pesquisados, vive a transição de um estado de dependência dos pais para uma condição de autonomia pessoal. Eles estão, por isso mesmo, na fase de sua vida em que mais carecem de apoio e quando mais desafiam essa ajuda. Seus cérebros, ainda em formação, são mais susceptíveis a agentes externos, como o álcool e demais substâncias psicotrópicas, e a diferentes fatores psicossociais. É quando a inserção no grupo se torna fundamental e o beber pode aparecer, por exemplo, como um meio de integração (Pinsky e Bessa, 2004).”

*As citações (todas) desse subtítulo denominado “Por de trás de todos aqueles copos!” foram retiradas do “Iº LEVANTAMENTO NACIONAL SOBRE OS PADRÕES DE CONSUMO DE ÁLCOOL NA POPULAÇÃO BRASILEIRA” - 2007, disponível online em: bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_padroes_consumo_alcool.pdf

Por de trás de todos aqueles Copos:



Por trás de toda aquela sede!

Escrever sobre nossos problemas, falar sobre eles, tomar consciência de sua existência. Reconhecer um erro (e ah, como erramos), tentar reiniciar a rota! É um tanto delicado porque somos seres sociais, não vivemos sozinhos, não estamos insetos de consequências, alias, sempre paira no ar a lei de ação e reação. E se formos falhos com nós mesmos, a gente também sente, como com o outro ou o outro com a gente. É de sentir de se sensibilizar, porque o mundo também é isso, é sentimento, é anima e animus, é o bem e o mal, o tentar equilibra-se em uma corda bamba no quintal.

“O erro humano se caracteriza pelo ato do julgamento. Não há condições de se qualificar um erro sem um conveniente processo de avaliação. A avaliação, por sua vez, pressupõe um fato a ser analisado e um conceito do que seja a verdade, que deve estar amparada por um paradigma estabelecido. Assim, o paradigma é um conhecimento previamente abstraído e aceito tanto em nível individual quanto social. O estabelecimento dos paradigmas que permitem o julgamento coincide com o processo de aprendizagem ou modificação de um conhecimento pré-residente no indivíduo.”

(FORCELINE e at., 2009)

Ao enxergar meus erros, minhas falhas, minha loucura quis achar um porque e não um culpado, mas quis entender o que sentia. Afinal, o que me levou a beber desse jeito? Não posso culpar meu ex-namorado e nem a sociedade cada vez mais ébria. Foi uma escolha minha, unicamente minha e de mais ninguém. E entendi que fui refém de mim, de algo maior que estava tão escondido na minha lembrança que eu preferia beber ao tentar ver. Porém, quanto mais bebia, mais me tornava um desastre completo. Eu ficava raivosa, eu me tornava em um bicho, eu salivava e babava com raiva de muitos, de todos os homens que abusaram de meninas, que molestaram crianças de três anos de idade em um clube de piscina. Aquela criança linda e viva que foi se esconder em uma brincadeira de esconde-esconde em uma lanchonete, onde havia um monstro e esse monstro era adepto à pedofilia. Fez daquela menina

outro ser, modificando a doçura e a despertando ao sexo. Não, não estou falando de mim, mas sou reflexo dessa menina que ainda hoje tenho que colocar no meu colo e passar a mão em seus cabelos, que eu tive de conviver minha vida inteira tentando entender o que ela me dizia, ao tocar meu corpo, ao beijar minha boca e silenciar minha voz.

“Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa.”

(Parâmetros circulares nacionais: Orientação Sexual)

⁴³

O adulto que se torna a pessoa abusada na infância e o seu processo de amadurecimento é um abuso a todos. É o reflexo dessa sociedade que ao invés de tratar homens e mulheres como iguais, ambos como ser humanos, faz um distinto do outro. Começando com a classificação de gêneros e terminando na violência e no estupro de um sexo que é visto como frágil por dar a vida e ser somente ligado ao seu estado biológico de engravidar e parir. Eu os digo, podemos nos diferir por vagina e pênis, mas todos acabamos em um belo e grande ânus.

Esse reflexo que me tornei dessa criança molestada vive comigo desde meus dois anos. Eu disse dois anos? Como posso me lembrar disso? É possível? Dizem que nossa memória é ativada a partir de um momento marcante em nossa infância. Pois bem, não sei ao certo o que me marcou, pois aos meus dois anos meus pais enterravam o filho caçula deles. Otavio, o sétimo filho da minha família, nasceu com síndrome de Down e como é comum nessas crianças, também com sopro no coração. Aos dois meses pegou

⁴³ Material disponível online em:

ftp://ftp.fnde.gov.br/web/pcn/05_08_orientacao.pdf

pneumonia e veio a óbito no dia 20 de Agosto de 1985, deixando os pais e os irmãos.

Não tenho lembranças de Tatinho, como ele era chamado. Não me lembro de sua chegada e nem de sua partida e sinto muito por isso. Mas lembro dos anos seguintes de tristeza da minha mãe, o sentimento de culpa de quem não tem culpa. E ouvi-la dizer que a sensação de perder um filho era a pior que pode haver no mundo.

A vida prosseguiu assim, me tornei a caçula desses tantos filhos e tantos irmãos. Ganhei carinho em dobro e recebi atenção também, não só dos meus pais que alias viviam e se esforçavam para manter tanta gente, mas principalmente dos meus irmãos.

Crescemos livres, crescemos valorizando pessoas e não objetos, nem dinheiro. Aprendemos desde cedo que o ser humano era o mais importante. Ajudar os outros e ser ajudado. Amar e ser amado. Compartilhar e sermos amigos e não só irmãos. E aí está o meu reflexo, o meu desequilíbrio e a minha falta de capacitação para comigo e para com os homens em sua grande significância ou insignificância. Eu aprendi muito cedo que o amor era além de alegria, que era o suportar juntos, o tentar superar obstáculos e os diversos mundos que vem a ser cada ser humano. "Cada cabeça, uma sentença". E o problema (não culpando meus pais e sim esse mundo estranho que vivemos) de crescer livre é que você conhece muitas sentenças, não só a da sua família ou do seu grupo de amigos.

Quando crescemos ao lado de uma criança molestada, despertada ao sexualismo e ao mundo sexualidade antes da hora, você também se torna ciente de que há mais que uma brincadeira de rolimã na descida, é como uma roleta russa, um passo em falso e pode se tornar em um novo abuso. Eu via nitidamente que havia algo de errado naquilo tudo, eu assisti masturbações infantilizadas e frenesias infantis na rua de casa, na rua ao lado e sentada na privada. Eu vi a partir da minha memória ativa o fim de um conto de fadas. Eu tentei ser forte, dar minha força a essa linda criança que desde que nasceu dependeu de mim, mesmo quando eu ainda não havia no mundo ainda respirado e eu me lembro de dizer isso a ela: - Eu nasci por causa de você!

Minha vida inteira tentei ser forte, ser durona e aguentar críticas feitas a mim e a minha sexualidade não desenvolvida (reprimida). Eu não queria que relasse em mim, eu não queria ficar por ficar, beijar por beijar ou perder a virgindade. Eu não queria sentir tesão ou pensar que a masturbação era feita

com as mãos. Eu queria ser menina, queria dar risada alta, queria bater em placas e rir da desgraça e assim caminhei e encontrei a solução de todos meus problemas, pois quer algo que nos faça mais infantis e rindo a toa que o álcool? Aos 12 anos naquela construção bebi o vinho, traguei do cigarro e desde então não parei.

“A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito.”

(Parâmetros circulares nacionais: Orientação Sexual)

O final dessa história vocês já sabem, cá estou eu escrevendo, lendo, ouvindo, me emocionando e espero que entendendo. Cá estou eu com trinta anos relembando e enfrentando todos os meus fantasmas e eles são muitos, são os homens que fazem das mulheres inferiores, que se sentem no direito de tratá-las como um objeto de gozo. Está na desconfiança que levo do outro, na insegurança de me permitir ter algo bom e com laços saudáveis com um homem. Sendo que no meu relacionamento mais longo eu também dificultei as coisas, parecia testar o sentimento daquele que dormiu comigo anos após anos em meu leito, fazendo da vida dele um tormento, não porque tinha ciúmes e achava que ele não prestava, mas pelo simples fato de estar violenta e alcoolizada derramando nele e em mim minha raiva e minha fúria de querer regressar e voltar naquele clube de piscina, pegar aquele homem na lanchonete e lhe dar tanta e tanta surra que ele teria dificuldade para respirar apenas.

Houve um dia em especial que para mim reflete todo esse desequilíbrio emocional que trouxe ao outro de forma tão irracional. Estava eu surtada no quarto do meu ex-namorado (na época meu namorado e o futuro pai de meus filhos), eu chorava com raiva, totalmente bêbada e dizia a ele que

queria sair, eu gritava nervosa e surtando que precisava sair dali. Ele trancou a porta e a janela, escondeu as chaves em si e ficou me olhando, pasmado comigo, em susto, quase chorando. Minha força era tanta que peguei a chave dele, abri a porta e cai no chão do banheiro com o peso do abraço do corpo dele, choramos juntos e ele me perguntou: - Por que isso, Tico? Por que você faz isso? Eu disse ainda soluçando: - Eu não sei!

“... a liberdade não é a escolha voluntária ante várias opções, mas a capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir. É autonomia. Não se opõe à necessidade (natural ou social), mas trabalha com ela, opondo-se ao constrangimento e à autoridade. Nessa perspectiva, ser sujeito é construir-se e constituir-se como capaz de autonomia numa relação tal que as coisas e os demais não se ofereçam como determinantes do que somos e fazemos, mas como o campo no qual o que somos e fazemos pode ter a capacidade aumentada ou diminuída, segundo nos submetamos ou não à força e à violência ou sejamos agentes dela.”

(Chauí, 1985 p.36)

Do jeito que o descrevo relatando meu problema com alcoolismo, parece que meu ex-namorado foi um otário, mas não, não foi. Ele chegou ao seu limite, pois depois dessa cena descritas acima, muitas outras vieram, muitas outras aconteceram de forma tão igual ou mais intensa ainda. E os anos foram se passando assim, eu bêbada, ele também, a gente brigando e depois se desculpando. Ele me aguentando, eu aguentando ele e por aí vai. Foram oito anos de amor e ódio, oito anos de companheirismo em carinho e desafeto, oito anos doentios em que eu fui não só o reflexo de mim, mas da criança molestada, da liberdade ao extremo, da família que legaliza o álcool, dos pais dele que o estimularam tanto e até hoje estimula. Pois para encontrar fulano basta ir ao bar x, ele estará lá com o carro do pai aos 35 anos bebendo como aos 18 e ainda dirigindo, com permissão dos pais para matar e se matar no caminho de volta para casa.

A sociedade do álcool e das drogas que nos tiram de nós, que desfaz a noção de certo e errado, só aumentam os tombos que damos. Essa mesma

sociedade paternalista, que vê a mulher como um ser a ser submisso e sem voz atuante, ela não perdoa aquela que além de gritar alto que está com problemas, que o erro também pode estar no outro e pior, no ser do sexo oposto que com seu órgão genital modifica não só uma pessoa, mas todos.

Foi um longo caminho até eu perceber tudo isso, foi difícil reconhecer tudo isso alias. E desse modo, não confiando, não me apaixonando como as outras pessoas, não conseguindo me desvincular como as outras pessoas eu sofri o dobro se não o triplo. Demorei em deixar de ver e ficar com meu ex-namorado mesmo depois de termos terminado e isso foi um dos motivos do meu quase crime passionai e prescritivo. E isso me fez teimosa como um touro, receosa do outro, dos sentimentos alheios e quando me apaixonei de novo lutei o máximo para não me envolver. Tentei terminar inúmeras e inúmeras vezes aquele início de relacionamento que não tinha sentido para mim, uma vez que ele tinha apenas 19 anos e eu 28. Além de me sentir culpada pela diferença de idade, eu sabia que aquilo não poderia dar certo: eu quase saindo da faculdade e ele entrando; eu já tendo vivido um relacionamento em que nomes de filhos foram ditos e escolhidos e ele com trauma de dizer um simples eu te amo. Eu sabia, eu tentei não me envolver, eu relutei de noite na cama repetindo minhas atitudes embriagadas como fiz com o outro, eu o machuquei, eu me feri, eu olhei para ele e chorei e nunca mais o vi, não daquele jeito, não com ternura, não com os dedos dele enrolando no meu cabelo para dormir, na conversa cheia de riso, nunca mais desse jeito, ele me mordendo ou fazendo cosquinha, eu pulando em suas costas, a gente caindo. Acabou, foi o fim de mais um relacionamento, mais um que desistiu de mim, abriu mão, me pediu pra partir.

Com lágrimas nos olhos eu pensei que nunca teria jeito, que era uma peça quebrada desse mundo louco, que estava louca e enlouquecendo os outros. Pedi aos meus pais na manhã do dia 17 de Agosto de 2013 que intervissem na minha vida, pois queria de fato não viver mais. Juntei forças e falei a eles: - Não quero mais viver, mas eu sei que isso é errado (me matar), então quero ajuda! - No dia 17 daquele mês, eu havia chegado em casa aos prantos às nove horas da manhã, sem dormir, chegando de mais um surto alcoólico, mais um episódio infeliz que causei por aí. Eu queria me parar, eu queria dar um fim a mim.

“Não é fácil entendermos os múltiplos factores -
internos e externos - e os vários contextos -

familiares, culturais, psicossociais – que podem conduzir um(a) jovem ao suicídio. Quão confuso e desesperado se sentirá um(a) jovem para, num derradeiro acto, tentar a sua morte? Se um(a) jovem se suicida é porque não conseguiu encontrar razão e estímulo para viver, não suportou as suas preocupações, não foi capaz de perceber a vida ou não encontrou quem o auxiliasse a equilibrar-se. E então, um pedaço de nós, morre com ele.” (Núcleo de Estudos do Suicídio, 2002).

Eu não sei o grau de infelicidade que causei a eles com minhas palavras. Eu não posso imaginar o que é ouvir uma filha dizer isso, não posso, e peço perdão a eles que mesmo com um aglomerado de sentimentos que possam ter vindo a sentir, me abraçaram e me deram apenas carinho e se hoje estou aqui na casa da minha irmã escrevendo, pois depois de uma semana vim para São José dos Campos me preparar para uma entrevista em São Caetano, também de roteirista como trabalhei em uma agência por um ano. E que não tive mais vontade de partir daqui e nem ela de me deixar ir, é porque devo isso a eles, a mais ninguém, a eles que souberam me entender quando eu não era plausível de entendimento, que souberam me ouvir no meu tormento e principalmente por ter feito de seus filhos amigos. E desses amigos que já nasci os tendo, ter mais uma rede extensa de amores e sobrinhos, nove sobrinhos, nove amores, entre eles 5 meninos e 4 meninas, pelos quais eu daria minha vida.

Minha vida eu devo a este dois seres que em um complexo de si mesmos se amaram e construíram essa família que tenho, cheia de gente mais uma vez, cheia de vida. Como diz minha sábia mãe "Na minha vida há muitas vidas", na minha também.

Já o ato de escrever em si deve especialmente a duas pessoas distintas: Ao Guilherme e a Guilhermina, como eu chamo a Guiga. Esses dois Guis foram primordiais para eu sair em busca de mim e do mundo que aqui os apresentei. Cada um do seu jeito, primeiro o Guilherme que com nossa diferença de idade e sua maturidade emocional que me fez ver que eu não precisava mais beber até aquele ponto, que aquilo me era prejudicial e que eu só estava perdendo de novo e não sei como, eu era mais que aquilo. E a Guiga

que muito feminina e entendida desse mundo complexo cheio de normas e pretensões com nosso sexo, impondo e suprimindo uma força que a maioria das mulheres têm e desconhecem, ela me fez enxergar essa força.

A Conversa com Guiga!

Guiga Maria é uma dessas mulheres que quando você convive, você admira e nossa amizade foi construída de maneira rápida, porém muito sólida em que conversas são ditas com aprofundamentos e os assuntos são diversos, mas o mais gostoso é que falar sobre a vida e seus conceitos com ela era algo prazeroso e não discursos feitos de “como fazer” ou broncas do “porque não fez?”, discursos que fazem parecer que a vida e sentimentos vêm com um manual de instrução, não, não vem. Pois bem, estávamos no nosso detestável bar favorito bebendo de madrugada e naquela hora eu já estava novamente me queixando da minha falta de autonomia sobre minha dor, minha dificuldade em deixar o outro ir e como me sentia profundamente machucada num final de relacionamento.

E foi ali, naquele bar, naquele dia sem número na memória, não sei se era ímpar ou par, mas foi ali, exatamente ali que ela me abriu os olhos ao contar a história da artista e escritora francesa Sophie Calle⁴⁴ e sua reação ao receber uma carta de rompimento do namorado por e-mail intitulado “cuide de você”. No e-mail o ex-namorado apontava os porquês do termino e encerrava com o título dado a ele. Sophie então mandou a carta a várias pessoas, mulheres bem sucedidas, letradas, de várias profissões, videntes, crianças ...e de vários países e pediu que cada uma fizesse sua interpretação. Após isso, a artista francesa fez uma exposição com todo material recebido e o sucesso foi algo que podemos achar até hoje na internet ou nos vários artigos baseados nesse ato.

⁴⁴ Sophie Calle é fotógrafa, artista de instalação e convencional, escritora...

Conhecida por retratar a vulnerabilidade humana, a identidade e a intimidade em seus trabalhos.

A obra citada de Sophie Calle você encontra online em http://www.videobrasil.org.br/blog/wp-content/uploads/2009/07/brochura_707_1.pdf

E ao terminar de contar a história da carta de rompimento destinada a Sophie Calle, Guiga virou para mim com aquela voz calma e eloquente ao mesmo tempo e tão dela, e me perguntou:

- Quem você quer ser? A mulher que fica chorando e se lamentando ou a que pega sua dor e faz algo produtivo com ela?

Bom, espero que aqui esteja minha resposta!

Ana Paula Benini, a Tico!

Últimas considerações, Guiga fala:

“Eu não sou mulher. Eu nunca me senti a vontade com essa categoria, com as representações universais da mulher. E isso não tem a ver com não querer ser mulher, ou não gostar do que são as mulheres. Tem a ver com ter que se encaixar num espaço muito pequeno, com poucas possibilidades, tendo que fechar os olhos as potências infinitas do que poderia ser.

O que faz de me mim mulher é o meu corpo. Eu tenho corpo de mulher, tenho útero, tenho clitóris e vagina. Eu não existo, o que existe é um corpo de mulher. O sujeito Mulher está sempre acima de mim. O que eu sou não importa, porque eu sou mulher antes de tudo. Mas os relatos sobre a mulher, os relatos sobre o desejo feminino, a essência do eterno feminino, nada disso nunca me representou. O que eu deveria querer, o que eu deveria ser, como deveria agir. E quando disse ‘não quero isso, não sou assim’ as respostas foram ‘mas você é mulher’.

Eu costumo dizer que sou feminista desde que eu lembro. Eu não conseguia entender, por exemplo, porque as mulheres iam limpar a cozinha depois dos almoços em família e os homens não. Quando questionava, a resposta era de novo ‘somos mulheres’. Essa resposta - que nunca me convenceu, apesar do tom de obviedade com que sempre foi proferida - é extremamente cruel. Primeiro porque é comum, depois porque é tão naturalizada que deixamos de perceber o tamanho do absurdo que é falar de uma consequência como se fosse causa. Passamos a acreditar que temos que agüentar todo tipo de opressão - desde sermos obrigatória e completamente

responsáveis pelos afazeres da casa até sermos brutalmente violentadas e termos que ouvir que foi porque nossa saia era muito curta - porque somos mulheres. É uma resposta perversa porque condiciona toda nossa existência a discursos sobre nós mesmas que nem sequer compreendemos, mas que ouvimos desde tão pequenas e com tanta frequência que tornam-se verdade antes que possamos questioná-los. E é aí que reside a beleza de um sistema tão perfeito de dominação: acreditamos nestes discursos, nos submetemos a eles, os reproduzimos, os perpetuamos.

Ao longo da minha vida eu conheci muitas mulheres que admirei - e admiro - profundamente. Elas me ensinaram muito, e me ajudaram a enxergar tudo isso. Mas parece que eu ajudei uma delas a enxergar algumas coisas também.

Não é a toa que eu passei a chamá-la pela junção do seu apelido com seu nome, Xoxana⁴⁵. Shoshanna⁴⁶ é o nome da heroína de um filme de que eu gosto muito. A grafia é diferente, mas o som é o mesmo. A Xoxana acreditava e desconfiava dos discursos. E esse conflito a afetava, claramente. Por isso, quando ela diz que eu fui responsável por ela escrever sobre isso, eu me alegro, mas discordo.

Discordo porque tudo isso já a afetava tanto que era impossível que não acontecesse. Me alegro porque, como eu disse a ela, isso não é só a construção de um trabalho, mas a reconstrução dela mesma. Ela não está refletindo só sobre o que é ser mulher, mas sobre o que significa ser mulher para ela, de onde vieram essas crenças, e dando a outras mulheres voz para fazer o mesmo. Isso é maravilhoso porque ela faz o que todxs⁴⁷ nós nos beneficiaríamos em

⁴⁵ Xoxana= xoxó (meu apelido de faculdade) + Ana (meu nome).

⁴⁶ Shoshanna é uma personagem do filme "Bastardos Inglórios", do diretor Quentin Tarantino (2009). A história é sobre uma operação para conter o nazismo e Shoshanna é uma judia que viu sua família ser executada e sendo ela a única sobrevivente, anos posteriormente ela tem a chance de se vingar.

⁴⁷ A palavra não está escrita errada e sim é "x" empregado substituindo o artigo "o" ou "a", que define gêneros. Guiga retira o gênero da palavra desconstruindo esta para

fazer: questionar quem nos colocou nos lugares em que estamos e se queremos estar neles. E eu fico muito feliz e agradecida por ser um pedacinho desse processo.”

Guiga Maria.

que façamos dela também um pensar de quem somos. Ela começa o texto dizendo não ser uma mulher e realmente, quem é a mulher que somos? Onde nos encaixamos? Encaixamo-nos nessa descrição de mulher que socialmente nos colocam? – um simples x empregado em uma palavra no lugar de um artigo definido é um questionamento pensado. Visto isso, trago Guilhermina como quem trago a personagem real e sensível que entrou na minha vida, trazendo x no lugar de “as” e “os”.

Este foi meu impulso inicial, minha força que em goles e loucuras ébrias e edificadas em frases revoltadas me fazia limitada, mas agora saem por letras e visões que nada me ferem, pelo contrário, me constroem, me dão paz e me faz entender, este é só o começo de minha jornada e minha idade, bem, ela não é nada.

Ana Paula Benini